REALIDADE

JULHO 1967 UMA PUBLICAÇÃO DA EDITÔRA ABRIL NCr$ 1,00

A NOVA PRÉ-ESCOLA

Quem manda é a criança

VENEZUELA RICA E VIOLENTA

CORINTIANS MEU AMOR

A ENCICLICA EM DEBATE

COMO ESTAO SEUS DENTES?

Proteção ina te áve sob qualquer tempo

Sob frio intenso ou sob calor escaldante, o motor do seu carro precisa da proteção de um óleo que mantenha absolutamente estáveis suas propriedades lubrificantes. Como Havoline All Temperature, que há mais de 8 anos vem superando tôdas as exigências impostas pela indústria automobilística.

Qualidade...é TEXACO!

NOTA DA REDAÇÃO

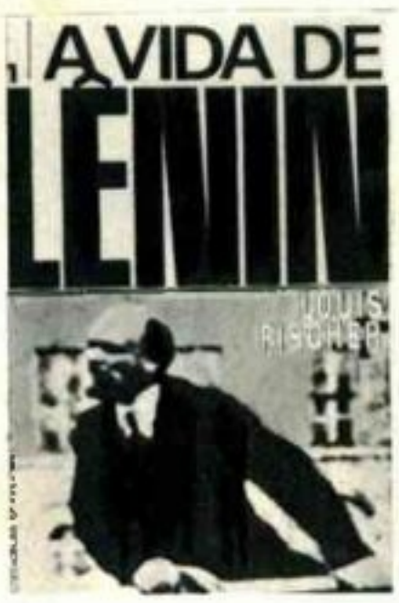
CONVITE AO LEITOR

Na página 7 dêste número, publicamos um questionário dirigido à juventude brasileira. As respostas servirão para orientar a edição especial sôbre nossa juventude, que REALIDADE está preparando para setembro. Quanto maior o número de respostas, melhores as possibilidades de descobrirmos o que *realmente* pensam e querem os jovens de hoje em todos os cantos do país. Assim, se você tem entre 15 e 25 anos, não deixe de preencher o questionário e devolvê-lo para a redação tão logo fôr possível.

Mas seja qual fôr a sua idade, gostaríamos de receber uma carta sua com sugestões para a nossa edição especial. Quem são os jovens da sua cidade que estão fazendo coisas importantes? Qual é o problema principal que a juventude brasileira deve enfrentar e resolver? Conhece alguém que esteja ajudando jovens a se prepararem para as grandes tarefas de amanhã? Quem são os jovens que você mais admira? Entre seus amigos jovens há alguém que tenha construído uma emprêsa, inventado uma máquina, descoberto um remédio, fundado um jornal ou contribuído decisivamente para o bem-estar de sua comunidade? Você freqüentou ou está freqüentando uma escola que considera excepcionalmente boa? Enfim, o que é que *você* gostaria de ver focalizado na edição especial do mês de setembro?

REALIDADE aguarda com entusiasmo — e agradece desde já — a participação ativa de seus leitores neste importante empreendimento.

QUEM FOI ÊSTE HOMEM QUE SACUDIU AS BASES DE NOSSA SOCIEDADE?



O homem, o pensador e o revolucionário que mudou a face do mundo. Lênin, em seus momentos de maior grandeza e humanidade, agindo no quadro tumultuado da Europa dos primeiros anos do Séc. XX. A Guerra Russo-Japonesa, a Revolução de 1905, a Primeira Grande Guerra e a Revolução de Outubro, que êle liderou. Biografia escrita por um jornalista americano que passou vários anos na URSS e o conheceu intimamente.

2 VOLUMES DE LOUIS FISCHER

VIETNÃ NORTE
de Wilfred G. Burchett

A luta heróica de um povo contra a tecnologia de um super-exército, narrada com tôda a realidade, objetividade e crueza.
O maior drama de nossos dias!

ESTA NAÇÃO CORROMPIDA
de Fred J. Cook

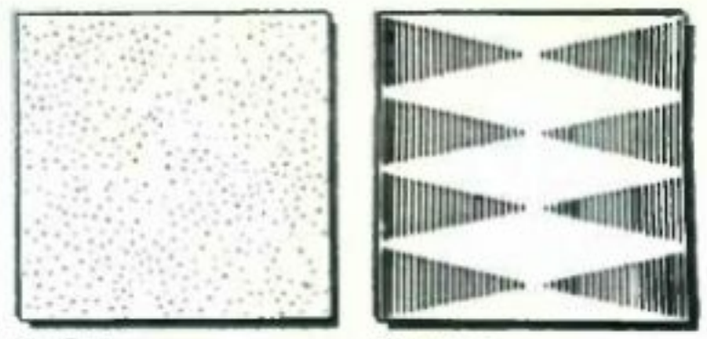
O autor de "O Estado Militarista" e "O FBI por Dentro", revela com implacável realismo os motivos que levam a corrupção e a sordidez a dominarem a maior nação ocidental.

TRÊS LANÇAMENTOS DE CATEGORIA DA
CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA
Rua 7 de Setembro, 97 - Rio de Janeiro - GB.
Atende-se a pedidos pelo Reembôlso Postal

"O homem do futuro será surdo"

(Thomaz Edison)

Quando Edison escreveu estas palavras, no começo do século, previa os males causados à saúde do homem pelos aparelhos mecânicos que, naquela época, ainda não haviam atingido seu pleno desenvolvimento. Voar era um sonho. Hoje os jatos cruzam os céus a velocidades espantosas - e você já ouviu falar das "explosões sonoras" que êles deixam atrás de si. O barulho de jamantas-e-buzinas-e-sereias-e-fábricas-e-vizinhos-e-telefones-e-campainhas-e-motonetas é cada vez maior e suas consequências sôbre a saúde são muito sérias. A técnica moderna, responsável por admiráveis avanços em tantos setores, teria que arranjar uma solução para êste mundo "super-sonorizado" em que vivemos. A criação de materiais absorventes de som é uma destas conquistas. A proteção acústica de Eucatex em forros, dividindo ambientes ou revestindo paredes, é responsável pela eliminação, em muitos casos, de 93% dos ruídos. Em prédios de apartamentos ou escritórios, por exemplo, um Fôrro Eucatex atenua o barulho do trânsito que entra pela janela, mantendo condições de trabalho ou repouso ideais. Se o grande Edison vivesse hoje, certamente ficaria feliz com a solução de Eucatex. Ainda bem, não?



Pin-Poin Diamante

NÔVO SISTEMA DE COLOCAÇÃO DAS CHAPAS EUCATEX T & G — Cada chapa tem uma lingueta e uma ranhura. A lingueta é pregada ou grampeada no tarugamento de madeira. Depois, outra chapa se encaixa na primeira através da ranhura. A colocação é feita com muito mais rapidez, pois as linguetas e ranhuras servem como "guia". Qualquer imperfeição de pregagem ou grampeamento é totalmente encoberta. O que você vê é um fôrro contínuo, perfeito, uniforme.

Fôrro é Eucatex

Padrão de exportação, Eucatex é vendido e aplicado nos Estados Unidos, Inglaterra, Holanda, França, Bélgica, México, Líbano, Portugal, Argentina e outros países.

Eucatex S. A. — São Paulo: Av. Fr. Matarazzo, 530 - Fone:51-9108 - Caixa Postal 1683 • B. Horizonte: Av. Amazonas, 311 - s/802-803 - Fone: 2-5170 • Brasília: Ed. "Arnaldo D. Villares" - Q. 17 - Lote 17 S.C.S. - Cj. 221 - Fone: 2-8779 - D. F. • P. Alegre: Ed. "Annes Dias" - Av. Prof. Annes Dias, 154 - Cj. 1701 - Fone:4-2145 • R. de Janeiro: R. 7 de Setembro, 124 - 7.º - Fone: 43-2754 • Recife: Ed. "Igarassu" - Praça do Carmo, 30 - 13.º - Gr. 1304 - Fone:4-3205 • Curitiba: Av. Getúlio Vargas, 915 - Fone: 4-7768.

proema

REALIDADE

UMA PUBLICAÇÃO DA EDITÔRA ABRIL — ANO II — NÚMERO 16 — JULHO 1967

Capa — A professôra não é mais a mulher que se impõe pelo mêdo. Novos métodos mostram que ela deve ensinar com mais liberdade e amor. Foto de Roger Bester.

Internacional 28 — **Nosso rico, violento e confuso vizinho** — Venezuela, 29 partidos estão às vésperas das eleições, num clima perturbado pelas guerrilhas e boatos de golpe.

Ensaio 38 — **Poesia negra** — Fotos e versos falam da beleza da mulher negra. As fotografias são de George Love e os versos são do poeta Solano Trindade.

Problema 44 — **Por que nosso trem não anda?** — No Brasil, o trem dá prejuízo. E em cem anos não evoluiu quase nada. Por isso, o caminhão vai acabar transportando tudo.

Literatura 58 — **Guimarães Rosa segundo terceiros** — Até hoje, o maior escritor brasileiro jamais deu uma entrevista: para conhecê-lo, só entrevistando os amigos.

Esporte 64 — **A isto se chama religião** — A história das glórias e das derrotas de um time de futebol que teve sempre a maior, mais fanática e a mais fiel torcida.

Medicina 78 — **Dente por dente** — Com mêdo do dentista, que hoje já não devia assustar mais ninguém, o homem continua se arriscando a doenças que nem imagina.

Depoimento 88 — **"Meu Chaplin é um monstro"** — Lita Grey, a segunda mulher de Carlitos, descreve a Oriana Fallaci um Chaplin inculto, triste, medroso e sem humor.

Gente 100 — **O Colecionador** — As coisas que persegue podem não dizer nada para a maioria das pessoas. Mas êle é capaz de qualquer sacrifício para obtê-las.

Polícia 116 — **Quem são os culpados?** — Três homens entram numa casa, matam um casal, quatro crianças e roubam apenas alguns objetos de pouco valor. Por quê?

Educação 128 — **Atenção, êles estão em aula** — Psicólogos e professôres provam com testes e fatos que a criança precisa amadurecer antes de começar a ler e escrever.

Religião 140 — **Um homem pede por todos os povos** — Esta carta fala de perto aos menos desenvolvidos. Nenhum brasileiro pode ignorar a "Populorum Progressio".

Perfil 148 — **Um operário em construção** — Famoso e conhecido como um dos maiores arquitetos do mundo, Oscar Niemeyer é simples, humilde e sem mistérios.

Tiragem desta edição: 465.900 exemplares

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Redação

Diretor: Roberto Civita

Redator-Chefe: Paulo Patarra
Chefe de Arte: Eduardo Barreto Filho
Editor de Texto: Sérgio de Souza
Secretário: Woile Guimarães
Redatores: Carlos Azevedo, Hamílton Ribeiro, José Carlos Marão, Luiz Fernando Mercadante, Micheline Gaggio Frank, Mylton Severiano da Silva, Narciso Kalili, Roberto Freire
Roteiro, editor: Paulo Henrique Amorim
Indicações: Léo Gilson Ribeiro
Pesquisa: Norma Freire
Produção: Luiz Laerte Fontes
Revisão: Odacir de Mattos
Diagramadores: Jaime Figuerola, José Lourenço Júnior, Rubem B. Moraes
Fotógrafos: Roger Bester, Jorge Butsuem, Luigi Mamprin, Geraldo Mori
Lew Parrela (chefe)
Sucursal, Rio: Alessandro Porro (diretor) Mílton Coelho, Nélson Di Rago,
Sucursal, Brasília: Luís Edgard Tostes

Administração

Diretor Comercial: Alfred Nyffeler
Diretor de Publicidade, Rio: Sebastião Martins
Gerente de Publicidade, S. Paulo: Rubens Molino
Representantes, São Paulo: Carlos Alberto Maia, José Luiz Decourt Ricci, Sílvio Fernandes
Representantes, Rio: Nílson Alves, Álvaro Ceciliano Filho
Pôrto Alegre: Jesus C. Ourives (gerente) e Vernei Pinto
Belo Horizonte: Sérgio Pôrto
Curitiba: Édison Helm
Diretor Administrativo de Publicidade: Antônio Cioccoloni

*

Diretor Editorial: Luís Carta
Diretor Comercial: Domingo Alzugaray
Vice-Diretor Comercial: Salviano Nogueira
Diretor do Escritório do Rio: André Raccah
Diretor Responsável: Edgard de Sílvio Faria

*

REALIDADE é uma publicação da Editôra Abril Ltda. / Redação, Publicidade e Correspondência: Rua João Adolfo, 118, 9.º, fone: 37-9111 / Administração: Rua Álvaro de Carvalho, 48, 6.º e 7.º and., São Paulo / Sucursal, Rio de Janeiro: Av. Presidente Vargas, 502, 18.º, fone: 23-8913 / Sucursal, Pôrto Alegre: Av. Otávio Rocha, 134, 6.º, fone: 4-4778 / Sucursal, Belo Horizonte: R. Campos Elíseos, 550, s/12, fone: 2-3326 / Sucursal, Curitiba: Edifício Galeria Tijuca, Rua Cândido Lopes, 11, 15.º and. cj. 1516 — C. Postal 3121, telefone: 4-5937 4-9427. Distribuição exclusiva para todo o Brasil da Distribuidora Abril S.A. Preços: exemplar avulso NCr$ 1,00. Assinatura semestral NCr$ 6,00. Assinatura anual NCr$ 12,00. Nenhuma pessoa está credenciada a angariar assinaturas desta publicação. Se fôr procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Números atrasados: no Rio, Rua República do Líbano, 19; São Paulo, Rua Martins Fontes, 163-165. Pelo Correio: Caixa Postal 7901.

/ Todos os direitos reservados.

/ Impressa em oficinas próprias e nas da S.A.I.B. Soc. Anônima Impressora Brasileira, São Paulo.

As opiniões que aparecem nos artigos assinados, não representam necessàriamente o ponto de vista da revista, podendo até ser contrárias a êste.

Quanto vale uma boa idéia

— para o Dirigente de Emprêsa

* Idéias que conduzem melhor pessoas e negócios
* Idéias que simplificam
* idéias que reduzem o custo
* pequenas idéias "grandes"

Contando com a colaboração de renomados especialistas internacionais, a BIBLIOTECA DO DIRIGENTE DE EMPRÊSA encerra diretrizes novas e dinâmicas, consentâneas ao desenvolvimento da indústria e do comércio. Obra prestigiada por emprêsas conceituadas: AÇOS VILLARES, CARACU, DURATEX, GESSY-LEVER, L.T.B., MERCEDES-BENZ, MESBLA, PETROBRÁS, RHODIA, ULTRAGAZ, VOLKSWAGEN.

São 16 magníficos volumes encadertados em PERCALUX vermelho-pitanga, com gravação a ouro. Mais de 300 ilustrações e gráficos. 4.864 páginas.

1 - PSICOLOGIA DE ADMINISTRAÇÃO, A. J. Marrow.
2 - O QUE DEVEMOS CONHECER DE ECONOMIA POLÍTICA E DE FINANÇAS, L. S. Gomes.
3 - AS TÉCNICAS DE DELEGAR, D. A. Laird.
4 - CRIATIVIDADE PROFISSIONAL, E. Fange.
5 - FORMAÇÃO DE DIRIGENTES, A. Uris.
6 - RELAÇÕES HUMANAS, Thomason.
7 e 8 - PRÁTICA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRÊSAS, P. F. Drucker.
9 - RELAÇÕES PÚBLICAS, H. M. Baus.
10 - LIDERANÇA, A. Uris.
11 - SIMPLIFICAÇÃO DO TRABALHO, R.N.Lehrer
12 - NOVAS TÉCNICAS DE DIREÇÃO, A. Uris.
13 - TÉCNICA E PSICOLOGIA DA PROPAGANDA, C.M. Spinalt.
14 - O SUPERVISOR EFICIENTE NA EMPRÊSA, W.R. Dersal.
15 - MARKETING, Heidingsfield.
16 - DIREÇÃO DE EMPRÊSAS, H.J. Leavitt.

Crediário: NCr$ 336,00 (10 x NCr$ 33,60).
PLANO ECONÔMICO 50%: (venda direta e entrega da coleção em 4 parcelas de 4 volumes, de 30 em 30 dias): apenas NCr$ 168,00, em 4 x NCr$ 42,00.

— para Homens de Marketing?

Também os Homens de Marketing já podem contar com a sua BIBLIOTECA DO DIRIGENTE DE MARKETING que reune técnicas as mais modernas: promoção, treinamento, motivação, marketing, merchandising, displays modernos, organização do depto. de vendas, planificação de campanhas, vendas à mulheres e tudo sôbre administração e gerência de vendas.

São 9 magníficos volumes encardenados em PERCALUX, com douração. 110 ilustrações e gráficos. 2512 páginas.

1 - COMO DIRIGIR E INSTRUIR VENDEDORES, C.B. Roth
2 - COMO VENDER E TREINAR VENDEDORES, J.M. Wilson
3 - MANUAL BRASILEIRO DE PROMOÇÃO DE VENDAS, R.B. Chalmers.
6 - GERÊNCIA DE LOJAS (Técnica Varegista e Promoção de Vendas), R.B. Chalmers.
5 - NOVA TÉCNICA DE CONVENCER, V. Packard.
6 - POR QUE ELAS COMPRAM, J. Wolff.
7 - TÉCNICA E PRÁTICA DA PROPAGANDA, Equipe da McCann-Erickson.
8 - IDÉIAS DE RELAÇÕES PÚBLICAS EM AÇÃO, A.H. Center.
9 - ADMINISTRAÇÃO E GERÊNCIA DE VENDAS, B.R. Canfield.

Crediário: NCr$ 180,00 (9 x NCr$ 20,00)
PLANO ECONÔMICO 50%: (venda direta e entrega da coleção em 3 parcelas de 3 volumes, de 30 em 30 dias): apenas NCr$ 90,00, em 3 x NCr$ 30,00.

IBRAT EMPRESARIAL
Rua 24 de Maio, 77, conj. 903 - SÃO PAULO, SP
Caixa Postal, 4654 - tels. 34-8481, 35-7558, 36-3741

Enviem-me pelo Plano Econômico a BIBLIOTECA DO DIRIGENTE DE .....
em parcelas mensais, conforme anúncio.

☐ — No caso de estarem prontos todos os volumes, poderão ser remetidos de uma só vez, com desc. de mais 6,5% (Neste caso, assinalar)

Nome .....
Firma .....
End. .....
Tel. .....
Assinatura .....

Reembôlso, mais NCr$ 1,00; por parcela; porte aéreo, NCr$ 2,00)
Faça sua reserva em tempo. Não mande dinheiro agora.

IMPORTANTE: Para garantia de seu pedido por carta, use sòmente via EXPRESSA ou REGISTRADA. Em virtude de recentes extravios, rogamos renovar pedidos não atendidos em 20 dias, mencionando **confirmação de pedido anterior**

RETRATO DA JUVENTUDE

Uma grande pesquisa nacional de "Realidade"

Em setembro, REALIDADE publicará uma edição especial sôbre a juventude brasileira. Neste país, onde a metade da população é constituída de menores de 21 anos, é muito importante saber o que os jovens estão pensando, fazendo e planejando. E é por isso que REALIDADE faz êste apêlo a você que tem mais de 15 e menos de 25 anos: leia, estude, e responda a esta pesquisa. Ajude-nos a mostrar como é e o que quer a juventude brasileira hoje.

Destaque a página ao lado. A encadernação de REALIDADE possibilita esta manobra, sem dano para a revista. Depois, responda às questões, colocando — a tinta — uma cruz no quadrinho referente à sua opinião. Por fim, dobre a fôlha e a cole, deixando o enderêço de REALIDADE como a parte da frente de um envelope. Não precisa selar. Basta colocar no Correio.

PERGUNTAS PARA A JUVENTUDE

Primeiro, vamos falar de você

1. Idade: ..... anos
2. Sexo: Masculino ☐ Feminino ☐
3. Estado Civil: Solteiro Casado
4. Cidade ..... Estado .....
5. Residência:
   ☐ mora com os pais
   ☐ mora com outros parentes
   ☐ mora por conta própria
6. Último curso completo:
   ☐ primário
   ☐ ginasial
   ☐ clássico
   ☐ científico
   ☐ universitário
7. Ainda está estudando? Sim ☐ Não ☐
8. Você:
   ☐ não trabalha
   ☐ trabalha meio expediente
   ☐ trabalha em tempo integral
9. Renda:
   ☐ não tem renda própria
   ☐ recebe mesada
   ☐ ganha até NCr$ 100 por mês
   ☐ ganha entre NCr$ 100 e NCr$ 200
   ☐ ganha entre NCr$ 200 e NCr$ 300
   ☐ ganha entre NCr$ 300 e NCr$ 500
   ☐ ganha entre NCr$ 500 e NCr$ 1.000
   ☐ ganha entre NCr$ 1.000 e NCr$ 2.000
   ☐ ganha acima de NCr$ 2.000

Agora, vamos falar de suas opiniões:

1. No que diz respeito ao seu futuro você se acha:
   ☐ entusiasta
   ☐ otimista
   ☐ indiferente
   ☐ pessimista
2. Com referência ao atual govêrno, você se considera
   ☐ contra ☐ a favor
   ☐ indiferente ☐ não tem opinião
3. Ao seu ver, o **principal** problema brasileiro é:
   ☐ inflação
   ☐ corrupção
   ☐ educação
   ☐ desenvolvimento
   ☐ saúde
   ☐ dependência de influências estrangeiras
4. Você acredita em Deus?
   ☐ sim ☐ não ☐ não sei
5. Você considera seus pais:
   ☐ atualizados ☐ ultrapassados
6. Suas relações com seus pais podem ser caracterizadas como:
   ☐ simplesmente agradáveis
   ☐ válidas em certas horas
   ☐ essenciais para sua vida
   ☐ inteiramente indiferentes
   ☐ cheias de conflitos e problemas
7. Ao seu ver, a democracia é:
   ☐ govêrno do povo, pelo povo e para o povo
   ☐ melhor sistema político encontrado até hoje
   ☐ idéia utópica que não pode funcionar
   ☐ só possível dentro do socialismo
8. Com referência aos estudos que você fêz, considera-se:
   ☐ bem preparado para o futuro
   ☐ razoàvelmente preparado
   ☐ mal preparado
9. O emprêgo ideal é aquêle que oferece:
   ☐ o maior salário
   ☐ as maiores oportunidades a longo prazo
   ☐ as possibilidades de se realizar profissionalmente e como ser humano
   ☐ a melhor oportunidade de servir aos outros, à comunidade e ao país
   ☐ o máximo de prestígio e poder
10. A mulher casada deve trabalhar, mesmo que não precise?
    ☐ sim ☐ não
11. Um casal tem o direito de planejar o número de filhos que vai ter?
    ☐ sim ☐ não ☐ não sei
12. Ao seu ver, qual é o número ideal de filhos? .....
13. No casamento, a fidelidade é essencial:
    ☐ para ambos
    ☐ para a mulher
    ☐ para o homem
    ☐ para nenhum dos dois
14. Quando um casamento não dá certo, a melhor solução é:
    ☐ desquite
    ☐ divórcio
    ☐ continuar juntos assim mesmo, pelo bem dos filhos
15. O sistema econômico-social que oferece as maiores possibilidades de desenvolvimento é:
    ☐ socialismo
    ☐ comunismo
    ☐ capitalismo
16. Qual é a coisa mais importante no casamento?
    ☐ amor
    ☐ filhos
    ☐ segurança
    ☐ satisfação sexual
    ☐ compreensão recíproca
17. Quanto ao atual estado de coisas no Brasil, você acha que:
    ☐ está tudo bem
    ☐ está tudo errado
    ☐ está mais ou menos como devia estar
    ☐ há muitas coisas que precisam ser melhoradas
18. O que é que a juventude brasileira deve **fazer** para participar do desenvolvimento do país?
    ☐ estudar, trabalhar e se preparar para o futuro
    ☐ protestar contra os abusos e erros
    ☐ procurar eleger homens que resolvam nossos problemas
    ☐ gozar a vida, pois não adianta tentar mexer com a ordem estabelecida
    ☐ participar de uma revolução
    ☐ esperar que o passar do tempo e a vinda de novas gerações ao poder resolvam todos os problemas
19. De onde é que você recebe o maior número de informações sôbre a atualidade brasileira e mundial?
    ☐ de jornais
    ☐ de revistas
    ☐ da televisão
    ☐ do rádio
    ☐ de amigos e colegas
    ☐ da igreja
    ☐ de seus pais

Ponha seu nome, se você quiser:

.....

Para enviar sua resposta, dobre esta página nas linhas pontilhadas de acôrdo com as indicações, deixando o enderêço como frente do envelope.

1.ª dobra

1.ª dobra

cole aqui

2.ª dobra

2.ª dobra

ENVELOPE
Portaria n.o 391 - 22/9/54
Autorização n.o 241
SÃO PAULO

ENVELOPE RESPOSTA COMERCIAL

NÃO É NECESSÁRIO SELAR ÊSTE ENVELOPE

O SÊLO SERÁ PAGO PELA

EDITÔRA ABRIL LTDA.

Caixa Postal 5095

Revista REALIDADE SÃO PAULO, S.P.

4.ª dobra

3.ª dobra

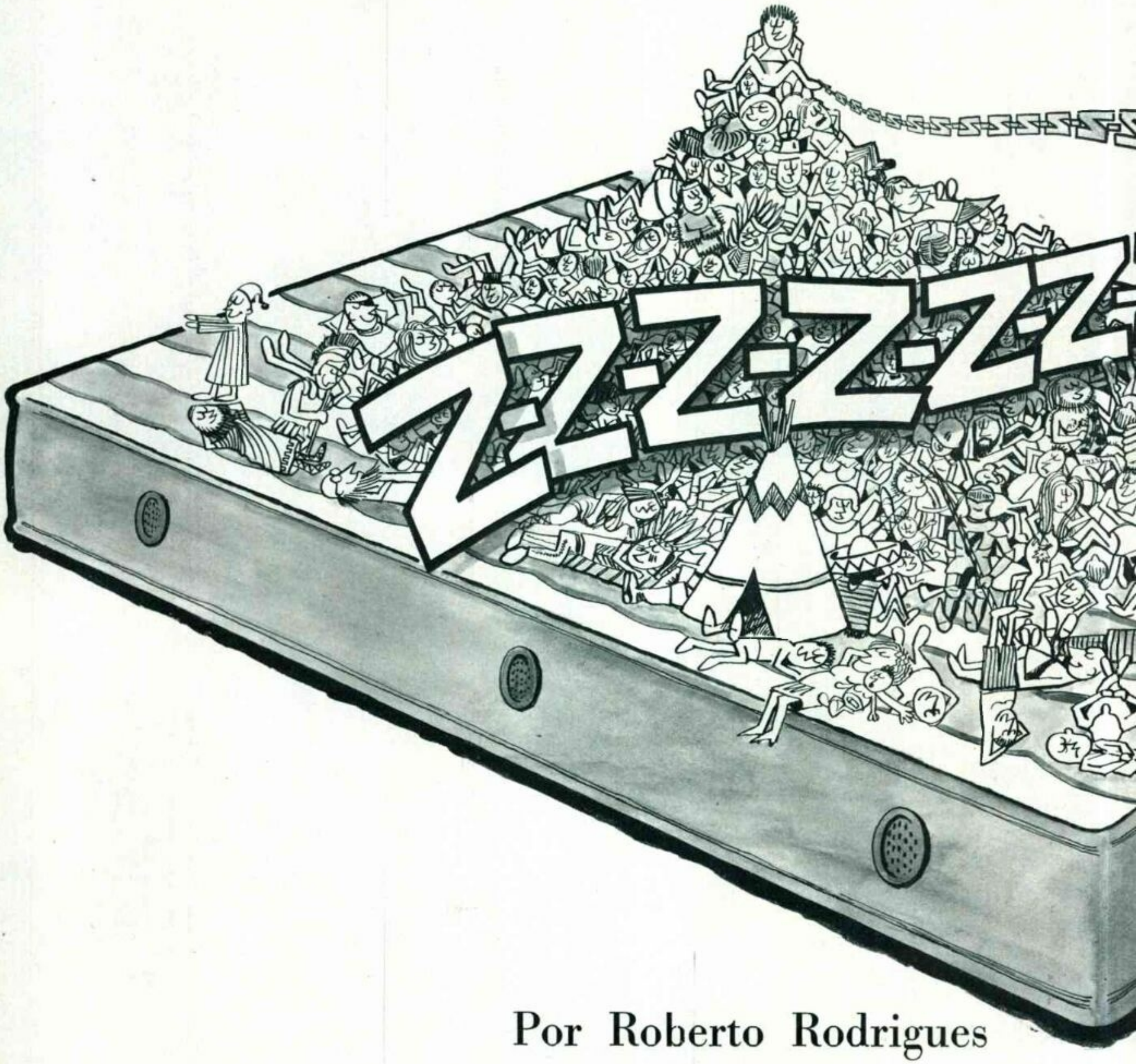
D. Sylvia Medeiros só acreditou que um conjunto para banheiro, de qualidade, colorido, com 10 acessórios, custasse menos que uma enceradeira, quando o revendedor deu o preço do Conjunto Ideal.

(... e como o engenheiro caprichou no banheiro de D. Sylvia)

Hoje em dia, do jeito que vão as coisas, construindo ou reformando, o lógico é obter qualidade e beleza a preço acessível. Não foi por menos que a IDEAL STANDARD produziu o conjunto IDEAL. E não é à-tôa que, dia-a-dia, mais engenheiros indicam o conjunto IDEAL. Dê um pulinho ao revendedor mais próximo e veja as côres do conjunto IDEAL: verde, azul, rosa, amarelo, coralino e cinza, além do branco.

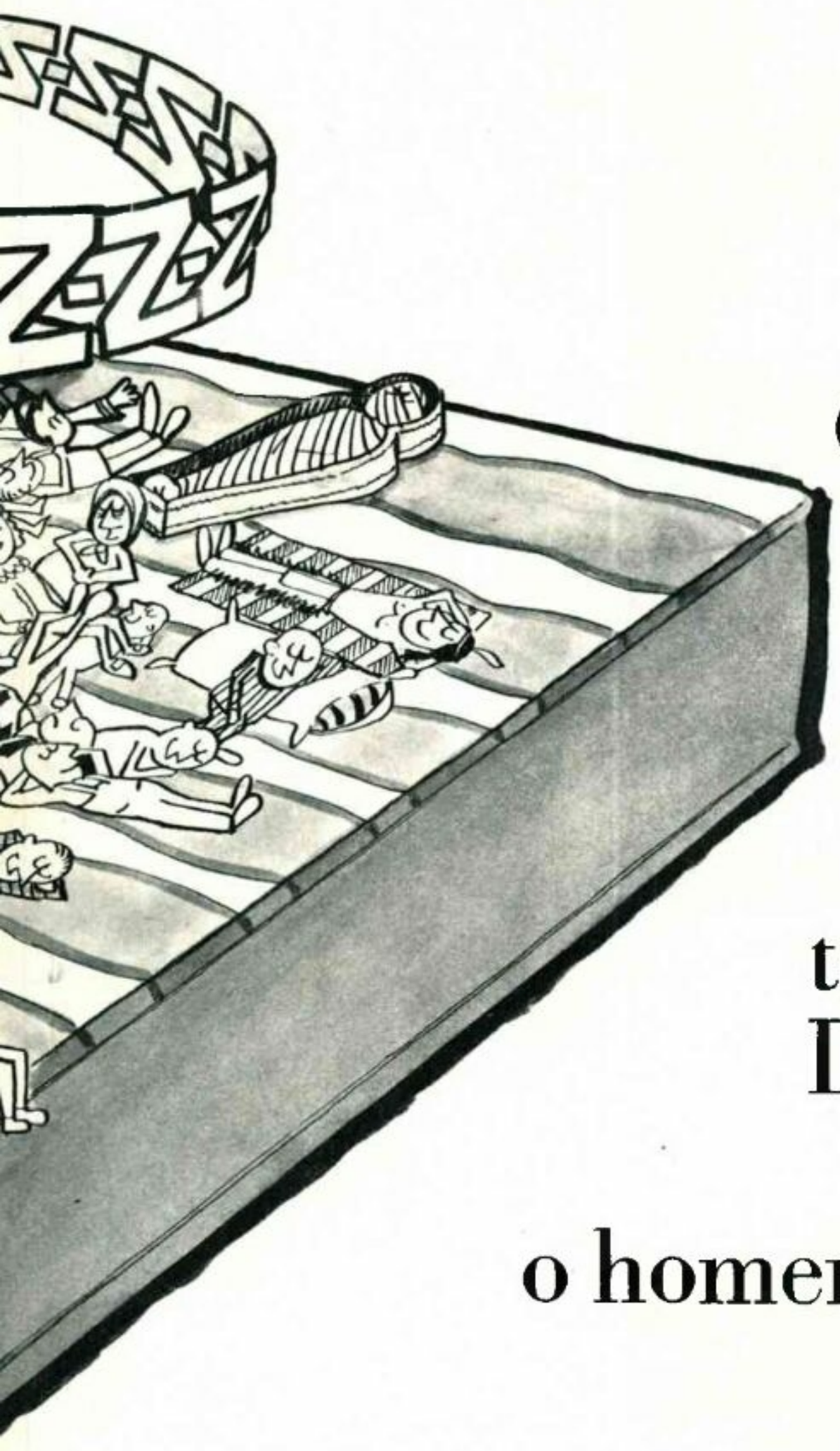
IDEAL STANDARD
padrão mundial de qualidade em sanitários

P.S. Na hora de pagar a conta, quem gostou mesmo de tudo isto foi o Sr. José, marido de D. Sylvia.



Por Roberto Rodrigues

ASSIM DORME



Os egípcios lançaram
a bossa do sarcófago,
os romanos
possuíam três camas,
e havia só uma para
todos na Idade Média.
De qualquer maneira,
o importante é que
o homem vem aperfeiçoando,
através dos séculos,
a arte de dormir bem.

A HUMANIDADE

- O que o senhor sente é conseqüência da espinha cansada, do corpo viciado pela má postura. Precisa começar imediatamente o tratamento e trocar logo êsse colchão de molas, que só pode agravar o seu estado.
- Mas doutor, deixar a minha cama tão macia, logo agora com essas dores nas costas? E o meu confôrto?

Êsse diálogo poderia ocorrer, com poucas mudanças, em qualquer clínica de reumatologia do mundo. O doente surprêso é como milhões de outros que formam o contingente de 80 a 90% dos adultos — homens e mulheres — que em algum período de sua vida sofreu de lesão do disco vertebral, as chamadas **discopatias.**

Para êle — como para todos, afinal — ter de deixar a **sua** cama por outra mais adequada não constitui problema de fácil solução. Só há pouco tempo isso começou a ocorrer, em razão das próprias necessidades acarretadas pela **vida moderna.** É o estágio final de uma série de transformações que se passaram desde os primeiros tempos, em que a cama era um simples montão de fôlhas, até os nossos dias.

O exemplo do paciente nostálgico de sua velha cama é significativo de quanta modificação ocorreu, envolvendo êsse objeto de tanta estima dos homens. A ponto de mais recentemente ter-se processado uma verdadeira revolução no conceito de confôrto, que conduziu ao surgimento de uma nova técnica industrial — a chamada engenharia do sono. A partir daí, a cama e o seu colchão deixaram de ser apenas um lugar gostoso, e passaram a ter novas funções em nossa vida agitada: prevenir e ajudar a curar os seus males. É interessante conhecer como tôda esta mudança se passou.

O importante é dormir

"Hora de dormir, dormir"

Para homens de tôdas as épocas, êste sempre foi um preceito importante. Desde o princípio. Segundo as Escrituras, dormir é não se preocupar com o que poderá acontecer. Como o exemplo dos Salmos: "Levanta-Te, por que dormes, Senhor? Levanta-Te e não nos desampares para sempre."

Muito tempo depois do sono despreocupado de Adão, que, de uma certa forma, ensejou tôdas as suas complicações posteriores, os gregos elegiam Hipnos o seu Deus do Sono. Filho da Noite com Erebe, esta divindade tinha um irmão gêmeo temível — Tanatos, a Morte.

O homem moderno buscou o aspecto científico da questão. Com a Fisiologia, veio a definição "sono: estado fisiológico periódico e reversível, caracterizado por depressão dos sentidos, da consciência, da mobilidade espontânea e do tônus muscular". Segundo o ponto de vista científico, as causas e mecanismos que originam o sono têm dado lugar a numerosas teorias.

De qualquer modo, importa é que o homem **dorme,** de maneiras variadas, há séculos.

Onde e como dormir

De início, despreocupadamente. "Não podíeis dormir em camas moles e defumadas, com polvilhos à cabeceira, em leitos dourados", como o Senhor do Paço de Ninães, de Camilo. Nada a ver com a época, muito anterior, em que a cama reduzia-se a um montão de fôlhas sêcas ou às peles dos animais sacrificados para o sustento. Pois a cama, como a conhecemos hoje, só aparece com os primeiros povos civilizados.

Depois do montão de fôlhas, o primeiro progresso fica por conta dos germanos. Êles passaram a adotar uma espécie de caixão cheio de musgos ou feno, como ainda hoje o fazem alguns povos. Nos tempos antigos, a cama não era uma só: havia uma para dormir, é claro, outra para comer e muitas outras para outros fins.

Em algumas tumbas egípcias, encontraram-se camas funerárias. Os egípcios das classes elevadas tinham camas de dormir preciosamente esculpidas, representando figuras de animais cuja cabeça levantada formava a cabeceira (a cama do Faraó Tutankamón faz grande sucesso numa exposição em Paris, o que, aliás, é natural, tratando-se dos franceses). Por essa época, os colchões começavam a aparecer. Eram bastante altos, e em geral forravam-se de pano vermelho.

Em cada povo, a cama assumia forma e função diferentes. Há mesmo todo um capítulo de Antropologia a ser estudado à luz da cama.

Os assírios não parecem ter sido práticos: os seus leitos tinham dimensões insuficientes para o corpo de uma pessoa estendida. Os hebreus, para o descanso diurno, usavam o divã oriental, e gostavam muito dos leitos dos banquetes Quanto à Grécia, os poetas homéri-

cos referem-se a camas de dormir e a camas funerárias. O culto às virtudes físicas não se interrompia no repouso: nos tempos homéricos, sôbre umas correias enlaçadas aos lados da cama, estendia-se uma peça de tecido forte, que substituía o colchão, perigoso instrumento facilitador do confôrto. Mais despojados das preocupações do espírito, os romanos tinham camas com ornatos de metal, marfim ou madrepérolas, consistindo os colchões num simples saco de palha como os dos soldados em campanha. Mais tarde, a classe dos colchões variou do feno à lã de Mileto, e em seguida a finíssimas penas, como o que se gabava de ter Heliogábalo. Havia também a cama-sofá dos banquetes — **lectus tricliniaris** — que fêz as delícias de muito Imperador, precipitando a queda do Império Romano.

O progresso veio aos poucos, mas, em alguns casos, de forma surpreendente. Senão, vejamos um relato do que ocorria na Europa Ocidental, até o final do século VII: "A cama era um móvel simples, embora se lhe desse grande importância. Pois nela se deitava também, junto com o seu ocupante habitual, o companheiro de armas ou o hóspede a quem se queria honrar, significando também uma prova de grande consideração que a espôsa dormisse no mesmo leito com o marido e o amigo". Data de então o costume de meter os cães na cama, e até havia leitos onde dormia tôda uma família. Daí que as camas tivessem dimensões descomunais (e não por outros motivos, como quer a imaginação fértil do nosso tempo).

Como os homens, as camas continuaram mudando. Durante o século XI, as dos ricos ficavam num nicho aberto na parede, e as das pessoas de maior categoria em uma alcova isolada, daquelas que mais tarde fariam a fama de Don Juan.

As cortinas ocultando as camas apareceram no século XII e nos dois seguintes. Nos castelos, as camas artìsticamente trabalhadas, ficavam sôbre uma espécie de estrado, tapados com grandes tapêtes ou cortinas suspensos do teto.

E a simplificação foi chegando ao máximo. Durante os séculos XVI, XVII e XVIII, as camas conservaram a forma e a disposição das atuais, variando apenas nos estilos arquitetônicos ou sob o capricho passageiro da moda.

Até que, em princípios dêste século, um autor interessado pôde finalmente escrever: "Os leitos de hoje, construídos sob os moldes simples de cama clássica, obedecem à tendência de eliminar tudo quanto é incômodo, supérfluo e anti-higiênico".

Por essa época, como até há bem pouco tempo, ninguém imaginava que o aparente confôrto proporcionado pelas molas, ou por qualquer outra forma de maciez excessiva, pudesse um dia ser desaconselhável como prejudicial ao corpo. Disso é um exemplo a candidez do mesmo Camilo, no livro da Consolação: "Depois, deitou-se no colchão de penas, e adormeceu como raras vêzes dormem os justos".

Mas o que aconteceu desde então? Mudaram tanto os homens que se tornou necessário alterar radicalmente os seus padrões de repouso? A resposta é positiva.

O homem moderno não caminha. Não tem tempo. Mesmo quando percorre distâncias, tem movimentos tolhidos (especialmente a mulher) por roupas e sapatos apertados, por uma pasta, bôlsa pesada ou pacotes. Hoje em dia não se recorre mais à fôrça para sobreviver. Fica-se sentado num escritório, pelo menos 5 dias da semana, usando o cérebro ao invés dos músculos. Enfim, para encurtar, em relação aos seus antepassados, dos tempos primitivos até cem anos atrás, o homem moderno é fìsicamente degenerado.

Uma das conseqüências disso é que, conforme um recente relatório médico alemão aponta, 80 a 90% entre os adultos sofrem de lesão de disco em um período de sua vida. A especialista Edith L. Hearn observa em seu livro "Você é tão jovem quanto a sua espinha" que "numa espinha **moderna** discos sem lesão alguma são tão raros quanto dentes perfeitos numa bôca **moderna**". E vai adiante: "Embora isso possa surpreender, a realidade é que, devido às contingências da vida de hoje, é grande o número de pessoas que têm algum tipo de problema com a espinha".

Para se ter idéia das conseqüências disso, é suficiente notar, como faz a autora, que as discopatias são responsáveis por 90% das dores de cabeça, torcicolo, dores da nuca, lumbago, dores dos rins, dores musculares ou reumáticas.

Uma das autoridades brasileiras na questão, o Professor Pedro Nava, Catedrático de Reumatologia da Escola Médica de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio, observa que a grande incidência das artroses da coluna ficou ressaltada a partir do momento em que se conseguiu maior precisão de diagnóstico, quando se constituiu a especialidade reumatológica.

A artrose da coluna, que ataca a coluna em tôdas as suas articulações, inclusive os discos, é uma doença que aparece geralmente por volta dos 30 — 45 anos, como conseqüência final de um processo iniciado na infância. O próprio aumento do índice de sobrevida é um dos motivos da elevação de sua incidência. Ela tem causas metabólicas e posturais, podendo a obesidade ser considerada como uma das mais importantes.

A prevenção e tratamento dos distúrbios da coluna vertebral são de naturezas diversas, processados em diversas fases e exigem cuidados paralelos. Um dêles diz respeito ao repouso.

Os reumatologistas concordam unânimemente em afirmar que de nada adiantam os cuidados com a posição correta do corpo durante o dia, se à noite êle se afunda em colchões moles ou deformados, que forçam os músculos e os obrigam a tensões fatigantes. Isso é o que se chama dormir de maneira compressiva, agredindo o esqueleto.

Descobriram os especialistas que muitos males da espinha dorsal são devidos ao fato de se dormir em superfícies inadequadas. Levando-se em conta que o homem dorme um têrço de sua vida, compreende-se melhor a verdade desta afirmação. Tal constatação levou ao surgimento, no plano industrial, da engenharia do sono, que, apesar do nome aparentemente complicado, tem um objetivo muito simples: aplicar as recomendações dos especialistas da ciência médica à fabricação de colchões planos, com o interior totalmente firme e permanentemente indeformável, onde se sobrepõem camadas cientificamente dosadas de material elástico, que não excedam a 5 cm de espessura.

Isso constituiu, em essência, a revolução no conceito de confôrto de que já falamos. Hoje, portanto, o ideal do início do século, de uma cama que eliminasse "tudo quanto é incômodo, supérfluo e anti-higiênico" está superado, por insuficiência. A vida moderna exige mais: a cama e o colchão devem fazer parte do esquema geral de preservação da saúde.

Como deve ser, afinal, um bom colchão?

Deve ter a superfície macia e com interior totalmente firme e indeformável. Esta é a resposta de um especialista, o professor Pedro Nava.

"O necessário para o repouso perfeito é um suporte que contorne o corpo e o sustente sem ceder, na posição anatômicamente certa". Eis como responde a Dra. Edith, em seu livro.

Mas se você tem condições de encarar a cama de um ponto de vista que vá além da preocupação com a saúde, então é natural que a sua resposta seja bem outra.

Tranquilidade para tôda a familia

em uma enciclopédia médica ilustrada de saúde e beleza

Prevenção e solução de todos os problemas que afligem a mulher moderna: saúde física, equilíbrio emocional e beleza. Orientação médica pormenorizada para tôda a família e cuidados essenciais de primeiros socorros. Assistência e cuidados com a criança, e com a mãe, desde a gestação. Evolução física e psicológica da criança e sua orientação. Orientação sexual dos adolescentes. Anticoncepcionais modernos, pílulas e sua aplicação. COMPÊNDIO CIENTÍFICO DE BELEZA com análise dos tratamentos de beleza mais comuns, mostrando o que há neles de bom e de mau. Tudo à mão, de A a Z, na ENCICLOPÉDIA MÉDICA ILUSTRADA DE SAÚDE E BELEZA. Clara. Simples. Objetiva. Direção de dois médicos de renome internacional, assessorados por 30 especialistas.

São três grandes volumes, formato 23,5 x 16,5 cm., ricamente encadernados em PERCALUX, com gravação a ouro. 1.800 páginas, note bem.

1 - ENCICLOPÉDIA MÉDICA DA MULHER, Dr. J. M. Thomasa-Sanchez
2 - ENCICLOPÉDIA MÉDICA INFANTIL Dr. J. M. Thomasa-Sanchez
3 - ENCICLOPÉDIA MÉDICA FAMILIAR, Dr. J. J. Schifferes

OFERTA DE LANÇAMENTO: Pelo plano Econômico 50% custará apenas NCR$ 54,00. V. receberá, de 30 em 30 dias, um dos grandes volumes da Enciclopédia, pagando NCR$ 18,00 contra-entrega de cada um.

PARAPSICOLOGIA
EXISTEM OS PODERES SECRETOS DO HOMEM?

Você mesmo julgará ao conhecer a série MISTÉRIOS E PODERES SECRETOS (à luz da ciência) que reune o que existe de mais extraordinário nos confins da alma e nos bastidores das organizações secretas.

6 magníficos volumes encadernados em percalux, 2075 páginas, 107 fotografias, mapas e fac-símiles.

1 - NAS FRONTEIRAS DA CIÊNCIA E DA PARAPSICOLOGIA, Alfred Still.
2 - O LIVRO DOS MILAGRES, Zsolt Aradi.
3 - SONHOS E PESADELOS, J. A. Hadfield.
4 - HISTÓRIA E MISTÉRIOS DAS SOCIEDADES SECRETAS, H. Achreiber.
5 - MANIAS E CRENDICES (em nome da ciência), M. Gardner.
6 - OS PODERES SECRETOS DO HOMEM, R. Tocquet.

Crediário: 8 x NCr$ 16,00.
Plano Econômico: apenas NCr$ 63,00 em 3 x 21,00.

OPERAÇÃO ESPIONAGEM

A série TRAMAS E SEGREDOS DA ESPIONAGEM reune fantásticas proezas realizadas pelos mais famosos espiões da vida real, da guerra mundial até os dias de hoje, relatando ainda segredos da contra-espionagem, do FBI e a história confidencial dos arquivos britânicos.

São 6 magníficos volumes encadernados em percalux, com douração. Mais de 2400 páginas, com documentário fotográfico.

1 - O MUNDO DA ESPIONAGEM, Ladislas Farago.
2 - AGENTE SECRETO DO PRESIDENTE, Upton Sinclair.
3 - A GUERRA FOI GANHA NA SUISSA, Pierre Accoce.
4 - SORGE, O ESPIÃO VERMELHO, Alain Guérin.
5 - AS CONFISSÕES DE PENKOVSKI, Oleg Penkovski.
6 - O FBI POR DENTRO, Fred J. Cook.

Crediário: 8 x NCr$ 16,50.
Plano Econômico: NCr$ 66,00 em 3 x 22,00, apenas.

(Não querendo recortar o cupon, transcreva-o em papel à parte)

A
Ibrat Publicações (CA-1)
CAIXA POSTAL, 4654 — SÃO PAULO, SP
Tels. 34-8481, 35-7558, 36-3741

Enviem-me pelo Plano Econômico, em parcelas mensais conforme anúncio, a coleção .....

☐ — No caso de já estarem prontos todos os volumes, poderão ser remetidos de uma só vez, com desconto de mais 6% (Assinalar, se preferir).

Nome .....
End. resid. .....
End. coml. .....
Tel. ..... Cidade .....
Assinatura .....
(Reembôlso postal, mais NCR$ 1,00 por parcela; aéreo, NCR$ 2,00)

IMPORTANTE: Para garantia de seu pedido por carta, use sòmente via EXPRESSA ou REGISTRADA. Em virtude de recentes extravios, rogamos renovar pedidos não atendidos em 20 dias, mencionando **confirmação de pedido anterior.**

cartas

Menoti sem aposentadoria

Sr. Diretor: Quero agradecer o carinho com que solicitaram e inseriram na REALIDADE a nota do 50.º aniversário do meu **Juca Mulato.** Mas o simpático môço escalado para falar comigo decretou minha "aposentadoria" como poeta, confundindo o tabelião em recesso com o escritor e poeta ainda presente.

MENOTI DEL PICCHIA
São Paulo — SP

Nenhuma ligação

Sr. Diretor: Possui REALIDADE algum convênio com grupos norte-americanos, tal como a junta Time-Life?

ARMANDO CORREA PARENTE
Viçosa — MG

A Editôra Abril e REALIDADE só mantêm um tipo de negócio com emprêsas jornalísticas estrangeiras: compra e venda de reportagens.

Nossos anúncios

Sr. Diretor: Sou grande admirador de REALIDADE mas ela está ficando mais uma revista de propaganda do que de pesquisas e fatos. No número 15 há 46% do espaço das 164 páginas com anúncios. Espero, em nome de todos os admiradores dessa revista, que os senhores tomem providências.

DIVINO EURÍPEDES GONDIM
Catalão — GO

Sr. Diretor: Para que REALIDADE seja revista do povo, e não só de intelectuais, deve aparecer nas bancas por um preço à altura das posses do povo. Não interessa tanto a beleza das gravuras ou o luxo comprovado nas suas páginas, que já estão empesteadas de propaganda. A maioria das cartas publicadas são de intelectuais, industriais, padres, governadores — em suma de **gentona,** para mostrar o gabarito da revista. E REALIDADE tem uma linha duvidosa, indefinida. Procura agradar o capitalismo e os contrários a êle. A verdade é a verdade mesmo. Não adianta querer tapear. REALIDADE não se define para poder ganhar mais. Por que não se definir? Vocês têm mêdo de quem ou do quê? Escrevi uma carta há três meses. Não a publicaram por não terem recebido, ou por que o conteúdo foi realista e crítico, ou tiveram mêdo de expor minhas opiniões?

AFONSO BARBOSA DE CARVALHO
Recife — PE

O número de reportagens permanece o mesmo, desde o primeiro número de REALIDADE. Convidamos os leitores a comparar, proporcionalmente, o espaço de anúncios de REALIDADE com o de qualquer outra revista brasileira. Não podemos publicar tôdas as cartas e nosso critério é o interêsse que elas possam despertar nos leitores. REALIDADE definiu-se política e jornalìsticamente quando apareceu ao público, e continua definindo-se — isto é, confirmando-se — a cada número que sai.

Nós e os vícios

Sr. Diretor: A reportagem "Êle é um Viciado" foi uma das maiores advertências que a juventude brasileira pôde receber.

JOSÉ CARLOS FREIRE
João Neiva — ES

Sr. Diretor: A reportagem "Êle é um Viciado" provocou em mim, adolescente, e creio que em tôda a juventude brasileira, uma verdadeira lição, bem explícita, que expõe as conseqüências drásticas provocadas por êsse mal.

WALMOR MEDEIROS
Pombal — MG

Sr. Diretor: Quero felicitá-lo pela reportagem "Êle é um Viciado", pela linguagem simples e esclarecedora. Creio que ela desanimou milhares de pretendentes a ingerir tóxicos.

PERÁCIO ANTÔNIO DE FARIA
Furnas — MG

Sr. Diretor: Não pude conter-me ao ler a reportagem "Êle é um Viciado": veio logo a vontade de escrever-lhes. Considero essa reportagem importantíssima, foi mais um meio empregado por REALIDADE para orientar os jovens que marcham para o abismo.

JEREMIAS MACÁRIO DE OLIVEIRA
Amargosa — BA

Sr. Diretor: Vocês usaram muitas palavras de gíria na reportagem "Êle é um Viciado". Muitas pessoas, como eu, não as conhecem. Numa reportagem tão bem feita como essa, deveria haver no final uma "tradução" dessas palavras.

MÍLTON PEDRO GUIMARÃES
Batatais — SP

Sr. Diretor: Excelente a reportagem "Êle é um Viciado". Serve de advertência a muitos jovens.

DENEVALDO SOUSA COBE
Vila Velha — ES

Censura: valeu?

Sr. Diretor: Cheguei a dar pulos de alegria quando li em REALIDADE de junho a reportagem "Isto é Proibido". Talvez a partir de agora possamos assistir aos filmes sem tanta censura.

MAURÍCIO ALVES
Brasília — DF

Haiti sem segredos

Sr. Diretor: O ponto culminante do exemplar número 15 foi, sem dúvida, a reportagem "Viagem ao País do Mêdo". Parabéns à redação.

VINCENZO BELLIZZI
Nova Iguaçu — RJ

Sr. Diretor: Parece-me que, atualmente, vocês são os únicos que se prestam a dizer a verdade ao nosso tão ludibriado povo. Como prova disso, aí foi a magnífica reportagem sôbre o Haiti.

JOÃO ROCHA DE SOUZA
Santos — SP

Parto: mensagem de paz

Sr. Diretor: O número 15 me deixou pensando muito. E um dos motivos foi a reportagem "A

Dor do Parto não Existe". Que bela reportagem, que mensagem de paz vocês levaram às milhares de futuras mães brasileiras!

JOSÉ CARLOS P. JUNQUEIRA
Uberlândia — MG

Sr. Diretor: Queria fazer uma crítica ao artigo "Parto Sem Dor", por mais de uma vez publicado. Parece que os senhores não têm outro assunto mais inédito a não ser crianças, partos, maternidades.

ERNESTO SCATTI JR.
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Minhas congratulações pela estupenda reportagem "Parto Sem Dor", muito útil e instrutiva, que me ajudou a dissipar dúvidas que ainda tinha.

MARA PAGNOSSIM
Tietê — SP

Sr. Diretor: Parto sem mêdo, sim; sem dor, não exagerem! Ela pode estar ausente, mas demorará muito tempo para que tôdas as mulheres sejam descondicionadas.

JÚLIA GUIMARÃES
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Quero externar-lhe minha satisfação pela excelente exposição didática de Carlos Azevedo na reportagem "Parto Sem Dor", que muito favorecerá meus alunos em aulas de psicologia do pré-natal — pôsto que é bem acessível aos que só agora se familiarizam com os princípios gerais da teoria.

PROFA. LANNOY DORIN
Araçatuba — SP

Arigó, esperança

Sr. Diretor: Corajosa, sem dúvida, a atitude do médico-repórter Roberto Freire, que contou brilhantemente o que viu em Congonhas do Campo, sem se incomodar com a caturrice e os preconceitos.

ANTÔNIO S. PADUA SOARES
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Na reportagem sôbre Arigó notei na página 71, entre um quadro de Jesus e o de Arigó, uma figura semi-apagada, quase imperceptível, do rosto de Jesus. Existe algum desenho na parede? Ou qual é a explicação do fotógrafo para essa aparição?

MASSAO SIMONAKA
Dracena — SP

Existe um desenho na parede.

À saúde, senhores

Sr. Diretor: Excelente reportagem sôbre o vinho do Rio Grande do Sul. A par dos ensinamentos de como se deve escolher um vinho adequado, a reportagem orienta o consumidor sôbre os tipos próprios para cada ocasião. Presta ainda um enorme serviço à viticultura brasileira. Nossos parabéns.

CARLOS CORREIA OLIVEIRA
Cia. Vinícola Rio-Grandense
Pôrto Alegre — RS

Sr. Diretor: Leitores e entusiastas de REALIDADE, surpreendemo-nos com a omissão do nome **Mosele** na reportagem sôbre a indústria vinícola, no número 14.

SEGUE

8.008

perder seus cabelos já é envelhecer!

...por isso, tôdas as manhãs, PANTENE!

Hoje, você pode orgulhar-se de seus bonitos cabelos mas... amanhã? Mire-se no espelho e imagine-se com menos cabelos ou até sem cabelo nenhum. Não vamos insistir nisso... é uma idéia demasiadamente cruel. Se você quer ter uma aparência jovem (e assim permanecer) use, o quanto antes, Pantene.

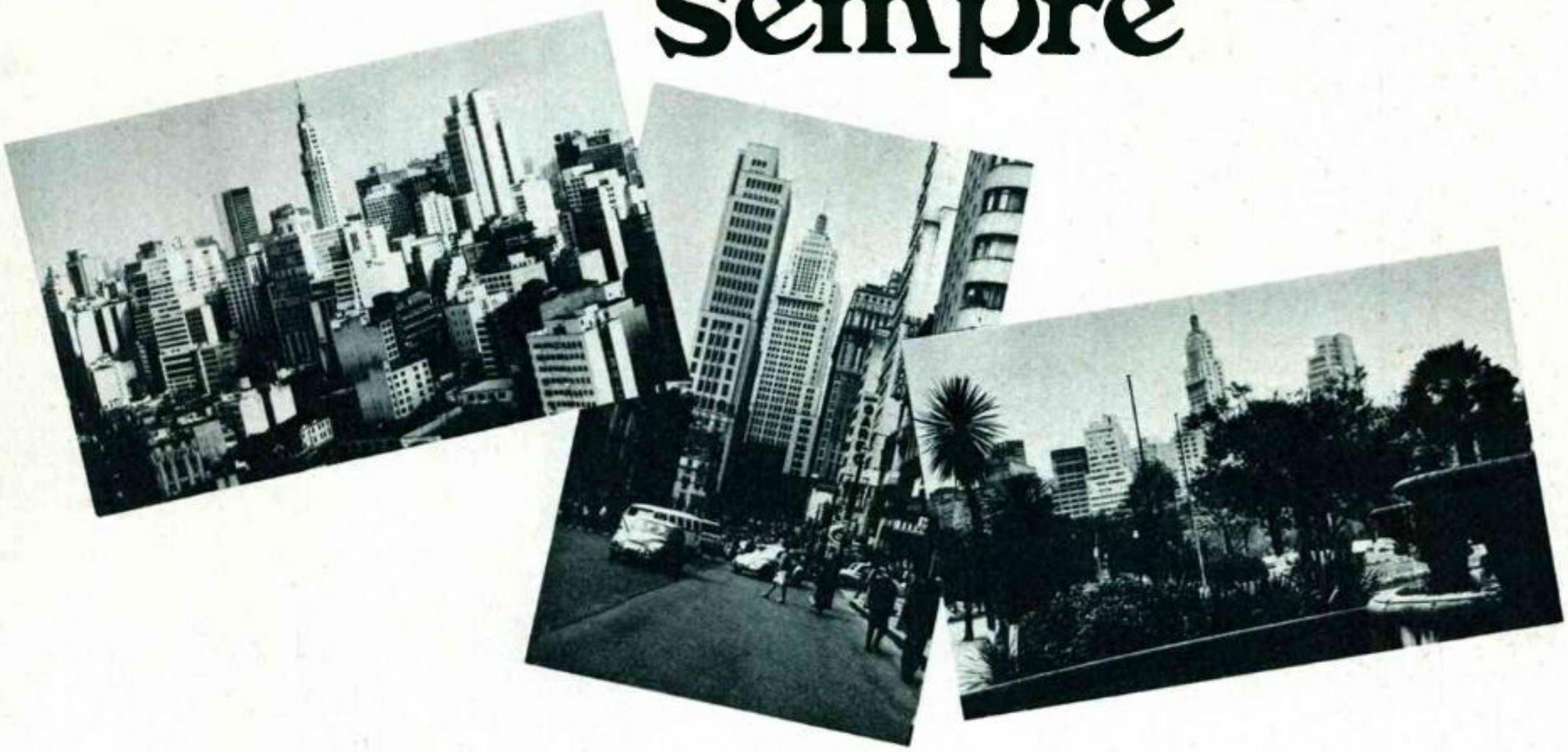
Esta excelente loção capilar ajuda a manter seus cabelos sempre saudáveis.

Para que os cabelos cresçam e se desenvolvam melhor, Pantene contém *Pantyl*, substância vitamínica exclusiva de Roche. Para que êles conservem uma suave fragrância, Pantene lhes proporciona seu discreto perfume (um sucesso mundial)... e com Pantene você finalmente poderá dizer: adeus, caspa! Você terá cabelos saudáveis, macios, brilhantes!

Admita que Pantene (cada manhã) dará a seus cabelos (todos) melhor aparência e você terá as melhores chances de se conservar jovem e em boa forma. Há 5 tipos de Pantene à sua escolha.

LOÇÃO VITAMINADA
PANTENE
A PROTEÇÃO INTEGRAL DE SEUS CABELOS

nosso prédio aparece sempre



mas não é só por isso que somos conhecidos em todo o Brasil

Cartão Postal de São Paulo quase sempre faz propaganda nossa. É a vantagem de ter um prédio grande, alto e, por que não dizer, muito fotogênico. Entretanto, isso não nos tornaria conhecidos em quatorze Estados do País, se a nossa presença não se estendesse por mais de uma centena de agências e a nossa atuação não se fizesse sentir nos mais diversos ramos de atividade. É por causa do nosso padrão de trabalho, dos bons serviços que podemos prestar a tanta gente, que pràticamente todo mundo nos conhece. Não somos grandes apenas no sentido vertical, com um bonito prédio. Estamos trabalhando em todos os lugares onde possamos servir a nossos clientes e à economia do País. De qualquer forma, não achamos ruim que o nosso prédio seja tão fotografado. Isso também contribui para que a nossa presença seja tão familiar como é grande a nossa vontade de ser úteis.

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SOCIEDADE ANÔNIMA

cartas

Para atestar o que afirmamos basta observarem as pesquisas do IBOPE, onde o champanha **Mosele** está em primeiro lugar na preferência do público, há muito tempo.

RUI MARTINHO TONIETO
Rio — GB

Sr. Diretor: Interpretando os sentimentos de todos os viticultores de Caxias do Sul, sede da Festa da Uva, apresento ao repórter José Carlos Marão os agradecimentos pela brilhante reportagem sôbre vinhos gaúchos: foi uma contribuição direta e eficiente para melhorar a vida de 300 mil brasileiros que vivem da viticultura.

HERMES J. WEBBER, PREFEITO
Caxias do Sul — RS

Sr. Diretor: Pelos magníficos trabalhos de reportagem e fotografia sôbre o vinho gaúcho queremos testemunhar nossos melhores agradecimentos.

MOISÉS LUÍS MICHELON
Presidente da Festa Nacional
do Vinho — Bento Gonçalves, RS

Sr. Diretor: Na reportagem "Senhoras e Senhores, à Saúde", número 14 de REALIDADE, o repórter José Carlos Marão fêz referência equivocada ao suposto caráter genérico de Champagne, afirmando textualmente que êle "virou nome genérico para todos os espumantes" (pág. 49). Ora, Champagne é uma indicação de proveniência bem definida no Código de Propriedade Industrial de 1945, artigos 100 e 101. Este último diz que "ninguém tem o direito de utilizar o nome correspondente ao lugar de fabricação ou produção para designar um produto artificial ou natural, fabricado ou proveniente de lugar diverso".

CARLOS HENRIQUE C. FRÓES
Depto. Jurídico de Mamsem, Leonardos & Cia.
Rio — GB

Não disseram nada

Sr. Diretor: Na revista REALIDADE n.º 12, página 10, foi publicada uma entrevista com o pianista internacional João Carlos Martins onde o entrevistado diz, a certa altura, que êle "foi chamado de impostor e ignorante em música" por pessoas ligadas à nossa cidade. Isso não é verdade, e como prova anexamos ao presente a publicação do jornal **O Progresso de Tatuí** de 12/2/67 onde estão tôdas as nossas afirmações.

LUÍS DA SILVA VIEIRA
Presidente da ASSOCIAÇÃO CULTURAL
PRÓ-MÚSICA DE TATUÍ — SP

Repúdio e aplauso

Sr. Diretor: É vergonhoso possuírem revista dessa natureza, pois, de Criciúma, de verdade nada foi escrito. O repúdio é geral contra tão baixa revista.

JOÃO ADERBAL, VEREADOR
Criciúma — SC

Sr. Diertor: A reportagem sôbre os mineiros de carvão atesta a caótica situação do país, exceto nos poucos grandes centros. REALIDADE deve continuar espelhando essas verdades.

RUBENS RICCIOLI
São Paulo — SP

Os desportistas confiam no Omega Seamaster como os atletas na cronometragem Omega

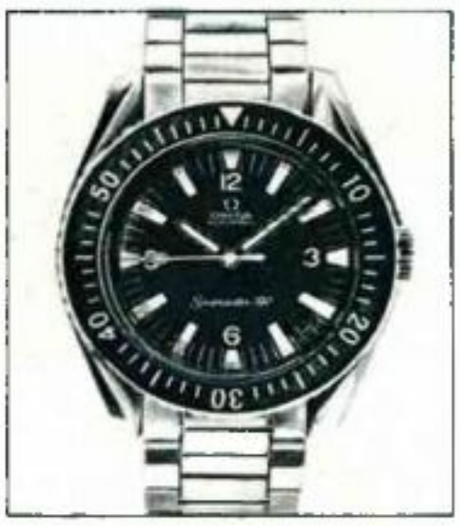
Da linha de partida... à vida cotidiana. Nos mais famosos campos de esporte do mundo, Omega arbitra tôda sorte de competições. Com absoluta imparcialidade, em seus instrumentos de alta precisão. Omega fará no México, em 1968, a cronometragem das Olimpíadas, o que se dará pela 12.ª vez, desde 1932! Todos relógios e cronômetros Omega se beneficiam dessa imensa experiência consagrada aos desportistas.

Confie no Omega Seamaster. Ele seguirá você por tôda parte: na cidade, na montanha, até debaixo dágua. O Seamaster é automático e superimpermeável. Garante a precisão, a segurança Omega tão apreciada pelos desportistas. Há também modelos Seamaster de corda manual.

Ω OMEGA

3.069

Outros excepcionais modelos Omega:



SEAMASTER 300
Para esportes aquáticos. Automático. Impermeável até 200 m. É robusto e de mostrador superlegível.

SPEEDMASTER
Cronógrafo ultra-robusto e impermeável. Leitura de até 1/5". É o relógio dos astronautas Gemini.

LADYMATIC
É o menor relógio feminino automático do mundo. Preciso. Impermeável. Com ou sem calendário.

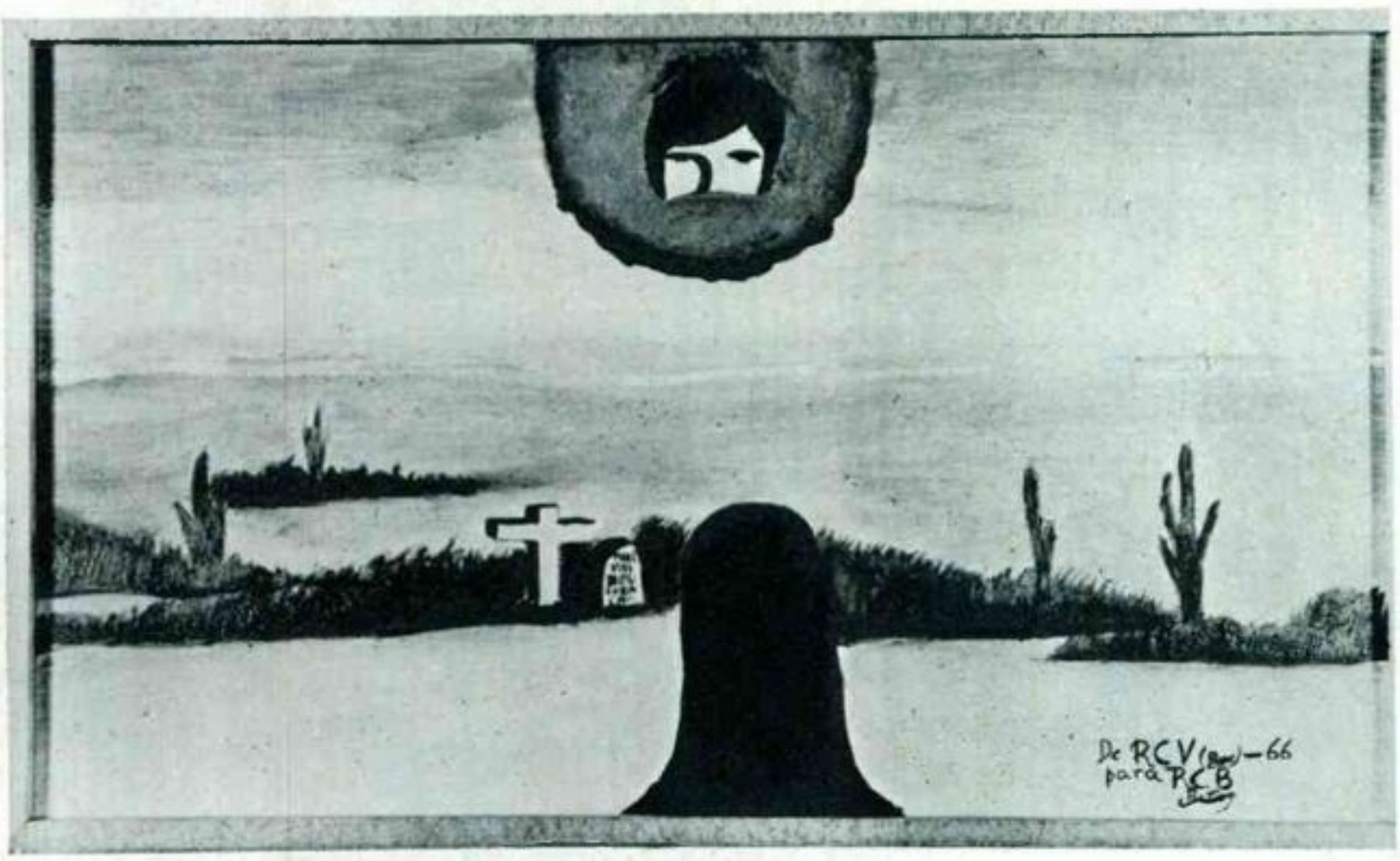
Assistência Técnica Omega: São Paulo: Av. Paulista, 352 - 13.º • Rio de Janeiro: Av. Rio Branco, 99 - 7.º • P. Alegre: R. Andradas, 1629 - 1.º, ou por todos os Concessionários Autorizados Omega.

FEIRA DE LIVROS NOVOS

MIL Modelos para DESENHO de LETRAS
A ESCOLA DOS PAIS
Motivos MEXICANOS e HOLANDESES
Como Tirar a Sorte pelas Cartas
BOAS MANEIRAS PARA A MULHER
GUIA da DONA de CASA
Modelagem do FISICO EM APARELHOS
Manual Prático de MASSAGENS
L.L. em LAS VEGAS
Manual do MECÂNICO AMADOR
O CASO da MODELO FASCINANTE
CONHECE-TE PELA LETRA
Modelista CASA e JARDIM
CONTOS RUSSOS
Como fazer BICHINHOS de espuma
150 RECEITAS PASTÉIS E EMPADÕES
Como conquistar FELICIDADE (PSICOLOGIA SEXUAL)
Pontos de TRICÔ para o LAR
Segredos da Natureza ESTE MUNDO VIVO BIOLOGIA
COMO LER AS MÃOS
ALFABETOS E MONOGRAMAS
Como Desenhar FLORES e ARVORES
Como fazer BICHINHOS DE PANO
CONVERSE EM ESPANHOL
AUTOMÓVEL
A ÚNICA PISTA
Como DAR movimento aos DESENHOS
AS IDÉIAS POLÍTICAS no BRASIL
Modelos de FANTASIAS INFANTIS
NOVIDADES MARAVILHOSAS da MEDICINA
NO CAMAROTE A MEIA NOITE
MODELOS PARA DESENHOS DE CRIANÇAS
ESTILOS de ARQUITETURA
IAIA GARCIA
ALFABETOS e MONOGRAMAS em PONTO de CRUZ
COMPLETO MANUAL do SOLDADOR
TRICÔ E CROCHÊ PEÇAS FEMININAS
a mulher das quatro pintas
CONTOS NORTE-AMERICANOS
O7 FATÍDICO
DORES DO MUNDO
O LIVRO COMPLETO de RECEITAS de TRICÔ
Modelos de VESTIDOS
COMO FAZER TAPEÇARIAS em CASA
Como evitar o Suicídio
CASAS e PLANOS
O QUE TODOS DEVEM SABER sobre FÍSICA
A EMPRÊSA
COMO LER OS PENSAMENTOS
DICIONÁRIO de HISTÓRIA do BRASIL
FACA REMINGTON
JÚLIO VERNE
MEU MÉDICO e Eu
AMOK
AS PANTERAS da ARGÉLIA
Capitão Fortuna
SENHORA
Você quer ser JORNALISTA
Vença o MEDO e os NERVOS
Nossas Lojas:
GUANABARA:
• CINELÂNDIA - ao lado da Perfumaria Carneiro
• AVENIDA - Ed. Avenida Central, loja 4
• COPACABANA - R. Santa Clara, 33-D
SÃO PAULO (Capital):
• Rua Conselheiro Crispiniano, 403
• Hall do Cine Ipiranga
INTERIOR:
Peça pelo
REEMBOLSO POSTAL

roteiro

ARTES, ESPETÁCULOS, INDICAÇÕES



Uma fã mata o seu ídolo

Aquêle era o último **show** de Roberto Carlos em Salvador. Entediado, teria de repetir o mesmo ritual de tôdas as excursões: tentar escapar das fãs. Tentativa inútil. As saídas do teatro estavam, como sempre, cercadas de adolescentes que o esperavam inquietas, aguardando o instante sublime de se aproximarem desta divindade que acompanha há muito tempo seus sonhos juvenis. Roberto Carlos é, para elas, o semelhante que se realizou. Rapaz pobre, teve na adolescência as mesmas dificuldades que elas têm agora, e, no entanto, conseguiu fama e riqueza. Êle venceu na vida. Elas também precisam vencer. Roberto Carlos é o oposto de tudo aquilo que seus pais representam: a vida rotineira e sem surprêsas, o enquadramento, a impossibilidade de compreender o "mundo jovem". Os cabelos longos, as roupas exóticas, a linguagem irreverente, os carrões, a aventura diária, tudo isso rompe com "o mundo dos velhos" que oprime as adolescentes. Roberto Carlos é, também, a maneira mais cômoda de uma aproximação sexual. O contato platônico, através da caça ao autógrafo, do retrato colado na parede, do disco que traz seu rosto na capa, das cartas que contêm as mais sinceras revelações, todo êste contato é muito menos comprometedor do que um namôro que possa "ultrapassar os limites" com conseqüências muito difíceis de enfrentar.

Por tédio, ou dever de ofício, também em Salvador, Roberto Carlos entregou-se à violência das fãs. A multidão não se satisfazia com sua simples presença. Autógrafos, declarações de amor, pedidos de dinheiro, mais uma camisa rasgada — a rotina era a mesma em tôdas as cidades. Até que inesperadamente destacou-se do grupo uma jovem. Dirigiu-se a êle com rapidez e sem dizer uma palavra entregou-lhe um quadro. Com a mesma rapidez desapareceu. Livrando-se das fãs, Roberto Carlos olhou para o quadro. Sua reação foi imediata. Jogou o quadro para o empresário e disse que nunca mais queria ver aquilo.

Em Salvador, o ritual foi alterado. A fã-pintora também idolatrava Roberto Carlos e por isso colocou-o numa nuvem, bem acima dela. Seu contato com o ídolo, entretanto, era diferente das demonstrações expansivas das outras adolescentes: ela está de costas, com longos cabelos negros sôbre um vestido negro. Sua situação é mais dramática, primeiro porque não se expõe (daí estar de costas), segundo porque se envolve numa espécie de luto. Sua relação com o ídolo também significou uma doação. Os símbolos expressos nos arbustos do quadro dão uma idéia de que também ela, ainda que platônicamente, amou Roberto Carlos. E isso fica mais claro ainda na coincidência de côres: ela e o rosto do cantor são pintados em prêto. Mas a jovem anônima sentiu a impossibilidade de concretizar êsse amor. O coração separa-se de seu corpo e é enterrado (na pedra ao lado da cruz está escrito: "Aqui vive meu coração"). Roberto Carlos provocou nela uma **divisão,** ou seja, a separação do que simbòlicamente representa o amor — o coração — do resto do corpo.

A fã, porém, revolta-se. Dominada pelo ídolo e incapaz de realizar sua paixão, encontra uma saída drástica: destruir o ídolo. E tal objetivo só será alcançado se fôr retirado do cantor seu grande instrumento de sedução. Como consegui-lo? Tapando-lhe a bôca, ou seja, impedindo que êle continue a cantar, impedindo que a sua dominação, através da voz e das canções, continue a oprimi-la, a dividi-la. A salvação (expressa na cruz) desta jovem será alcançada no momento em que ela se libertar do vínculo com o cantor.

Êste quadro de autor anônimo (sabe-se, apenas, que é de uma jovem baiana) é uma reação violenta contra a própria submissão à idolatria. Como acontece com tôdas as fãs que acreditam que sua relação com o ídolo seja só dela, egoìsticamente a pintora entrega à divindade que ela própria elegeu sua confissão solitária: eu me submeti, mas minha salvação é a sua destruição.

A interpretação psicológica do que sugere o quadro da fã de Roberto Carlos é mais um capítulo para a análise das relações entre o público e seus ídolos. O que Roberto Carlos, um dia, significou para esta jovem — o mito do sucesso profissional, o meio de expressar sua revolta contra os mais velhos e uma forma platônica de realização sexual — é o mesmo que todos os ídolos, desde James Dean aos Beatles, representam para a juventude. Há, no entanto, neste caso, um fato original — a violenta revolta (mesmo que inconsciente) contra esta idolatria.

Erotismo na literatura

Dois livros sôbre homossexualismo, **Giovanni,** de James Baldwin e **Nossa Senhora das Flôres,** de Jean Genet, vão reativar no Brasil a discussão sôbre o erotismo, obscenidade e pornografia. Não há regras fixas para julgamento do assunto a não ser no chamado mundo comunista, onde são proibidas obras com explícito conteúdo sexual.

A Suprema Côrte dos EUA já tentou analisar em profundidade a matéria, mas sua jurisprudência acabou aumentando a confusão. Em 1960, julgando uma decisão do Estado de Illinois que proibia alguns romances de Henry Miller (entre os quais **Trópico de Câncer** e

Trópico de Capricórnio), liberou-os todos. A decisão dos magistrados foi contraditória. Definiu como obscena a obra destinada a suscitar atos não permitidos, ou condenados, pela convenção moral de qualquer comunidade, ressalvando, porém, que essa regra só se aplicava a trabalhos "inteiramente destituídos de mérito artístico". Desde então, todos os comerciantes de pornografia nos EUA passaram a valer-se de testemunho de críticos de aluguel para justificar a qualidade estética de sua mercadoria.

Em 1966, a Suprema Côrte deu um recuo aparente, ao sustentar a condenação de Ralph Ginzburg, editor da revista **Eros.** O forte da revista era sexo, mas temperado — por precaução — com artigos e reportagens de fundo sociológico e cultural. Mas uma vez, porém, os juízes fugiram ao assunto: Ginzburg foi para a cadeia porque **Eros** era enviada pelo correio (que, sob as leis americanas, está regido por total puritanismo). O conteúdo de **Eros** não entrou em pauta.

A perplexidade dos magistrados é compreensível. A moral varia no espaço e no tempo. O Papa Leão X mandou construir um teatro especialmente para ver **A Mandrágora,** de Maquiavel, peça que abona o adultério e é anticlerical. Em plena inquisição espanhola, os reis católicos da península Ibérica riam dos palavrões de Gil Vicente. Na Roma Imperial, os Antoninos toleravam e praticavam o homossexualismo em grande escala, hábito que o velho Catão considerava criminoso na Roma Republicana. Em plena Revolução Francesa, o Marquês de Sade foi prêso, mas, hoje, é discutido com interêsse por Simone de Beauvoir.

A famosa "moral burguesa" surgiu com a Revolução Industrial, quando os primeiros operários eram obrigados a trabalhar 18 horas por dia, e o mínimo de divertimento lhes era permitido. A moral é sempre determinada por condições sociais. Todos os regimes que exigem sacrifícios profundos do povo são moralistas. A Revolução Comunista propunha o amor livre. Quando se tratou de desenvolver econômicamente a URSS, à custa de duro trabalho dos camponeses, Stálin restabeleceu a moral puritana. Na China de hoje, o ato sexual é combatido pelas autoridades, só sendo aconselhado depois do casamento.

Os artistas sempre se rebelaram contra êsse estado de coisas, defendendo o direito de apresentar a realidade como a vêem. Os dois maiores gritos de protesto, de nosso tempo, contra o puritanismo, são **O Amante de Lady Chatterley,** de D. Lawrence, e **Ulisses,** de James Joyce. Lawrence pregava em seu livro um profundo sensualismo como meio de comunicação entre os sêres humanos. E Joyce revelou o funcionamento de nossa mente, sensibilidade e sensações em tôda a sua intimidade inconsciente. **Ulisses** foi liberado nos EUA, em 1933, numa sentença que mudaria o rumo das coisas. A sentença era do Juiz Woolsey, do Tribunal Federal de Nova Iorque. Com ela, inaugurava-se a jurisprudência do "mérito artístico". Em 1959, a Grã-Bretanha permitiu a liberação de **Lady Chatterley,** depois de um julgamento onde foram ouvidos os principais intelectuais do país e mais dois bispos anglicanos.

Há nisso tudo um anacronismo inevitável. A moral defendida contra Joyce e Lawrence há muito não tinha mais utilidade social diante da prosperidade econômica dos EUA e Grã-Bretanha. Mas, infelizmente, o progresso material da humanidade é muito mais rápido do que o cultural.

Baldwyn e Genet são, antes de tudo, artistas. Suas obras devem ser julgadas não pela inteligência policial, restrita a regras estreitas e repressivas, mas, sim, pela qualidade do que produzem. Tôda a jurisprudência moderna caminha para a liberalização cultural, admitindo que os excessos de liberdade (não raro indo à libertinagem) são menos perniciosos do que o obscurantismo da censura. A própria Igreja Católica aboliu o Index de livros. O tempo moderno exige um reencontro com a verdade, por mais dolorosa e negativa que seja.

Entre na roda do samba

Você, algum dia, já tentou fazer uma lista dos sambas mais bonitos que conhece? Ou dos compositores populares que mais admira? Isso não é sugestão para uma brincadeira como outra qualquer. Afinal, o samba está comemorando, êste ano, seu cinqüentenário, e nada mais justo do que recordarmos seus grandes momentos. Mas há ainda outro motivo para esta sugestão. Três jovens compositores, talvez os mais importantes da nova geração, também foram submetidos ao mesmo teste. Faça sua lista e compare-a com as de Chico Buarque, Gilberto Gil e Edu Lôbo, que vão mostrar, com critérios diferentes, as obras que mais os influenciaram, nestes cinqüenta anos de samba.

Chico Buarque, em quem muitos vêem o toque de Noel, no seu **Rita,** e de Ataulfo Alves, em **Quem te viu, quem te vê,** começa a lista com **Jura** de Sinhô, "o primeiro grande samba". **Carinhoso,** de Pixinguinha, "é o modêlo insuperado do chôro". A seguir, Chico aponta o Noel de **Quando o samba acabou,** "exemplo do samba narrativo bem ao seu estilo". Vem depois **Se você jurar,** de Ismael Silva. "obra-prima do mais representativo sambista do morro carioca". Lamartine Babo, "dono das marchinhas carnavalescas, o gênero mais cantável de nossa música", comparece com **Linda Morena.** Daí, Chico vai ao estilo boêmio de Orestes Barbosa e Sílvio Caldas, no **Chão de Estrêlas.** Vem, então, o clássico **Amélia,** de Ataulfo Alves e Mário Lago. Só então deixa de lado o saudosismo. E cita **João Valentão** de Caímí, "um caso à parte, fora de qualquer escola", e a bossa-nova de Tom e Nílton Mendonça no **Chega de saudade,** e no **Pra que chorar,** de Baden e Vinícius.

Gilberto Gil tem outra forma de escolher. "Não são as de que mais gosto. São as que marcam fases." E começa com **Pelo telefone,** de Donga, a primeira vez que aparecia a palavra **samba** impressa num disco. Isso foi em 1917. Cita **Carinhoso,** fase inicial do desenvolvimento em têrmos de harmonia e melodia ("insuperável"). Depois **Feitio de oração,** de Noel; **O que é que a baiana tem** de Caímí, "porque é de Caímí, e só"; **Aquarela do Brasil,** de Ari Barroso, samba exaltação, "conseqüente do espírito do Estado Nôvo"; **Risque,** do mesmo Ari, como "o apogeu do samba-canção, depois de anos de influência do **fox** e do **bolero,** no pós-guerra"; e **Asa branca** de Luís Gonzaga e Humberto Teixeira. Gilberto Gil acha importante também o **Chega de saudade,** de Tom e Nílton Mendonça: "Marca o início da bossa-nova, música representativa de uma classe que ascendia na escala social durante o govêrno JK. Era a correspondência, na música, da euforia do desenvolvimento." E encerra com a **Banda,** de Chico Buarque, e **Disparada,** de Geraldo Vandré e Téo, sucessos do Festival do ano passado na Record, de São Paulo. A primeira como "um grito contra o preciosismo que surgia em setores da bossa nova", e a segunda "pela busca de novas formas de regionalismo". Gil faz questão de ressaltar o valor de Baden Powell, que só não citou "porque êle e Tom são a mesma coisa. Questão de data".

Por fim, a seleção de Edu Lôbo. Embora não esqueça de citar Donga, sua discoteca básica começa com Pixinguinha, com o **Carinhoso,**

SEGUE

Com Traveler's Checks "Citibank" você faz o mesmo que faz com dinheiro (paga, compra, troca) A diferença é que dinheiro (que pode ser perdido, destruído e até roubado) não possui 25.000 pontos de reembôlso, como os Traveler's Checks "Citibank".

Você é imediatamente reembolsado em caso de perda, roubo ou destruição dos seus Traveler's Checks "Citibank" — por isso (e muito mais) êles são melhores que dinheiro.

Há mais de 25.000 pontos de reembôlso às suas ordens, no mundo inteiro.

E os Traveler's Checks "Citibank" valem como dinheiro a qualquer hora, em qualquer parte do mundo, à taxa do dia.

Traveler's Checks "Citibank" nunca perdem o seu valor: são válidos para sempre.

Nos valôres de 10, 20, 50, 100, 500 e 1.000 dólares.

Traveler's Checks "CITIBANK"

FIRST NATIONAL CITY BANK NEW YORK

71.260

Filiais em:
Belo Horizonte • Brasília • Campinas • Curitiba • Pôrto Alegre • Recife • Rio de Janeiro • Salvador • Santos • São Paulo.

"primeiro grande samba, de quem se deve comprar todos os discos achados na praça". O segundo é Noel, "todos os discos também, mas **Com que roupa** é dos melhores." Ari Barroso, "mineiro de nascimento, baiano por vocação", é quem se segue, com o samba-exaltação, principalmente nos discos gravados por Orlando Silva." E, de repente, Caímí. Todos os discos, é lógico, principalmente o **Caímí e o mar".** Em seguida, Ataulfo de **Amélia** e **Pois é,** Luisinho Eça do LP **Luís Eça e cordas,** João Gilberto, "com restrição ao disco gravado com o americano Stan Getz", e Baden, "todinhos". Sem esquecer de Tom, "o nosso Papa".

Na elaboração de uma lista como esta, cabe a última instrução de Edu Lôbo: "Música popular não é o que se canta **muito,** a curto prazo, mas o que se canta **sempre."**

Brasileiro só lê o que sobra

O grande **best-seller** dos últimos tempos em tôda a Europa foi o romance "A Noite dos Generais", do alemão Hans Helmut Kirst. O êxito foi tanto, que, baseado em sua história, extraiu-se o roteiro para um filme com o ator Peter O'Teole. "A Noite dos Generais" já existe em tradução portuguêsa, mas, no entanto, a não ser por acidente, o leitor brasileiro nem tomará conhecimento desta obra da moderna ficção alemã.

Isto porque a tradução foi feita em Portugal. E as editôras de lá bloqueiam as nossas, controlando a maior parte dos títulos estrangeiros para tradução em português. Eis o que aconteceu com "A Noite dos Generais": a Publicações Europa América, de Lisboa, comprou da editôra alemã, proprietária dos originais, os direitos universais para tradução em língua portuguêsa. E a principal distribuidora da Publicações Europa América no Brasil — a livraria Livros de Portugal — reconhece que não tem um sistema de vendas que lhe permita importar o suficiente para satisfazer nosso mercado.

Assim "A Noite dos Generais" não venderá no Brasil nem dez por cento do que poderia vender, se fôsse produzido por qualquer de nossas grandes editôras. Da mesma maneira, muitos livros didáticos sofrem as mesmas consequências, "num prejuízo considerável à cultura brasileira", como admite o editor Jorge Zahar. A maioria dos estudantes, principalmente os de nível universitário, não tem sequer noção da quantidade de livros de autores europeus e americanos traduzidos para a nossa língua e que não chegam ao Brasil. O próprio Jorge Zahar sentiu o problema recentemente, quando tentou comprar os direitos da "História Social da Arte", de Arnold Hauser, e o "Outono da Idade Média", de Huizinga. Já estavam com editôres portuguêses. Ênio Silveira, diretor da Civilização Brasileira não teve melhor sorte: tôda a obra de William Faulkner, "Os Moedeiros Falsos", de André Gide, "Filhos e Amantes" de D. H. Lawrence, também lhe interessavam, mas já tinham sido comprados em Portugal.

Como resolver êste problema? Por que é que Portugal, com oito milhões e meio de habitantes, tem mais facilidade para obter os direitos na Europa do que o Brasil com oitenta milhões? Os editores europeus sabem que o Brasil é mais mercado, mas parecem não acreditar em nossa indústria editorial.

Ficam então duas saídas. A primeira, antipática, tem base jurídica: modificar o texto da lei aprovada durante o govêrno Kubitschek, que diz ser "livre a importação de livros em língua estrangeira ou, em português, quando editados em Portugal". Se a lei fôsse alterada, o livro traduzido em Portugal e vendido aqui se tornaria tão caro, por causa das taxas alfandegárias, que ninguém mais compraria, e os editores europeus mudariam sua política. A segunda seria de caráter prático. Considerando que nossa tradição editorial é pràticamente nenhuma, e talvez por isso ainda não se impôs aos editôres estrangeiros, seria o caso de o govêrno brasileiro divulgar, no exterior, o nosso desenvolvimento industrial neste setor, sobretudo a partir de 1960. Assim, os adidos culturais das embaixadas poderiam ser mobilizados para uma campanha publicitária inteligente.

Mas nada disso adiantará, se não forem criadas condições legais para impedir que algumas editôras e órgãos de imprensa continuem a enganar a legislação internacional de direitos autorais, prejudicando o trabalho das editôras mais sérias. Ênio Silveira estava interessado numa entrevista de Fidel Castro, publicada pela revista americana **Playboy.** Escreveu aos editôres pedindo o preço da reprodução. Quando a resposta chegou, a entrevista já havia sido reproduzida num dos nossos maiores jornais, que nem sequer consultara a revista. Há, ainda, o caso de editôres que, mesmo depois de assinar contratos com autores estrangeiros, ou com as editôras que possuem os direitos sôbre determinado livro, pagam apenas a quantia referente à compra dos direitos de tradução, e jamais enviam para o exterior a percentagem sôbre o que o livro está rendendo no Brasil.

Enquanto não se solucionam todos êstes problemas, o leitor brasileiro continuará perdendo grande parte das boas obras estrangeiras. E mesmo quando consegue algum livro, editado em Portugal, encontra traduções que para serem entendidas podem até exigir a consulta a um Dicionário Português-Brasileiro. A própria edição de "A Noite dos Generais", publicada em Lisboa, serve de exemplo. Eis o trecho que se lê em suas duas primeiras páginas:

"O cadaver jazia de borco... O homem se espencara no meio do quarto... batendo ao de leve no seu casado de cabedal, de um brilho mate, aproximadamente no sítio onde seria supor guardar o coração."

Crítica não é charada

Dia a dia aumenta a distância entre a crítica cinematográfica e o grande público. Pois ela se afasta cada vez mais de seu papel, que é esclarecer o leitor sôbre um determinado filme. Utiliza fórmulas sofisticadas, charadas mentais e citações eruditas o que, além de não explicar coisa nenhuma, ainda afugenta o espectador do cinema. O que aconteceu recentemente com **Terra em Transe,** de Glauber Rocha, serve para ilustrar a situação.

Terra em Transe é um filme complicado para o espectador comum. A narração não é feita em ordem cronológica, os personagens não são fàcilmente reconhecidos **(bandido e mocinho),** a história gira em tôrno dos problemas políticos de um intelectual (o poeta interpretado por Jardel Filho). E êsses problemas atingem, é claro, apenas a chamada intelectualidade brasileira. Diante disso, qual seria o papel da crítica? **Traduzir** o filme de Glauber para o grande público. No entanto, esquecida de que seus jornais se dirigem a um tipo de leitor inteiramente diferente do que ela gostaria que fôsse, a crítica complicou ainda mais o filme.

De saída, um exemplo tirado da coluna de um jornal carioca:

"Glauber sabe que a obra aberta é um fato inevitável e a arte barrôca a consagração do dinamismo, da indeterminação do efeito, a negação do definido e do estático renascentistas, da visão privilegiada, unívoca, frontal".

Outra crítica do Rio: "Os filmes de Glauber Rocha agem direta e imediatamente sôbre uma pequena camada mais intelectualizada e politizada". Adiante o autor — favorável a **Terra em Transe** — diz que o filme é "confuso e imaturo como sua terra e sua gente". Então vem a pergunta: por que o crítico, além de constatar, não procurou, através da interpretação e análise, contribuir para a maior compreensão do filme, revelando o que considera escondido pela confusão e imaturidade?

Carlos Diegues, autor de **A Grande Cidade,** tem uma resposta: "Pouquíssimas vêzes li um crítico interpretando o pensamento de Glauber, tentando fazer um esfôrço para apreender suas idéias, imaginar a turbulência de um talento angustiado com a situação de nosso país. Um filme de tanta importância foi cercado e reduzido a têrmos simplistas — ninguém (salvo alguns parágrafos) se deu ao trabalho de desvendá-lo. Foi mais fácil dizer **confuso, brilho falso, exagerado,** etc."

Isso, evidentemente, não ajuda o leitor comum. E é êsse leitor que forma a grande massa dos espectadores de cinema, da qual ficam de fora apenas "os iniciados nas práticas secretas das salas escuras", como os classifica o crítico e cineasta Gustavo Dahl.

Mais exemplos tirados da crítica servem para mostrar a distância entre ela e público. "A idéia é boa, mas a realização é frustrada" — foi a conclusão de uma delas. Isto prova que, muitas vêzes, os críticos não falam do que é o filme, mas do que **devia ser.**

Um outro crítico carioca — inimigo feroz do Cinema Nôvo — aproveitou o pretexto de **Terra em Transe** para ir além, afirmando que o filme é "uma espécie de **O Desafio** esteticista". Para quem não viu **O Desafio** de Paulo César Sarraceni, a crítica resultou inútil.

Mais felizes, em geral, que seus colegas cariocas, nem por isso os críticos paulistas deixaram de apelar para as fórmulas acadêmicas: "Pequenos erros gramaticais existem em **Terra em Transe:** os fracos momentos realistas, em contradição com a forte linguagem figurada e metafórica; certos **longueurs** desnecessários; um que outro tempo morto". Aqui, também o espectador paulista ficou **por fora.**

Um segundo crítico de São Paulo achou que "por mais complexa que seja a história, na verdade ela é bem simples". Mas, apesar disso, não se deu ao trabalho de abrir a porta da simplicidade aos seus leitores.

Os exemplos não têm fim. Outros filmes polêmicos virão, para confirmar o despreparo ou o irrealismo da crítica cinematográfica brasileira. Enquanto isso, ela vai formando uma estranha casta de apóstolos de cinematecas, capazes de tiradas como esta:

"O filme é uma **droga,** mas o diretor é **genal".**

Antes do filme, o castigo

Com um ôlho no visor da câmera de 16 milímetros e outro na possibilidade de escrever seu nome ao lado de Orson Welles, Godard e Buñuel, o cineasta amador realiza o primeiro curta-metragem. O filmezinho de 10 ou 15 minutos poderá ser uma boa amostra de seu talento, o que animará algum produtor a empregar dinheiro em um longa-metragem.

No Brasil tem sido assim: o curta-metragem de ficção ou documentário já revelou muitos cineastas. Joaquim Pedro fêz poesia com **Couro de Gato;** Paulo César Sarraceni fêz crítica social com **Arraial do Cabo;** e Glauber Rocha também não deixou de começar pelo amadorismo, com **O Pátio.** Mas o grande público só ficou conhecendo Joaquim Pedro, Sarraceni e Glauber Rocha depois que fizeram os longas-metragens, **O Padre e a Môça, O Desafio** e **Deus e o Diabo na Terra do Sol.**

Poderão os cineastas amadores de hoje seguir o mesmo caminho?

O Festival do Cinema Amador JB-Mesbla, do Rio, é o seu único estímulo, atualmente. Jean Manzon é seu grande competidor no plano comercial, ao lado de Herbert Richers e

SEGUE

Mamãe, como é que eu nasci?

Papai, é verdade que eu sai de dentro da mamãe?

Mamãe, quando é que eu posso ser mãe?

Papai, eu posso beijar a minha namoradinha?

Mamãe, quando é que a gente fica mulher?

Papai, é verdade que a masturbação faz mal?

Se você é capaz de responder estas perguntas a uma criança, (sem dificuldades) então você não precisa dêstes livros.

1 É NATURAL
Para crianças de 4 a 8 anos NCr$ 2,50

2 SEMPRE FOI ASSIM, É NATURAL
Para crianças de 9 a 12 anos
NCr$ 2,50

3
JÁ É TEMPO DE SABER
Para adolescentes de 13 a 16 anos
NCr$ 5,50

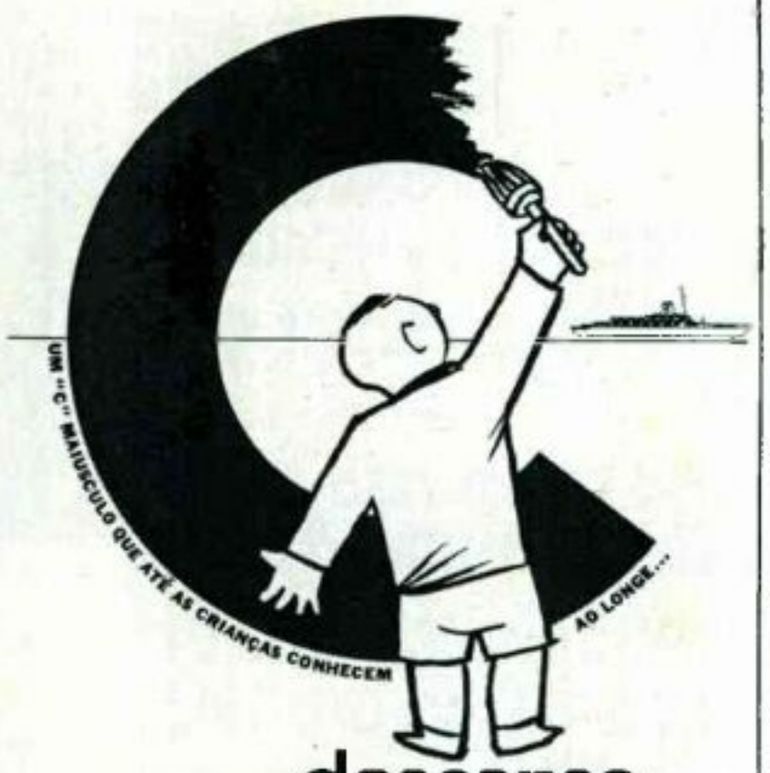
Êstes livros são indispensáveis para professores, pais, psicólogos e educadores.
Temos à sua disposição uma equipe de psicólogos especializados que poderão orientá-lo na aplicação dêstes livros.
Você pode encontrar êstes livros em tôdas as livrarias, ou então solicite pelo reembolso postal para a:

LIVRARIA BRASILIENSE
Rua Barão de Itapetininga, 93 - 12.º
tel.: 36-2423 - S. Paulo - Capital
Livros Nacionais e Estrangeiros

1 Envie-me.....exemplar(es) de "E natural"
2 Envie-me.....exemplar(es) de "Sempre foi Assim, é Natural".
3 Envie-me.....exemplar(es) de "Já é tempo de saber".

Nome.....
Endereço.....
Tel.....
Assinatura.....
Não mande dinheiro agora.

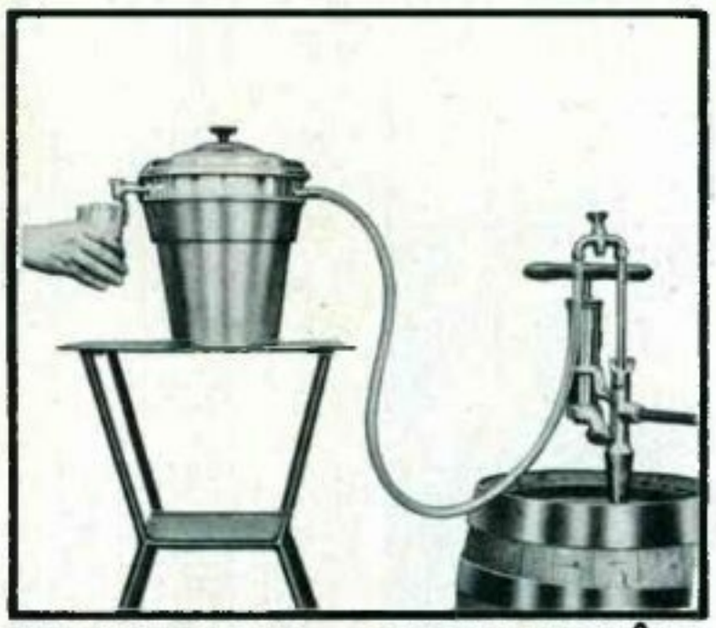
a. b. correa propaganda



descanse viajando em navios de tradição à Europa e Prata

"C"

S. PAULO - Rua 7 de Abril, 97
Tels.: 35-1456 - 35-0328
RIO - Av. Rio Branco, 4 - 7.º
Tels.: 43-7691 - 43-3704
SANTOS - R. Riachuelo, 73 - 1.º
Tels.: 2-8782 - 2-8537



REFRIGERADOR - BALDE DE GÊLO

RECORDE

GELA: CHOPES
CHAMPANHA • UISQUE • VINHO
ÁGUA • LEITE • SUCOS

na hora de servir, você terá seu chopes ou qualquer outra bebida servida a 0.º C. Muito mais gostosa, gelada instantâneamente ao atravessar o REFRIGERADOR - BALDE DE GÊLO RECORDE.

METALÚRGICA RECORDE
J. M. FERNANDES S. A.
R. dos Gusmões, 118 - Tel. 34-4900 - S. Paulo

roteiro / CONTINUAÇÃO

Nos documentários a marca do patrocinador aparece "sutilmente".

Carlos Niemeyer (Canal 100), no Rio; Primo Carbonari e Leides Rosa em São Paulo, que são os donos da produção de cine-jornais no Brasil. Os filmes de Manzon, Richers e Niemeyer têm elevado nível técnico, mas tanto êles como Leides Rosa e Carbonari pretendem a mesma coisa: fazer publicidade, sem contribuir para a expansão do cinema brasileiro.

Os textos de Carbonari e Leides Rosa são de mau gôsto. E Manzon, mesmo com a boa voz do locutor e o padrão técnico, não consegue encobrir alguns artifícios. Êle já filmou tanto, que agora está usando cenas de estoque para "completar" os filmes. Cada documentário dêsses, enfim, é uma publicidade disfarçada. Os patrocinadores, além de pagar pelo filme, ainda pagam — e caro — pelo direito de exibição nas melhores salas. Assim, é muito difícil para o cineasta amador furar o bloqueio, pois os proprietários dos cinemas já estão comprometidos com os anúncios filmados.

Nosso longa-metragem é protegido pela lei que obriga a exibição de um filme brasileiro por oito estrangeiros. Mas o curta-metragem não tem proteção alguma.

O Instituto Nacional de Cinema, criado por decreto em fins do govêrno Castelo Branco, está estudando a possibilidade de conceder a classificação de **categoria especial** aos curta-metragens, segundo seu nível técnico, cultural ou educativo. Uma vez incluídos na classificação, êsses curta-metragens receberiam os mesmos benefícios da lei de obrigatoriedade que protege os longa-metragens.

Em recente entrevista, porém, o nôvo diretor do Instituto Nacional de Cinema, sr. Durval G. Garcia, declarou que não tem condições de financiar curta-metragens de expressão **artística,** pois vai dar preferência ao filme **educativo.**

Educativo ou artístico, o importante para os cineastas amadores, hoje, é ser enquadrado na **categoria especial,** o que pode garantir pelo menos proteção dupla.

Uma para o cineasta jovem, que ganharia amparo legal para divulgar sua arte. E outra pra o espectador, que, embora inocente, tôda vez que vai ao cinema, é obrigado ao castigo de suportar documentários que terminam, invariàvelmente, com: "Agradecemos a colaboração da indústria "X" na realização dêste filme".

Indicações

LIVROS

PARIS JÁ ESTÁ ARDENDO? — Dominique Lapierre e Larry Collins, Editôra Difusão Européia do Livro, NCr$ 12,00 — Hitler, num acesso de fúria, ordena que o general Choltiz arrase Paris, só deixando "escombros fumegantes". Documentando-se nos arquivos de Eisenhower e do Alto Comando Nazista, um repórter americano e um francês reconstroem a heróica libertação da cidade: os "maquis" enfrentam as torturas da Gestapo e a população civil se lança contra os tanques alemães, numa desesperada luta contra o tempo.

A ARTE DE SER MULHER — Carmen da Silva, Editôra Civilização Brasileira, NCr$ 7,00 — Esta série de artigos publicados na revista "Claudia", agora em segunda edição, forma um "guia para seu comportamento" e um plano estratégico para libertar a mulher brasileira da sua masmorra de quatro paredes: o lar, os filhos, a vaidade e o ócio, chamando-a a desempenhar um papel ativo na nossa sociedade.

PERSPECTIVAS DE UMA ECONOMIA INTERNACIONAL — Gunnar Myrdal, Editôra Saga, NCr$ 3,00 — Um grande sociólogo sueco denuncia a marginalização das economias dos povos subdesenvolvidos

SEGUE

o gálaxie também foi feito para tornar as mulheres bonitas mais bonitas.

interpretando as justas aspirações das senhoras e senhoritas com relação aos automóveis, a ford fêz o gálaxie com duas preocupações fundamentais: (a) um certo exagêro no contrôle de qualidade para garantir desempenho de absoluta confiança. isso evita os pecados de alguns carros que criam embaraços mecânicos nos momentos mais inconvenientes. (b) estilo sóbrio, linhas equilibradas, oito côres básicas para o carro e quatro para o estofamento. o gálaxie ficou tão bonito que embeleza as mulheres. e tem mais: a direção hidráulica do gálaxie é surpreendentemente macia - a ford pensou até no confôrto de seu motorista.

Veja "James West" tôdas as semanas no Canal 9 de S. Paulo, Canal 2 do Rio, Canal 12 de P. Alegre, Canal 7 de B. Horizonte, Canal 12 de Curitiba e Canal 2 de Recife.

Ford Gálaxie Ford

no plaza hotel você estabelece um prolongamento de seu escritório, para facilitar seus negócios (isso, além da hospitalidade gaúcha e do cardápio internacional)

MONBUREAUESTAUSSI A PÔRTO ALEGRE

salimen & franchini

PLAZA HOTEL PÔRTO ALEGRE

roteiro / CONTINUAÇÃO

pelas barreiras alfandegárias das nações industrializadas. E a sociologia confirma a Encíclica "Populorum Progressio": ou os países ricos se solidarizam com os dois terços pobres da humanidade ou o mundo se desintegrará.

JACK, O ESTRIPADOR — Tom A. Cullen, Editôra Nova Fronteira, NCr$ 9,00 — A verdade supera a imaginação nesta história de horror sucedida em Londres no fim do século passado. A Scotland Yard jamais conseguiu identificar o assassino que mutilava prostitutas de meia-idade, desafiando a polícia em bilhetes sarcásticos.

PAPÁ HEMINGWAY — A. E. Hotchner, Editôra Civilização Brasileira, NCr$ 8,50 — Retratado com lucidez e afeto pelo seu amigo, o jornalista Hotchner, o romancista americano Hemingway emerge desta evocação como um grande escritor angustiado pela sobrevivência da sua arte, ameaçada pelo jornalismo profissional, identificado com a Espanha no seu viril desprêzo pela morte, até o seu suicídio.

ANTOLOGIA EUCLIDIANA — Prefácio e organização de Paulo Dantas, Livraria Pioneira, NCr$ 5,00 — Êste resumo de "Os Sertões" tira-lhe o aspecto de leitura pesada e é roteiro para compreensão de um dos maiores escritores brasileiros.

AS DROGAS E A MENTE — Robert S. De Ropp. Edição Ibrasa, NCr$ 8,00 — O autor coloca de forma convincente que já entramos não só na era atômica mas também na era psicoquímica, em que ditadores poderão controlar o cérebro de populações inteiras ou a medicina poderá banir a loucura e as neuroses. Alguns exemplos: num ano, os americanos gastaram 150 milhões de dólares em tranqüilizantes; o LSD vem ajudando a cura de neuróticos e a esquizofrenia é tratada atualmente com mescalina.

PAPAVERUM MILLOR — Millor Fernandes, Editôra Prelo, NCr$ 2,50 — Não existe, em português, leitura mais amena do que a dêstes versos ilustrados liricamente pelo nosso melhor humorista e chargista. Em seu talento se mesclam melancolia mal velada e visão divertida e benévola dos homens.

CINEMA

TERRA EM TRANSE — Caótico, confuso, mas com lampejos de extraordinário talento, "Terra em Transe" reflete a realidade brasileira: barrôca mas rica de promessas, idealista mas ainda amorfa. É um grande passo à frente de "Deus e o Diabo na Terra do Sol" pela angustiada meditação sôbre o homem dentro de uma estrutura subdesenvolvida, onde é vítima e agente.

OPINIÃO PÚBLICA — Presunçoso e vazio, êste documentário de Arnaldo Jabor não cumpre a bela promessa de "O Circo", seu primeiro filme. Revela sintomas de esquerdismo juvenil, sem analisar a verdadeira classe média, sua alienação e seus valôres.

O CASO DOS IRMÃOS NAVES — Não foi feliz o diretor paulista Sérgio Person. A mera documentação, pela imagem, de um processo jurídico infamante para uma nação, é uma alegoria crítica ao regime vigente. As correspondências seriam entre Vargas e Costa e Silva, o militarismo e o fanatismo de um delegado sádico de Minas Gerais, a violência contra irmãos inocentes brutalmente torturados e a violência social da opressão feudal no interior do Brasil. Mas a execução ficou aquém da idéia inicial.

A MORTE NÃO MANDA AVISO — O roteiro escrito pelo inglês Harold Pinter, aliado a um grande elenco e à magnífica direção de Michael Anderson, resulta no mais eletrizante filme de espionagem do ano. Filmado na Berlim atual, com seu sinistro ressurgimento do movimento nazista, é desaconselhável aos cardíacos e supera Hitchcock na arte do suspense.

O ANJO EXTERMINADOR — Embora inferior à obra-prima que é "La Viridiana", êste filme de Buñel — espanhol e anarquista — tem os defeitos de uma produção mexicana. Mas Buñuel atinge aqui um dos mais altos momentos de sua perturbada e pertubadora visão do mundo.

O EXÉRCITO DE BRANCALEONE — O diretor Monicelli, que já assinara um perfeito filme social "Os Companheiros", demonstra a sua versatilidade nesta brilhante comédia em belíssimas côres. Vittorio Gassman faz rir e Catherine Spaak sorrir, de tanta beleza.

DISCOS

LOUVAÇÃO — De Gilberto Gil, Gravação Philips R. 765.0051 — O sertão e os astronautas servem de inspiração para o lírico e popular compositor baiano, que tanto canta "Água de Meninos" quanto o "Lunik 9", com calor e espontaneidade.

ROSA DE OURO, Vol. 2 — O melhor "show" de samba já organizado no Brasil (por Hermínio Belo de Carvalho) volta ao disco nesta segunda parte, com os mesmos intérpretes, entre os quais se destaca Clementina de Jesus.

BOB DYLAN, Bringing it All Back Home, CBS Mono 37490 — O grande cantor americano e seu mundo caótico e mágico de ácido lisérgico, folclore e protesto. Esplêndidas melodias.

BACH: A OFERENDA MUSICAL (Das Musikalische Opfer), regência de Hermann Scherchen, Gravação Westminster WMLP 12102 — Improvisando diante do Rei Frederico, o Grande, da Prússia, Bach construiu um dos mais sublimes monumentos da música, que culmina na lírica triosonata para flauta, violino e baixo-contínuo. Interpretação que não pode faltar na discoteca dos admiradores de Bach.

TEATRO

MARAT—SADE — O ator alemão Peter Weiss prejudicou a sua idéia genial (uma peça dirigida pelo Marquês de Sade num asilo de loucos) com um texto grandiloqüente. Excelente direção de Ademar Guerra. Rubens Correia vive de forma inteligente a figura do Marquês de Sade. No Teatro Nídia Lícia, São Paulo.

DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA — Os cariocas podem comprovar agora, no Teatro Nacional de Comédia, que um dos mais vigorosos talentos da nossa dramaturgia vem de São Paulo: Plínio Marcos revoluciona o nosso teatro com os seus dois indigentes em luta mortal por um par de sapatos.

A PENA E A LEI — No Teatro de Arena, do Rio é o Nordeste de Ariano Suassuna que enriquece o nosso teatro com esta farsa. Um auto cristão divertido e humano superior à "Compadecida", outra peça do autor — é também uma oportunidade para Agildo Ribeiro, no papel de João Grilo.

A VOLTA AO LAR — É possivelmente a mais importante montagem do ano em todo o Brasil. O maravilhoso e selvagem texto do inglês Harold Pinter adquire clima perfeito na direção de Fernando Tôrres e nas interpretações de Fernanda Montenegro e Sérgio Brito. O público, desconcertado pelos palavrões e a ferocidade da condição humana, divide-se entre entusiastas, enojados e desnorteados. Um triunfo de inteligência e de maturidade teatral no país. No Teatro Gláucio Gil, Rio.

ISSO DEVIA SER PROIBIDO — Tirando férias da esgotante encenação de "Virginia Woolf", Cacilda Becker e Walmor Chagas, sòzinhos em cena, vivem as peripécias de um casal em crise de esfacelamento matrimonial. Mas tudo visto sob um prisma leve, amável e, no segundo ato, comovente, marcando também a estréia de Walmor como co-autor do texto de Bráulio Pedroso, feito de propósito só para divertir, entreter e emocionar o grande público, o que consegue plenamente. Teatro Cacilda Becker, São Paulo.

BLACK-OUT — Dosando o mêdo da platéia até o final apavorante, o diretor Antunes Filho vem tendo um merecido sucesso com esta peça do norte-americano Frederick Knott. Eva Wilma, cega, enfrenta três viciados em drogas, um dos quais vivido exemplarmente por Ivã de Albuquerque. FIM

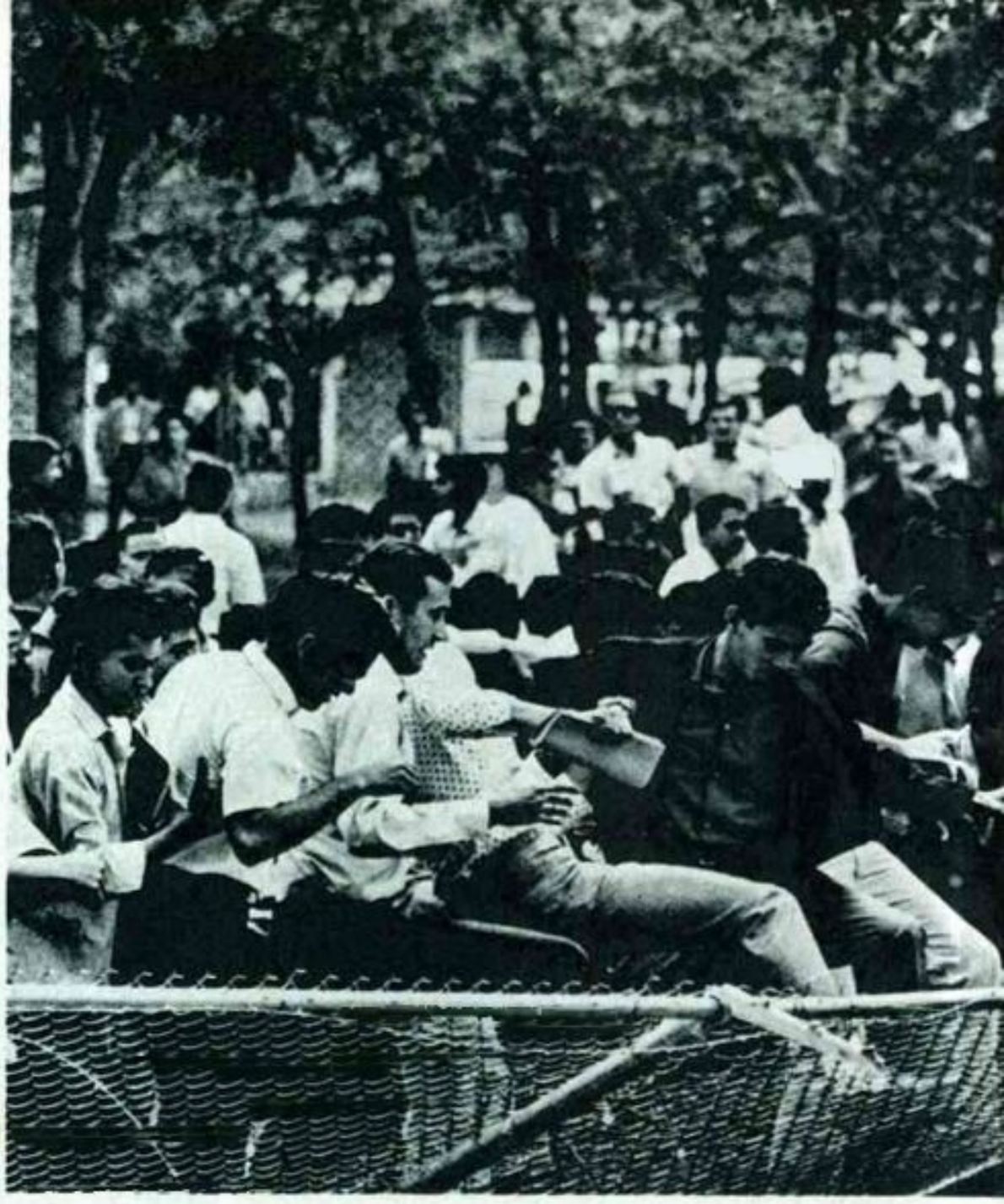
para você!

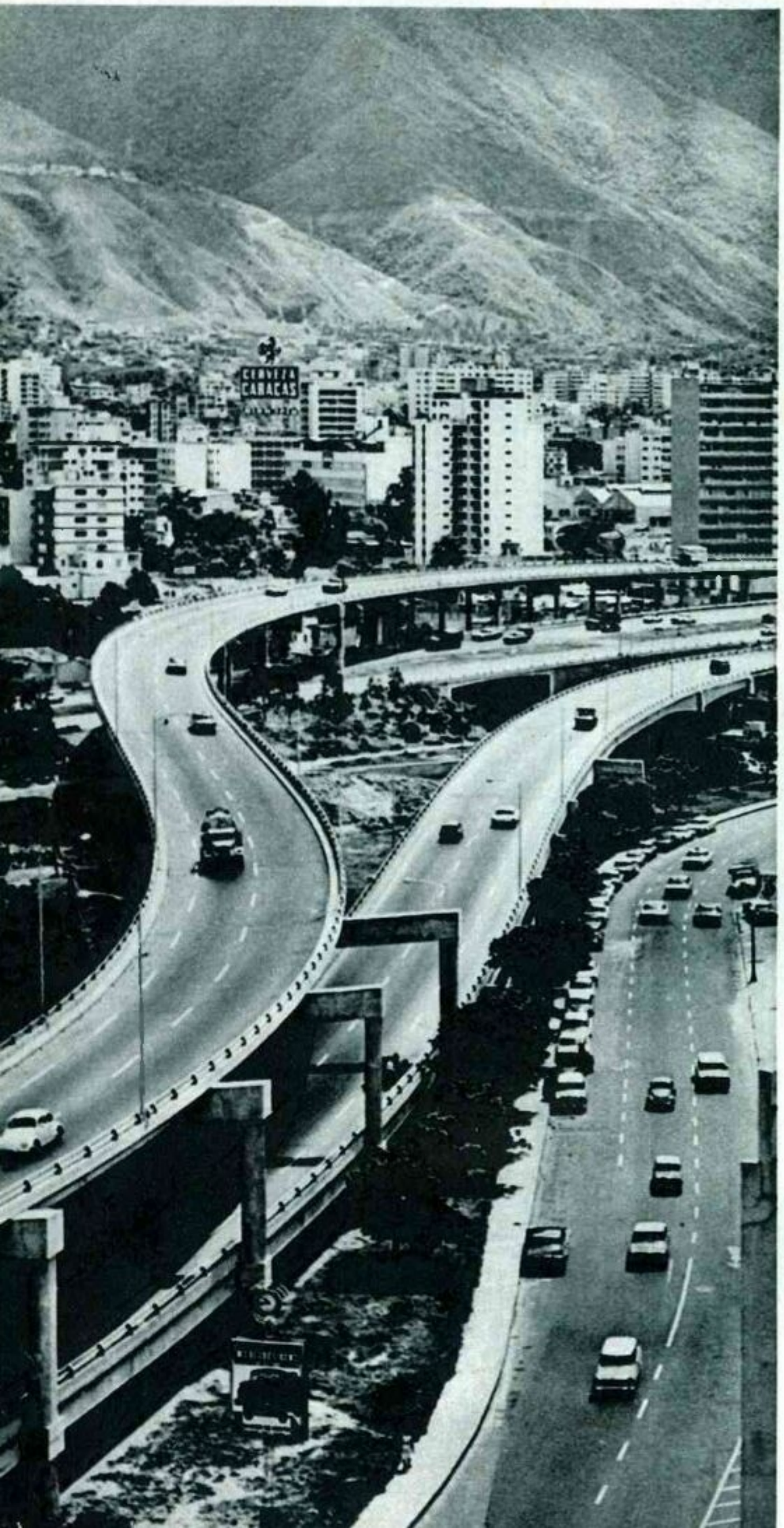
VOCÊ VAI GOSTAR! ESPERIMENTE...
Antisardina lança também "para você"
o Desodorante ODOREX

em nova embalagem com nôvo perfume a mesma qualidade

Sim, a mesma qualidade que vem atuando de forma ativa para a saúde e beleza da sua pele. ANTISARDINA, é o ÚNICO CREME que promove um real tratamento científico contra todas as imperfeições da pele do rosto e de TODO O CORPO. *Consulte a bula com atenção e use de acôrdo com o seu caso.

Antisardina
o segrêdo da beleza feminina




CIUDAD
CARACAS

O Partido Comunista acusa Fidel Castro de irresponsável; nas montanhas, os guerrilheiros respondem que os comunistas são traidores; o govêrno mantém nas prisões, em condições desumanas, mais de 800 homens acusados de crimes políticos; o povo ainda ouve Carlos Gardel e 20 por cento da população da capital vive em favelas; há 29 partidos disputando o poder. Tudo isso acontece num país enriquecido pelo petróleo, onde a renda per capita é três vêzes maior que a do Brasil. É a Venezuela

NOSSO RICO, VIOLENTO E CONFUSO VIZINHO

Reportagem de Milton Coelho

Pablo, Manuel e Juan deixaram sua pequena vila no interior da Venezuela quase ao mesmo tempo. Seguindo o que 40 mil patrícios fazem todos os anos, tomaram o rumo de Caracas (população: 400 mil em 1957, 800 mil em 1962, um milhão e 700 mil em 1967). Iam atrás de melhores oportunidades.

Pablo é hoje um dos 38 mil empregados das emprêsas de petróleo, onde o salário médio é de dois mil bolívares (1.200 cruzeiros novos). Pablo tem casa própria, com três quartos, financiada pela companhia.

Manuel também conseguiu vaga numa companhia de petróleo, mas logo foi dispensado, quando chegaram equipamentos mais modernos que exigiam menos mão de obra. Depois de alguma dificuldade, deixou a legião dos 100 mil desempregados de Caracas, arranjando o lugar de balconista numa loja. Ganha 500 bolívares (300 cruzeiros novos) por mês. Mora num **rancho** (uma favela melhorada, com casas de tijolos ou madeira), da mesma forma que 20% da população da capital.

Juan arranjou emprêgo num escritório e estudou à noite até entrar na Universidade Central: lá se tornou esquerdista. Um dia, com outros cinco companheiros, deixou a faculdade e foi para as montanhas lutar como guerrilheiro.

A fuga dos três do interior e seus destinos diferentes estão diretamente ligados à história do petróleo da Venezuela. Uma história que começou há 53 anos, exatamente no dia 31 de julho de 1914, quando o poço "Zumaque n.º 1" começou a produzir em escala comercial. Durante meio século, os níveis de produção e exportação subiram sempre, principalmente depois da segunda guerra mundial. Mas os governos, um atrás do outro, foram desperdiçando os enormes recursos proporcionados pelo petróleo e deixaram que duas Venezuelas fôssem surgindo. Uma, próspera, a de maior renda per capita da América Latina, com cidades cheias de carros último tipo e uma classe média acostumada a consumir o que se produz de melhor em todo o mundo; e outra, pobre, que só agora começa a receber os benefícios do petróleo, através de uma política voltada para o desenvolvimento da indústria e da produção agrícola.

Mas há muita coisa a ser feita: 30 por cento da população adulta não sabe ler nem escrever; 170 mil novos empregos são criados por ano, mas nascem 300 mil venezuelanos no mesmo período; e a maior parte do território apresenta os mesmos sintomas de subdesenvolvimento de qualquer outra região latino-americana.

SEGUE

Os guerrilheiros ainda estão nas montanhas, enquanto o candidato cristão ao govêrno promete anistia se as violências acabarem.

Eles querem lutar mais 20 anos

Américo Martin, comandante de um grupo de guerrilheiros, foi presidente da Federação dos Estudantes Venezuelanos

Exatamente agora, porém, a grande riqueza nacional apresenta sinais de crise. Em 1964, pela primeira vez, a produção petrolífera deixou de aumentar. É que a oferta tornou-se maior que a procura — novos produtores, como Líbia e Nigéria, estão expulsando a Venezuela do mercado europeu. Enquanto a União Soviética já desbancou a Venezuela do segundo lugar entre os produtores.

Ao mesmo tempo, surge uma nova ameaça exatamente no maior mercado consumidor: a costa atlântica dos Estados Unidos. Cidades como Nova Iorque e Filadélfia, assustadas com a poluição do ar, estabeleceram que o combustível consumido por suas indústrias não deverá conter, a partir do próximo ano, mais de 0,5 por cento de enxôfre, reduzindo-se essa percentagem progressivamente até apenas 0,1 por cento. Metade das reservas e da produção venezuelanas é constituída por petróleo de alto teor de enxôfre e uma só instalação para eliminá-lo custa um bilhão de dólares.

Finalmente, há o problema das próprias reservas. Segundo cálculos, a Venezuela só tem petróleo para mais 13 anos. A prospecção de novas áreas está parada, porque o govêrno, em 1963, decidiu não fazer mais concessões às emprêsas estrangeiras. As atuais concessões terminarão daqui a 16 anos. Pensando na fabulosa herança que o país receberá em equipamentos, tôda a área restante do país foi reservada para uma companhia estatal, a Corporacion Venezolana de Petroleo. Até aqui, no entanto, a CVP é apenas um elefante branco. Sua participação no conjunto da produção é ridícula e também não obteve até hoje os recursos necessários para a imensa tarefa que lhe jogaram às costas. É preciso procurar mais petróleo já, senão dentro de 16 anos o país receberá instalações espetaculares, mas não terá uma gôta de petróleo nos poços.

Êsses são alguns dos problemas que servem de fundo para o drama político do país e que fazem de Pablo, Manuel e Juan pessoas tão diferentes. Embora fôssem, há poucos anos, três jovens de idéias semelhantes numa vila do interior da Venezuela.

O guerreiro que não quer repousar

A garçonete pede 25 centavos para pôr no automático um disco de Altemar Dutra, cuja voz em espanhol parece mais sofrida que em português. Do outro lado da mesa, está Juan, o jovem guerri-

lheiro que veio das montanhas de El Bachiller para cumprir uma missão em Caracas.

Êle pertence ao Movimento de Izquierda Revolucionária. Todos os partidos venezuelanos se dizem revolucionários, mas todos, inclusive o Partido Comunista, condenam agora o MIR, o único que está em armas contra o govêrno. Juan fala pausadamente:

— Estamos preparados para uma guerra longa. Sabemos que poderá durar 15, 20 anos ou talvez mais. Mas estamos convencidos de que só através da luta armada será possível libertar o país. Quando o povo também se convencer disso, então tudo será fácil.

Após seis anos de guerrilhas, o povo venezuelano não parece tão convicto disso quanto Juan. Em 1961, tôda a ala esquerdista da Ação Democrática, que vencera as eleições de 1958, acusou o presidente Romulo Bettancourt e o resto do partido de trair as promessas feitas durante a campanha. Constituiu-se então o MIR e, pouco depois, deflagrava-se um processo de rebelião com apoio do Partido Comunista. Focos guerrilheiros surgiram em vários pontos do país. Caracas tornou-se a cidade mais perigosa do continente, com desordens e atentados terroristas quase diários. Nos anos de 1961 e 1962, o mundo inteiro admitiu a possibilidade de que surgisse uma nova Cuba na América do Sul.

Hoje o panorama mudou. Nas eleições de 1963, MIR e PC lançaram uma palavra de ordem: "não votem". Para surprêsa geral, 93% do eleitorado compareceram às urnas para votar nos sete candidatos à sucessão de Bettancourt. Essa derrota e outras que vieram depois — tanto no plano político como no militar — levaram os comunistas a dar adeus às armas. Em maio último, no longo documento publicado como matéria paga por um dos jornais de Caracas, o PC critica a linha insurrecional fidelista e se propõe a voltar à luta política pacífica.

O MIR está sòzinho. E o jovem guerrilheiro, do outro lado da mesa, é a melhor imagem dessa solidão. Muitos de seus antigos companheiros já não estão nas montanhas. Alguns estão na cadeia. Outros desertaram. As notícias dizem que o MIR não tem mais de cem homens em seus dois destacamentos nos Estados de Miranda e Monagas. E que Douglas Bravo, o comunista que não aceitou a nova orientação do partido, deve ter outros cem, no Estado de Falcon.

Quando se repete tudo isso, Juan balança os ombros:

— Êsse é o preço da luta de libertação nacional. Em outros lugares também foi assim. Infelizmente, agora, até os comunistas pararam. Êles se tornaram covardes, seguindo a linha de Moscou. Querem voltar à legalidade, disputar eleições.

Antes de se despedir, acrescenta:

— Mas nós não temos ilusões. Olhamos para a América Latina e vemos que sempre há um golpe quando as coisas começam a melhorar um pouco. Só com armas na mão será possível expulsar o imperialismo. Na base da conversa, isso jamais ocorrerá.

O encontro não pôde durar mais de 15 minutos, seria perigoso para sua segurança. Um carro chega à porta do bar e Juan vai embora. Para uma guerra de 15, 20 anos, talvez mais. Para a morte, mais provàvelmente.

As opiniões do homem comum

Manuel fala diante de uma **cachapa** (uma panqueca à base de milho, lanche favorito do venezuelano, recheada com presunto e queijo).

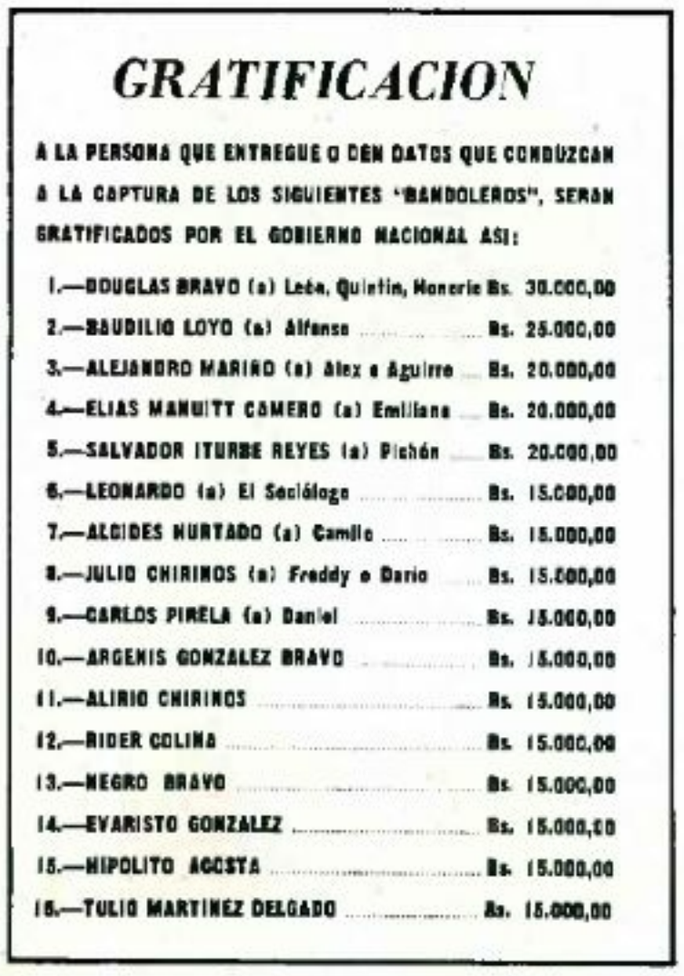
Manuel é o típico caraquenho. Bem humorado, sempre pronto a contar ou ouvir uma anedota, fica feliz em saber por um estrangeiro que as mulheres de sua cidade têm uma percentagem altíssima de pernas bonitas.

Entre uma garfada e outra de **cachapa,** Manuel dá sua opinião sôbre os políticos:

— São todos uns cretinos. Falam, falam e não resolvem nada. As caras são sempre as mesmas, a conversa é a mesma e os problemas continuam os mesmos. O custo de vida sobe sempre, os salários estão congelados e é cada vez mais difícil arranjar emprêgo.

Em sua visão simplista, Manuel resume os problemas apontados por tôdas as fôrças políticas. A reforma agrária, iniciada por Romulo Bettancourt, é até aqui objeto de controvérsias. O Instituto de Reforma Agrária publica regularmente grandes anúncios em todos os jornais, anunciando substancial aumento da produção agrícola. Mas as oposições dizem que essas estatísticas são falsas e apontam vários fatos como provas do fracasso da reforma agrária: a importação de feijão (que é o prato nacional), o contínuo êxodo rural e o abandono de muitas das áreas distribuídas na reforma. Enquanto isso, o crescimento da produção industrial — a uma taxa de sete por cento — ainda não chega a atender as necessidades do país e a procura de empregos.

Manuel completa sua visão de homem comum:



GRATIFICACION

A LA PERSONA QUE ENTREGUE O DEN DATOS QUE CONDUZCAN A LA CAPTURA DE LOS SIGUIENTES "BANDOLEROS", SERAN GRATIFICADOS POR EL GOBIERNO NACIONAL ASI:

1.—DOUGLAS BRAVO (a) Leão, Quintin, Moncrie	Bs. 30.000,00
2.—BAUDILIO LOYO (a) Alfonso	Bs. 25.000,00
3.—ALEJANDRO MARINO (a) Alex e Aguirre	Bs. 20.000,00
4.—ELIAS MANUITT CAMERO (a) Emiliano	Bs. 20.000,00
5.—SALVADOR ITURBE REYES (a) Pichón	Bs. 20.000,00
6.—LEONARDO (a) El Sociólogo	Bs. 15.000,00
7.—ALCIDES HURTADO (a) Camilo	Bs. 15.000,00
8.—JULIO CHIRINOS (a) Freddy e Dario	Bs. 15.000,00
9.—CARLOS PIRELA (a) Daniel	Bs. 15.000,00
10.—ARGENIS GONZALEZ BRAVO	Bs. 15.000,00
11.—ALIRIO CHIRINOS	Bs. 15.000,00
12.—RIDER COLINA	Bs. 15.000,00
13.—NEGRO BRAVO	Bs. 15.000,00
14.—EVARISTO GONZALEZ	Bs. 15.000,00
15.—HIPOLITO ACOSTA	Bs. 15.000,00
16.—TULIO MARTINEZ DELGADO	Bs. 15.000,00

O govêrno chama os guerrilheiros de bandoleiros. E oferece, por suas cabeças, prêmios de 15 a 30 mil bolívares.

— É claro que o govêrno esta fazendo alguma coisa. Mas a maior parte do dinheiro dos impostos continua sendo gasta à toa. Pra que tanto militar, tanto polícia e tanto funcionário público?

A máquina burocrática venezuelana é, na verdade, imensa e deficiente. A ditadura de Jimenez deixou essa herança negativa e os dois governos da Ação Democrática que vieram depois pouco conseguiram fazer para remediá-la. Em qualquer ministério, raramente a pessoa encarregada de dar informações está em seu lugar. Nos guichês de atendimento ao público, há sempre longas filas, apesar das contínuas críticas feitas pela imprensa.

Violência gera maior violência

A necessidade de repressão ao terrorismo deu ao aparelho policial poderes que são exercidos com rigor excessivo. Muitos turistas são abordados na rua, à noite, e revistados de alto a baixo, por policiais nada gentis. Todos os partidos de oposição se queixam de perseguições, especialmente no interior, havendo dezenas de pessoas desaparecidas há meses, depois de prêsas pela Polícia política — a DIGEPOL. Em outros casos, detidos apareceram mortos, apresentando sinais de terem sofrido violentos castigos.

Muitos oposicionistas democratas afirmam também que as guerrilhas ainda existem por causa das violências que o Exército cometeu contra camponeses no comêço da luta.

Isso tudo leva ao descrédito das informações oficiais sôbre a luta antiguerrilheira. Em maio passado, por exemplo, o govêrno anunciou que quatro cubanos haviam desembarcado nas praias de Machurucuto, juntamente com nove venezuelanos, e que dos quatro dois haviam sido mortos e dois aprisionados. Três dias depois, os dois prisioneiros foram apresentados à imprensa e à televisão, mas nenhum jornalista pôde lhes fazer perguntas. Apenas responderam ao que foi perguntado por um oficial do Serviço de Inteligência das Fôrças Armadas, confirmando sua cidadania, seus nomes e que iam lutar nas montanhas. Se Fidel Castro não tivesse confirmado que realmente havia cubanos ajudando a insurreição na Venezuela, ninguém teria acreditado nas notícias oficiais, tal o mistério e o contrôle que o Exército adotou sôbre o assunto. Depois dessa primeira vez, nunca mais se permitiu aos jornalistas que vissem os cubanos, a não ser para fotografar um dêles, que — passados alguns dias — amanheceu enforcado com uma meia em sua cela. Para complicar ainda mais as coisas, uma mulher, na Colômbia, afirma que Pedro Cabrera Tôrres, o cubano enforcado, não era cubano, nem guerrilheiro: era mecânico de tratores, colombiano e trabalhava há muitos anos em Caracas.

Manuel ainda vai falar de petróleo:

— Não sei se foi Deus ou o diabo que o botou aqui. Só sei que podíamos ser muito ricos, mas tanta gente mete a mão e joga o dinheiro fora que no fim não sobra nada para nós.

SEGUE

Ao lado de sua mulher, Raul Leoni, o presidente.

Fôrça militar acampada nas montanhas, próximo de um foco de guerrilheiros.

Govêrno enfrenta a guerrilha

As fôrças de esquerda não atacam só nas montanhas. Êste soldado morreu numa rebelião na cidade de Puerto Cebello.

Entre impostos e direitos, a Venezuela já recebe quase 70 por cento da produção petrolífera, ficando as emprêsas com pouco mais de 30%, enquanto o lucro líquido da Shell, em 1966, foi de apenas oito por cento sôbre o capital investido. O petróleo representa 30% do produto nacional, 67% da receita fiscal, 90% das divisas cambiais, 64% da renda per capita.

A esperança é a era dos técnicos

Pablo, enquanto beberica um rum ao lado da piscina do seu clube, perto da refinaria de Cardón, tem opinião muito diferente de Manuel:

— O petróleo é uma bênção divina que ainda não soubemos aproveitar. Foi o petróleo a grande alavanca do desenvolvimento dos Estados Unidos e pode ser também do nosso, mas é preciso usar com acêrto os recursos que êle proporciona.

Pablo acha que só agora a Venezuela está entrando no caminho certo e o melhor sintoma disso, para êle, é a ascensão dos técnicos nos quadros governamentais:

— Não ouviu a exposição de Mayobre, no Senado?

Pablo se refere a José Antônio Mayobre, atual ministro de Minas e Hidrocarburos e apontado como um dos maiores economistas latino-americanos. Em maio último compareceu ao Senado e fêz a exposição da política do petróleo venezuelano, em que a definiu como instrumento do desenvolvimento global do país. Sustentou a necessidade de defender os preços internacionais do petróleo e estimular a exportação, embora sem dar novas concessões às emprêsas: ao invés disso, a CVP fará contratos de serviços com as companhias estrangeiras.

Pablo achou convincente a explanação de Mayobre e, como êle, a maior parte da população, tiradas as esquerdas (que vêem nos contratos de servicos uma nova forma de concessão) e um setor empresarial que acharia melhor, simplesmente, dar mais concessões às grandes emprêsas, que teriam assim maior interêsse em vender o petróleo venezuelano.

Pablo pertence a uma das duas centrais sindicais existentes — a Confederação dos Trabalhadores da Venezuela, controlada pela Ação Democrática e que tem um milhão e meio de filiados. A outra é a Central Única de Trabalhadores da Venezuela, considerada a central esquerdista, com 300 mil filiados.

As esquerdas conseguem vitórias expressivas em organizações estudantis e setores intelectuais, mas entre os operários sua fôrça é reduzida. Apontam-se muitas razões para essa fraqueza. Os situacionistas dizem que uma das principais razões é a própria legislação trabalhista: além de participação nos lucros, os trabalhadores recebem as férias em triplo, bônus especiais, indenização simples no caso de demissão voluntária e dupla no caso de ser de iniciativa do patrão.

Algumas dessas leis são velhas, mas a maior parte veio com a chegada ao poder da Ação Democrática, o que explica a sua condição de partido mais poderoso do país.

Da vitória revolucionária à luta anti-revolucionária

Rigoberto Veras é deputado federal e diretor do jornal **A Tarde,** que vende pouco mais de cinco mil exemplares por dia, a menor circulação dos oito diários de Caracas. **A Tarde** é bem impresso, e traz bom volume de informações; mas para o público de Caracas tem um defeito fundamental: apóia o govêrno e a Ação Democrática.

Veras é um veterano da AD, tendo participado de sua fundação, em 1941, ano em que o general Isaías Medina Angarita assumiu a Presidência da República, eleito pelo Congresso. Em 1945, Angarita foi derrubado e expulso do país. A Venezuela teve então as primeira eleições com voto universal, livre e secreto. O candidato da AD, Romulo Gallegos, foi eleito pela grande maioria.

As profundas reformas feitas pela Ação Democrática não se limitaram ao campo político. Iniciou-se uma reforma

Hoje, o próprio PC os condena.

agrária e a Venezuela impôs às companhias petroleiras um acôrdo até então inédito: o chamado **fifty-fifty** (metade para as emprêsas, metade para o país), em lugar dos 33% que até ali eram pagos.

Alguns dos militares que haviam participado da derrubada de Angarita, porém, continuavam inquietos. Desta vez por ambições políticas. Entre êles destacava-se um coronel chamado Perez Jimenez. Gallegos ainda não completara um ano de govêrno quando foi deposto. No começo substituído por uma Junta, mas logo Jimenez tomaria conta do poder. A ascensão de Jimenez coincidiu com o crescimento vertiginoso da demanda de petróleo no mundo. E em dez anos — de 1948 a 1958 — a produção venezuelana dobrou de 1.300.000 para 2.600.000 barris diários. Com os recursos tirados do petróleo, Jimenez poderia ter lançado as bases de um desenvolvimento industrial e agrícola sem precedentes na América Latina. Ao invés disso, esbanjou na importação de mercadorias supérfluas, construção de obras suntuárias e na criação de uma burocracia gigantesca, ao mesmo tempo em que êle próprio e seus amigos enchiam os bolsos com tôdo tipo de negócios.

Durante todo o período da ditadura Jimenez, a AD estêve fora da lei e foi mais perseguida que os comunistas. Rigoberto Veras lembra que na prisão onde passou mais de quatro anos havia 500 militantes da AD e apenas 20 comunistas. A Polícia de Jimenez matou centenas de pessoas. Até que em 1958, a paciência venezuelana chegou ao fim. Nesse ano formou-se a **Junta Patriótica,** composta por quase todos os partidos e teve início a rebelião contra a ditadura. Na madrugada de 23 de janeiro, enquanto Jimenez fugia para os Estados Unidos, estabelecia-se um govêrno provisório, encabeçado pelo contra-almirante Wolfgang Larrazabal, que imediatamente convocou eleições gerais.

Apesar da esmagadora preferência obtida pelo próprio Larrazabal em Caracas — à frente de ampla coligação — a vitória foi de Romulo Bettancourt, candidato da Ação Democrática, graças à votação maciça que lhe foi dada pelo eleitorado rural.

A vitória de Bettancourt coincidiu com a chegada de novos ventos ao Caribe. Fidel Castro conquistava o poder em Cuba e o PC venezuelano julgou que era o momento de repetir a experiência cubana. A esquerda da AD exigia que o partido cumprisse o seu programa "nacionalista, socialista, antiimperialista e antifeudal".

— Mas uma coisa é a realidade — diz Rigoberto Veras — e outra é o pensamento dos homens. Achamos que não havia e ainda não há condições para realizar tôdas as reformas defendidas em nosso programa.

Bettancourt resistiu às pressões esquerdistas e, quando surgiram focos guerrilheiros nas montanhas e atos de terrorismo contra pessoas e emprêsas nas cidades, não titubeou: suspendeu as garantias constitucionais e mandou prender todos os deputados do PC e do MIR. Ao mesmo tempo, dava início às operações militares contra os guerrilheiros.

A repressão violenta custou à AD mais uma dissidência, que se recusou a apoiar o candidato do partido nas eleições de 1963. E embora o eleitorado tenha repudiado o terrorismo com o comparecimento em massa às urnas, a Ação Democrática também pagou caro pelos seus problemas, — de 1.275.973 votos que lhe haviam sido dados em 1958, recebeu — em 1963 — apenas 936.124. Mas essa votação seria suficiente para eleger Raul Leoni à Presidência, pois os eleitores oposicionistas se dividiram entre seis outros candidatos.

Um partido que perdeu o futuro

Para as eleições de 1968, a AD tem vários candidatos, mas a escolha deverá recair entre dois nomes: Luiz Beltran Prieto Figueroa e Gonzalo Barrios. Os observadores lembram que a Ação Democrática tinha quatro elementos na junta de sete que assumiu o comando do país em 1945: Romulo Bettancourt, Raul Leoni, Beltran Prieto e Gonzalo Barrios. Dois dêles já ocuparam a Presidência e são os outros dois que agora a disputam.

Isto significa que há 20 anos são os mesmos homens que dominam o partido, que AD não renovou as lideranças. Há outro fato mais grave e que ameaça seu futuro: há 20 anos, a Ação Democrática tinha a maioria da juventude. Agora, quando das últimas eleições para a Federação dos Centros Universitários, principal entidade estudantil do país, a chapa da AD não teve 10% dos votos. Atualmente a FCU é dominada por uma frente de esquerdistas, que obteve pouco mais da metade da votação. A principal fôrça que se opõe à coligação é a dos democratas-cristãos da COPEI, Comision Politica Electoral Independiente, que conta com 40 por cento dos jovens e domina vários centros acadêmicos importantes.

Rigoberto Veras acredita que a situação se modificará. O govêrno atribui a efervescência esquerdista na Universidade Central ao fato de esta gozar de autonomia. O reitor é escolhido por eleição de que participam professôres, alunos e ex-alunos. Como a autonomia universitária é uma das maiores tradiçoes culturais do país, o govêrno procura cortar-lhe as raízes econômicas. A Universidade Central já tem quase 30 mil alunos e estima-se em 18 mil, em 1968, o número de candidatos ao primeiro ano. Em lugar de conceder verbas para a ampliação da UCV, o govêrno prefere abrir outras universidades sem autonomia, nas quais as direções sejam por êle indicadas. De uma forma ou de outra, o fato é que continua faltando escolas.

E a inquietação da juventude diante dêsse problema, e do número insuficiente de novos empregos, não se reflete apenas na agitação universitária: a delinqüência juvenil (os **playboys** lá se chamam **patoteros**) chega a níveis alarmantes em Caracas.

A isso tudo, o tranqüilo Rigoberto Veras responde com otimismo obstinado. Confia que a Ação Democrática conseguirá se manter no poder por mais um período e que a juventude voltará a se empolgar pelo partido como há 20 anos. Mas os números frios das eleições universitárias mostram que a alternativa oferecida aos jovens contra as esquerdas chama-se COPEI. A mesma COPEI que, segundo pesquisa recente, teria hoje na Venezuela 1.150.000 votos contra 1.250.000 que seriam dados à AD. E, considerando que a COPEI teve 200 mil votos em 1948, 392 mil em 58 e 600 mil em 1963, é fácil compreender por que muitos observadores estrangeiros acreditam que outro nome irá se juntar ao chileno Eduardo Frei, à frente de um govêrno democrata-cristão na América Latina: Rafael Caldera.

Rafael Caldera foi candidato da COPEI em três eleições e ainda hoje é o único nome capaz de chefiar o partido nascido em 1945. Quando em 1958 foi derrubada a ditadura Jimenez, Rafael Caldera era o nome de maior prestígio, graças à sua prisão um ano antes. Hoje, a COPEI está profundamente dividida em duas correntes: a tradicional, ligada ao conservador clero venezuelano, e os "astronautas", assim chamados porque "estão muito acima da realidade do país e lutam pela implantação imediata do comunitarismo-cristão". Caldera, respeitado pelas duas correntes, é o único nome capaz de conseguir a unidade do partido. E hoje êle tem muita chance de ser o vitorioso. Alvarez Bajares, Jovem jornalista e deputado federal pela COPEI, prevê o que ocorrerá pròximamente com o partido.

— Estamos às vésperas de uma eleição. Sabemos que alguns setores do partido são radicais, mas êles terão de se ajustar à linha que fôr traçada. Se não se ajustarem, serão expulsos.

Os "astronautas" têm três deputados, dos 39 da COPEI. Mas são talvez a maioria entre os jovens universitários. Rafael Caldera não se assusta com isso. Aos 51 anos, casado, com seis filhos, afirma que a COPEI executará uma profunda mudança na Venezuela. Sua plataforma, todavia, é muito menos reformista do que a de Frei no Chile. Fala em "eficácia e moralidade administrativas, pacificação nacional (promete anistia, caso o MIR e o PC garantam que abandonarão a luta armada) e um programa mis amplo de assistência social." SEGUE

Golpe pode deixar de ser boato

Além da AD e da COPEI, há apenas três outras fôrças importantes, tôdas elas agrupadas em tôrno de nomes: a Unión Revolucionária Democrática — URD — com Jovito Villalba; a Frente Nacional Democrática — FND — com Arturo Uslar Pietri; e a Fuerza Democrática Popular — FDP — com Wolfgang Larrazabal.

Juntos representariam teòricamente 1.300.000 votos, à luz dos resultados de 1963, e poderiam derrotar fàcilmente tanto a AD como a COPEI. Mas será muito difícil que cheguem a um acôrdo sôbre um candidato comum e, mais difícil ainda, que o eleitorado aceite o acôrdo. A URD, por exemplo, apóia atualmente o govêrno, à base de trocar alguns postos na administração por seus 27 votos na Câmara, que asseguram a escassa maioria de 92 a 87. Villalba, chefe da URD, está, todavia, em campanha eleitoral, percorrendo todo o país e falando contra "o continuísmo da AD". Entre 1958 e 63, a votação da URD caiu de 700 mil para 500 mil. Villalba sabe que seus votos podem decidir a favor de qualquer candidato, mas teme fazer um acôrdo que diminua ainda mais sua fôrça. Larrazabal diz que a FDP é uma "esquerda democrática". Sua base eleitoral está em Caracas, mas, sem a apoio dos comunistas e outros esquerdistas, a votação de Larrazabal, em 1963, foi decepcionante: mal chegou aos 270 mil.

Agora, Larrazabal compõe a chamada "frente ampla" com a FND, de Arturo Uslar Pietri, uma espécie de Carlos Lacerda bem moderado. Esta "frente ampla", segundo a maioria dos observadores, acabará tendo fim melancólico, porque nem Larrazabal nem Uslar Pietri parecem dispostos a abrir mão de suas próprias candidaturas. A Venezuela teria então o mesmo quadro eleitoral de 1963, inclusive com o extremista de direita German Borregales, cujo partido — Movimiento de Accion Nacional — obteve apenas 0,55 por cento dos votos.

Dos restantes partidos, só vale a pena falar do PRIN — Partido Revolucionário de Izquierda Nacionalista — que se formou de dissidentes da Ação Democrática e elementos do MIR, que acharam inútil a luta armada. Os comunistas votarão provàvelmente no PRIN, que conseguirá no máximo 400 mil votos.

Para onde vai o vizinho rico

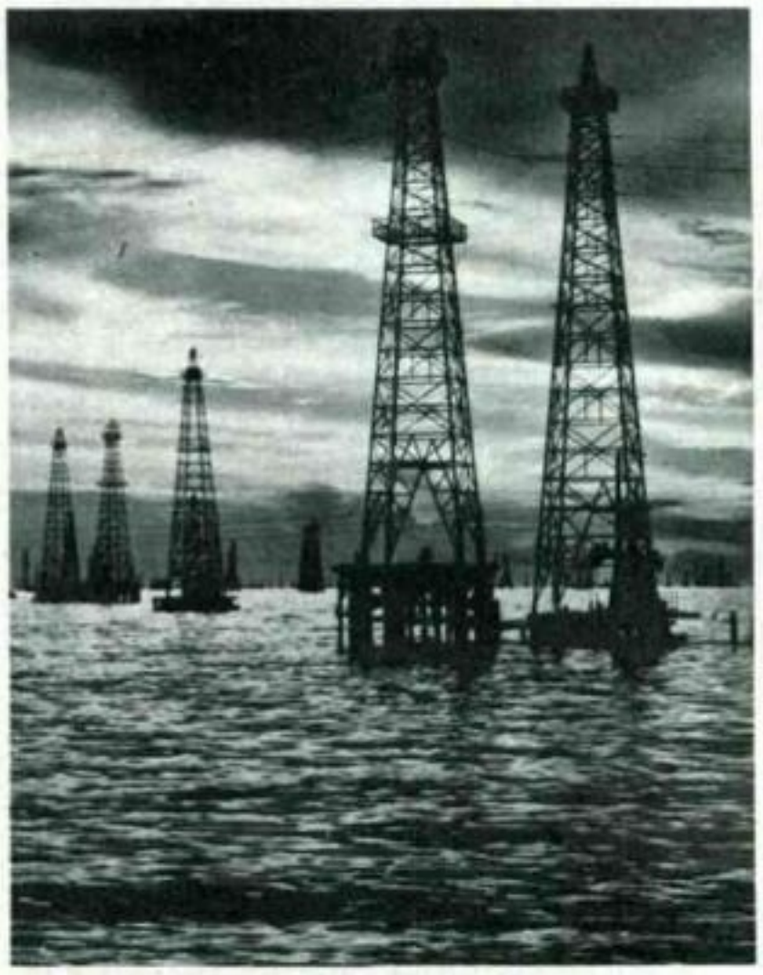
A 28 de julho, Caracas celebra seu quarto centenário. O Cardeal Quintero pediu que as preocupações principais neste ano de festa se voltassem para os morros da cidade, onde os **ranchos** (favelas) lembram que ainda existem milhares de venezuelanos na miséria. Mas quem olhar para os soldados armados, vigiando a loja da Sears, ou quem fôr revistado ao entrar no Ministério de Relações Interiores, terá outras preocupações: as de que êste país procura seu caminho através das sombras da violência e de muitos problemas ainda não solucionados.

O venezuelano é quase sempre passional, discute e se inflama com facilidade. Êle quer tranqüilidade, mas não consegue esconder sua admiração por alguns feitos do MIR e dos comunistas. Vibrou quando Douglas Bravo, caçado por todo o país, foi à plaza Bolívar, no centro de Caracas, e colocou uma coroa de flôres negras diante da estátua do herói da Independência.

Há poucos meses, três líderes comunistas — Pompeyo Marquez, Garcia Ponce e Teodoro Petkoff — fugiram da prisão militar de San Carlos, através de um túnel de 80 metros, cuja construção levou mais de um ano. O principal herói da fuga foi um árabe chamado Simon, que comprou uma pequena mercearia diante dos muros da prisão, nos fundos da qual desembocava o túnel. Durante meses, Simon representou o papel de comerciante, ganhou a confiança dos soldados, oferecendo-lhes cigarros e café, enquanto uma equipe de engenheiros e operários abria o incrível túnel sob a rua até as celas dos três comunistas. Os fugitivos, depois, ainda deram uma entrevista coletiva, enquanto Simon desaparecia. E os caraquenhos logo começaram a dizer que a prefeitura estava procurando o vivo árabe, "para dirigir a construção do metrô".

Essa e muitas outras anedotas são contadas nas **fuentes de soda** (casas de lanches e refeições rápidas); ou nos bares, onde sempre se pode ouvir um disco de Miltinho, Altemar Dutra e dos Indios Tabajaras; ou até no El Gorila ou El Hipopotamo, onde se dança ié-ié-ié e se bebe sentado às mesas da calçada. Nos bairros populares, o caraquenho, após o jantar, caminha entre as paredes pichadas pelo MIR ou pelo PC e vai ao encontro dos amigos para jogar dominó ou simplesmente tomar o seu rum no bar da esquina, caso não haja um bom jôgo de futebol ou beisebol.

É êste povo — nove milhões de pessoas — que irá decidir no próximo ano os rumos da Venezuela, e, muito provàvelmente, o eleito será mais um veterano da Ação Democrática, ou um nôvo representante da democracia cristã na América Latina. Isto, se a palavra **golpe** deixar de ser apenas um sussurro nos gabinetes. FIM



UM MAR DE PETRÓLEO

A Venezuela tem uma superfície de 912.000 quilômetros quadrados e está situada ao norte da América do Sul. São seus vizinhos a Guiana Inglêsa a leste, o Brasil ao sul e a Colômbia a oeste. Sua costa se estende por 2.800 quilômetros ao longo do mar das Antilhas e do Oceano Atlântico.

Quarenta por cento da população, de pouco mais de nove milhões de habitantes, se concentram em apenas dois por cento do território do país, compreendendo as cidades de Caracas, La Guaira, Victoria e Maracay. A população é composta por 66% de mestiços, 22% de brancos, 10% de negros e 2% de índios. As maiores correntes imigratórias vêm da Espanha, Itália e Portugal.

O orçamento do país é de 10 bilhões de bolívares (6 trilhões de cruzeiros velhos). O poderio econômico concentra-se no lago de Maracaibo, onde se localiza a maior parte dos milhares de poços do país, que fazem jorrar 3.300.000 barris por dia, 95% dos quais para a exportação. A Venezuela está exportando ferro também. Apenas um têrço do país é formado por terras planas, que se estendem dos Andes e das fronteiras com o Brasil até a costa. A Venezuela tem um conflito de fronteiras com o Brasil e reclama a posse do Pico da Neblina (que é considerado o ponto mais alto de nosso território). Na região que limita com a Guiana Inglêsa encontra-se a catarata mais alta do mundo, o Salto Angel, com 1.007 metros de altura.

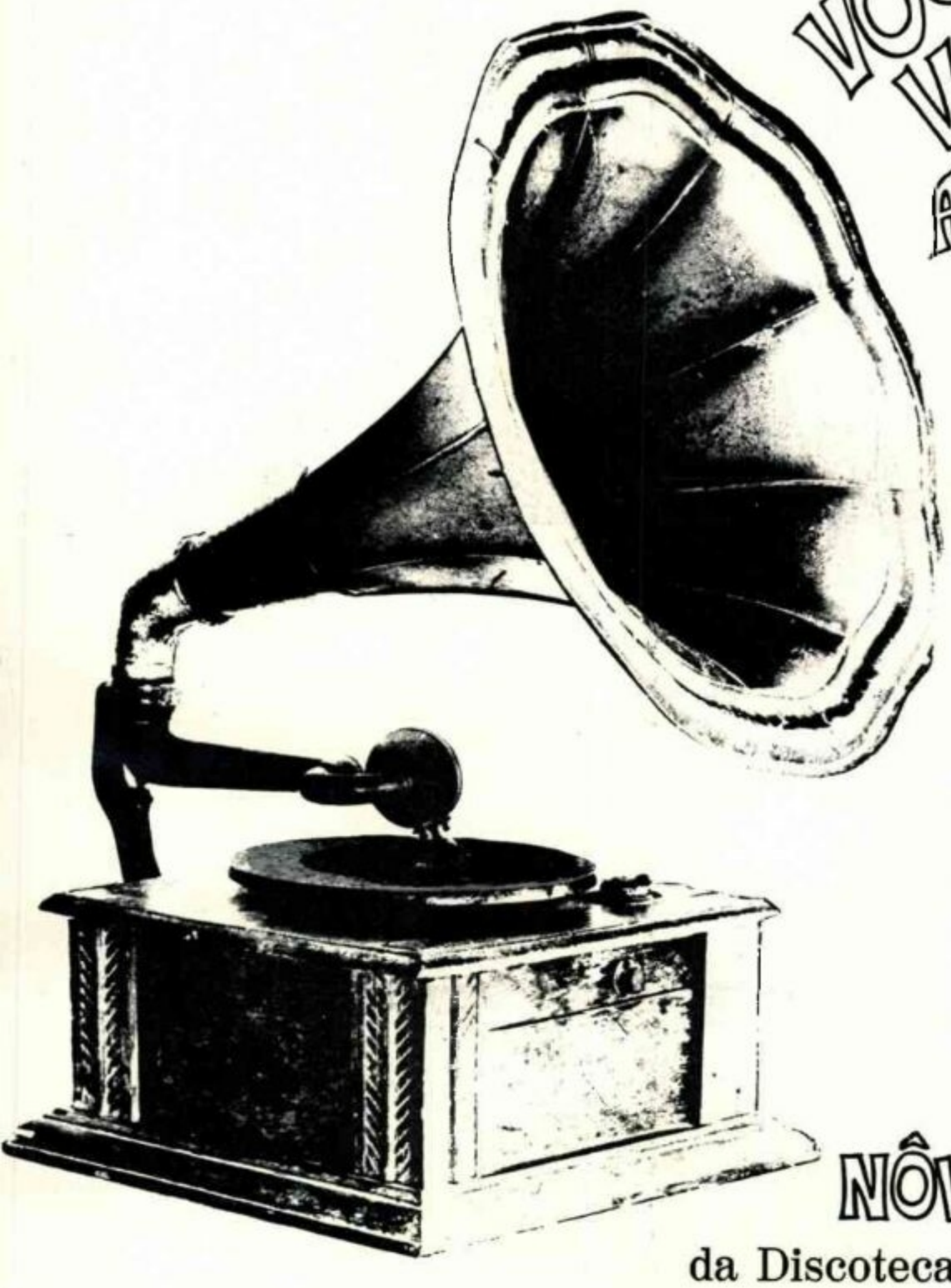
O país está dividido em 20 estados, dois territórios federais e um Distrito Federal. A eleição para os Conselhos Municipais, Assembléias Legislativas, Congresso Nacional e Presidência da República, se realizam simultâneamente de cinco em cinco anos. Podem votar todos os maiores de 18 anos, inclusive analfabetos.

A Constituição proíbe a reeleição do presidente da República. O Congresso é composto de duas casas. Há 179 deputados e 47 senadores.

A moeda do país é o bolívar (três cruzeiros novos equivalem a cinco bolívares) e a inflação é pequena: os preços sobem cêrca de 10 por cento ao ano.

pdp propaganda

VOCÊ VAI GOSTAR AINDA MAIS DE "VIVA A MÚSICA" & "GÊNIOS DA MÚSICA"



NÔVO e espetacular lançamento
da Discoteca Abril Cultural — *sempre maior e melhor!*

ABRIL Cultural

COLE AQUI

Remetente: .....

Endereço: .....

Envelope Resposta
Autorização n.º 727
Portaria n.º 75
De 21 de junho de 1966
SÃO PAULO

ENVELOPE RESPOSTA COMERCIAL
NÃO É NECESSÁRIO SELAR ÊSTE ENVELOPE

O sêlo será pago por:
ABRIL CULTURAL LTDA.
CAIXA POSTAL N.º 30.777
SÃO PAULO — SP

Compre discos sem sair de casa...

82 gravações em verdadeira alta fidelidade!

"VIVA A MÚSICA"

NCr$ 33,50 à vista

preço normal de 6 LP populares = NC$ 51,00

Ganhe NCr$ 17,50

"GÊNIOS DA MÚSICA"

NCr$ 37,50 à vista

preço normal de 6 LP de música clássica = NCr$ 60,00

Ganhe NCr$ 22,50

oferta de lançamento:

As 2 coleções
(12 discos LP
82 gravações)
apenas NCr$ 66,50 à vista

Ganhe NCr$ 44,50 (17,50 + 22,50 + 4,50)

Preencha, com letra bem legível, o cartão-pedido abaixo. Recorte e dobre-o nas linhas indicadas.
Cole o envelope e remeta-nos, ainda hoje, pelo correio (não precisa selar).
Se não quiser cortar a Revista mande-nos seu pedido por carta.

DOBRE AQUI

REALIDADE

À
ABRIL CULTURAL LTDA.
CAIXA POSTAL N.º 30.777
SÃO PAULO — SP

Queiram enviar-me, com urgência, o seguinte pedido:

- ☐ Coleção "VIVA A MÚSICA", 6 LP populares:
  à vista, contra entrega = NCr$ 33,50
- ☐ Coleção "GÊNIOS DA MÚSICA", 6 LP clássicos:
  à vista, contra entrega = NCr$ 37,50
- ☐ As 2 coleções, 12 LP — (82 gravações)
  OFERTA DE LANÇAMENTO:
  à vista, contra entrega = NC$ 66,50

DOBRE AQUI

NOME .....

PROFISSÃO .....

ENDERÊÇO .....
(para entrega e cobrança)

N.º ..... BAIRRO ..... FONE .....

CIDADE ..... ESTADO .....

ASSINATURA .....

"VIVA A MÚSICA"

72 gravações exclusivas! Música dansante... música romântica... música de cinema... música jovem!

"GÊNIOS DA MÚSICA"

10 peças clássicas completas! As mais aplaudidas sinfônicas e filarmônicas do mundo!

Veja que seleção! A mais completa e variada apresentada até hoje!

"VIVA A MÚSICA" 6 discos LP - 72 sucessos!

① SUCESSOS MUSICAIS

"Os Titulares do Sucesso". Arranjos e Regência: Maestro Portinho

1. Disparada 2. El Presidente 3. Vem chegando a madrugada 4. Strangers in the night 5. Merci chèrie 6. A partida 7. A banda 8. Morrer ou viver 9. Pare o casamento 10. Guantanamera 11. Mamãe passou açúcar ni mim 12. Upa neguinho.

② MÚSICA DE JUVENTUDE

"Turma Legal"

1. Esqueça 2. The more I see you 3. Yesterday 4. Pobre menina 5 California dreamin' 6. Submarino amarelo 7. See you in September 8. Meu bem 9. Call me 10. Monday, monday 11. Here, there and everywhere 12. Love me, please, love me.

③ MÚSICA DANÇANTE

"Melody Swing Hits Orchestra". Arranjos e regência: Hector Lagna Fietta

1. Fly me to the moon 2. Tijuana taxi 3. A praia 4. Spanish flea 5. O Carango 6. A taste of honey 7. Tristeza 8. Et maintenant 9. Les cornichons 10. South of the border 11. Luar de Nápoles 12. La banda borracha

④ MÚSICA BRASILEIRA

"Quinteto de Bossa e Balanço"

1. Feitiço da vila 2 Canção de não cantar 3. Formosa 4. Olé, olá 5. Meu refrão 6. Lá vem o bloco 7. Se acaso você chegasse 8. Inútil paisagem 9. A Rita 10. Carinhoso 11. O pato 12. Máscara negra.

⑤ MÚSICA DE CINEMA E TV

"Orquestra de Espetáculos". Arranjos e regência: Hector Lagna Fietta

1. Soli 2. What's new Pussycat 3. Sete homens de ouro 4. Zorba 5. Who's afraid of Virginia Wolf? 6. O dólar furado 7. Tema de Lara 8. The shadow of your smile 9. Born free 10. Il silenzio 11. Chim chim cheree 12. Theme from the monkees.

⑥ ROMÂNTICO

"Os Românticos". Arranjos e Regência: Cyro Pereira

1. Dear heart 2. Io ti daró di piú 3. Maria 4. Una casa in cima al mondo 5. And I love her 6. Moment to moment 7. Si fa sera 8. Michelle 9. Days of wine and roses 10. Sentimental demais 11. Cominciamo ad amarci 12. Walk away.

"GÊNIOS DA MÚSICA" 6 discos LP - 10 peças completas!

① BERLIOZ - Sinfonia Fantástica op. 14. ORQUESTRA FILARMÔNICA DE BERLIM

② CHOPIN - Concêrto para piano n.º 2 em fá menor, op. 21.
LISZT - Concêrto para piano n.º 2, em lá maior.
ORQUESTRA FILARMÔNICA DE HAIA

③ BOCCHERINI - Concêrto para violoncelo, em si bemol maior.
HAYDN - Concêrto para violoncelo, em ré maior, op. 101.
ORQUESTRA SINFÔNICA DE VIENA

④ MOZART - Concêrto n.º 1. para flauta, em sol maior, K 313.
Concêrto n.º 2, para flauta, em re maior, K 314.
ORQUESTRA SINFÔNICA DE VIENA

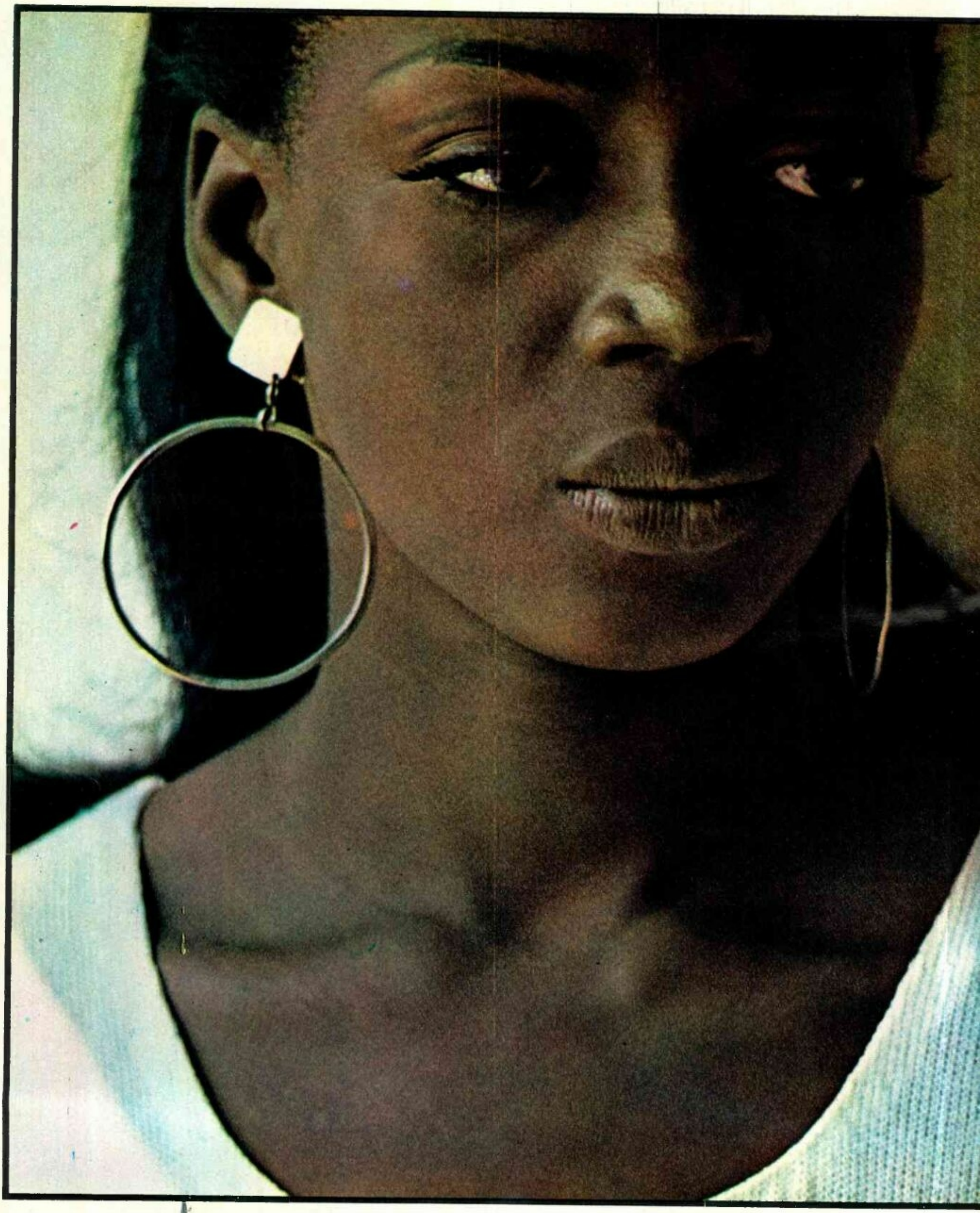
⑤ BEETHOVEN - Concêrto para violino, em ré maior, op. 61. Romance, para violino, em fá maior, n.º 2, op. 50.
ORQUESTRA SINFÔNICA DE HAIA

⑥ BACH - Suite n.º 1, em dó maior, BWV 1066
Suite n.º 3, em ré maior, BWV 1068.
ORQUESTRA DO CONCERTGEBOUW, AMSTERDÃ

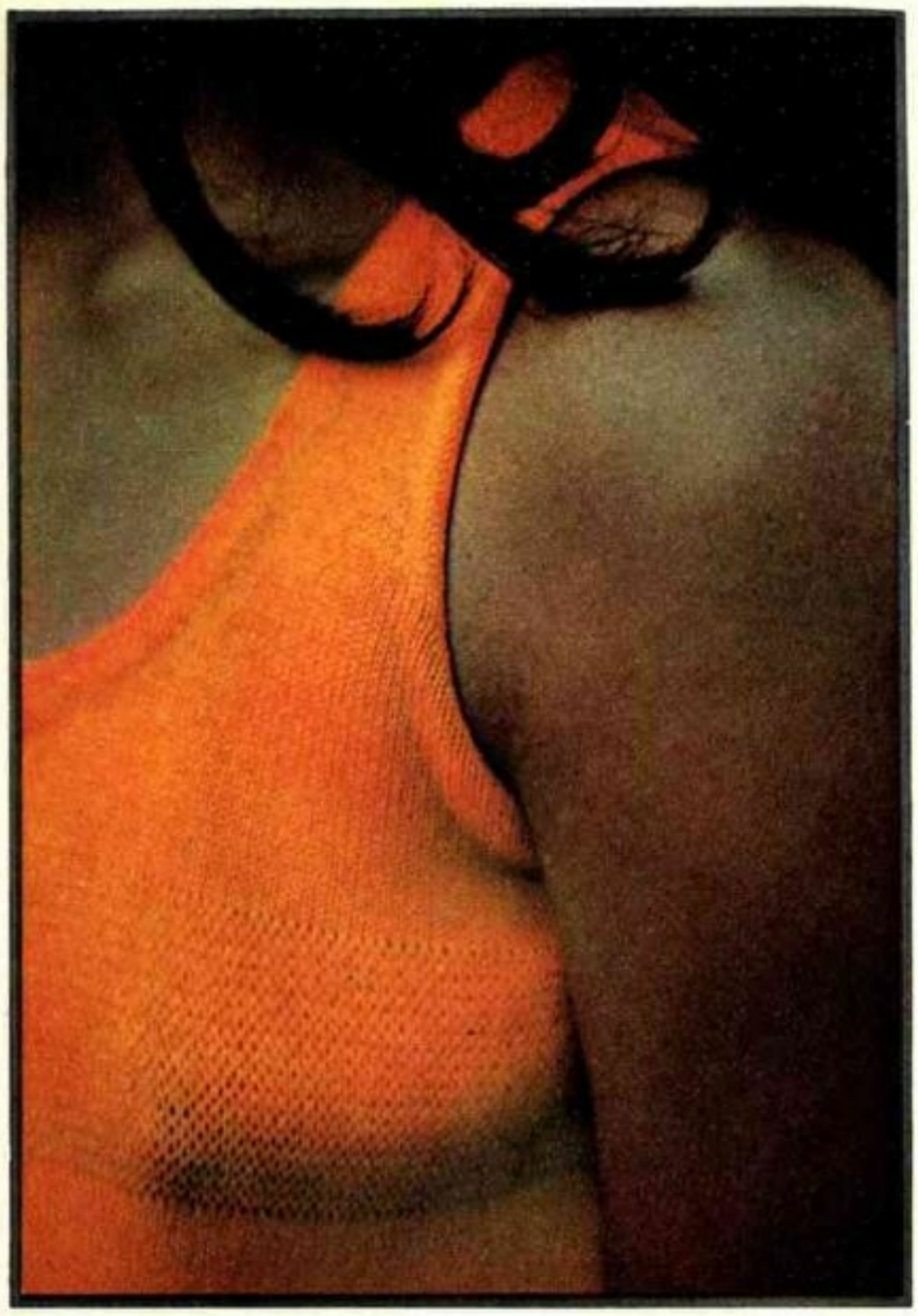
Mais um lançamento para a sua
DISCOTECA ABRIL CULTURAL - *sempre maior e melhor!*

As fotos
de George Love
e os versos
de Solano Trindade
criam a

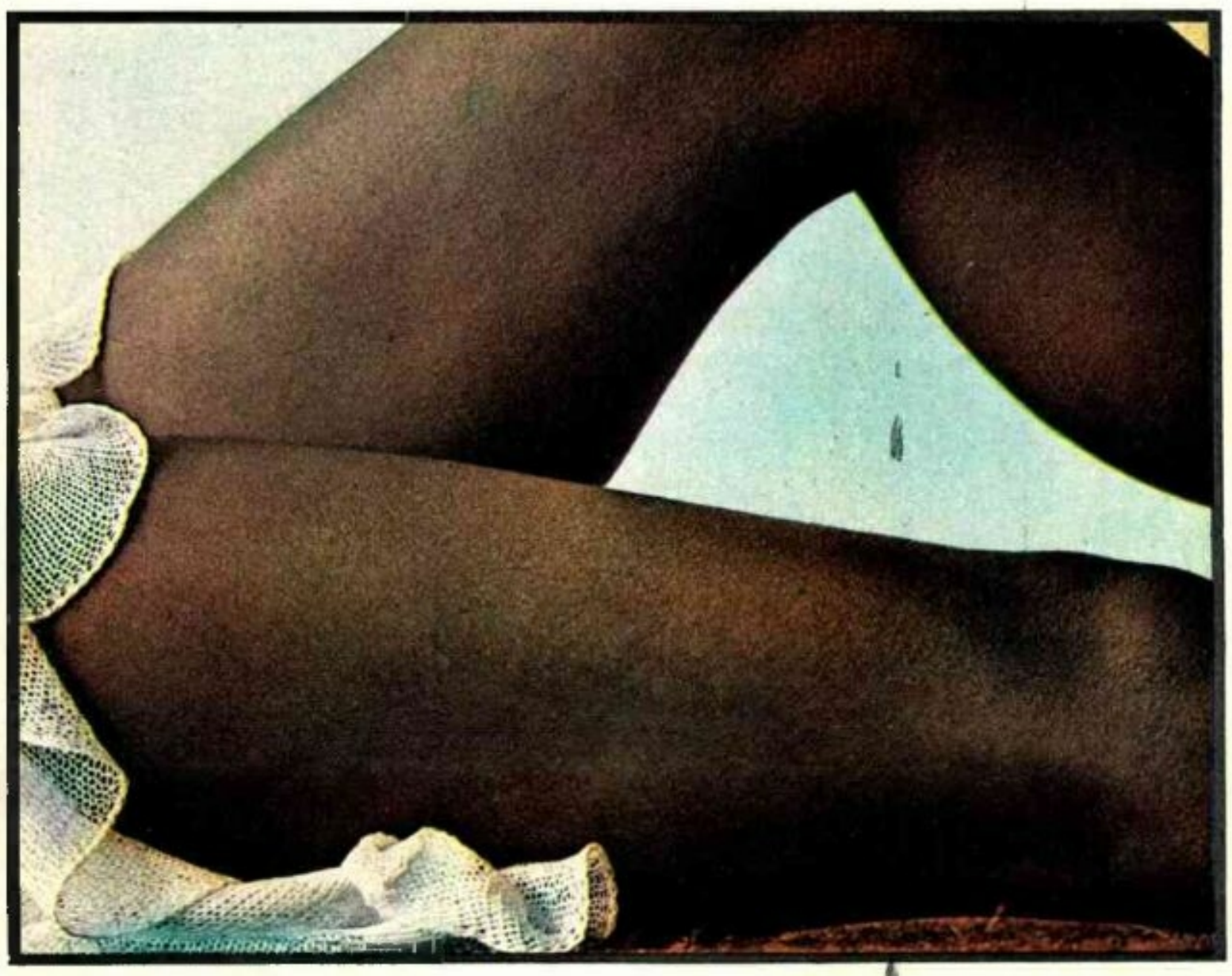
POESIA NEGRA

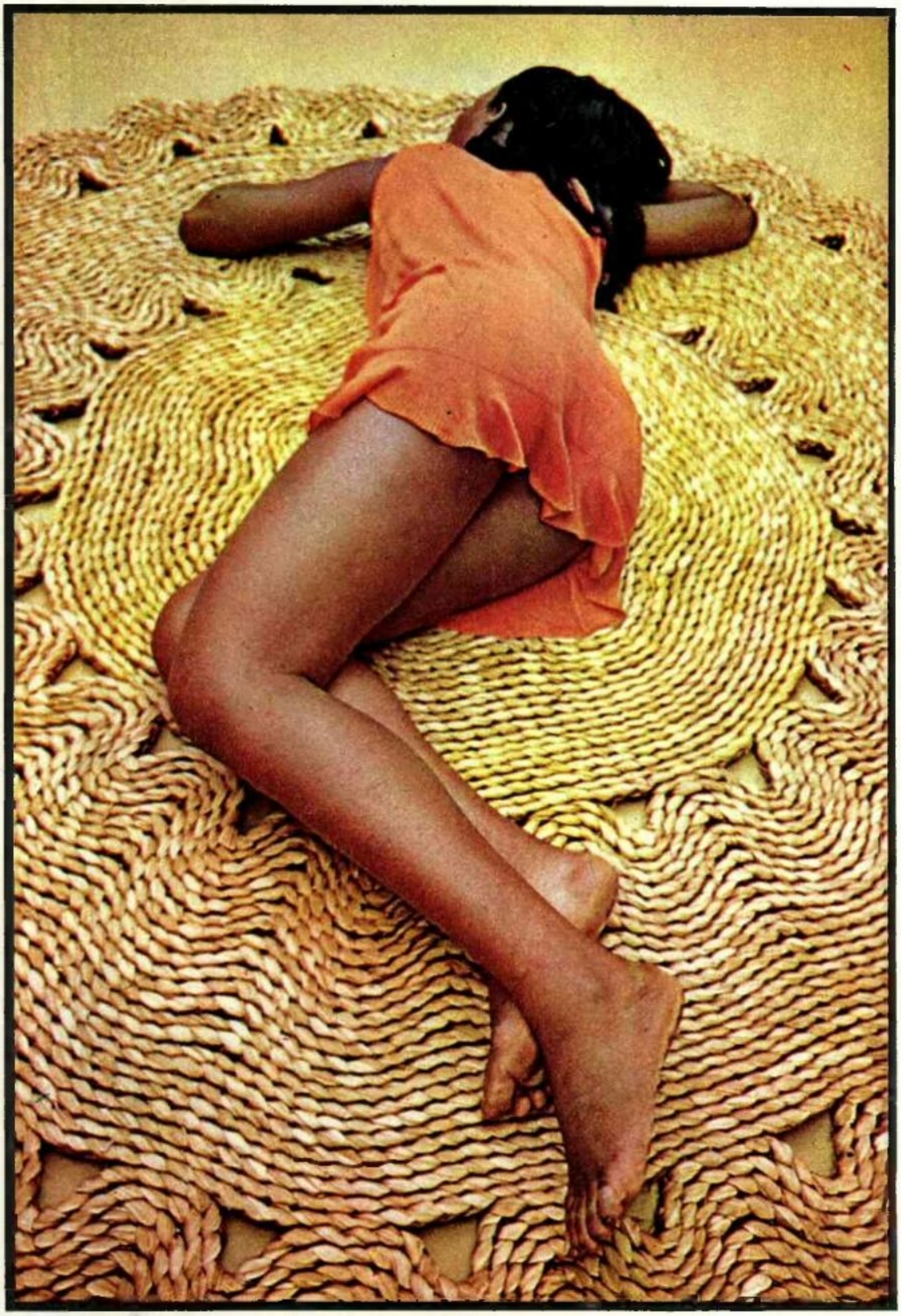


POESIA NEGRA



Uma música poesia
no branco de teu vestido
no prêto do teu rosto
teu olhar revoltado
perde-se na distância
em busca de amor perdido
mas a minha poesia
se prende ao teu vestido





POESIA NEGRA

Negra bonita
o que é que você tem
que está assim
tão triste
não sorri pra ninguém?

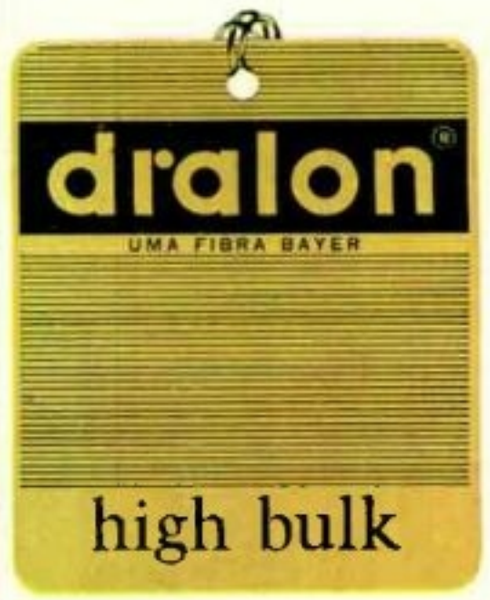
Negra bonita
seu amor não veio?
quem sabe se ainda vem
e se êle não vier
quem sabe se outro vem.

FASCÍCULO DE PROPAGANDA - 67

você fica

MARAVILHOSA!

com



Com DRALON - a fibra nobre - você está deliciosamente vestida. DRALON ressalta sua beleza e sua elegância. De côres brilhantes, luminosas, DRALON é leve, macia, flexível, aquece agradàvelmente. É fácil de lavar e seca ràpidamente. Sua malha ou vestido de DRALON não encolhe, não deforma nem feltra. DRALON é para você ficar satisfeita e agradar absolutamente.

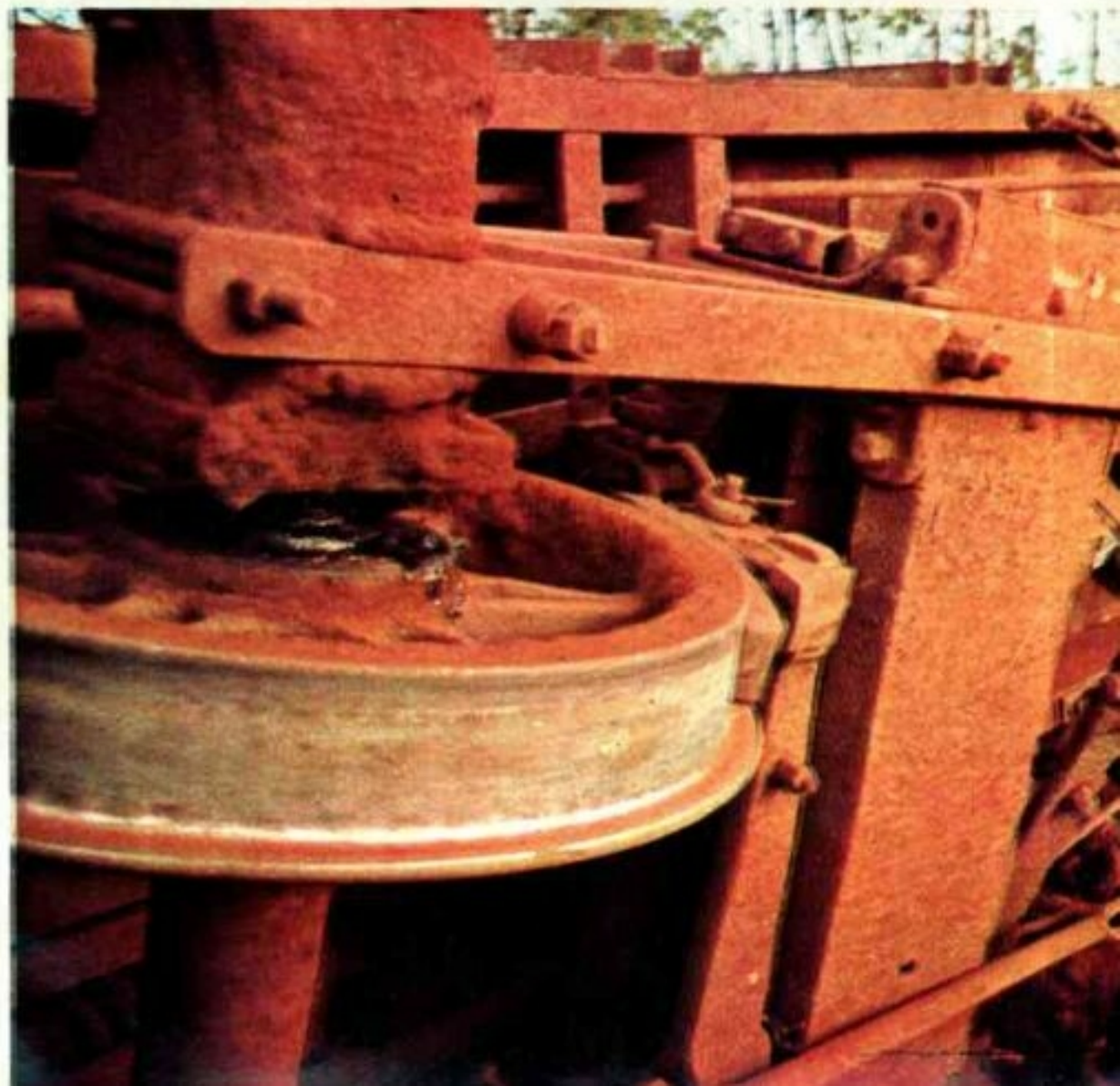
BAYER
Fibras de Qualidade

Em todo o mundo defende-se um princípio básico: ferrovia transporta cargas baratas a longas distâncias, rodovia transporta cargas caras a pequenas distâncias. No Brasil êsse princípio foi invertido: para 800 mil quilômetros de rodovias, temos apenas 35 mil de estradas de ferro, quase sempre velhas e deficitárias.

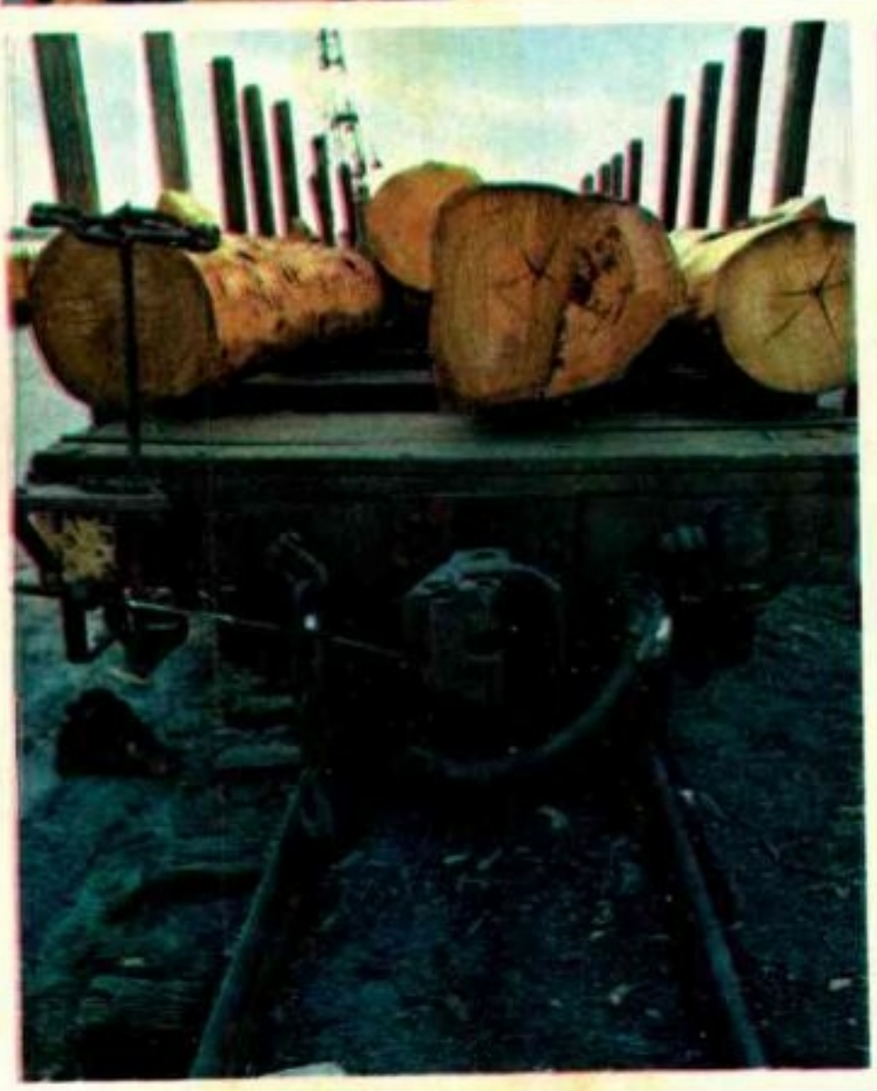
POR QUE NOSSO TREM NÃO ANDA?

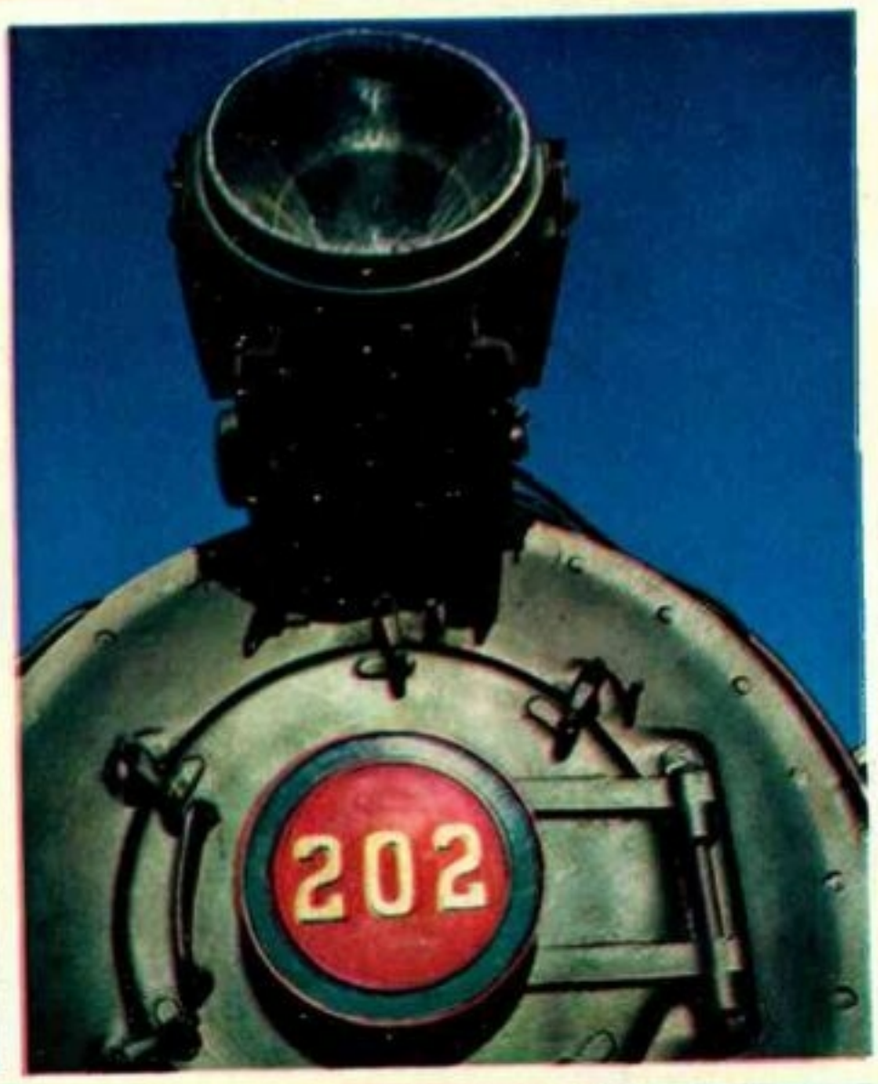
Texto de Alessandro Porro
Fotos de George Love

Em março de 1967, chegava a Brasília a 1.a locomotiva levada por um caminhão, porque os trilhos recém-colocados não puderam suportar seu pêso: era um exemplo do que são nossas ferrovias hoje. Umas poucas inovações, e o resto são os trens quase sempre atrasados e inseguros.



Ramais deficitários foram extintos. Mesmo assim, continua o prejuízo das ferrovias: trem anda muito devagar, embora seja mais barato. Locomotiva a diesel, por exemplo, com um litro de combustível desloca 125 toneladas por quilômetro; e um caminhão, com o mesmo litro, desloca apenas 30 toneladas.




202

A BRIGA: FERROVIA OU RODOVIA?

TREM
CONTINUAÇÃO

Eis um samba de 26 anos atrás. Título: **O Trem Atrasou.** Diz a letra: "Patrão, o trem atrasou / Por isso estou chegando agora / Trago aqui um memorando / da Central." / O trem atrasou meia hora, / o senhor não tem razão / pra me mandar embora".

Eis uma notícia de jornal carioca, de um mês atrás. Título: **General Resolve Atraso na Central.** Diz o texto "Reconhecendo os atrasos dos trens suburbanos da Central do Brasil, o presidente da Rêde Ferroviária Federal, general Antônio Adolfo Manta, encontrou esta solução para o problema, na advertência que faz aos trabalhadores, em nota à imprensa — "Ninguém tem o direito de pretender justificar faltas ou atrasos ao trabalho, jogando a culpa na Central, como até então se tem feito. Quem desejar chegar a tempo ao seu trabalho deve sair mais cedo de casa, a fim de enfrentar qualquer imprevisto."

A solução pode não ser esta, mas a verdade é que os anos passam, e os problemas da Central do Brasil — com ou sem samba — continuam. Mas êles não são exclusivos da Central, pois todo o sistema ferroviário brasileiro sofre problemas desde que D. Pedro II inaugurou nossa primeira linha.

Foi na manhã ensolarada de 30 de abril de 1854. Festa no Rio de Janeiro, oito bandas vão saudar a passagem da locomotiva **Baronesa,** que veio da Inglaterra e ganhou êsse nome por sua linha esbelta e aristocrática. O imperador está sorridente enquanto a máquina bufa, partindo de Pôrto Mauá com destino à raiz da Serra da Estrêla. Estava inaugurada a primeira "ligação férrea" do Brasil: 14 quilômetros e meio construídos pela Imperial Companhia de Estradas de Ferro de Petrópolis, uma sociedade com capital de dois mil contos de réis. Seu maior acionista era Irineu Evangelista de Souza, mais tarde Barão de Mauá.

Dessa festa, porém, nem todos participavam. Antes, durante e depois dela houve as maiores discussões em tôrno do assunto. Muitos achavam que a ferrovia estava destinada a falir, "por falta de carga e de passageiros". Outros, mais preocupados com a saúde, tinham certeza absoluta de que os poucos "malucos" que se aventurassem a viajar na geringonça apanhariam constantes resfriados nos vagões abertos. Uma terceira corrente apontava o perigo das fagulhas da locomotiva, que certamente provocariam desastrosos incêndios nos cafèzais e canaviais da região. E havia ainda a crítica dos freqüentadores dos cafés da rua do Ouvidor: se o **engenho** prosperasse, o povo — e os soldados de modo especial — sem mais necessidade de realizar longas caminhadas perderiam "o enrijecimento dos músculos e a capacidade de resistência".

1854: 48 km/h; 1967: 8 km/h

Nenhum ataque ou campanha, porém, deteria o Barão de Mauá. Quatro anos após a inauguração da primeira ferrovia, êle abria ao tráfego a Estrada de Ferro Dom Pedro II. Tinha empregado todo seu capital nestes novos 48 quilômetros, os primeiros da futura Central do Brasil, que iria ligar, mais tarde, o Rio de Janeiro a São Paulo. Também desta vez lá estava D. Pedro. Conta o jornal da época: "Era dia claro quando a família imperial voltou. A viagem foi feita em uma hora e 40 minutos, tempo excessivo, mas propositalmente gasto para se evitarem acidentes, visto como em experiências secretas já se tinha feito o mesmo percurso em uma hora."

A partir de então, não progredimos muito. Ainda hoje, 109 anos passados, 48 quilômetros por hora é uma velocidade de causar inveja aos passageiros da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, por exemplo, no Território de Rondônia. Ali, num traçado de 366 quilômetros, entre Pôrto Velho e Guajará-Mirim, o trem se arrasta numa média de oito quilômetros horários. E isso quando tudo vai bem.

A Madeira-Mamoré sempre andou devagar. Sua construção levou 41 anos. Iniciada em 1871, só foi inaugurada em 1912. A esta altura já tinha ganho o nome de **Ferrovia do Diabo:** dos 21.717 homens que trabalharam em sua construção, mais de 15 mil morreram por doenças, flechadas de índios e mordidas de cobras. Em maio de 1966, o govêrno federal extinguiu a Madeira-Mamoré. Mas a Ferrovia do Diabo continua funcionando — quase às escondidas — pois não existe na região outro meio de transporte.

Madeira-Mamoré assusta Marlon Brando

Dois anos atrás Franco Rossi, um diretor de cinema italiano que passava pelo Brasil, planejou uma produção em **tecnicolor** baseada na epopéia dos construtores da Madeira-Mamoré. Pronto o roteiro, vendeu-o a um grande produtor de Hollywood que ficou empolgado com a idéia. E que na mesma hora pensou em Marlon Brando para o papel de um engenheiro intrêpido e bonitão, desbravador de florestas virgens, sensível tanto aos grandes problemas ferroviários quanto ao amor de uma índia irresistível (talvez Ursula Andress, de peruca e cara pintada). Além do mais, ela era filha do cacique. Mas êste — no roteiro — não via com bons olhos Marlon Brando e seus trilhos, preocupando-se durante o filme inteiro em atacar os homens da estrada de ferro com chuvas de flechas envenenadas.

Tudo acertado, o produtor norte-americano, mais seis dos seus melhores auxiliares e Franco Rossi alugaram um avião e foram para Pôrto Velho. Descendo do avião, o produtor esticou os braços, as pernas, e virou-se para seus homens com o ar otimista de sempre:

— Muito bem, rapazes, agora vamos para o hotel que preciso fazer uma ligação urgente para o meu escritório de Los Angeles.

A essa altura o diretor italiano teve sua primeira dúvida quanto à realização do filme. No dia seguinte, a comitiva percorria de trem os primeiros 220 quilômetros da Madeira-Mamoré, até Abunã. Foram 11 horas de viagem, ao fim das quais o produtor e seus assistentes (todos com o rosto vermelho de picadas de mosquitos) chegaram à conclusão de que dificilmente Marlon Brando ou Ursula Andress agüentariam mais de um dia de filmagem naquele "fim de mundo".

SEGUE

Quero lembrar êste momento...

Como é maravilhoso poder lembrar – e ser lembrado! Basta o "click", e um momento como êste fica retido para sempre – para ser vivido e revivido através dos anos. E não é para isto mesmo que os filmes Kodak são feitos?

Os filmes Kodak Ektachrome e Kodachrome produzem "slides" vivos e brilhantes. Para cópias em côres, utilize o filme Kodacolor. Procure o seu Revendedor Kodak.

Kodak

O homem que mais lutou por êle morreu na miséria

TREM
CONTINUAÇÃO

Assim, não foi realizado o filme épico sôbre a Ferrovia do Diabo, talvez a estrada de ferro mais deficiente do mundo, desde que foi construída.

Novamente o Barão: uma desventura

Ninguém pensou em fazer um filme sôbre os 139 quilômetros da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí que liga o litoral ao centro do Estado de São Paulo. Mas ela também tem sua história, que começa com a desventura do mesmo barão de Mauá que criara as duas primeiras ferrovias brasileiras.

Vinte e seis anos após a inauguração, na Inglaterra, da primeira linha ferroviária a vapor do mundo, o barão obteve a concessão para construir e explorar uma estrada de ferro que, partindo de Santos, chegasse até a cidade de Jundiaí. O decreto imperial estendia o prazo dessa concessão por 90 anos. Com o decreto na mão, o barão e seus dois associados — marqueses de São Vicente e de Monte Alegre — começaram a trabalhar. Dos bancos londrinos, obtiveram dois milhões de libras, parte do capital necessário, e fundaram uma sociedade chamada The São Paulo (Brazilian) Railway Company. Do seu bôlso, o barão botou 450 mil libras.

Era o começo do fim. Pois um dia êle teve que abandonar a direção da Estrada de Ferro, por divergências com os financiadores inglêses, e viu recusado o reconhecimento de seu crédito.

Pràticamente na miséria, apesar de sua grande amizade com o imperador D. Pedro II, o barão faliu. Atualmente patrono do Ministério de Viação e Obras Públicas, o barão de Mauá, entretanto, morreu pobre.

Na carteira que costumava guardar embaixo do travesseiro a família encontrou alguns réis e um desenho de sua grande paixão: a locomotiva **Baronesa.**

A Santos—Jundiaí foi inaugurada depois de 11 anos de trabalho duro — morreram muitos operários de febre palustre, na Baixada Santista. No próprio dia da inauguração aconteceria o primeiro acidente de sua história. Foi há 100 anos: na Estação da Luz, em São Paulo, uma multidão aguardava o primeiro trem vindo de Santos, puxado por duas locomotivas e desenvolvendo a "espantosa" velocidade de 30 quilômetros por hora. Diversas autoridades participavam dessa primeira viagem.

Quando se aproximava do atêrro junto ao rio Tamanduateí, o trem descarrilou. O maquinista morreu na hora e muitos convidados ficaram feridos, entre êles o presidente da Província e o presidente da Câmara Municipal. Em meio ao drama, houve um episódio cômico que acabou passando para a história. Foi a frase do conselheiro Brotero, que ao ser socorrido exclamou:

— Meus amigos, milagrei escaposamente!

Em janeiro de 1946, terminados os 90 anos da concessão inicial, o govêrno federal resolveu encampar a São Paulo Railway, que tinha fechado seu último balanço com um superavit de 25 milhões de cruzeiros.

Com seu nôvo nome — Estrada de Ferro Santos—Jundiaí — a ferrovia ia deixar de ser considerada a "estrada dos trilhos de ouro" o balanço passou a acusar seguidos deficits, que só desapareceriam em 1966, quando houve um pequeno **superavit.**

Diante de problemas econômicos como êstes, e da situação geral de nossas ferrovias, o govêrno resolveu criar um organismo-gigante no campo dos transportes — a Rêde Ferroviária Federal S.A. Fundada em 1957, ela controla 26 mil quilômetros dos 35 mil que o Brasil possui hoje, englobando 14 estradas de ferro **(Central do Brasil, Leopoldina, Santos-Jundiaí, Rêde do Nordeste, Paraná-Santa Catarina, Noroeste do Brasil, Leste Brasileiro, Dona Teresa Cristina, Madeira-Mamoré, São Luís-Teresina, Centro-Oeste, Cearense, Rio Grande do Sul e Santa Catarina).**

Estradas de ferro ou de chumbo?

"Hoje possuímos apenas 35.721 quilômetros, numa confusão de seis bitolas, distribuídas por 36 estradas diferentes. Estas são tôdas dos governos, federal e estaduais, agora que caiu o último baluarte da iniciativa privada: a Companhia Paulista. A quilometragem total, entretanto, é ilusória. Mascara a realidade. Podemos afirmar que só existem aproximadamente quatro mil quilômetros de estradas de ferro no Brasil. Os restantes 31 mil não são estradas de ferro. São de chumbo."

Estas palavras estão num livro publicado em 1964 pelo engenheiro Murillo Nunes de Azevedo, alto funcionário da própria Rêde Ferroviária Federal.

O **chumbo** de que êle fala custa caro: a RFF, no último balanço que se conhece — de 1965 — apresentou um deficit de 300 bilhões de cruzeiros velhos. SEGUE

Trabalha demais mas nunca dá lucro

O quadro não é dos melhores e muita gente pergunta se não estaria próximo o fim de nossas ferrovias. Ou se isso representa a vitória definitiva da rodovia — com seus 800 mil quilômetros de extensão — sôbre a estrada de ferro. Quem responde é o general Mário Andreazza, ministro dos Transportes, que não está tão pessimista em relação ao problema:

— Temos que encontrar soluções dentro do espírito de integração dos transportes, de maneira que não haja prevalecimento de uns sôbre os outros, mas sim a complementação dos interêsses do sistema, tendo em vista a solução global dos problemas do país. Neste sentido, temos que trabalhar bastante em todos os setores, e encontrar o caminho certo. Entendo que nossa política deve ser menos de extensão dos transportes que de remodelamento e reequipamento de nossas linhas. Na extensão, temos que seguir critérios rigorosamente econômicos, evitando de qualquer maneira a pulverização das verbas.

É preciso realmente muito otimismo, pois o ministro dos Transportes recebeu uma herança de assustar. Os 35 mil quilômetros de ferrovias brasileiras — dos quais apenas 2.473 são eletrificados — são percorridos numa média horária das mais baixas do mundo. Fora isso e os prejuízos, há o problema das bitolas: as 2.439 locomotivas, 4.444 carros e 52.644 vagões, rodam sôbre seis tipos de bitola, o que significa inclusive a impossibilidade de se interligarem as várias linhas.

Então surge uma velha pergunta — Por que não se unificam de uma vez as bitolas? A resposta também não é das mais novas. Porque não há dinheiro. Com dinheiro escolhe-se um tipo de bitola e reconstroem-se pelo menos dois terços das estradas de ferro existentes. Acontece que o custo médio de construção por quilômetro de uma estrada de ferro é de 653 milhões de cruzeiros velhos. E não há verba; ao contrário, há deficit. Comentando essa situação, dizia um técnico do Ministério do Planejamento, com um a sombra de tristeza nos olhos: "Se todos os trens tivessem ficado parados, sem fazer nada, ainda seria mais fácil explicar ao público o porquê dos deficits. Mas acontece que nossas estradas de ferro trabalharam, e muito.

Êle falava a verdade: no ano de 1964, por exemplo, quando o deficit foi de quase 300 bilhões, foram transportados 440 milhões de passageiros e 52 milhões de toneladas de mercadorias.

Uma união de muitos vícios

Os pessimistas não vêem outra coisa senão os sintomas clássicos dos vícios antigos que até 1957 eram próprios das 14 companhias, uma por uma. E que só teriam aumentado com a união. Êsses vícios seriam: ineficiência nas operações e custos elevados ou irrealistas; ausência absoluta de contabilidade de custos; falta de tino empresarial; desconhecimento do mercado; falta de padronização do material rodante e de tração; serviços em linhas antieconômicas.

Os pouco mais de oito mil quilômetros controlados pelos governos estaduais, com raras exceções, não estão em melhor situação que as 14 ferrovias da Rêde. As medidas urgentes e gerais que os técnicos de visão ampla sugerem para salvar o grande doente são estas: continuação da extinção dos ramais antieconômicos, administração das emprêsas com critérios empresariais, tarifas à base de custos reais, redução dos custos, eliminação do empreguismo.

Nos Estados Unidos, em 1950, as ferrovias também pareciam destinadas à falência. Mas a situação foi contornada e hoje é novamente satisfatória: eliminaram-se os traçados paralelos, foram cortados os empregados a mais (tinha foguista até na locomotiva diesel e na lomotiva elétrica, lendo o jornal, porque o sindicato assim queria), foram revolucionados os vagões e os carros, seguindo os critérios mais modernos de sistematização, tanto para a mercadoria como para os passageiros.

Valeu a pena investir milhões de dólares numa campanha publicitária que voltou a superlotar os trens, principalmente de carga. Êles são novamente utilizados para os longos trajetos. O passageiro encontrou, em definitivo, outro rumo: o do avião, especialmente para as longas distâncias. Mas nas curtas, (trezentos ou quatrocentos quilômetros) ainda prefere o trem, que com uma média horária de 100 quilômetros, leva-o a seu destino, com todo o confôrto.

"Viaje melhor, viaje de trem"

Talvez olhando o exemplo americano, o govêrno de São Paulo fêz um plano para suas ferrovias. Foram unificadas, por decreto, as administrações das quatro estradas de ferro do Estado, em duas companhias, no sentido de melhorar os serviços. Pela primeira vez, desde 1950, isto é, desde o comêço da crise das estradas de ferro no Brasil, toma-se uma atitude prática. Ela comporta — segundo os planos revolucionários do governador paulista — uma série de inovações na área dos transportes ferroviários. Além de melhorar tècnicamente o material rodante e a rêde de tráfego, está prevista uma reorganização dos quadros do pessoal, com o objetivo de atenuar — senão eliminar — o dano representado pelo empreguismo. O plano paulista vai além: sugere aos interessados abrir os olhos e abandonar de uma vez a idéia de que as ferrovias continuem a deter, como até 1950, o monopólio dos transportes em quase todo o Brasil. Isso significa deixar o caminho das discussões inúteis contra a grande arrancada das companhias rodoviárias, e reconquistar os mercados de transportes tipicamente ferroviários para as ferrovias. Com as técnicas comerciais mais modernas, com o apoio de inteligentes lançamentos publicitários, os paulistas pretendem oferecer três vantagens originais a um mercado de clientes que, no momento, olha com desconfiança para os trilhos das estradas de ferro. As três vantagens são a eficiência, a maior rapidez e os preços mais baixos, determinados na base de custos reais. Se as boas intenções dos administradores de São Paulo acharem o caminho da realização prática, e se o exemplo servir para acordar do longo sono as autoridades ferroviárias federais, então o trem voltará a apitar com a mesma alegria de 113 anos atrás.

SEGUE

Fique em paz com sua consciência... exija Leite Ninho!

PORQUE Leite Ninho é sempre o mesmo leite integral puríssimo, verdadeira proteção para crianças e adultos.

PORQUE contém todos os elementos nutritivos indispensáveis ao crescimento e ao bem-estar do organismo, sendo rico em vitaminas, proteínas e sais minerais.

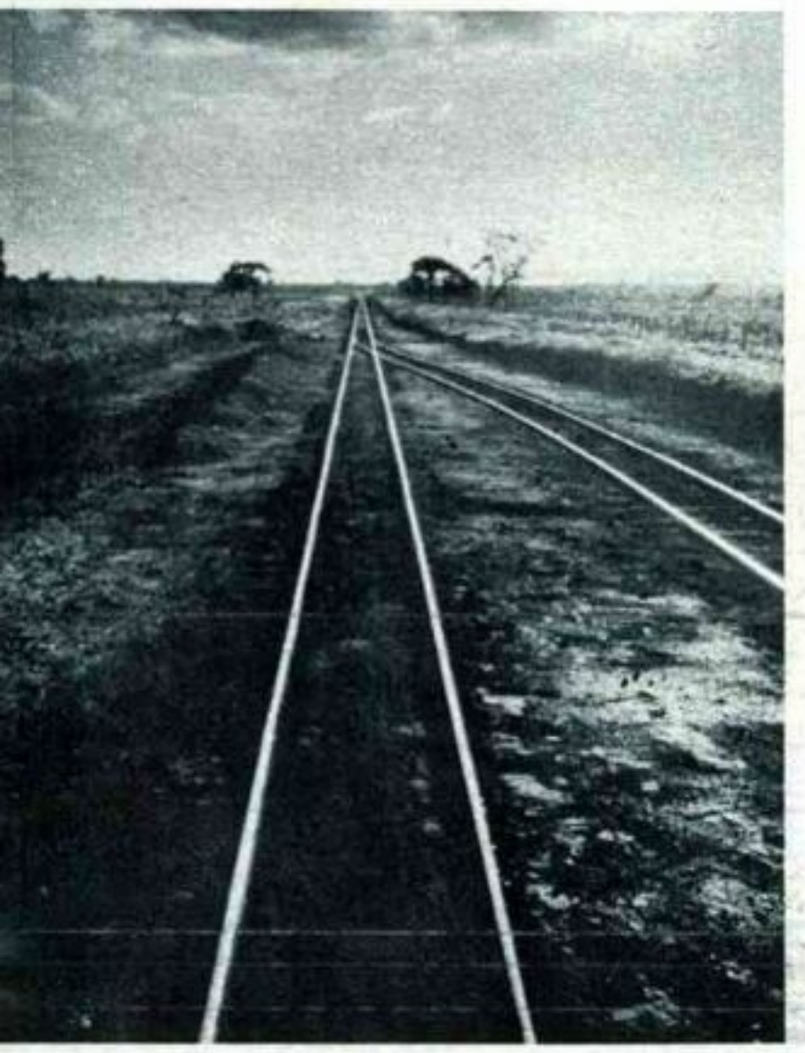
PORQUE é o leite em que V. pode realmente confiar - puro, gostoso e nutritivo como nenhum outro!

NINHO É SEMPRE NINHO

GARANTIA NESTLÉ

V-2/67

Se não reagir, o caminhão carrega tudo



Os defensores dos transportes rodoviários, porém, têm uma tese segundo a qual o ciclo da estrada de ferro acabou de uma vez. Para prová-lo, mostram êstes dados: a construção de um quilômetro de rodovia custa, em média, 295 milhões, isto é, menos da metade do que custa um quilômetro de ferrovia. Os caminhões ou os ônibus custam menos da décima parte de uma locomotiva diesel, sem nem pensar nos dois bilhões que custa uma moderna locomotiva elétrica, do tipo daquela que recentemente foi construída no Brasil pela General Eletric.

Os adeptos das rodovias — até 20 anos atrás pràticamente inexistentes — hoje olham para os das ferrovias com ar de superioridade: de 1930 para cá, enquanto no Brasil se construíam apenas mais cinco mil quilômetros de estradas de ferro, eram executados nada mais nada menos que 601 mil quilômetros de rodovias.

Dizem os **ferroviários:** "Não pode haver desenvolvimento industrial num país sem uma sólida estrutura ferroviária. Por outro lado, o rodoviarismo desenfreado, num país que não pode produzir petróleo suficiente para sua movimentação, chega a ser atentatório à segurança nacional."

Os **rodoviários retrucam:** "Por quê? As locomotivas diesel não consumiram em 1964 o dôbro do óleo importado em 1962?"

E ainda os **ferroviários:** "Com duas locomotivas, pode-se formar um trem de 100 vagões, com mil toneladas de mercadorias. Para transportar a mesma carga, são necessários 100 caminhões, 100 motoristas, 100 ajudantes. . .".

Mas os **rodoviários** estão bem informados: "Nada de trem com 1.000 toneladas, no Brasil. Os trilhos não agüentam. Isto só é possível na Vitória-Minas, e chega. No máximo, e com muita paciência, a 20 quilômetros por hora, vocês conseguem carregar 250 toneladas. Mas quando chegam? E que acontece quando descarrila tudo?"

É tempo de voltar atrás

A discussão pode não ter fim, porque cada parte tem sempre a resposta pronta e a réplica rápida. Mas existem também os distanciados, os neutros, os tranqüilos e serenos observadores dêste problema. São os que dizem: "Tem lugar para todo mundo, se se respeita o princípio básico segundo o qual a ferrovia transporta cargas baratas a longas distâncias, e a rodovia toma conta das cargas caras nas distâncias curtas. Aqui, no Brasil, êsse princípio foi invertido. Mas nunca é tarde demais para voltar a fazer as coisas com a cabeça, até após meio século de loucura".

No fundo, há a certeza de que será encontrado um caminho para salvar nosso trem. Por enquanto, porém, tudo não passa de planos e sonhos. A realidade ainda é bem dura, como no caso da Estrada de Ferro Sorocabana, de São Paulo. Há dez anos, mais ou menos, os seus vagões costumavam sair dos trilhos com a maior tranqüilidade, principalmente no trecho entre Santos e Itanhaem. O maquinista, o graxeiro, o chefe de trem, o bagageiro e outros ajudantes conseguiam sempre devolver os vagões ao seu leito natural com muito esfôrço, num espaço de tempo que variava de duas a quatro horas.

Hoje, naquele mesmo trecho, pode-se dizer que a situação melhorou sensìvelmente. Os trilhos, na verdade, estão ainda mais gastos e corcundas que em 1957, mas o pessoal — graças a uma experiência decenal e à boa-vontade — consegue executar a mesma operação de reposição dos vagões nos trilhos em menos de 20 minutos.

E, às vêzes, o esfôrço de todos é coroado pelas palmas dos passageiros agradecidos. FIM

AS RÊDES FERROVIÁRIAS NO MUNDO

	Área do país em milhões de km²	Quilometragem das ferrovias	Densidade ferroviária	Posição, segundo a densidade
Estados Unidos	9 368 172	128 300	37,5	10.º
URSS	22 402 000	348 260	5,7	21.º
Canadá	9 959 401	70 300	7,0	20.º
Índia	3 268 032	57 089	17,4	14.º
Argentina	2 753 363	43 092	15,6	15.º
Alemanha	355 844	42 134	118,4	2.º
Austrália	7 703 273	42 024	5,4	22.º
França	551 603	38 530	69,8	7.º
BRASIL	8 511 965	35 572	4,3	24.º
Inglaterra	228 304	29 306	128,3	1º
Japão	369 413	27 890	75,5	6.º
Polônia	311 730	27 000	86,6	5.º
México	1 969 269	23 351	11,8	18.º
Rep. Sul Africana	1 223 618	21 872	17,8	13.º
Itália	301 226	20 972	69,6	8.º
Espanha	502 551	18 022	35,8	11.º
Suécia	449 793	14 433	32,0	12.º
Checoslováquia	127 860	13 139	102,7	3.º
Chile	741 767	9 543	12,8	17.º
Hungria	93 018	8 874	95,4	4.º
Egito	931 667	7 012	7,5	19.º
Indonésia	1 491 565	6 640	4,4	23.º
Noruega	324 219	4 408	13,6	16.º
Bolívia	1 098 581	3 745	3,4	25.º
Portugal	88 965	3 597	40,4	9.º
Paraguai	406 752	1 147	2,8	26.º
Venezuela	912 050	773	0,8	27.º

Por êsse quadro pode-se observar que o Brasil, embora ocupe o nono lugar em quilometragem, está em posição inferior no que diz respeito à densidade. A densidade ferroviária — km de trilhos por km² de superfície — é muito mais importante que o número absoluto de quilômetros, pois dá uma visão aproximada da distribuição da rêde em cada país. Os casos da Inglaterra, Alemanha Ocidental e Checoslováquia são exemplos típicos de países cuja rêde ferroviária está muito desenvolvida.

SUBA MAIS UM DEGRAU... COM O BANCO DA AMÉRICA

A formatura se aproxima, e você bem sabe que o final do curso é apenas o início de uma vida profissional onde os problemas não serão poucos. É hora de pensar no futuro escritório ou consultório. É hora de trocar idéias com gente experimentada, dona de uma visão geral da conjuntura brasileira, interessada no progresso dos profissionais jovens. É o momento de conversar com o Banco da América. Ele tem interêsse em ajudá-lo a subir mais um degráu na escada do progresso.

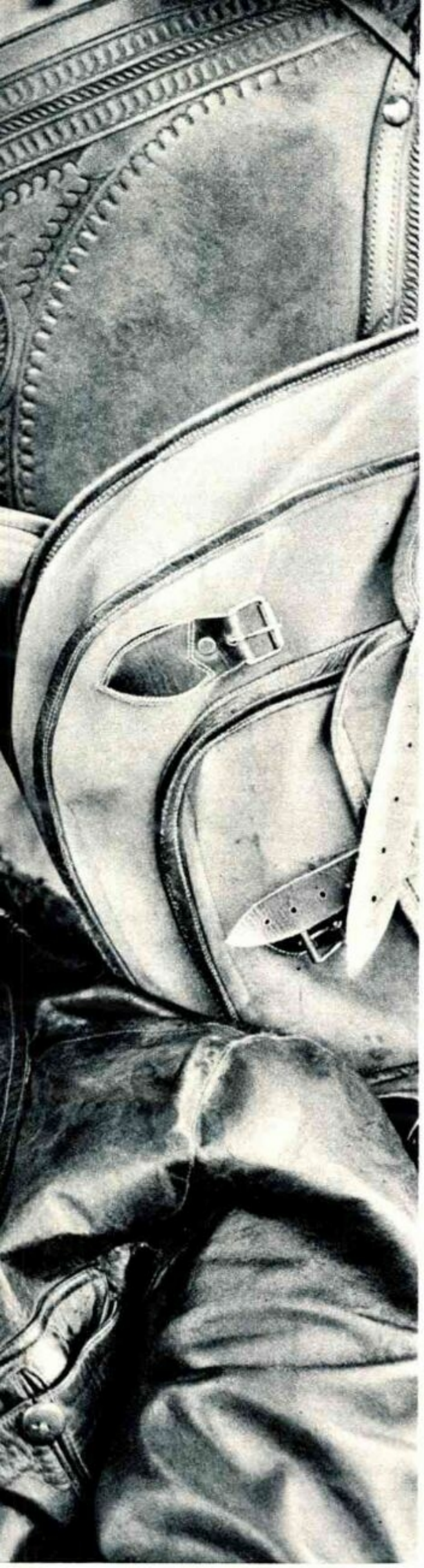
BANCO DA AMÉRICA S.A.

– onde você sempre está em casa –

Não se sabe quase nada
sôbre êste homem considerado
por muitos o maior
escritor brasileiro de
todos os tempos.
Nem êle quer que se saiba.
Esta reportagem foi
feita através de pesquisa,
informações de amigos
mais íntimos do escritor -
como o romancista
Paulo Dantas - e das
pessoas que cercam o criador
de "Grande Sertão: Veredas".
Chegar até êle é
realmente difícil, mas
conhecê-lo, não. O caminho é:

GUIMARÃES ROSA SEGUNDO TERCEIROS

Texto de Otoniel Santos Pereira



O porteiro Francisco, há mais de 30 anos no edifício de nove andares da rua Francisco Otaviano, no Pôsto 6, mais ou menos no ponto em que Copacabana começa a se encontrar com Ipanema, sabe que o doutor João é pessoa importante.

— Êle está sempre na linha.

E não é apenas isso. É diante de Francisco que, todos os dias, entre oito e oito e meia da manhã, um carro prêto de chapa branca encosta na calçada defronte o prédio, para apanhar o doutor João.

O automóvel oficial do Ministério das Relações Exteriores está levando o embaixador João Guimarães Rosa para o trabalho.

O doutor João é de pouca intimidade. Pouco se vê dêle. Quase todo mundo sabe tanto quanto o porteiro a seu respeito. Mas percebe-se que o homem, alto e sempre elegante, vive da casa ao trabalho e do trabalho à casa. Raras vêzes sai do apartamento do quinto andar. Um apartamento próprio, de três quartos, sala ampla e um jardim de inverno.

Num domingo ou outro, o doutor João desce para passear algum tempo com a neta, no corredor que se estende da rua à entrada do edifício, ornamentado com um coqueiro gigante, um pé de cajá-manga e alguns pés de jibóia grudados no muro.

Quando se encontra em casa, quase sempre escreve. Os vizinhos ouvem o tique-taque da máquina. Mora só com a mulher, dona Araci:

— Moro muito defendidamente, escondido nos grotais de um altozinho, depois de muita volta, nas bataqueiras da caatinga. Vivo num istmo, sofrendo o mar e me alembrando do campo. Mas tenho janelas que dão para um matinho, bamburral e amendoeiras bravas; lá vêm os pássaros, borboletas, e existem uns dignos gatos independentes.

Entrevista é impossível

O telefone toca sôbre a mesa de seu escritório, no Itamarati. É o romancista Paulo Dantas, um dos amigos mais chegados. Veio de São Paulo para vê-lo:

— Estou no Rio, vim para a nossa entrevista. Pode ser?

— De jeito nenhum. Entrevista, não. Não gosto disso. Você sabe muito bem o que penso a respeito. Não insista.

— Mesmo para mim?

— Sim. Gosto dos meus amigos, mas não gosto do sentido bisbilhoteiro da imprensa. Ela deforma tudo. Irrita-me.

— Certo, Guima, mas eu não sou a imprensa. Bem sei que você se defende com unhas e dentes.

— Mais do que unhas e dentes. Unhas e tridentes. Com quentes e frios.

Guimarães Rosa não gosta de entrevistas e não as concede, mesmo a amigos mais próximos. Êstes, quando publicam algum texto dêle ou sôbre êle, geralmente o fazem com uma autorização do escritor. Uma espécie de **imprima-se,** ou **nada obsta.** Podem chamá-lo **Guima,** ou **Rosa,** ou outro nome parecido, sempre como amigos, jamais como repórteres. Êle justifica:

— Nada de intimidade para todos.

Os amigos prometem conservar e defender seu mistério.

— Êle não quer, e não pode, ser decifrado — explica Leo Gílson Ribeiro, crítico e ensaísta. Quando anotei minuciosamente uma de nossas conversas telefônicas de várias horas e quis publicá-la sob forma de entrevista, êle se sentiu magoado, devassado, e me proibiu aquêle barateamento que uma entrevista representa da personalidade do entrevistado, embora não o formulasse com êstes têrmos.

A chave de seu enigma e a única fonte onde desvendá-lo, Guimarães Rosa a diz que se encontra nos livros.

— Ali é que está o miolo.

Tôdas as perguntas ficam respondidas quando êle revela a razão da sua alergia a questionários.

— Perco a naturalidade. Tôdas as vêzes em que dei entrevistas, fiquei profundamente desgostoso com o que disse e com o que disseram de mim.

Uma das funções assumidas pessoalmente por dona Albertina, sua secretária na Divisão de Fronteiras do Itamarati há oito ou dez anos, é evitar a violação da intimidade de seu chefe. Ela já viu dezenas de repórteres tentando passar a porta do escritório para penetrar no mundo burocrático do embaixador.

— É um homem um pouco retraído, o senhor sabe.

De Guimarães Rosa, dona Albertina nada mais dirá, preocupada em ponderar que não pode responder a qualquer indagação, mesmo às mais simples:

— Como êle dita suas cartas?

— Quais as suas normas de trabalho?

— Seus horários?

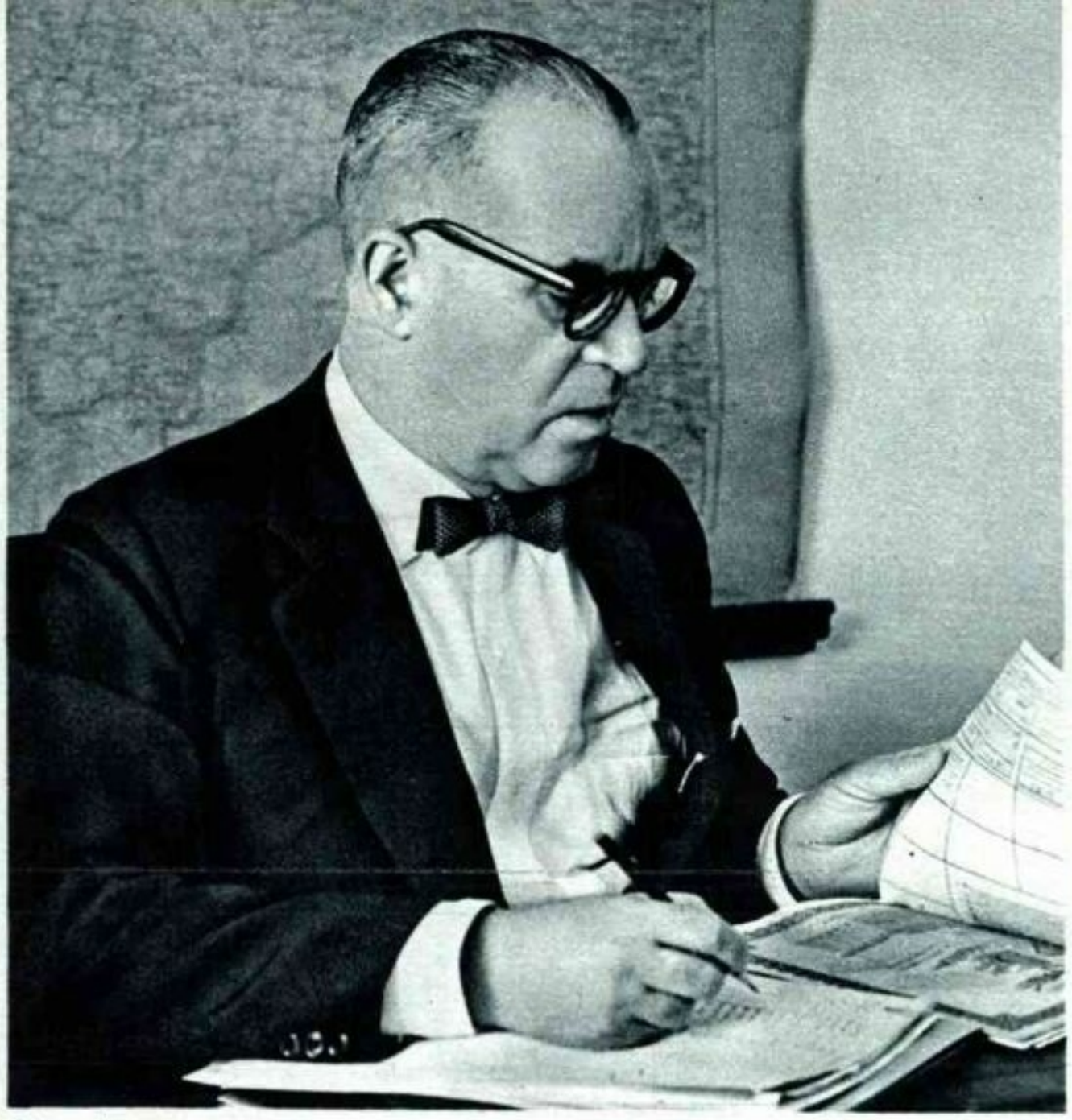
Ela deixa escapar, apenas:

— É um homem muito ocupado. Ocupadíssimo.

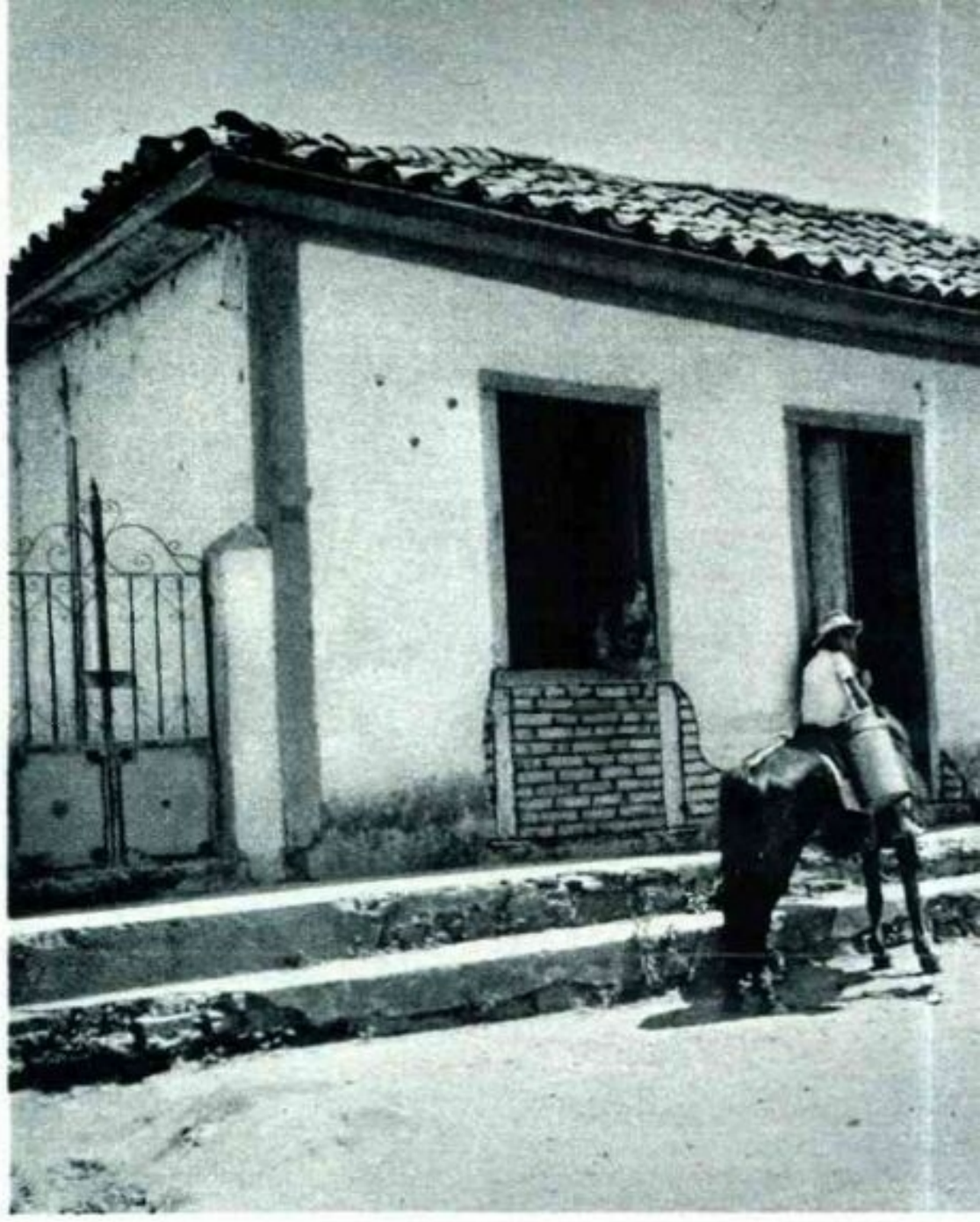
E encerra o assunto:

— Conheço o temperamento dêle, e o respeito. Só falaria se êle me desse uma ordem nesse sentido, pois eu mesma tomar uma resolução é impossível. Sei que êle não gosta de reportagem.

SEGUE



"Pesquisa tudo, sabe tudo, entende tudo. Seria um grande historiador."



Nesta casa de Vista Alegre, Minas, êle viveu até os 11 anos;

No próspero estabelecimento do comerciante Floduardo Pinto Rosa, na única rua de Vista Alegre, abriu-se uma garrafa de pinga mineira, da boa, no dia 27 de de junho de 1908: dona Chiquinha Guimarães Rosa tinha lhe dado um menino. João foi o nome dêle. No vale do rio das Velhas, região de Minas Gerais onde se engorda muito gado, o menino viveu até os 11 anos. Magro, míope, de óculos, comportado e estudioso, êle foi se impregnando das histórias de homens e bichos que se contavam nas serras, planícies e chapadões daquêle grande sertão.

Um dia foi para Belo Horizonte, e aí ficou, até se formar em Medicina. Formado, trabalhou como médico de roça dois anos em Itaguara, no Oeste do Estado. Mais tarde tornou-se capitão-médico da Polícia Mineira e em 1932, durante a revolução, alistou-se espontâneamente para tratar dos feridos.

Sem perder tempo, Rosa lia, escrevia e estudava línguas, que sempre aprendeu com enorme facilidade. Conhece, entre outros idiomas mortos e vivos, o holandês, o russo, o latim e o grego. Atualmente estudava vietnamita.

Em 1934, prestou concurso no Itamarati. Começava uma carreira que o levaria a várias missões diplomáticas importantes. Foi cônsul em Hamburgo, na época da Segunda Guerra, secretário-geral da delegação brasileira na IX Conferência Interamericana em Bogatá, 1948, e há pouco tempo, como chefe da Divisão de Fronteiras, representou o govêrno num caso com o Paraguai. Quando estava em Bogotá, um líder popular foi assassinado e o povo se revoltou, pondo fogo na capital, quebrando tudo, numa fúria de vários dias. O jornalista Antônio Callado, que acompanhava Guimarães Rosa e não o vira durante a rebelião, foi encontrá-lo mais tarde, já terminada a batalha. De gravata borboleta, como sempre, terno impecável, o escritor vinha da casa de João Neves da Fontoura, chefe da representação brasileira. Passara todo êsse tempo num bairro elegante, a reler obras de Proust, afastado do centro e das chamas dos revoltosos.

Polìticamente, Rosa é um antitotalitário. Como escritor, não admite a política na literatura. Em março, no México, êle renunciou à vice-presidência do Congresso de Escritores Latino-Americanos quando — num debate sôbre a conveniência ou não de o Congresso interferir em assuntos políticos — os delegados de Cuba e do Panamá fizeram críticas ao govêrno dos Estados Unidos. Sua razão:

— A maior ameaça ao escritor latino-americano é que se torne um político e esqueça que é um escritor.

Guimarães Rosa, diz Antônio Callado, acredita na libertação do homem pelo aperfeiçoamento da consciência individual, não por meios políticos ou revoluções.

Rosa na tôrre e no convento

— Nada existe: só a sua obra. Estão brigando no Vietnã? Pois o nosso Rosa escreve. Há a guerra nuclear, o fim do mundo? Guimarães funda outro idioma. A tôrre de marfim fêz dêle o maior artista brasileiro do século.

Para o teatrólogo Nélson Rodrigues, Guimarães Rosa é um homem isolado. Viver uma vida retirada como essa já lhe deu o trabalho de desmentir uma notícia publicada nos jornais, em 1960, sôbre a sua disposição de entrar para um convento:

— Trata-se de pilhéria de mau gôsto, pois sou casado e feliz, e jamais pensaria em entrar em qualquer convento, a não ser como visitante.

Quase tôda semana, o escritor aparece para um almôço ou um cafèzinho na livraria de José Olympio, seu editor. Olympio vai agora publicar um livro nôvo dêle, chamado **Tutaméia,** e sabe que Rosa deve ter uns dez outros começados e alguns pelo meio. Amigo do escritor há mais de 30 anos, êle o entende muito:

— A sua rica personalidade tem dois aspectos: de um lado, o artista, o criador; do outro, a figura humana, o homem sensível à idéia de Deus. Sem ser pròpriamente um beato, é um místico, um espiritualista. O criador e o místico em conjugação, eis o sentido de sua vida.

O ministro Portela, que trabalha com Rosa no Itamarati, concorda:

— Assim como gosta da alegria, gosta também de rezar. É um homem profundamente religioso. Usa no bôlso um rosário.

Sem ser supersticioso ou ingênuo, Guimarães Rosa crê no sobrenatural.

— A sorte — costuma falar — é a grande lei da vida. O mundo é algo plástico. A fé é criadora.

Também confessa:

— Não creio em meses, anos. Acredito no Eterno. Gosto do Eterno.

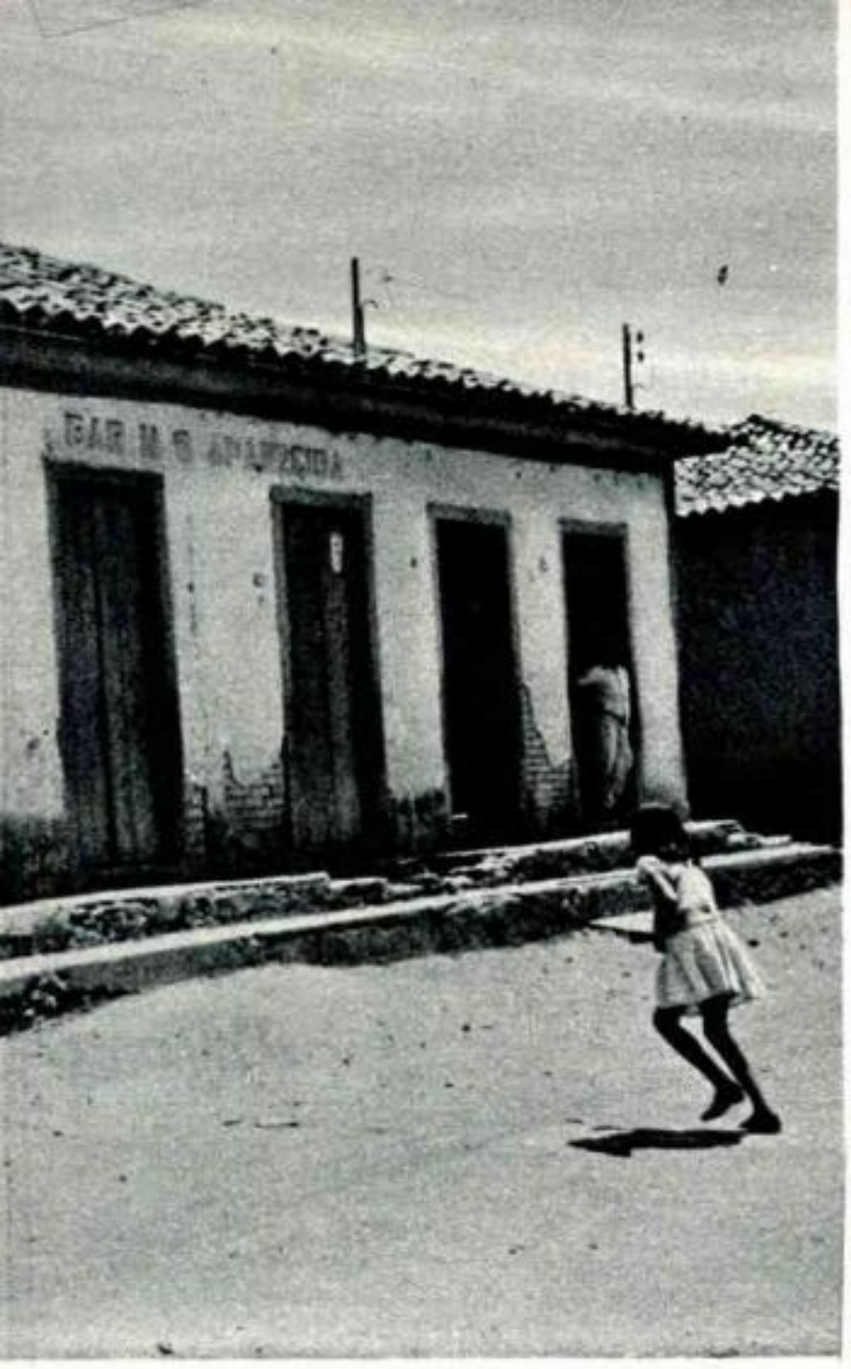
Em 1956, êle autografava seus livros numa movimentada livraria de São Paulo. Trouxeram-lhe uma caixa de cupons para que retirasse um, sorteando uma coleção entre o público. Ameaçou com a mão esquerda, depois estendeu a direita, indeciso:

— É uma coisa à-toa, mas tenho muito respeito por sorte e destino.

Para o ministro Portela, as quatro virtudes de Guimarães Rosa são o bom coração, a genialidade, o senso de amizade e a noção de responsabilidade:

— Êle é um sol, tem um sol dentro. Adora a palavra alegria. Brinca com todos, recebe bem a humildes e poderosos. A primeira pergunta que costuma fazer quando recebe seus colegas de delegação, no Itamarti, é sôbre os doces da terra de cada um.

"Creio no Eterno, gosto do Eterno"



era um menino míope, de óculos, estudioso.

Tarde de autógrafos, livraria cheia de gente. Guimarães Rosa abre o volume na página clara, assina, entrega. Faz isso quase automàticamente, até encontrar sôbre a mesa um livro com um cartão em cima. No cartão, um nome de mulher: Ilona Patrícia. Levanta a cabeça olhando em volta:

— A môça não está aqui?

A môça surge diante dêle e ouve a gentileza:

— Adivinhei. Com um nome tão lindo só poderia ser uma jovem encantadora como você.

Rosa é extremamente carinhoso com as mulheres. E muito amável com todo mundo.

Reuniões sociais e rodas literárias, porém, o desagradam. Evita-as. Convidado em 1957 a receber um prêmio de romance em São Paulo, escreveu a seu amigo Paulo Dantas:

"Olha lá, Mano-Velho, não arranja barulho aí, não, hem? Eu estou em séria fase de humildade sertaneja e minha passagem por aí terá de ser veloz como risco de beija-flor e tonto como vôo de morcêgo estropiado em igreja velha..."

Êle foi, apanhou o prêmio, ouviu os discursos, deu os abraços e se escondeu no bairro das Perdizes, na casa da sogra. Saía de lá para almoçar, com poucos companheiros, num velho restaurante nordestino da avenida São João, o **Pau-de-Arara.**

O segrêdo está em Miguilin

Um dia perguntaram a Guimarães Rosa:

— Por que o senhor faz livros tão grossos?

— É sem querer.

Êle era chefe de gabinete do ministro João Neves da Fontoura, no govêrno do marechal Dutra, em 46, quando publicou seu primeiro livro, **Sagarana.** O que espantou os críticos não foi a grossura do volume, nem era tanta, mas o estilo, a forma e o conteúdo dos contos, inteiramente novos.

Rosa explica:

— **Sagarana** é um cordel com que amarrei um livro. **Sagarana** é o primeiro. A chave que abriria a porta de meus triunfos.

As novelas de **Corpo de Baile (Manuelzão e Miguilim; Noites do Sertão; No Urubuquaquá, no Pinhém; Buriti)** e as 500 páginas do romance **Grande Sertão, Veredas** foram lançadas por José Olympio, em 1956.

A história de Miguilim, em menino, filho de lavrador, que tinha prazo marcado para morrer e fêz um trato com Deus, é muito importante para o escritor:

— Nela acho tudo o que já escrevi até agora e talvez mesmo tudo o que venha a escrever em minha vida. Nessa história está o germe, é a semente de tudo.

Sôbre o seu **Grande Sertão,** Rosa gosta de esclarecer que Riobaldo, o personagem principal, para quem **viver é um negócio muito perigoso,** não é êle:

— Modelei-o sem que pensasse em algum exemplo vivo. É como procedo sempre. Posso afirmar, até o ponto onde poderei saber, que sou um dos escritores menos autobiográficos. Minha isenção é a maior possível.

Mas a respeito das outras figuras de sua literatura, a revelação é diferente:

— Todos os meus personagens existem. São criaturas de Minas: jagunços, vaqueiros, fazendeiros, pactários de Deus e do Diabo, meninos pobres, mulheres belas, moradores do Urucuia e redondezas.

Os sertanejos e até os bichos de Guimarães Rosa, todos criados no Brasil Central, já falam francês, inglês, alemão, sueco, checo, espanhol e ainda vão falar outras línguas, nas versões de suas obras em muitos países. Êles podem dar a Rosa — e êle seria o primeiro brasileiro a recebê-lo — um Nobel de literatura. Na Alemanha, na Itália, na França e aqui, intelectuais trabalham para isso e acreditam que o prêmio não vai demorar.

Em 1961, a Academia Brasileira de Letras atribuiu-lhe o prêmio Machado de Assis, por todos os seus livros. No discurso de agradecimento, êle se definiu:

— Contra os miúdos e graúdos da vaidade, tomo-o, isto sim, como a um prêmio de bom comportamento. A sério. Porque, inquirindo-me, de boa fé, surpreendo-me: vejo que, de há anos, tudo o que tenho feito, ou não feito, ou desfeito, ou deixado de fazer — esforços, rotinas, omissões, renúncias — visaram, também, indesviadamente, a adequar minha vida mais e mais ao serviço das palavras da gente. Escrever, até o fim das horas: só cumprindo devagarinho um destino. Se Deus mandar.

Austeros e silenciosos dentro dos fardões, os acadêmicos ouviram-no fazer um balanço da carreira:

— Os livros saíram-se necessàriamente desabusados, "no peito e na raça", e involuntàriamente polêmicos. A respeito dêles, tenho tido motivos de alegria, e não de queixa. Tiveram sorte. Encontraram editor inteligente, corajoso. Foram reeditados. Estão sendo traduzidos e publicados no estrangeiro, de onde chegam boas notícias. Motivaram quantidade de artigos, estudos, alguns dêles já entrados definitivamente na nossa melhor bibliografia crítica. (Bem, às vêzes, também, acham que êles são um pouquinho ilegíveis ou incompreensíveis, isto é verdade. Fico com pena. Ou qualificam, livros e autor, de "discutidos"; e serão, mesmo, de fato?). De qualquer modo, porém, trata-se de uma obra... — como diremos? — crespa, rumorosa, incômoda.

Às vêzes escreve a noite inteira

Conta-se que uma noite Guimarães Rosa demorou a voltar para casa e sua mulher, inquieta depois de esperá-lo algumas horas, começou a telefonar. Não pensou no Itamarati, estava fechado. Primeiro para os amigos. Apreensiva, para os conhecidos. E aflita, numa última tentativa, para a Polícia, o necrotério e lugares parecidos. E nada.

No dia seguinte, reaberto o Itamarati para o expediente, Guimarães Rosa trabalhava na sua mesa, na Divisão de Fronteiras. Passara a noite escrevendo.

Quem não se surpreendeu foi o ministro Portela, que novamente procura defini-lo:

— É uma criatura dedicada e responsável. Faz tudo com perfeição e gosta do trabalho. Se não fôsse um grande romancista, seria um dos maiores historiadores do Brasil. Pesquisa tudo, sabe de tudo, entende de tudo. Possui um ôlho terrível e uma memória espetacular. No serviço não deixa escapar nada. E que chefe êle é.

Na literatura acontece a mesma coisa. Seus livros lhe dão grande trabalho:

— Todos os meus livros foram escritos em sete meses. Levei mais quatro meses para retocá-los, cada um.

A história de Miguilim, uma história curta, êle escreveu em 15 dias, chorando muitas vêzes. Quando começa a escrever, não está pensando em realizar coisas monumentais.

— Quem assim parte, parte errado — afirma.

Como gosta muito de música, antes de sentar-se para trabalhar costuma ouvir uns discos. Pode ser música sinfônica; mas nessa hora prefere tirar de sua discoteca alguma peça de Luís Gonzaga ou uma moda de viola de Tonico e Tinoco. Uma das suas favoritas é a **Mula Preta.**

Rosa fala, brincando:

— É preciso ambiente. Chamar os caboclos; êles **baixam.**

Quando os caboclos não vêm, Rosa vai a êles. Se há um ambiente em que concede tôda intimidade, é no sertão. Acocorado rente ao fogo, num acampamento noturno, no mato, vira sertanejo. Então se entrega todo a uma boa conversa; convive. Êsse é o seu método de trabalho. Anota minuciosamente, quando viaja, os acontecimentos, as pessoas, os animais, a natureza. Tudo passa para seus cadernos.

— Meus cadernos cheiram a suor de cavalo, de boi. Estão impregnados dos cheiros do sertão.

SEGUE

Você poderá ser sempre à mamãe como aumentar a mesada de seus filhos, sem aborrecer o papai.

Criança gasta sapato que é o diabo.
Durante um ano escolar, cada um de seus filhos gasta, pelo menos, de 3 a 4 pares.
Bem, se não forem Vulcabrás.
Porque um par de Vulcabrás dura o ano inteiro.
Seus filhos jogam quantas partidas de futebol quiserem.
Pulam cordas a valer.
Vulcabrás agüenta firme.
Agüenta até chutes em pedras, latas, etc. etc.
Coisas fatais para outros sapatos.
E, já que é impossível impedir que as crianças pisem em poças d'água e lama, Vulcabrás é impermeável.
Vulcabrás dura, dura, dura... O ano inteiro.
E passa de ano.
Em vez de quatro pares de sapatos comuns, compre Vulcabrás.
Com a substancial economia, aumente a mesada da turma.

Linha Colegial

VULCABRÁS

Caixa Postal 47 - Jundiaí - S. P.

Vulcabrás Colegial tem seis bonitos modelos. Para meninos e meninas. Nas côres preta e café, de 28 a 40.

Denison

"Eu preciso aprender mais sôbre a alma dos bois"

Ao lado de vaqueiros, Guimarães Rosa já passou sete dias e sete noites, de blusão de couro e chapelão, a conduzir uma boiada mineira. Histórias, diálogos, frases, palavras, iam para o papel. Em julho de 1952, êle viveu uns dias no Pantanal de Mato Grosso. O nome do lugar era Nhecolândia. Conheceu um boiadeiro chamado Mariano, com quem ia a cavalo para o campo, e transformou suas conversas nas 34 páginas de um livro de 116 exemplares, fora do comércio, só para os amigos: **Com o Vaqueiro Mariano.** Amigo e personagem de Rosa:

"Encontrei um vaqueiro que reunia em si, em qualidade e côr, quase tudo o que a literatura empresta esparso aos vaqueiros principais. Típico, e não um herói, nenhum. Era tão de carne-e-osso, que nêle não poderia empessoar-se o cediço e fácil da pequena lenda".

Já no primeiro dia, Rosa tivera com o sertanejo uma conversa de três horas, à luz de lampião, na cozinha da fazenda:

— Eu tinha precisão de aprender mais sôbre a alma dos bois.

Na bôca do homem de Minas, êle recolhe a língua popular, recriada depois num idioma pessoal em seus livros.

— Eu também carrego alma de sertanejo. É êle quem religa a língua ao latim. Com êle ficam guardados núcleos do português arcaico. Tem uma coisa que é muito mineira. Mineiro é muito concreto. Quando um caboclo conta um caso, é como querendo fazer ver: **Era graaaaaaaaaaande... Foi indo, foi indo, foi indo, foi indo... e só.**

Por causa dessa linguagem pessoal, muitos acham complicado aproximar-se dêle pela leitura. Mas se alguém chamá-la de sofisticada e inacessível, êle esclarecerá, depois de dizer que não desgosta da sua literatura:

— Não é sofisticação, nem pose. Detesto os lugares comuns, as coisas muito íntimas, particulares. A própria língua é demasiadamente sofisticada. A sofisticação é da vida, é do povo. A povo adora estórias de príncipes e de princesas. Quando menino, no sertão de Minas, meus pais costumavam pagar velhas contadeiras de estórias. Elas iam à minha casa só para contar casos. E as velhas, nas puras misturas, me contavam estórias de fadas e de vacas, de bois e reis. Adorava escutá-las.

Se houver dúvida ainda, êle reafirma:

— Aquilo que a gente escreve está sempre claro.

Seu amor se estende aos bichos

Naquela mesma tarde de autógrafos de 1956, em São Paulo, Guimarães Rosa foi abordado por alguns conhecidos:

— Sua senhora, dona Araci, veio?

— Não, porque temos um casal de gatos persas e um cão pequinês. Era preciso que um de nós ficasse para cuidar dêles.

O amor de Rosa pelos bichos é conhecido, visível nas suas histórias povoadas de burrinhos, cães, bois. Hoje, para evitar sofrimento, prefere não criá-los. Morreram-lhe os gatos, aos quais chamava de **Tout-Petit, Xizinha, Boyzinho.** E a morte do pequinês felpudo o contrariou a ponto de os amigos notarem:

— Só vi o embaixador triste uma vez, lembra o ministro Portela. Foi quando morreu seu cão, **Sung.** Ficou desolado, só venceu a depressão pelo trabalho.

O bichinho foi enterrado no Cemitério de Cães, em Mangueira, com uma inscrição sôbre o túmulo.

Sung,
Sunguinho de Deus

Negócio, negócio, amigo, amigo

Guimarães Rosa cuida com carinho de tudo que o rodeia. Nas questões editoriais não é diferente. O jornalista Paulo Francis, quando editor da revista **Senhor,** decidiu, junto com Nahum Sirotsky, outro editor, perguntar a Rosa se tinha algum original pronto para publicação. Os dois tinham dúvidas, porém, quanto à viabilidade da idéia. Rosa é essencialmente um artista, consideravam, e não um profissional de jornalismo a quem se encomenda trabalho.

Telefonaram e ouviram:

— Não tenho, mas escrevo um para vocês. Quanto vocês pagam?

Conta Francis que dias depois êle aparecia na redação com o texto. Fechou-se com Nahum e iniciou uma negociação para obter 40 mil cruzeiros velhos pelo conto.

— Em 1960 era uma "fortuna" para êsse tipo de matéria.

Nahum cedeu pelo cansaço e diante do prestígio do escritor.

— As coisas, porém — lembra ainda Francis — não ficariam nisso. Encantado com o nôvo público à sua disposição em **Senhor,** Rosa resolveu fazer-se contratar pela revista como colaborador permanente. A quarenta mil cruzeiros por história. Foi difícil resistir à sua investida trabalhista, e terminamos docemente derrotados.

Depois, quando os dois editôres procuraram explicar-lhe, com tôda a diplomacia, que a ficção da revista primava pela variedade e êle se especializara em regionalismo, Rosa surpreendeu-os novamente. Prontificou-se a escrever sôbre qualquer assunto — policial, citadino, lírico, satírico e outros.

— Desde que recebesse os quarenta mil cruzeiros pelo esfôrço.

Foi aceito, como queria, com tôda liberdade de criação, e voltou à sua vida fechada. Dessa vida sai apenas para os amigos, únicas testemunhas da existência, nêle, de um homem que brinca.

Nas cartas a Paulo Dantas êle gosta de escrever versos e quadras espirituosos:

Paulo Dantas, me responda
a estas perguntas fatais:

1. Se, antes, havia tanto piolho,
   por que não há de haver mais?
2. Não achando boi anônimo,
   posso dar nomes aos bois?
3. Quando o um não é nenhum
   um a um são mesmo dois?
4. Em latim, como é **mutum?**
   Em grego, como é **gregário?**
5. E a quanto vai a diferença
   entre camêlo e abecedário?
6. Mas, qual é o homem de imprensa
   que dá jornal por salário?

Parágrafo único. Paulo Dantas, não me minta,
não se cresça do meu lado!
Cabelo ruim, quando pinta,
vira cãs, ou apentelhado?

Rosa fecha cartas assim:

"Eis as alvíssaras, iporangas, sucursais de afeto, espantos retrasados, discursos sopitados. Eco forte do que vale paga. Mãos de pegar. Abraço de se abraçar".

Pode, ainda, dizer isso:

"Na vida tudo é recado. Tudo é cachaça, na praça. Tudo é por tudo".

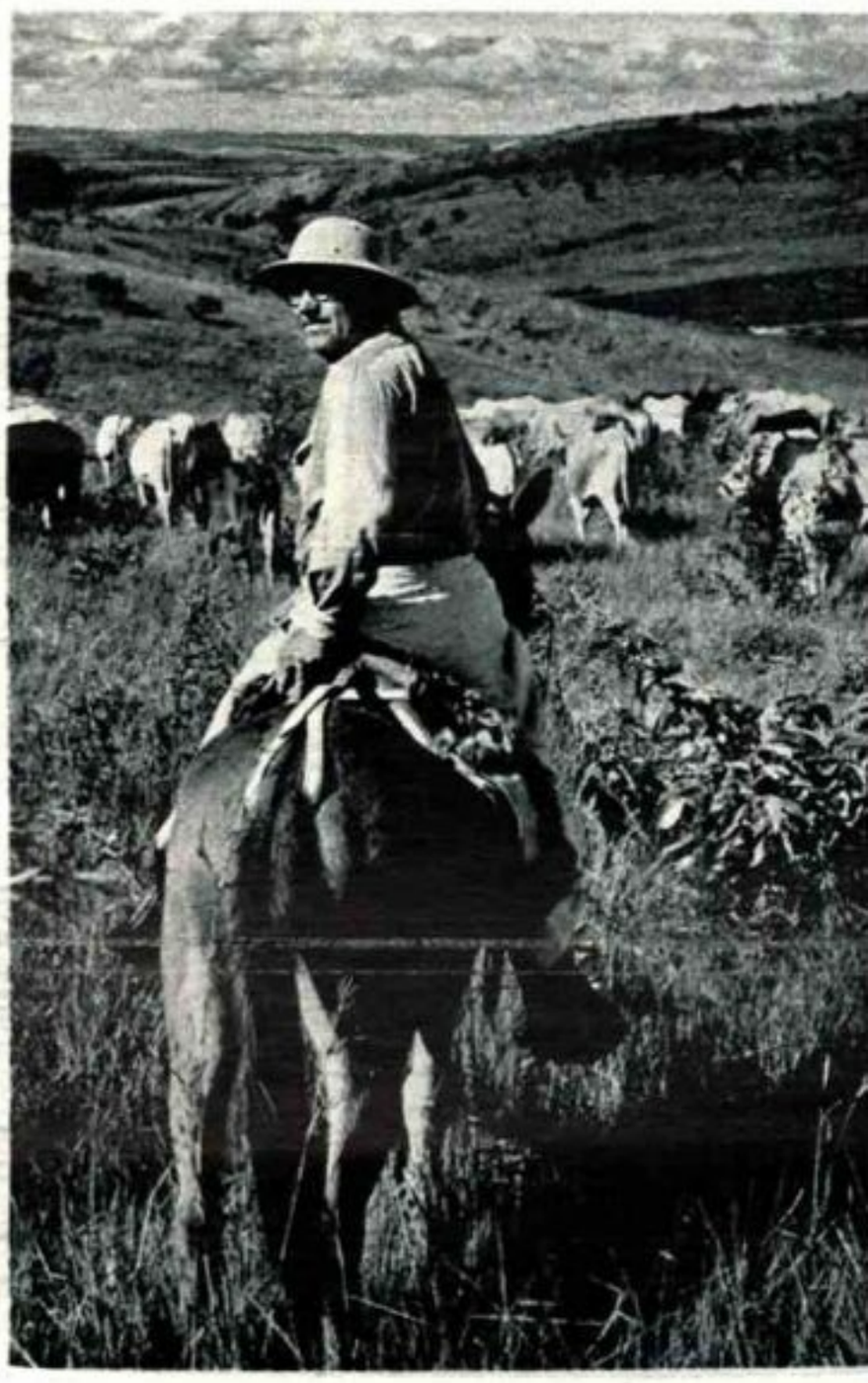
Enviar êste bilhete:

"Mande reabrir o Pau-de-Arara, limpo, mudado o nome para **Sagarana;** com o velho sarapatel, com feijoada excelsa, fiel. Se falarem mal de mim, desminta. Diga que sou assim, assim".

E, numa recomendação especial, terminar:

"Seja concreto, mas não indiscreto; sertanidade sem intimidade. Agarre o "mistério" sem despautério. E acolha o abraço (forte, de aço) do poeta prosa.

Guimarães Rosa".



Nas semanas em que o Coríntians ganha, a produção em São Paulo sobe 12,3 por cento. Nas semanas em que o Coríntians perde, o número de acidentes do trabalho aumenta 15,3 por cento. O primeiro torcedor a invadir um campo de futebol foi um corintiano, no Pacaembu. Nesse mesmo estádio já morreram vários dêles. Só em São Paulo existem mais de 200 clubes de várzea chamados Coríntians. O Coríntians é um time que consegue levar um cego ao campo de futebol. É também o time que consegue fazer um padre mudar o nome de uma criança na hora do batizado. O Coríntians é um time que não ganha um campeonato faz mais de 12 anos — mesmo assim é o único time que consegue lotar o estádio.

A ISTO SE CHAMA RELIGIÃO

Texto de Antônio Euclides Teixeira
Fotos de Geraldo Mori

Estamos nos últimos dias de agôsto de 1910. Numa esquina do bairro do Bom Retiro, à luz de um lampião, cinco homens tramam alguma coisa. São Paulo, tomada por cavalarianos da Fôrça Pública em tôdas as ruas, está agitada. O país todo está agitado com a campanha civilista de Rui Barbosa, candidato à Presidência da República. Vive-se o estado de sítio decretado por Nilo Peçanha.

São mais de dez horas da noite, dois cavalarianos vêem o grupinho reunido na esquina:

— Por certo são revolucionários.

Os soldados puxam a espada e avançam, mas ao tropel dos cavalos os cinco saem correndo, um para cada lado. Na fuga, mal têm tempo de combinar um nôvo encontro, para o dia seguinte.

Os cinco homens eram Antônio Pereira, um pintor de paredes, e Joaquim Ambrósio, Antônio da Silva, João da Silva e Salvador Lopomo, operários da São Paulo Railway, hoje Estrada de Ferro Santos-Jundiaí. Êles tramavam a fundação de um time de futebol. Um time que iria subverter o futebol de São Paulo, ganhar mais expressão que muitos partidos políticos e criar uma fôrça igual ou maior que muitas revoluções. Era o Coríntians que estava nascendo.

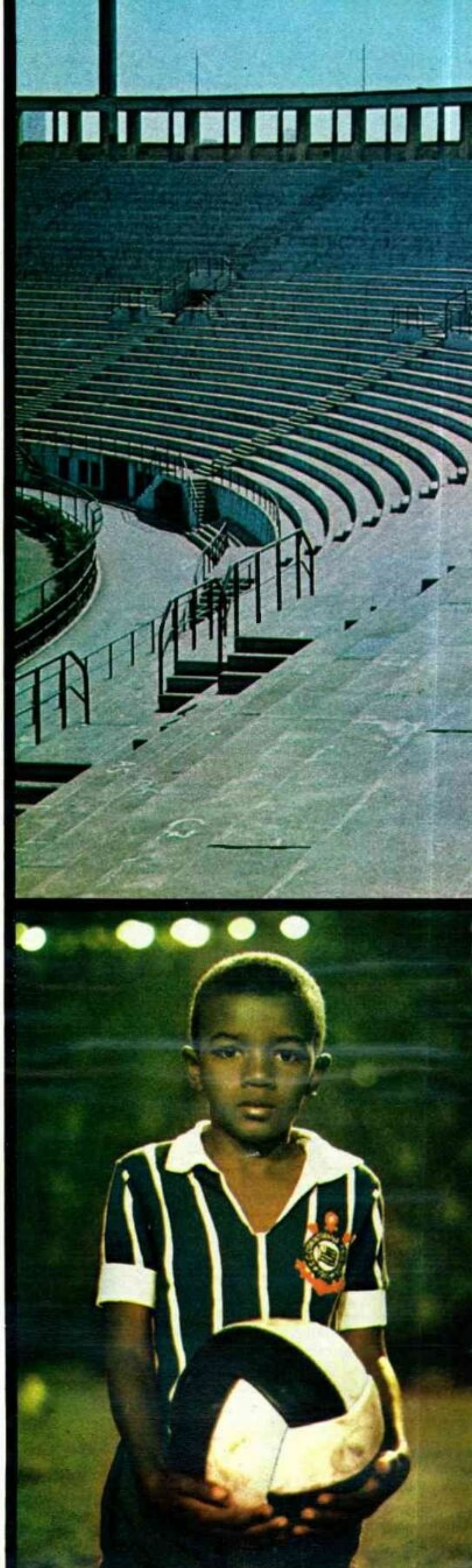
O começo de tudo foi o **Corinthians Team,** um quadro inglês que veio ao Brasil naquele mesmo ano de 1910, a convite do Fluminense do Rio. Inventores do futebol e donos de grande técnica, os inglêses foram ganhando de todo mundo. Golearam até a Seleção Brasileira, no Rio, de 5 a 2. Depois vieram a São Paulo, e em três jogos fizeram 15 gols.

No meio dos torcedores que, assombrados, viram os jogos do Corinthians Team estavam os jogadores do Botafogo, um timinho da várzea do Bom Retiro. Êles tinham um campo miserável, ao lado de uma lenharia. O Botafogo era um time mais de briga que de futebol. As partidas terminavam sempre em pontapés e a lenha do depósito acabava virando arma para bater nos inimigos. Até que um dia êles receberam um ultimato do delegado de Polícia:

— Ou acabam essas arruaças, ou eu fecho o Botafogo.

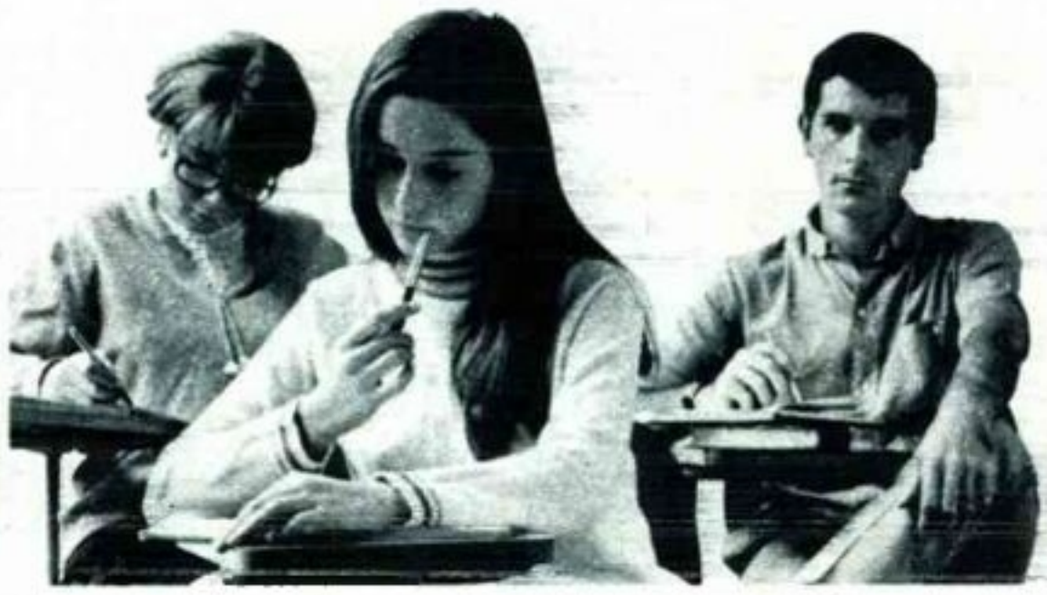
Fechar o Botafogo até que era uma idéia, porque a fama ruim do time já se espalhara por tôda a cidade. Mas era preciso fundar outro time. O Corinthians inglês foi a inspiração.

E era isso que o pintor de paredes e os quatro ferroviários tramavam. Na noite seguinte ao episódio dos cavalarianos, êles se encontraram de nôvo, na mesma esquina. SEGUE



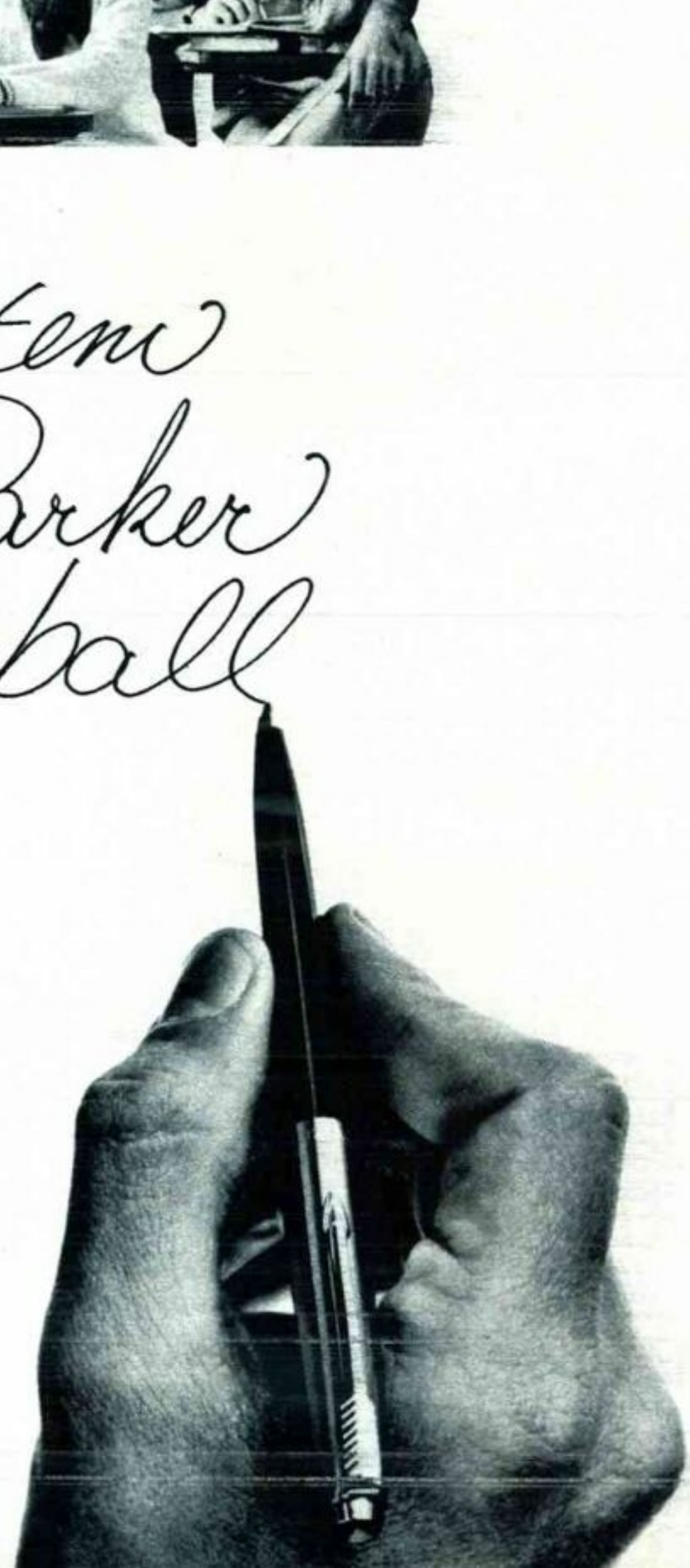
GENTE
QUE
ESCREVE

Gente que estuda



Gente que pensa

tem Parker t-ball



Porque a PARKER t-Ball é uma esferográfica durável, resistente. Sua carga dá para escrever muitíssimo. Sua esfera escreve sôbre qualquer superfície, sem falhar.
Porque a PARKER t-Ball é uma esferográfica que sempre funciona bem e que tem boa aparência. (É uma caneta, ora essa!)
Porque a PARKER t-Ball tem o preço normal de uma esferográfica (pois não é lápis-tinta...).
Para usar ou presentear, gente jovem ou adulta, porque é gente que estuda, gente que escreve, quer PARKER t-Ball. Gente que pensa...

PARKER
faz a esferográfica mais desejada do mundo!

Antes dêle, futebol era esporte grã-fino

CORÍNTIANS
CONTINUAÇÃO

Só que, para maior segurança, decidiram fazer a reunião na casa de Salvador Bataglia, um barbeiro disposto a lutar pela causa. Terminada a reunião, de que participaram outros simpatizantes das idéias do grupo, estava fundado o Sport Club Corinthians Paulista. O nome foi escolhido por Joaquim Ambrósio, contra Corínthians Bandeirante, Corínthians do Brasil, Santos Dumont e Tiradentes.

Nasceu à luz de vela

Um treino no dia 5 de setembro serviu para juntar os jogadores do já extinto Botafogo. Ao final do treino, todos se reuniram para formar a diretoria. Era quase noite e ventava muito. Estavam ainda no campo: João Murino — sócio número quatro, vivo até hoje — comprou duas velas, duas fôlhas de papel almaço e emprestou seu chapéu palheta para que a primeira ata do Corínthians não fôsse escrita no chão. Mas o vento forte apagava as velas e o jeito foi transferir a reunião, outra vez, para a casa do barbeiro. Então foi formada a diretoria, com uma palavra de ordem: jogar mais futebol e brigar menos.

Cinco dias era o tempo que êles tinham para arrumar uniforme e bola, pois já estava até marcado o primeiro jôgo. Com o dinheiro de uma lista assinada por quase todos — seis mil réis — compraram a bola. O uniforme, tiveram que usar o velho mesmo: camisas azuis com listas brancas, bem finas, verticais. Com êle foram derrotados pelo União-Lapa, na estréia, dia 10 de setembro de 1910, por 1 a 0. A derrota não desanimou os corintianos. Veio uma vitória de 5 a 0 no segundo jôgo, e veio o uniforme nôvo: camisas brancas, golas e punhos prêtos, um losango com as letras CP como distintivo. Tudo como os fundadores haviam imaginado, menos os calções, que deveriam ser prêtos. Mas, sem dinheiro, a solução foi fazê-los brancos mesmo, de sacos de farinha de trigo que o Brasil importava da Argentina. O tecido das camisas provou não ser também dos melhores: na primeira lavagem, o prêto da gola e dos punhos desbotou, e elas ficaram levemente azuladas. E foi assim, de camisas azuladas e calções brancos, daqueles que desciam quase abaixo dos joelhos, que os corintianos conseguiram entrar na Liga Paulista de Futebol, em 1913. No ano seguinte já eram os campeões invictos, donos de um bom time, de uma grande torcida e de uma fama que não pararia mais de crescer.

Explica-se por que o Corínthians cresceu tanto. Foi o primeiro clube pobre do Brasil. Seu primeiro presidente, Miguel Bataglia, era um alfaiate filho de italianos vindos nas primeiras imigrações. O segundo, Alexandre Magnani, era motorista de praça. Os jogadores, quase todos operários. Um time de várzea autêntico. Tudo isso numa época em que futebol era coisa de gente rica, em que o campo do Velódromo — onde se realizavam os jogos — era lugar de reunião da alta sociedade paulista. Só jogava bola quem fôsse filho de fazendeiro, empregado do alto comércio ou estudante de nível superior.

A revolução corintiana

O Corínthians rompeu tudo isso e foi a primeira oportunidade que o povo teve para participar do futebol. Por isso se tornou o clube do povo. E com a ajuda do povo se tornou uma religião.

Para explicar essa fôrça, o professor João Carvalhaes, psicólogo da Seleção Brasileira em 1958, são-paulino e homem metido nas coisas do futebol há dez anos, usa a história e um raciocínio matemático.

A história:

— Nascendo pobre, o Corínthians foi aceito pela gente humilde. E todos sabem que no Brasil sempre houve mais pobres do que ricos. Então, desde que nasceu, o Corínthians sempre teve maior torcida.

O raciocínio matemático:

— A experiência mostra que o gôsto pelo clube quase sempre é transmitido de pai para filho. De cinco filhos de pai corintiano, no mínimo três são corintianos também.

SEGUE

Em São Miguel Paulista, o padre Aristides é conhecido como "o padre corintiano". Êle até gosta do apelido.

1970: mais carros para mais pessoas..

Você tem 3 anos para ir mudando de opinião.

Em 1970 a população do País deverá atingir 95 milhões de habitantes. Serão 13 milhões a mais do que hoje. O mesmo que as populações de São Paulo e Rio juntas. Êsse número, entretanto, não é o único estímulo para o desenvolvimento da Indústria Automobilística. Pois, segundo os planos, a produção nacional não pretende apenas atender ao crescimento populacional. Pretende ir ao ponto de, em 1970, baixar a média atual de 38,1 pessoas por veículo para 28,1. Por sinal, você sabia que em 1970 a Volkswagen produzirá o dôbro do que produz agora?

...e mais pessoas pensando no 2.o carro...

Exemplos como êste nos fazem acreditar sinceramente que o Brasil caminha para ser uma nação líder no mundo.

Se você não pensa como nós, você tem 3 anos para ir mudando de opinião.

Guarde êste anúncio. 1970 chega logo.

VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A.
SÃO BERNARDO DO CAMPO — SP

Por que corintiano? "Porque é bonito, pai"

CORÍNTIANS
CONTINUAÇÃO

É o crescimento da torcida em progressão geométrica. Além disso, entre as classes mais humildes — onde está a maioria dos corintianos — o número de filhos é sempre maior.

Uma das grandes alegrias dessa gente tôda sempre foi ver o Corintians ganhar do Palmeiras, seu maior adversário de todos os tempos. Como naquela tarde de domingo, no verão de 1939. Estádio lotado, o Corintians vai ganhando de um a zero. Quase no fim acontece o segundo gol — 2 a 0 — e algo inesperado: no meio dos saltos de alegria da torcida, aparece um galo pintado de verde, côr da camisa do Palmeiras. É que um torcedor do então Palestra, tinha levado o bicho debaixo do paletó com a intenção de comemorar uma grande vitória do seu time. Pois o homem acabou sem vitória e sem o galo, que no meio das correrias e de alguns pisões terminou sendo morto, enquanto suas penas verdes passavam a ser disputadas a socos e pontapés. A morte do galo verde marca um episódio na vida do Corintians — e do seu último tricampeonato, que era também o seu décimo primeiro título. No meio dêsses campeonatos estavam quatro títulos invictos e um mais famoso que todos os outros: o de campeão do centenário da Independência, em 1922. Outro título de centenário, o da fundação de São Paulo, o Corintians iria ganhar em 1954. Com êste somou 15 campeonatos ganhos ao mesmo tempo em que recebia da torcida um outro título: "campeão dos centenários". De 1954 para cá, porém, o Corintians não levantou mais nenhum campeonato.

Tôda essa espera não consegue diminuir um amor cada vez maior em tôrno de seu nome. A cada ano a Federação Paulista registra um ou dois clubes amadores chamados **Corintians.** Atualmente, há 76 registrados na Federação, e sem registro, pela várzea, devem existir pelo menos uns 150.

Um time predestinado

Por que essas coisas só acontecem com o Corintians? Wadi Helu, advogado, deputado e acima de tudo corintiano, deixa de lado a sua condição de presidente do clube para responder:

— Porque o Corintians é predestinado.

Helu fala até num possível magnetismo da palavra Corintians, que define assim: "Uma mensagem de fé, de resignação e de esperança".

Para ilustrar a frase, êle conta dois casos recentes:

— Outro dia um torcedor entrou no meu escritório. Era um sujeito humilde. Tinha uma carteirinha de sócio e um sério problema: "Presidente, eu comprei um título do Corintians, estava pagando por mês, mas faz dois meses que estou sem emprêgo, o dinheiro acabou. Não há nem para a comida, nem para continuar pagando o título. E eu não tenho nada, só a minha casinha. Se o senhor quiser pode ficar com ela, ou com o que tem lá dentro. O que eu não quero é deixar de ser sócio."

O outro caso é de um menino:

— Eu tenho um amigo, que jamais gostou de futebol, nunca foi a um estádio. Pois, de uma hora para outra, descobriu que seu filho, de seis anos, era corintiano. Resolveu perguntar por quê. A resposta: "Porque é bonito, papai".

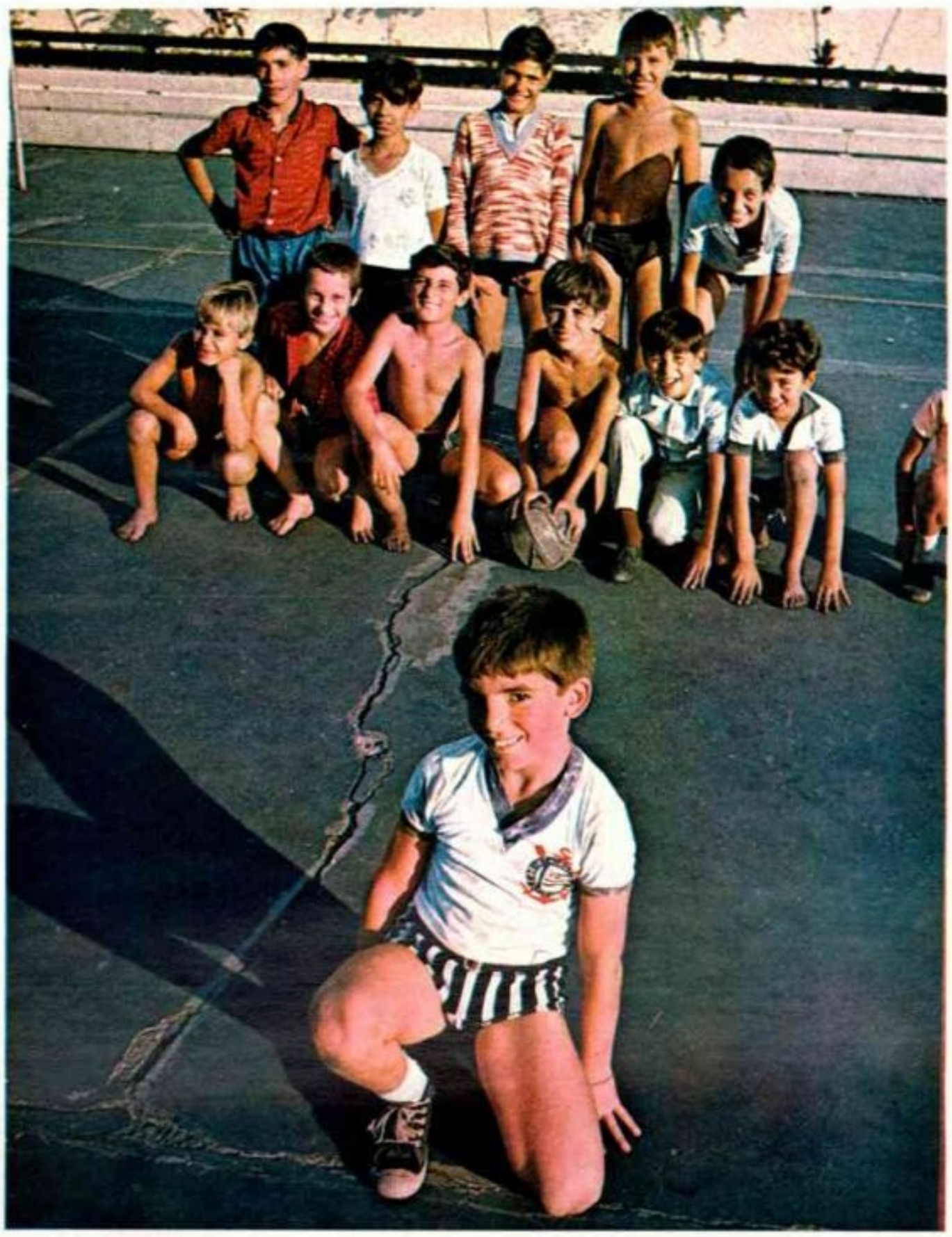
Coisas assim fazem do presidente do Corintians um homem orgulhoso e ao mesmo tempo preocupado. Orgulhoso, por dirigir um clube de 90 mil sócios, com um patrimônio de 20 bilhões de cruzeiros e uma previsão orçamentária anual de quase quatro bilhões. Preocupado, por reconhecer a responsabilidade do cargo. Talvez êle não esteja exagerando quando diz:

— A presidência do Corintians é o terceiro cargo em importância do Executivo paulista. Mais importantes do que ser presidente do Corintians, são mesmo os cargos de governador do Estado e prefeito da Capital.

Mas não foi fácil ao Corintians chegar à situação de hoje. Já houve época em que andou até ameaçado de despejo. Foi aí por 1912. O clube tinha apenas 200 sócios, a sua sede era uma salinha pela qual pagava 35 mil réis por mês e a situação era ruim: aluguel atrasado três meses. Veio a ameaça do proprietário, um português nada corintiano:

— Ou pagam o que devem, ou penhoro tudo o que vocês têm lá dentro.

Lá dentro, o Corintians tinha três cadeiras, uma mesa, uma estante, um jôgo de camisas, uma bola. Era pouco. Mas era tudo o que o Corintians tinha. SEGUE



Estatística: de cinco filhos de pai corintiano, três são torcedores certos.

Tempo de sorrir...

... Quando todos se unem para construir um lugar cada vez melhor para viver e trabalhar. Quando as emprêsas realmente integradas na vida do país contribuem para o objetivo comum. É por isso que oferecemos aos jornalistas o Prêmio e o Seminário Esso de Jornalismo, concorrendo para o seu aperfeiçoamento profissional.

Tôda gente sabe que nosso negócio é petróleo.

Mas vamos um pouco além.

ESSO

Gente como você trabalhando para servi-lo

Para esta torcida, cada jôgo é uma guerra

CORÍNTIANS
CONTINUAÇÃO

O presidente convocou uma reunião, onde depois de muita discussão, surgiu uma idéia arriscada, mas a única capaz de solucionar o problema. No dia seguinte ela foi posta em execução: convocados pelo presidente, os jogadores reuniram-se na salinha. Seguiam as instruções — entrar um por um, quietos, sem fazer nenhum barulho. Lá dentro, veio a ordem: "Vistam o uniforme por baixo da roupa". Feito isso, êles foram deixando a sede — mais quietos ainda — enquanto o resto da turma saía pelos fundos, carregando a mesa, a estante, as cadeiras e a bola.

Um clube feito de amor e sacrifícios. É isso que para Wadi Helu às vêzes justifica o fanatismo da torcida. Como o daquele corintiano que num jôgo com o Palmeiras, em 1948, pulou o alambrado e invadiu o Pacaembu pela primeira vez, após um gol anulado do Corintians.

Quando lhe perguntaram o que pretendia fazer, respondeu:

— Eu só queria pegar o juiz.

Por causa de juiz, também, Francisco Dionísio Mendes, o diretor de futebol do Corintians, já brigou muitas vêzes. Alguns dizem que Mendes é um diretor que torce. Outros dizem que é um torcedor que dirige. O fato é que êle se apresenta assim: "Chico Mendes, católico, apostólico, corintiano".

Na hora em que o Corintians entra em campo, Mendes se transforma. Fica dando voltas em redor do alambrado, fumando nervosamente um enorme charuto. Quando acontece um gol do Corintians, êle se volta para a torcida, vibrando, de braços abertos, como se estivesse a saudá-la. Quem estiver na sua frente será abraçado e Mendes já fêz famoso seu grito de guerra:

— Vai, Corintians!

Um grande guerreiro

Campo do Fluminense, 25 de maio de 1919. Brasil e Uruguai vão decidir o Campeonato Sul-Americano. O jôgo começa, os uruguaios no ataque, em menos de 15 minutos já ganham de 2 a 0. Continuam atacando, bola na trave, escanteio, defesa de Marcos Mendonça, o nosso goleiro. É quando Neco, o magrinho meia-direita brasileiro, canela fina, futebol fino também, mas tido como temperamental, sai da sua posição e vem gritar com a turma da defesa. Da defesa mesmo êle pega a bola, começa a driblar os uruguaios. Vai driblando todo mundo, chega na área inimiga, só tem o goleiro pela frente, empurra a bola no cantinho: gol do Brasil. Corre de nôvo até a defesa, volta a gritar com os companheiros, disputa a bola com os uruguaios, leva pontapés, cai, levanta, briga, xinga. Com tudo isso, o Brasil, endurece o jôgo. Os uruguaios resistem. Está quase no fim, os brasileiros atacam, os uruguaios rebatem. A perna fina de Neco pega um dos seus sempulos, de fora da área: gol do Brasil.

O empate provoca outro jôgo, quatro dias depois, uma quinta-feira, feriado nacional decretado por Epitácio Pessoa. O campo do Fluminense abre as portas às oito da manhã. O jôgo será às duas, às dez o estádio já está lotado. Termina zero a zero. Trinta minutos de prorrogação, zero a zero também. Começa a segunda prorrogação, nenhum jogador se agüenta mais em pé. Mas Neco ainda vai buscar uma bola na defesa do Brasil e vem, com seu corpo, miudinho, varando a defesa uruguaia. Faz uma grande confusão: gol de Friedenreich. O Brasil é campeão do torneio. Neco ganha manchetes, a fama de herói e uma grande festa no dia de sua volta a São Paulo. Nesse mesmo dia, depois de ter sido carregado pelo povo e ter sido cumprimentado pelo governador Altino Arantes, foi a pé do Palácio até sua casa — só tinha 200 réis no bôlso.

Na manhã seguinte, Neco foi para o seu serviço de marceneiro, numa casa de móveis em Santana. Quando chegou, uma surprêsa: estava despedido. Ficara muito tempo sem trabalhar.

Antes mesmo do Sul-Americano, Neco já era famoso. Um jogador com quem muitos clubes sonhavam. Entre êles o Fluminense, de Arnaldo Guinle, um dos donos das Docas do Rio de Janeiro No dia em que o Brasil ficou campeão, Guinle promoveu um banquete no Hotel Sul-America e quase no fim da festa foi sentar-se ao lado de Neco, com uma proposta: 100 mil cruzeiros de luvas, mais um emprêgo nas Docas, para trocar o Corintians pelo Fluminense. Naquele tempo não havia profissionalismo e Neco jamais recebera um tostão do Corintians. Êle mesmo sempre dizia que não queria dinheiro do Corintians, só a camisa. Por causa dessa camisa é que, durante tôda sua conversa com Arnaldo Guinle, teve apenas uma frase:

— Por nada dêste mundo eu deixo o Corintians.

Êsse amor era um mal de família. Uma vez, em 1919 mesmo, Neco resolveu ser o capitão do time. E, só para impressionar, saiu do campo gritando:

— Ou vocês me deixam ser o capitão, ou eu vou para o Palestra.

Quando êle apareceu em casa, de noite, o pai já estava sabendo da briga:

— Se você vai para o Palestra mesmo, não precisa nem passar da porta que aqui você não entra mais.

Mas Neco nunca iria para outro clube. Dois anos antes, em 1917, o Corintians passou da Liga Paulista de Futebol para a Associação Paulista de Esportes Atléticos, uma liga mais forte, que tinha até ficha de inscrição de jogador.

Os jogadores do Corintians se reuniram na sede, para preencher as fichas. Na hora de entregar, viram que Fúlvio, o beque, estava um pouco desajeitado:

— Olha, eu não sei escrever, não posso assinar.

E a APEA não aceitava jogadores analfabetos. A festa que o time tinha programado por ter mudado de liga virou tristeza. Fúlvio ainda falou:

— Tem nada, não. Vocês arrumam outro para o meu lugar.

É quando Neco aparece de nôvo:

— Isso não. É mais fácil ensinar você a escrever do que encontrar outro para o seu lugar.

Naquele dia mesmo Neco passou a ensinar Fúlvio a escrever. Gastou quarenta dias — às vêzes varavam a madrugada — até que o beque aprendesse a garatujar: **Fúlvio, rua Tocantins.**

O canhão e a virada

Como Neco, Grané foi um herói na história do Corintians. Só que a fama de Grané veio dos chutes fortes, que lhe deram até o apelido de **Canhão 420.** Foi em 1926, quando êle era ainda amador e pagava recibo para jogar de beque no Corintians. Grané era operário da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí.

Um dia, o diretor da Estrada, comendador Lacerda Franco, cismou de levá-lo para o São Bento, Clube de que era presidente.

SEGUE

Corintians de ver, ouvir e vestir.

Cheques de Viagem Banorte: dinheiro que V. pode até perder e não tem prejuizo. Circulando do Amazonas ao Rio Grande do Sul, graças aos nossos 34 departamentos, os Cheques de Viagem Banorte compram tudo, em tôda parte. Êles são cômodos: V. pode levar "uma fortuna" e não enche os bolsos. São segurissimos: perdendo-os basta comunicar-se com a agência Banorte mais próxima, que providenciará seu reembôlso. A propósito de dinheiro que não se perde: nas suas remessas de valores para outras praças, utilize o Telex Banorte.

dinheiro que v. não precisa guardar a 7 chaves

abaeté

MATRIZ: Recife - DEPARTAMENTOS: Aracaju - Arcoverde - Belém - Belo Horizonte Camp. Grande - Caruaru - Fortaleza - Garanhuns - J. Pessoa - Limoeiro - Maceió - Manaus Natal - P. Alegre - Rio de Janeiro - Salvador - S. Luiz - S. Paulo - Teresina - Timbaúba e mais 13 Agências Urbanas.

25 BANORTE

NO ANO DO SEU JUBILEU DE PRATA

BANCO NACIONAL DO NORTE S.A.

há 25 anos... um amigo na praça

Cada guerra, noventa minutos de angústia

CORÍNTIANS
CONTINUAÇÃO

Grané não teve escolha: ou ia ou seria despedido. Foi. Mas, no dia do primeiro jôgo, propositadamente, brigou com o juiz, foi expulso de campo, deu um tapa na cara do técnico e acabou expulso do São Bento. Tinha funcionado seu plano para voltar ao Coríntians, sem perder o emprêgo.

Quando Grané deixou o Coríntians, já andava por lá um garôto chamado Uriel Fernandes, que alguns anos mais tarde todos iriam conhecer por Teleco. O Teleco que ficaria famoso por seus gols de **virada.** Numa dessas viradas, em 1939, contra o Ipiranga, Teleco fêz o gol, mas caiu e quebrou o braço. O jôgo seguinte, contra o São Paulo, era decisivo para o título. Teleco, braço engessado, não admitiu ficar fora do jôgo:

— Vocês amarram o meu braço, dão um jeito qualquer, que eu quero jogar.

No sábado, êle fêz um teste com o braço na tipóia. E com o braço na tipóia, entrou contra o São Paulo, no domingo. O Coríntians ganhou de um a zero, gol de Teleco.

Corintiano é um povo que sofre durante noventa minutos, uma vez por semana.

O último ídolo

"Gol de Baltasar/ Gol de Baltasar/ salta o Cabecinha/ E um a zero no placar."

Começava assim a música que o compositor Alfredo Borba fêz nas gerais do Pacaembu, num domingo de 1953, quando o Coríntians ganhou do Vasco de 2 a 1. Em três meses estavam vendidos mais de 80 mil discos.

Os gols de Baltasar, cantados pelo povo, são o que resta do último grande ídolo que o Coríntians teve. Dêsses tempos, Baltasar guarda algumas lembranças. Como a daquele dia em que o carregaram da porta do Pacaembu quase até a avenida São João. Lembra também de suas cabeçadas e dos gritos da torcida. Com suas cabeçadas e seus gols, Baltasar ganhou fama, o apelido de Cabecinha de Ouro e um carro **Studebaker** último tipo, em 1951. Mas os gols, que foram muitos, o carro — que acabou perdendo num incêndio — e a glória, que acabou antes do tempo, são coisas que Baltasar se esforça para esquecer. Pois, quando seu futebol estava acabando, o Coríntians foi o primeiro a mandá-lo embora. Para viver, Baltasar teve que trabalhar de guarda de presídio, vendedor de carro e depois de livros. Como vendedor de livros, êle voltou ao Coríntians, muitos anos depois. E no dia em que apareceu no Parque São Jorge, Baltasar sentiu que, mesmo depois de tudo o que aconteceu, aquêle seu amor pelo Coríntians não tinha morrido. E foi por isso que resolveu aceitar o emprêgo que lhe ofereceram: auxiliar do técnico. É muito pouco para quem já teve o nome de Cabecinha de Ouro. Mas Baltasar está de volta ao Coríntians e é lá que vê seu filho Carlos Alberto, de 11 anos, ensaiar no infantil as mesmas cabeçadas e os mesmos gols que o tornaram famoso.

O símbolo do amor

A rua não tem mais de 80 metros, nem calçamento. Por meio de uma pequena ponte, que liga a rua à calçada, chega-se a uma casinha modesta, quarto, sala cozinha, banheiro. É a casa de Elisa Alves do Nascimento, 55 anos, viúva, doméstica, corintiana. Na sala, sentada numa cadeira, que é preta e branca, vestindo um vestido estampado, prêto e branco, Elisa tem uma alegre disposição para falar do seu Coríntians.

Em volta dela tudo é Coríntians. Há um escudo pregado bem no meio da parede, ao lado de quatro flâmulas também do Coríntians. Na outra parede, um quadro da Santa Ceia, uma imagem de São Jorge. Em cima da mesa, também preta e branca, um retrato do neto, Benedito, junto com seu padrinho, Gilmar, no tempo em que Gilmar ainda era goleiro do Coríntians. A sala pequena dá uma dimensão maior às coisas do Coríntians, principalmente à bandeira preta e branca estendida em cima de um sofá. Prêto e branco é tudo na casa e na vida de Elisa, desde os brincos até os cabelos. Esta mulher, quase velha, empregada doméstica de um fazendeiro são-paulino, cozinheira das boas há 23 anos, especialista em frango ao môlho pardo, é a que escolheram torcedora-símbolo do Coríntians. De futebol Elisa já gostava desde criança, em Tietê, onde nasceu. Lá costumava até faltar à escola para ir ver os treinos do Comercial. Menina ainda, veio para São Paulo, foi trabalhar de empregada doméstica na casa de uma família rica, na avenida Paulista. Começou a freqüentar e a gostar do Paulistano. Mas lembra muito bem que nos dias em que o Paulistano jogava contra o Coríntians, sentia uma sensação meio estranha, e se o Paulistano perdia não ficava magoada. Estava nascendo seu amor pelo Coríntians. Até que um dia, já morto o Paulistano, Elisa se surpreendeu chorando no Estádio Parque Antártica, depois de uma derrota do Coríntians.

O casamento, aos 18 anos, começou a criar dificuldades para Elisa ver o futebol do seu Coríntians. O marido, corintiano também, mas nem tanto como ela, não queria saber dêsse negócio de mulher ir a campo de futebol. Nos jogos à noite, ela ainda conseguiu enganá-lo por algum tempo: saía do serviço, ia ao campo, via meio tempo do jôgo e corria para casa. Mas um dia tudo foi descoberto e êle foi buscá-la nas arquibancadas do Pacaembu. Dêsse mesmo lugar, agitando bandeiras corintianas, Elisa tinha visto o estádio ser inaugurado. Hoje, quase 30 anos depois, ela não mudou de lugar: o primeiro lance das arquibancadas, um pouco à direita da entrada principal. Dali aplaude, grita, reza, sofre. Só que para Elisa o sofrimento chega um pouco depois que para o resto dos corintianos — ela aprendeu a virar rosto na hora em que o adversário ataca. É um jeito de só admitir o gol inimigo depois que êle já aconteceu.

SEGUE

Se V f zer o seu f ho v ver entre gênios, êle crescerá com maiores chances do que as outras crianças.

Colecione os fascículos Gênios da Pintura. A cada semana, 8 páginas de texto, luxuosa capa, 16 páginas de reproduções perfeitas, em côres maravilhosas, dos maiores quadros de todos os tempos.

Um pintor por vez: sua obra, sua biografia e sua importância na história da arte. Por apenas NCr$ 2,50, o prazer de conhecer obras primas do mundo inteiro. Momentos estimulantes para inspirar a criatividade de seu filho . . . e de tôda a sua família.

Se você sempre quis conhecer de perto os Gênios da Pintura, e já admirava a qualidade de impressão da Bíblia Mais Bela do Mundo, veja essa nova série de fascículos da Abril Cultural!

Tôdas as têrças-feiras nas bancas de jornais, Gênios da Pintura em fascículos semanais para colecionar.

GÊNIOS DA PINTURA

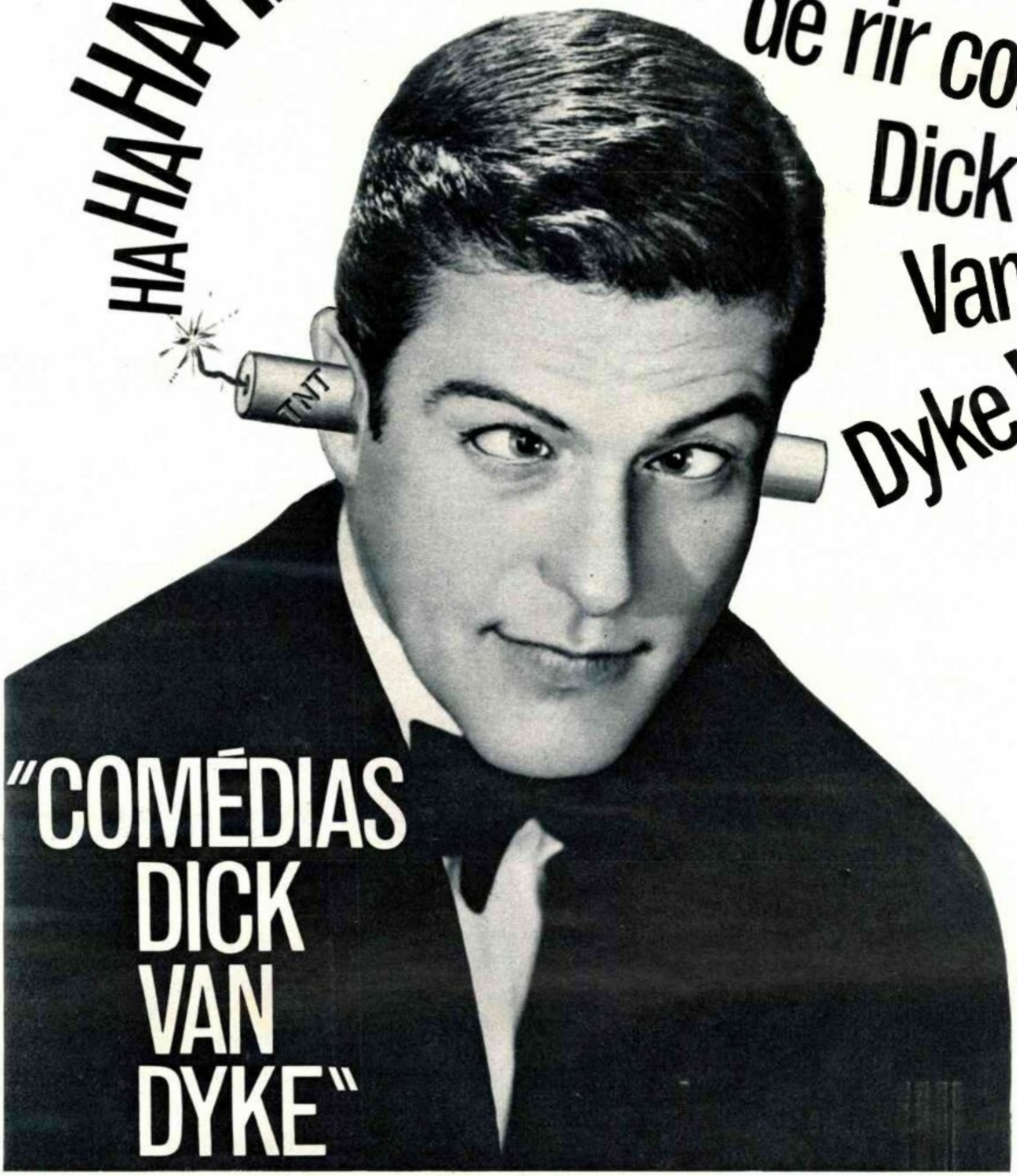
ABRIL CULTURAL

Um Álbum de arte pelo preço de um fascículo: NCr$ 2,50

Standart Propaganda

HA HA HA HA HA

V. vai arrebentar *de rir com* Dick Van Dyke !!!



"COMÉDIAS DICK VAN DYKE"

São Paulo: TV Excelsior, 3as feiras às 21 h – Rio de Janeiro: TV Excelsior, 5as feiras às 20 h
Pôrto Alegre: TV Gaúcha, domingos às 18:10 h – Belo Horizonte: TV Vila Rica, domingos às 19 h
São Luiz: TV Difusora, domingos às 19 h – Campo Grande: TV Morena, 3as feiras às 19:45 h
Londrina: TV Coroados, 3as feiras às 20:10 h – Goiânia: TV Anhanguera, domingos às 19:30 h
Uberlândia: TV Triângulo, às 18:30 h – Curitiba: TV Paraná, domingos às 18 h.

Uma paixão que ninguém consegue esconder

Gostar assim do Corínthians às vêzes custa caro a Elisa. Ela já dormiu em banco de jardim, apanhou em campo de futebol, andou muito de ônibus, de trem e a pé. De tudo que passou, prefere guardar apenas as alegrias. Algumas tristezas e apuros, porém, acabam ficando. Como o episódio de 1951 em Santos, num jôgo Corínthians e Portuguêsa Santista: o juiz deu uma ajudazinha ao Corínthians e a raiva da torcida santista virou contra Elisa, que fazia festa nas gerais. Depois do jôgo, alguns portuguêses, muito zangados, saíram correndo atrás dela, dispostos a jogá-la no canal que existe bem em frente ao estádio. Chegaram a rasgar-lhe a roupa e ela iria mesmo para dentro da água se o então presidente do Corínthians, Alfredo Inácio Trindade, não a puxasse para dentro do seu carro. A fúria dos torcedores era tão grande que chegaram a arrancar a porta do carro. Elisa se desculpou:
— Presidente, é isso que dá ser Corínthians.

Por ser Corínthians em tôdas as horas é que Elisa foi escolhida torcedora-símbolo do time. No entanto, não aceita essa liderança.

De acôrdo com ela, os corintianos de verdade são todos iguais. Pode ser qualquer um, como aquêle homem de óculos escuros, sentado no meio da torcida, com um rádio de pilha colado ao ouvido. Êle se chama Benedito Pedroso dos Santos. Benedito, ou melhor Didi — pois é assim que o chamam em casa, na Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero, onde estuda, na Enciclopédia Britânica, onde trabalha, e nos clubes, onde se apresenta como pianista profissional — não é um torcedor como outro qualquer. Mas não é por ser cego desde o nascimento que êle deixa de ir a todos os jogos do Corínthians, de gritar na hora dos gols e até de discutir os lances mais confusos de um jôgo. Pelo barulho, Didi fica imaginando a festa que aquêle povo todo está fazendo. Não precisa pedir que alguém lhe explique o que está acontecendo. Basta ouvir o grito da torcida.

Na hora do gol, a festa é de todos.

Tem corintiano na igreja

Para o padre Aristides Pimentel, o corintiano mais convicto da paróquia de São Miguel Paulista, ouvir o grito da torcida é uma das coisas mais belas do futebol. Padre Aristides não esconde sua paixão. O quarto em que vive lembra a sala de Elisa: o escudo do Corintians, a flâmula e várias fotos com autógrafos dos jogadores corintianos. Em cima da escrivaninha, uma Bíblia marcada na página 190 do Nôvo Testamento, onde se lê: "Primeira Epístola do Apóstolo São Paulo aos Coríntios". É a carta em que São Paulo fala da união e do amor entre os homens. É também a carta que o padre Aristides usa para definir os corintianos, "um povo unido e de muito amor". Quando é apresentado a alguém, padre Aristides faz questão de deixar as coisas bem claras: "Sou padre, homem e corintiano".

Por querer juntar essas três coisas, êle já andou provocando alguns escândalos. Um dêles foi dentro da própria igreja, na véspera de um jôgo Corínthians e Santos. No meio do sermão, em que falava da justiça social na Terra, achou um jeito de enfiar esta frase: "Para haver maior justiça é preciso que todos orem por uma vitória do Corínthians: afinal, mais da metade do povo é corintiana".

Por isso, quando alguém chega a São Miguel e pergunta pelo padre Aristides, a resposta vem pronta:

— Ah, o padre corintiano? Mora ali.

Antes de ir para São Miguel, porém, o padre Aristides já tinha tido outros casos. O mais famoso de todos foi o de Vila Medeiros. Era um domingo à tarde. Êle estava na igreja fazendo batizados, mas com o ouvido mais para a janela, pois no jardim da igreja sempre se reúne muita gente com rádio de pilha na mão, para ouvir jôgo de futebol. E jogavam Corínthians e Palmeiras, segundo turno de 1965. Estava zero a zero, jôgo duro. Nisso chega um menino para ser batizado:

— O nome dêle é Eberval — diz um dos padrinhos.

Na hora em que começa a dizer o "eu te batizo...", o padre escuta o grito do gol. Corre para a janela, era gol do Corínthians, de Flávio. Os padrinhos ficam meio confusos. Padre Aristides volta eufórico e recomeça o batizado: "Eu te batizo Flávio Eberval, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo..."

Em busca da definição

Êste é um dia importante para o Corínthians e seu povo. É dia de jôgo contra o Palmeiras, o velho rival. De manhã já passou pelo Parque São Jorge alguns torcedores, que querem saber como estão os jogadores. Algumas crianças brincam, o barzinho vai funcionando como sempre. Na secretaria, logo na entrada do clube, o mesmo ritmo de trabalho. Tudo muito tranqüilo.

A calma que o velho Parque São Jorge — comprado em 1929 com 50 contos de entrada e prestações semestrais de 37 contos e 500 — mostra é justamente o oposto daquilo que sua grande torcida começa a sentir enquanto vai-se aproximando a hora do jôgo.

Osório da Cruz, operário de uma fábrica de cimento em Santo André, corintiano, pai de quatro filhos corintianos, é o primeiro a chegar ao Pacaembu. Veio direto da fábrica para o estádio. Já tirou seu ingresso de geral e está parado na porta de entrada, contando o dinheiro que sobrou. Sobraram 730 cruzeiros, pouco mais do que vai precisar para voltar para casa. Mas sua preocupação não é exatamente o dinheiro. Osório ouviu durante a semana tôda que Tales talvez não possa jogar, está machucado. Sua preocupação maior é saber o time que vai jogar.

Nessa hora, o time que vai jogar e os jogadores que vão ficar na reserva estão saindo do Parque São Jorge, de ônibus. O beque Jair Marinho canta, o ponta-esquerda Gílson Pôrto conta uma piada, todos riem. Marcial, o goleiro que abandonou o terceiro ano da Faculdade de Medicina para jogar futebol, está quieto. Êle pode falar do Corínthians:

— Que é um time diferente dos outros eu não tenho dúvida. Mas, se perguntarem por que, eu não sei responder. Sei apenas que o Corínthians tem alguma coisa especial, que não consigo definir bem, e que o faz meio místico até.

O professor José Teixeira, preparador físico do time há dois anos, e há oito metido no futebol, tenta completar a idéia de Marcial:

— Já estive pensando nisso. A conclusão só pode ser esta: o Corínthians é um clube igualzinho aos outros em tudo, menos numa coisa — o Corínthians a gente sente.

O ônibus vai andando, pára num farol, já perto do Pacaembu. Um torcedor que vem passando grita pela janela:

— Olha, vamos ganhar daqueles **italianos** nem que seja no pau, hem?

Marcial sorri. Completava-se a definição que êle queria dar do Corínthians. FIM

Só um ponto importante adiou a escolha: gasolina ou diesel? A marca já estava decidida: Chevrolet.

O Concessionário Chevrolet falou sôbre as vantagens de cada um dos modelos. O custo de operação, êle sabia, era o que iria decidir a escolha do seu nôvo Chevrolet. Qual o que dava menor consumo? E o menor desgaste? E menos reposição de peças? O Concessionário Chevrolet tinha as respostas e foi comparando. Na ponta do lápis. Meticulosamente. É bom falar de caminhão a quem entende. E quem fala de Chevrolet fala em economia, resistência, em tudo aquilo que interessa. Depois, ainda havia as inovações do modêlo 67, aumentando as vantagens do Chevrolet. Inovações de estilo, realmente o único de linhas modernas. Inovações de técnica, de fato a melhor mecânica. Então êle se decidiu. E continuou a ganhar muito dinheiro com Chevrolet.

Vá hoje ao seu Concessionário Chevrolet e veja a diferença que faz o nome. CHEVROLET

Um produto **GENERAL MOTORS**

O MAIOR E MAIS EXPERIENTE FABRICANTE DE VEÍCULOS EM TODO O MUNDO

GM BRASIL

Noventa por cento das enfermidades humanas, direta ou indiretamente, começam na bôca. No entanto - apesar da alta rotação e da anestesia, que eliminaram completamente a dor - o homem continua com mêdo do dentista e ainda não aprendeu que é preciso tratar

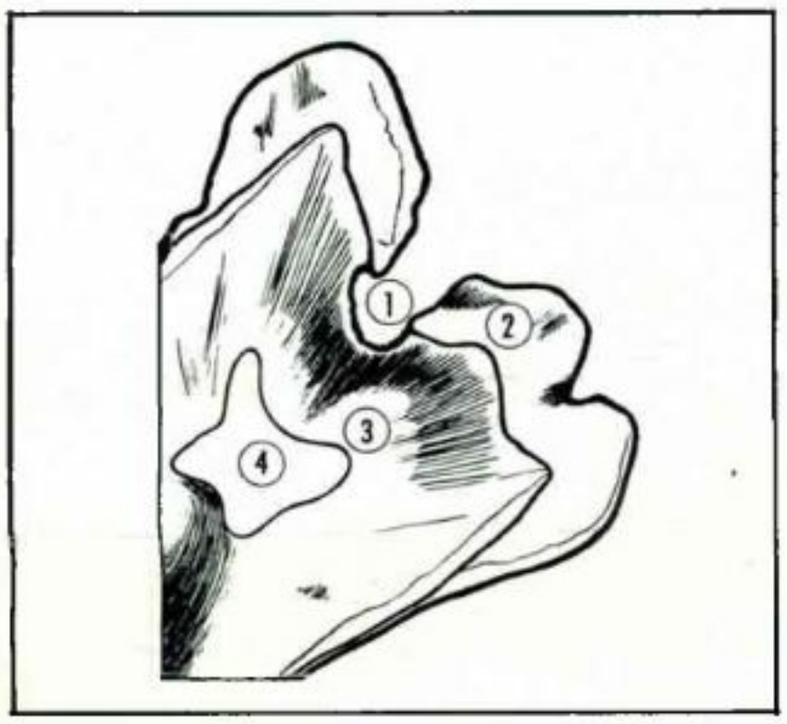
DENTE POR DENTE

Texto de Hamilton Ribeiro • Fotos de Geraldo Mori • Desenhos de Jaime Figuerola

É na bôca que ocorre a mais freqüente e sibilina doença da humanidade: a cárie dental. Muitos médicos acham que os dentistas exageram, colocando-a na frente dos resfriados e doenças da pele. Mas todos concordam num ponto: das três, a cárie é a mais danosa e a que mais perigos traz para a saúde. Pois aquêle buraquinho no dente, que pouca gente leva devidamente a sério, causa, entre outras, três terríveis doenças: 1) o reumatismo infeccioso, que pode deixar uma pessoa entrevada; 2) a infecção do ôlho, que pode cegar; e 3) a miocardite, que pode matar.

Para que serve mesmo o dente?

Embora a gente não pense muito nêle (quando não dói), o dente é importantíssimo. Tem sua função básica — a mastigação — mas responde, também, por três outras: a conformação do rosto, a fonética e a estética. A primeira fase da digestão passa-se na bôca e a perfeita mastigação (e a salivação) é que possibilita o total aproveitamento das substâncias nutritivas. Certos alimentos, quando mal mastigados, atravessam intactos o tubo digestivo. O estômago não tem, por exemplo, capacidade de dissolver a cápsula que envolve o feijão. Se êle não fôr triturado pelos dentes, seus elementos nutritivos — ferro, principalmente — não serão aproveitados, e a pessoa que o comeu fêz o aparelho digestivo trabalhar de graça. Mastigar mal sobrecarrega as outras fases da digestão e não raro causa dor de estômago, debilidades do organismo e até úlcera.



A grande destruição da cárie (1): vencido o esmalte (2), busca atacar dentina (3) e polpa (4).

Outra importante função do dente é a da conformação do rosto. Quando uma criança nasce, seu rosto equivale a um nono do volume da cabeça. No adulto, essa proporção aumenta para um têrço, e isso se deve, entre outras causas, ao desenvolvimento dos ossos e músculos onde estão incrustados os dentes. Postos para trabalhar corretamente, êles se tornam bonitos e fortes e colaboram para o desenvolvimento dos maxilares e músculos, garantindo ao rosto sua feição normal. Se uma pessoa fôsse alimentada com mamadeira desde criança, não só teria dentes fracos e feios, como a conformação do rosto seria anormal — a cabeça desproporcionalmente maior.

O não-exercício total da função dos dentes só acontece em caso de algumas doenças raras. Mas a simples ausência de um ou mais dentes já causa alteração óssea e muscular, e às vêzes até deformação facial. Se uma criança perde, por acidente, alguns dentes de um lado, e não os substitui, a mastigação passa naturalmente a fazer-se no outro lado da bôca que se desenvolverá sòzinho. Resultado: seu rosto facará torto.

A humanidade vem tendo cada vez menos necessidade de mastigar. O consumo de alimentos cozidos, enlatados ou passados no liquidificador exige cada vez menos trabalho dos dentes, e êstes, perdendo função, tornam-se mais fracos e em menor número. O homem de Neanderthal, que comia carne crua e roía ossos, tinha 44 dentes grandes e fortes. Seu rosto era, com isso, mais largo e mais saliente. O homem moderno tem 32 dente e mais de 80% das pessoas, nos dias de hoje, já têm sò 28; os quatro dentes do siso ou nem chegam a nascer, ou aparecem mal formados e não sobrevivem. Também são mais fracos os dentes do homem moderno.

Dois pilotos americanos caíram certa vez no meio de uma tribo na Austrália. Quando foram convidados para comer, tiveram uma decepção: não podiam mastigar o churrasco de canguru, que era o prato do dia. Seus dentes não conseguiam romper a carne. Mas os indígenas, acostumados com ela desde criança, estavam achando-a o mais macio filé do mundo.

Cabeça grande, rosto pequeno

O rosto do homem do futuro será, segundo os dentistas, do tipo Frankenstein: uma cabeça grande e um rosto fininho, com maxilares reduzidos bôca pequena. A necessidade de pensar muito aumentará o tamanho do cérebro; e a desnecessidade de mastigar (o homem acabará se alimentando de pílulas) atrofiará os dentes e os ossos da face.

A outra grande subfunção do dente é a fonética. Muitos sons se produzem com a ação da língua sôbre os dentes, de tal forma que a falta dêles altera o modo de falar. Em certas profissões, por isso, o dente é fundamental.

O sambista Jorge Veiga veio certa vez a São Paulo para dar um **show** e, na viagem, sua velha dentadura partiu-se. Tentou, no hotel, fazer os seus **breques** com a bôca vazia, mas não conseguiu. O jeito foi procurar um dentista que lhe fizesse outra, de um dia para outro. Sabia que era difícil, pois uma dentadura precisa de moldagens e provas e isso custa pelo menos três dias. Mas descobriu um dentista que entendeu o drama porque também era sambista, e quando êle surgiu no vídeo, no dia seguinte, os sambas estavam com alguns **esses** a mais, mas o contrato foi cumprido.

A última função do dente, a menos importante para a saúde mas a que mais preocupa tôda gente, é estética.

SEGUE

Ausentes os dentes, os ossos se atrofiam, os lábios enrugam e a bôca fica murcha.

— Dentes são as únicas jóias que um homem pode usar — já disse um filósofo de botequim.

Como nasce e de que é feito

Forma, disposição e certas anomalias dos dentes são hereditárias. No terceiro mês, dentro do útero, forma-se o germe do primeiro dente — o incisivo central inferior — que vai apontar, para festa da família tôda, quando a criança está com seis meses. O germe do dente se alimenta de cálcio, extraído do sangue materno. Se a mãe não segue uma dieta apropriada, êsse cálcio acaba sendo retirado de seu próprio tecido ósseo. Nunca dos dentes. Daí ser hoje ultrapassado o conceito de que a gravidez provoca cárie, porque enfraquece o dente da mulher. As causas são outras. Uma é de ordem psicológica. Acreditando naquele conceito, a mulher procura o dentista assim que fica grávida, e quase sempre tem cáries, mas que já podiam existir antes da gravidez.

A outra explicação é de ordem fisiológica. No processo da gravidez, todo o organismo feminino se dedica a um problema preferencial: o feto. Fabrica, então, certos hormônios que dissolvem as substâncias cimentantes, para relaxar ossos e músculos. Assim, dissolvem-se também substâncias que a polpa utiliza para reforçar a defesa da dentina. É quando a cárie, já existente, passa a caminhar mais depressa na gestante.

Uma jovem mãe perguntou a seu dentista:

— Quando devo começar a escovar os dentes do bebê?

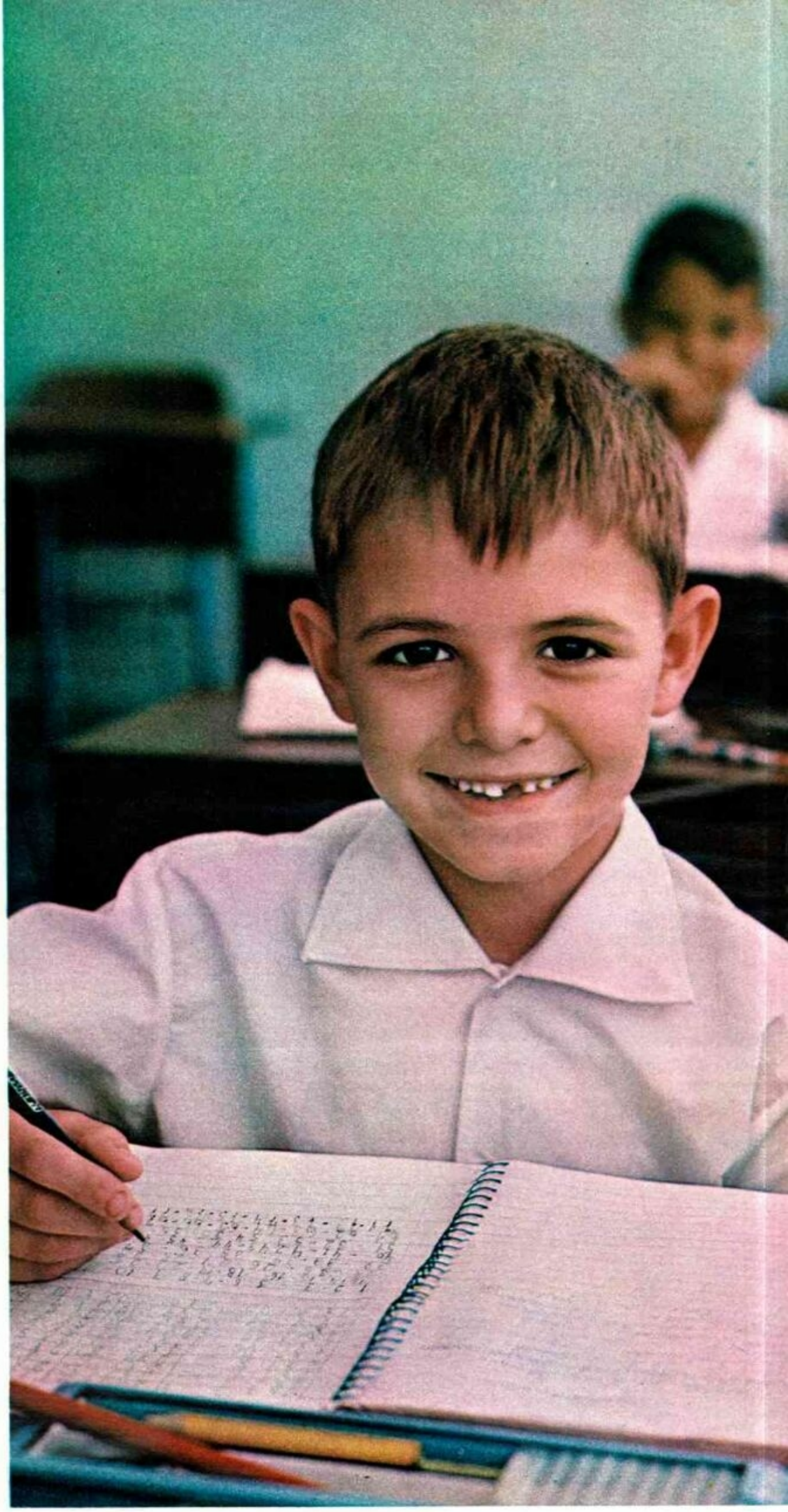
E êle respondeu:

— Assim que haja dentes para escovar.

Uma vez nascidos os dentes — e isso acontece entre dois anos e dois anos e meio — é hora dos primeiros cuidados e da primeira visita ao consultório. Ela tem grande significado psicológico: a criança deve aprender a ver no dentista um amigo. Mas tem também duas razões mais práticas: verificar se há algum problema de má formação e fazer aplicação de flúor — o que fortalece o esmalte. Êsse recurso diminui de 40 a 45% a incidência de cárie nas crianças. Alguns dentistas recomendam também, nessa ocasião, o que chamam de Odontologia Profilática: trata-se do alisamento das superfícies irregulares do dente para que desapareçam todos os locais que possam reter alimentos. Outros dentistas impregnam a dentina com substâncias metálicas — nitrato de prata e sais de cromo — impermeabilizando seus canículos e evitando, assim, a penetração de bactérias.

Na primeira visita ao dentista, possìvelmente há uma restauração a fazer. Um dos dentinhos da criança, principalmente os que têm a superfície da coroa marcada por fissuras — os molares — poderá estar cariado. Cêrca de 50% das crianças de dois anos sempre têm um ou mais dentes atacados. A restauração é necessária, por duas razões: a primeira é que se a cárie não fôr curada, o dente, amanhã, vai piorar e doer, quando não se perder de vez; a segunda é que alguns dentes de leite podem tornar-se permanentes e acompanhar o dono pela vida tôda. Então interessa que êle seja perfeito.

Os dentes de leite, além das funções normais, têm ainda a missão de reservar, na arcada dentária, o espaço de cada um dos dentes permanentes. Por um fenômeno que ninguém sabe explicar direito, os dentes apresentam uma tendência de imigração para o centro da arcada. Se um incisivo lateral, por exemplo, cai antes do tempo, o canino que lhe está ao lado movimenta-se para



Devíamos ter ido ao consultório aos 2 anos de idade

ocupar o lugar vago, e os outros seguem o canino. O espaço que devia existir para o dente permanente acaba sendo ocupado. Mas seu germe, no fundo do osso, vem se desenvolvendo normalmente e no momento certo aflora. Como não há lugar reservado, êle nasce fora da linha de arcada e, à medida que vai crescendo, desloca e entorta todos os outros. O resultado é que a articulação — isto é, o encontro de cada dente de cima com o correspondente de baixo — não se faz corretamente, a mastigação fica comprometida e grandes complicações virão. Os dentistas chamam a isso maloclusão, e há uma especialidade na Odontologia exclusivamente para corrigila, a Ortodontia (palavra que vem do grego e quer dizer dentes tortos). Com a aplicação de aparelhos mecânicos os ortodontistas conseguem, se procurados em tempo, reposicionar os dentes e reabilitar a articulação. Êsse tratamento custa geralmente um bom dinheiro, e o melhor é evitar tudo isso na origem.

A reserva do espaço dos permanentes é tão importante, que os dentistas, quando têm de extrair um dente de leite, substituem-no por uma prótese metálica — o mantenedor de espaço — para não deixar que outros dentes ocupem aquêle lugar.

Por volta de seis anos, quando a maioria das crianças ainda tem a dentição primária, nascem dois outros dentes em cada arcada, de tamanho e forma diferentes, mas que nem por isso despertam cuidados especiais. Bem que mereciam. São os primeiros dentes permanentes, responsáveis pelo alinhamento dos que vêm depois. Como estão lá no fundo e a escôva não consegue limpá-los adequadamente, os primeiros permanentes já sofrem cárie logo que nascem. Confundidos geralmente com dentes de leite, sôbre os quais errôneamente se raciocina que não precisam ser tratados "porque vão cair mesmo", êles acabam virando uma **panela**, perdem-se completamente e precisam até ser extraídos. Paga-se caro, por isso. Os dentistas calculam que a queda prematura do primeiro molar acarreta diminuição de 50% da capacidade de mastigação daquêle lado. Não que êle, sòzinho, mastigue tanto, mas porque a sua falta deixa a arcada sem um guia de alinhamento e os dentes que vão nascer depois surgem fora do lugar, desfazendo todo o plano de articulação.

Êsse **molar dos seis anos** é tão fundamental para a engenharia da bôca que os dentistas costumam obturá-lo antes mesmo que esteja cariado. Com êsse trabalho preventivo, se antecipam à cárie, recapam as fissuras do dente e dão-lhe uma superfície lisa, onde a limpeza fique fácil.

Quase junto com o aparecimento do molar dos seis anos, começa a derrocada dos dentes de leite. Um a um êles vão caindo, até que entre 12 e 14 anos a criança está com a dentição definitiva; faltam apenas os do siso. O processo de substituição dos dentes de leite é curioso. A cada um dêles corresponde o germe de um definitivo, situado imediatamente atrás da raiz. À medida que o germe se desenvolve, vai disputando o espaço ósseo com a raiz do dente de leite. O germe ganha a parada, e **come** a raiz do dente primário até que êste não tem mais sustentação óssea. Então fica **mole** e qualquer criança pode arrancá-lo no velho processo de amarrar-lhe um barbante e puxar. Logo depois, naquele lugar, começa a brilhar o esmalte novinho de outro dente.

Dos permanentes o homem precisa cuidar muito bem, porque não somos como os peixes onde a cada dente que cai, em qualquer idade, corresponde o nascimento de outro. A **terceira dentição** humana é a dentadura, e esta, além de não ser muito agradável, na melhor das hipóteses só cumpre 25% das funções que os dentes de verdade desempenham.

Os dentistas consideram a articulação como uma unidade, cada dente depende do outro e trabalha em conjunto com todos. Um dente que cai é como uma pedra que se desloca da estrutura de uma ponte. Sòzinha, não vale muito, mas ao deslocar-se vai mudar a posição da pedra ao lado, esta da seguinte, e o processo pode continuar até a ponte ruir.

— Perder um dente significa, quase sempre, comprometer outro, alguns outros ou todos — diz o professor Camilo de Morais, da Faculdade de Odontologia de São Paulo.

Como é que um dente morre

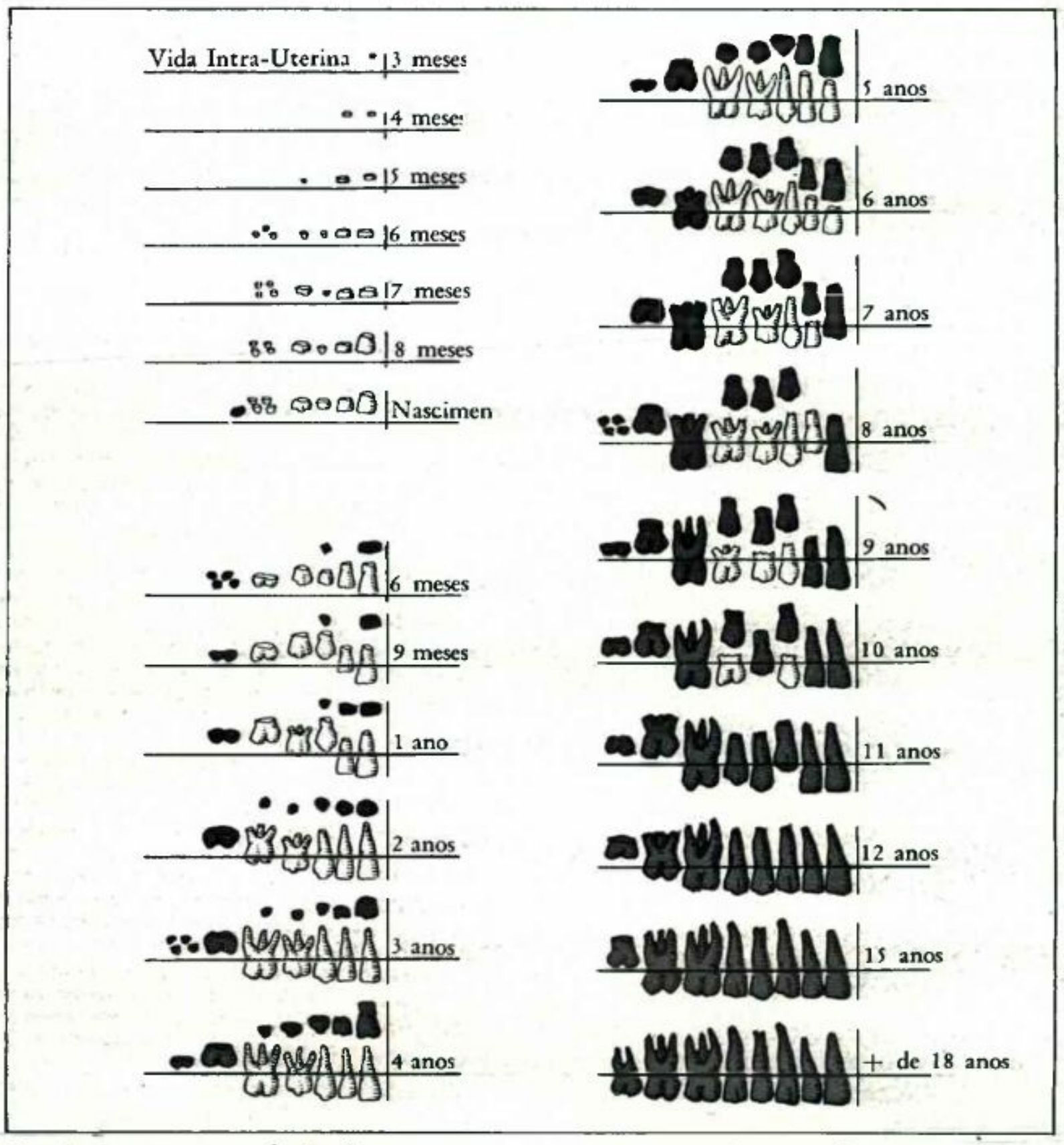
Um dente ainda sadio pode perder-se por várias causas — acidentes, doenças do tecido ósseo, gengivites — mas morre por uma só: a cárie. É a única doença do dente. E não ocorre em nenhum outro tecido humano. Apesar do muito que se tem estudado no mundo inteiro, a origem da doença que aflige a humanidade desde os tempos pré-históricos é ainda hoje fundada em hipóteses. A mais aceita é a que põe a culpa no açúcar.

A bôca tem, normalmente, uma **flora** própria, constituída pela saliva, por células descamadas e por quase 100 espécies de bactérias. Entre estas, há uma que se chama lactobacilo acidófilo. Quando a pessoa mastiga qualquer alimento que tenha açúcar, o lactobacilo parte imediatamente sôbre êle e a união dos dois elementos dá origem a um terceiro, o ácido lático. Êste, se ficar retido por algum tempo no dente, começa a descalcificá-lo, e vai abrindo um buraquinho no esmalte. Está iniciada a primeira fase da cárie, a fase química.

Ainda não se pode afirmar que só o açúcar causa cárie, mas certamente o maior culpado é êle mesmo. Um levantamento feito entre jovens de 20 a 24 anos na Etiópia, no Líbano e no Chile, deu o seguinte resultado:

Etiópia, consumo de 0,2 gramas de açúcar refinado por dia, presença de menos de um dente cariado em média; Líbano, 26 gramas de açúcar por dia, quatro dentes cariados; Chile, 50 gramas de açúcar, 12 dentes cariados.

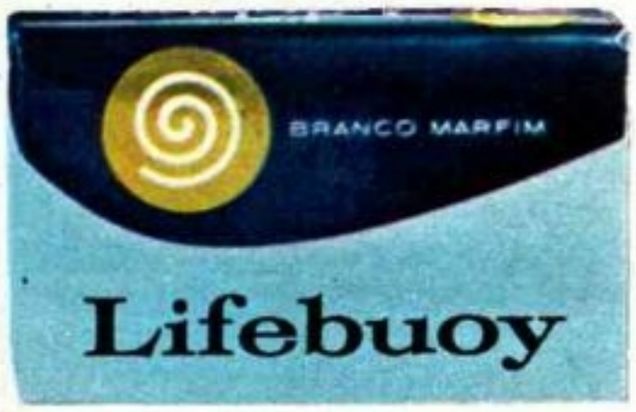
A ação do bacilo acidófilo para a formação do ácido lático é imediata e se renova a cada vez que se come açúcar. Assim, uma pessoa que coma um quilo de açúcar de uma vez, sofre um ataque de cárie: se comer aos pouquinhos, em 100 vêzes, sofrerá 100 ataques. Os dentistas recomendam, a quem gosta muito de doce, comer tudo o que puder na hora da refeição, e escovar os dentes no máximo até 20 minutos depois. Passado êsse tempo, o processo já começou. SEGUE



E assim que surgem os dentes. Em escuro aparecem os permanentes, que vão ocupar o espaço dos de leite (em branco), a partir de 7 anos. O desenho mostra sòmente meia arcada dentária.

lintas publicidade internacional

Lifebuoy é sabonete-desodorante e sabonete se usa no corpo inteiro.



Movimente-se à vontade
e conte com Lifebuoy.
Lifebuoy é o único sabonete
que tem Puralin Concentrado.
Sua espuma gostosa e perfumada
desodoriza o corpo todo
por horas e horas.
Em vez de resolver o problema
pela metade, use Lifebuoy.

Quando um sorvete faz doer, a cárie já vai longe

A forma em que se come o açúcar também interessa. A mais danosa é aquela que adere mais fàcilmente à superfície do dente. Os nativos das Índias Ocidentais, que desde cedo roem cana de açúcar, têm dentes fortes e com baixo índice de cáries. Em certa região do Nordeste brasileiro isso também acontece. Mas de qualquer maneira, só há um jeito de alimentar-se de açúcar sem estragar os dentes. É aplicando a glicose diretamente na veia, sem passar pela bôca...

Instalada a fase química, com a abertura do buraquinho no esmalte, começa a segunda fase da cárie, a bacteriológica. Outras bactérias existentes na bôca — estreptococos e estafilococos principalmente — aproveitam a cavidade aberta no esmalte e se intrometem por ela, em busca de matéria orgânica para destruir.

Por ser quase um mineral puro, o esmalte tem bastante resistência, por isso a cárie caminha muito devagar. Devagar mas sempre, pois nada a impede de continuar (a não ser o dentista). Além disso, o esmalte é forte mas não tem arma nenhuma de defesa, nem desperta, no dente, qualquer movimento de reação. A cárie avança e chega à dentina. A guerra ganha aí nova feição. A dentina é menos mineralizada que o esmalte e por isso menos resistente. A cárie vai andar, então, mais depressa, mas ao mesmo tempo encontra os primeiros movimentos de resistência. Através dos canalículos existentes na dentina, por onde se infiltram os filamentos nervosos, uma ou outra bactéria invasora consegue atingir a polpa, esta é alertada do perigo e comanda a construção de uma trincheira. Aumentando sua produção de substâncias cimentantes, a polpa promove o bloqueio (por calcificação) da entrada dos canalículos, e cria uma dentina suplementar mais forte que a primeira, para impedir a chegada das bactérias inimigas. Enquanto a trincheira não fica pronta, a dentina original fica exposta e o dono do dente, ao tomar sorvete ou comer qualquer coisa doce, sente uma dorzinha enjoada, que passa logo. Mas é o sinal de que, se não chegarem reforços — e êles estão no consultório — outras dores piores virão, antes do dente morrer.

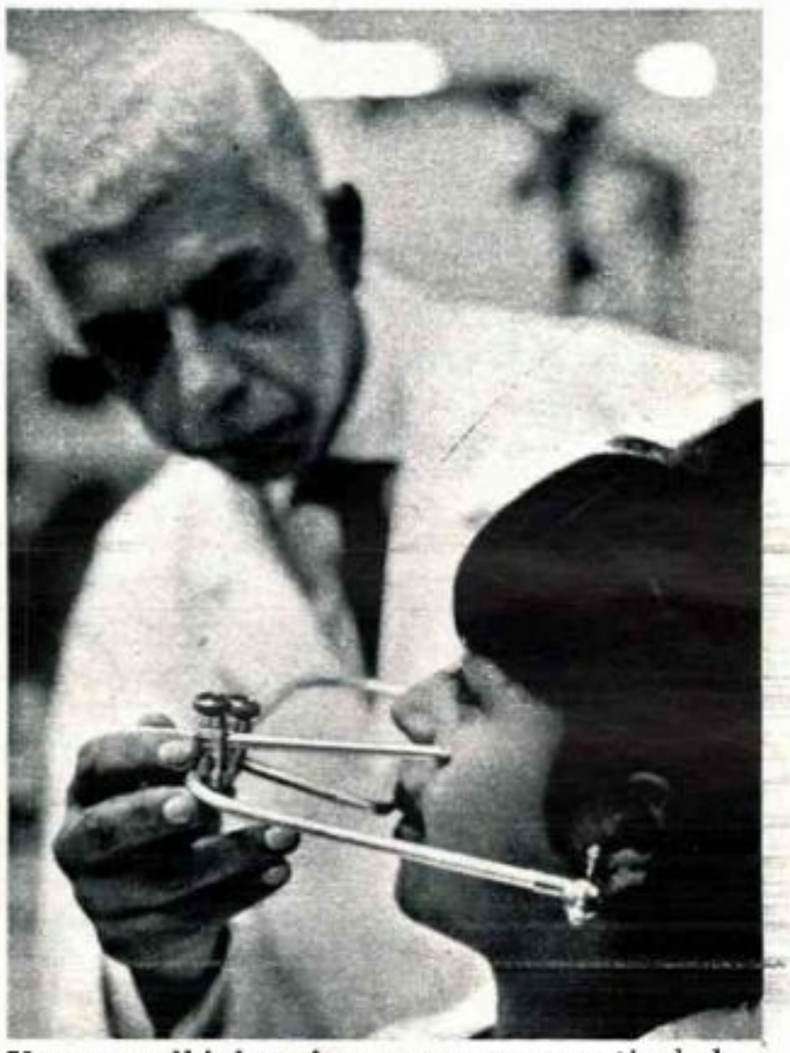
A cárie prossegue, as bactérias têm agora um alvo especial: a polpa, completamente desmineralizada e rica de matéria orgânica. Mesmo usando todos os seus recursos de proteção, o dente, sòzinho, não consegue conter o avanço inimigo. Mas luta até o fim. Quando as bactérias afinal atingem a polpa, sofrem o ataque dos elementos de defesa do sangue (glóbulos brancos). Há então um processo inflamatório, com a chegada contínua de sangue para tentar exterminar os invasores. A polpa fica congestionada e comprime suas terminações nervosas. Se a pessoa, nesse estado, toma qualquer coisa quente, o calor dilata o sangue dentro do dente, a pressão sôbre as terminações nervosas aumenta, e lá vem a segunda dor da cárie, maior que a primeira. Mas ainda é bem inferior a uma que pode vir logo em seguida: a da pulpite aguda, que ocorre quando um grande número de bactérias consegue chegar à polpa sem rompimento da dentina. A polpa é o tecido mais sensível do corpo humano; esmalte e dentina são os mais resistentes. Essas duas circunstâncias vão fazer, da pulpite aguda, uma das maiores sensações dolorosas que o homem pode experimentar. O avanço do exército de bactérias força a chegada de grande volume e sangue. A polpa tem pouco espaço e parte dêle já está ocupado com o pus, que é constituído de bactérias e células mortas em combate. Como o dente não pára de pedir reforços, chega um momento em que a quantidade de sangue na polpa é maior do que seu espaço pode conter. Há, então, pressão violenta sôbre os nervos, e a dor é insuportável. Se a dentina não fôsse o material resistente que é, se romperia e o pus sairia do interior da polpa, aliviando a dor. Mas a dentina não se rompe e o único jeito é ir correndo ao dentista. Êle perfura a dentina, deixa escapar a pus e um pouco de sangue, e a dor desaparece imediatamente.

As vêzes, entretanto, a guerra não chega à pulpite aguda. O dente fica dolorido, pode doer muito — se as bactérias vencem uma batalha maior — mas muita gente acaba deixando tudo como está. É a pulpite crônica. Tanto numa como noutra, só há um vencedor: a cárie. A polpa morre. As bactérias tomam conta do terreno, mas não se satisfazem. Querem mais matéria orgânica e, então, invadem a raiz do dente. A guerra fica cada vez mais fria. A invasão das bactérias e das substâncias tóxicas que elas produzem no tecido fibroso que suporta o dente, alerta o organismo com mais gravidade. Êle então forma, em tôrno do ápice da raiz, um círculo de defesa — um granuloma — em cujo interior ficam o pus e as bactérias. Dependendo da maior ou menor resistência do organismo, êsse granuloma pode evoluir para um cisto, onde o ambiente é ainda mais favorável para as bactérias. Cada vez mais poderosas, elas vão se multiplicando e engordando. Depois, aos grupos, se desprendem do cisto e, através do sangue, vão em busca de outros tecidos para atacar.

Está formado o **foco** primário de infecção. Bem alimentadas que foram no cisto, as bactérias partem para as articulações, onde podem produzir o reumatismo deformante; para o miocárdio, onde poderão dar origem a uma doença fatal; para os rins, produzindo nefrite; e para várias outras regiões do organismo onde vão causar ainda muito mal. Nessa altura, o próprio dente fica esquecido. Só vai chamar a atenção por mau hálito, ou se doer de vez em quando, por causa do aumento do tamanho do cisto.

Depois da cárie, vem o tártaro

A cárie é o grande carrasco dos dentes até a idade adulta. Aí, ou a pessoa já está com a bôca vazia, ou com uma reluzente dentadura, ou foi ao dentista regularmente e pôde salvar todos os seus dentes.



Um aparelhinho nôvo na praça, o articulador, dá ao dentista condições de conhecer os movimentos mandibulares para que pontes fixas e móveis cheguem à maior eficiência possível.

A partir de 30 anos, outros inimigos estão espreitando. São as doenças periodontais. **Periodonto** é uma palavra de origem grega que quer dizer **em volta do dente.** Doenças periodontais são aquelas que envolvem os tecidos de sustentação dos dentes: cimento, gengiva, fibras e osso. Não atacam diretamente o dente; roubam-lhe a sustentação, de tal forma que um belo dia, ainda inteirinho, sem nenhuma cárie, o dente cai.

O causador direto das doenças periodontais é o **tártaro**, uma massa escura, formada pelos sais de cálcio existentes na saliva. Êle se acumula na base do dente e irrita a gengiva. Esta se inflama e se encolhe, desprotegendo a raiz do dente. Se o acúmulo de tártaro prossegue, a gengiva recua até o osso, a pressão sôbre êle também o faz retrair, o dente fica sôlto e cai.

Três fatôres ajudam êste tipo de doença periodontal: 1 — dentes mal posicionados, difíceis de limpar: o acúmulo de alimentos no colo retém mais fàcilmente o tártaro; 2 — falta de vitaminas, enfraquece os tecidos atacados pelo tártaro; 3 — mau uso da escôva: a escovação horizontal fere a gengiva, que inflama e colabora com a doença.

Tanto quanto para a cárie, também para as doenças periodontais a limpeza é essencial. Dente limpo e livre de tártaro — o dentista remove-o com facilidade — está protegido contra cáries e outras doenças.

O que um dentista pode fazer

Um decreto do rei da França, em 1699, criou a profissão de dentista, destacando-a da de barbeiro, funções que eram realizadas por uma só pessoa. Ser dentista era, então, saber arrancar dentes, e as extrações se faziam em praça pública, com assistência e torcida. A Odontologia moderna busca justamente não arrancar os dentes, conservando-os ao máximo, e até acha que seu alcance vai muito além dos limites traçados entre o esmalte e a raiz.

Procurado em tempo, um dentista atualizado pode hoje fazer tudo para restaurar os dentes, corrigir defeitos, prevenir doenças e restabelecer funções desvirtuadas por vícios ou mau uso. E tudo isso sem dor, embora quase ninguém acredite. Como os homens são os que mais se apavoram diante da cadeira do dentista, o dr. Emil Razouk, de São Paulo, costuma dizer que a moderna Odontologia é o parto sem dor no homem.

— Só sofre quem está com a mentalidade do século passado.

Muitos dentistas usam certos truques para acabar com o mêdo irracional ao tratamento. Um, americano, instalou no braço da cadeira um interruptor do aparelho de alta rotação e diz ao cliente, no momento certo:

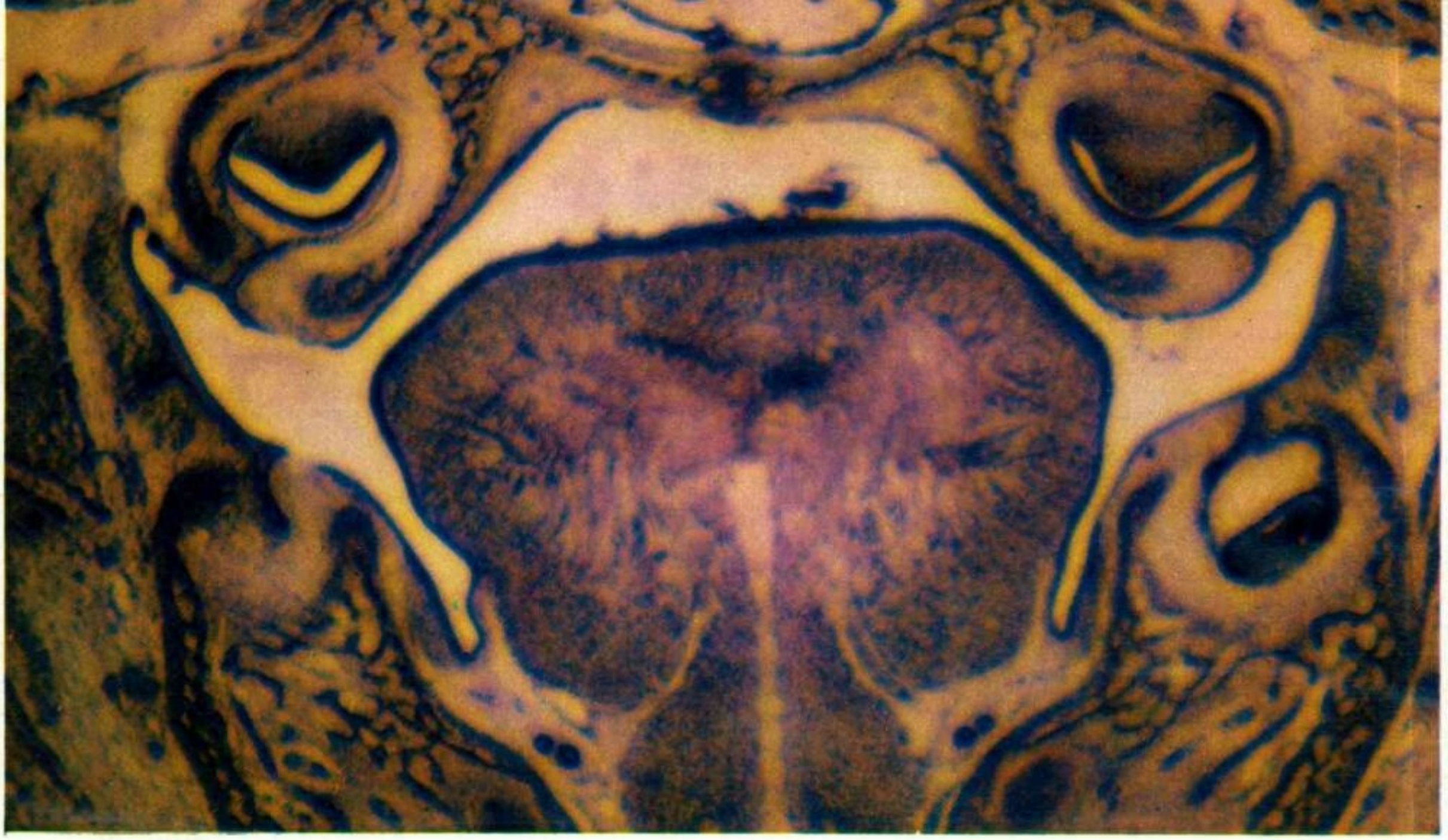
— A área já está anestesiada e vou começar o preparo do dente. Não deve doer nem um pouquinho. Mas, se o senhor achar que a sensação é insuportável, é só apertar o interruptor que o aparelho pára. E nós desistiremos do tratamento.

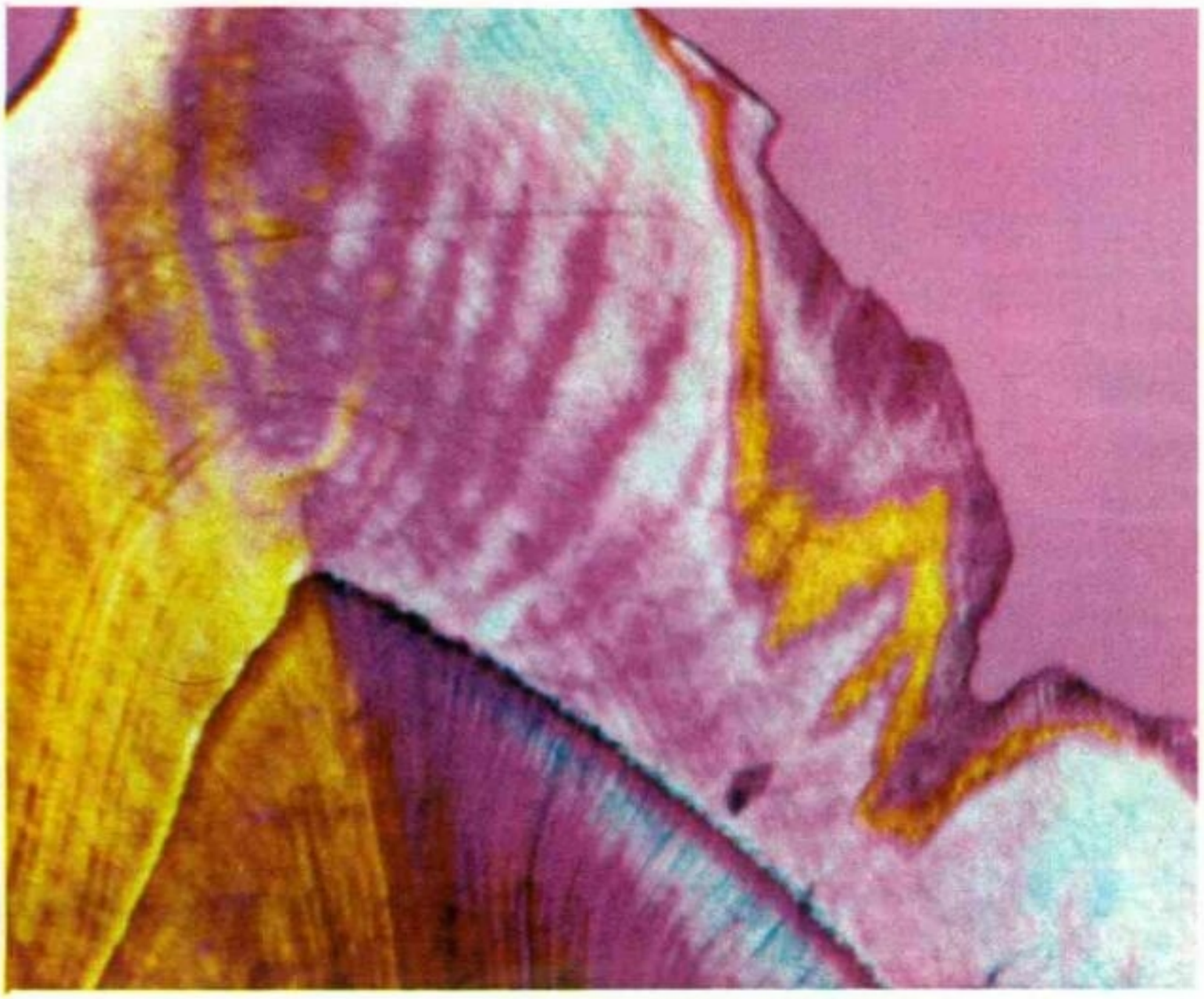
Até hoje ninguém usou o interruptor.

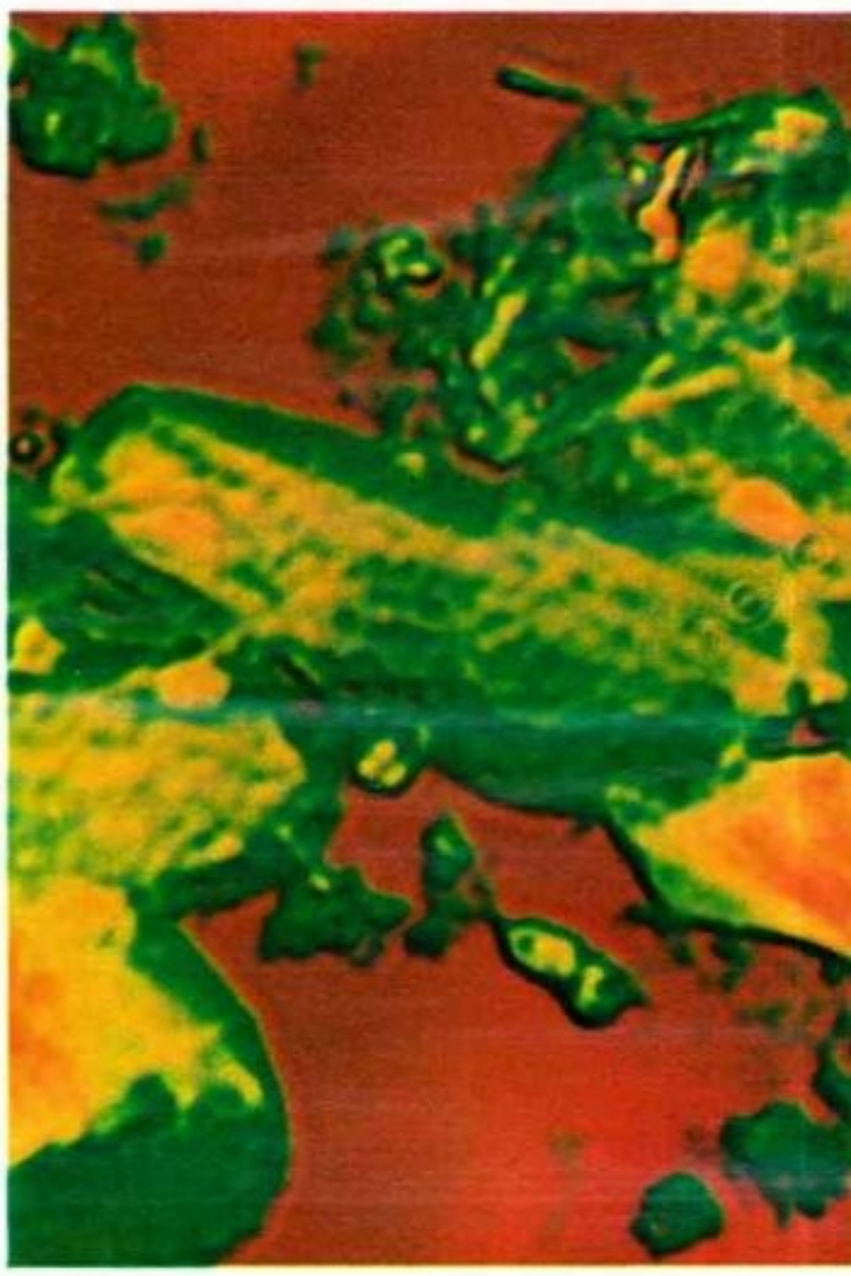
Outro, do interior de São Paulo, usa recurso diferente. Ao combinar um tratamento avisa que costuma trabalhar com dois sistemas, à escolha do cliente. O primeiro, sem dor, a 10 cruzeiros novos por hora. O outro, com dor, custa o dôbro, 20 por hora. O cliente escolhe o tratamento sem dor, acerta o preço, e o trabalho começa. Lá pelas tantas, se o cliente se queixa de alguma coisa, o dentista lhe pergunta:

— O que é, está doendo alguma coisa? Se doer o senhor me avisa, porque aí temos de refazer o cálculo do orçamento: com dor é mais caro.

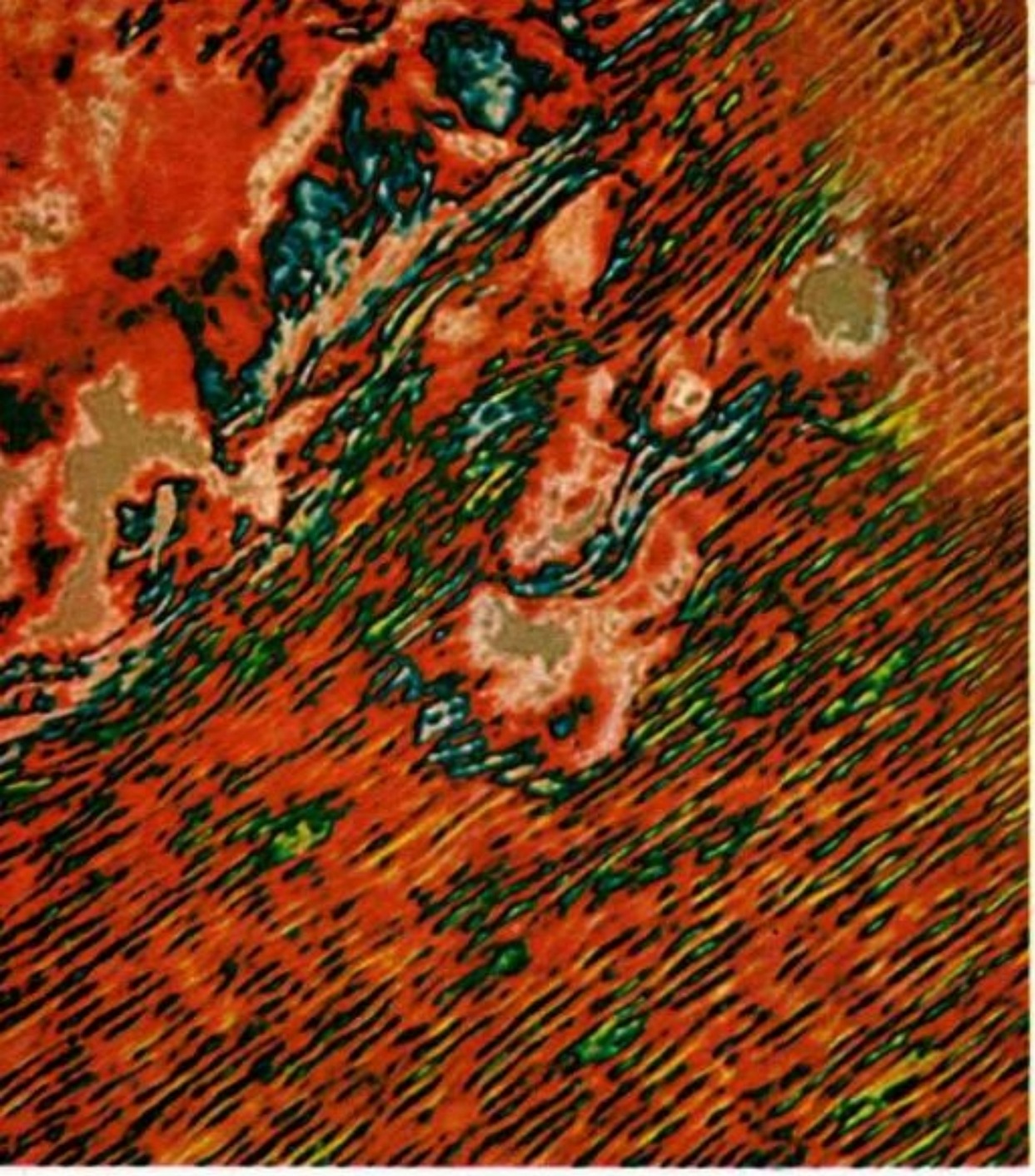
SEGUE

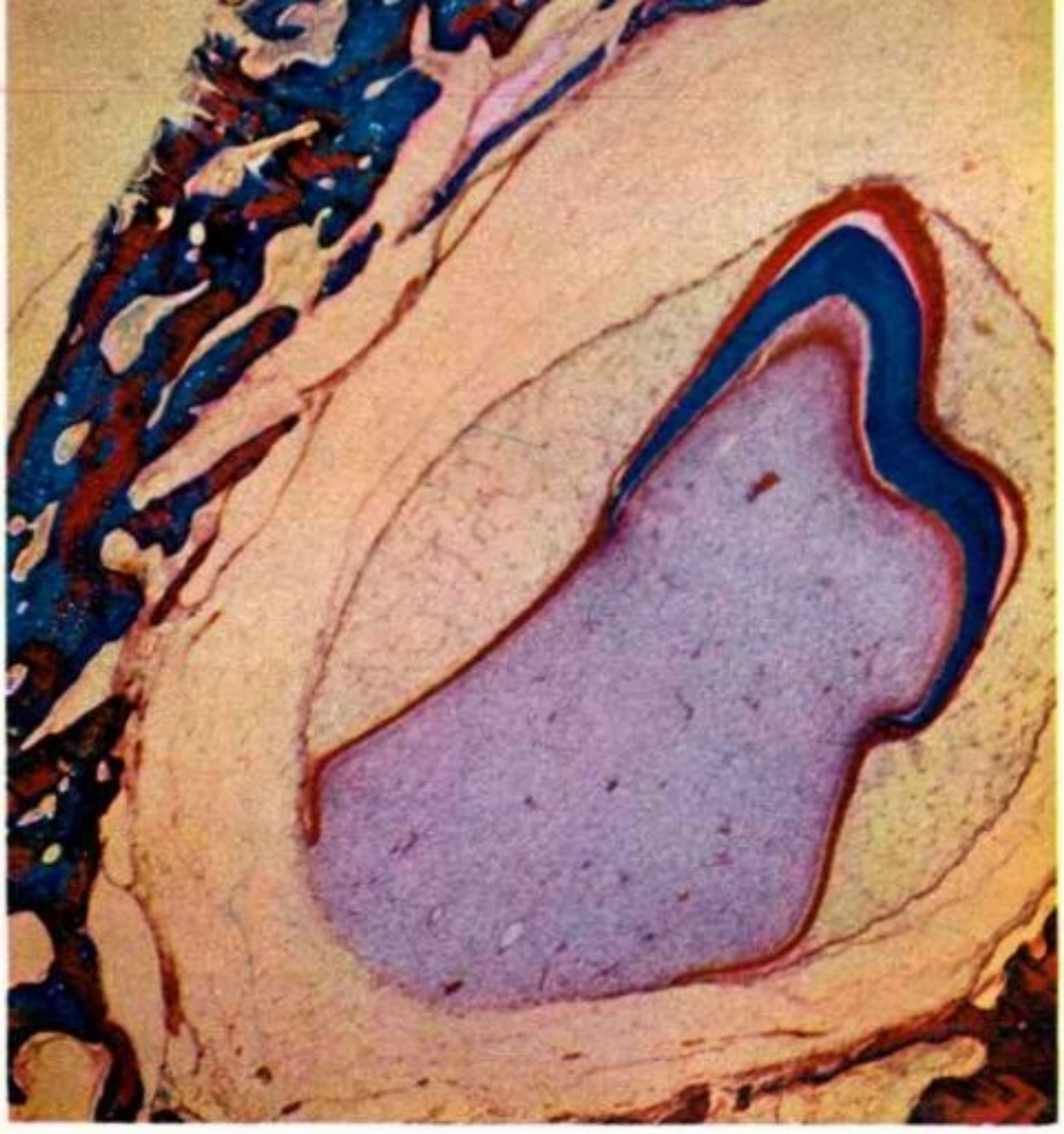


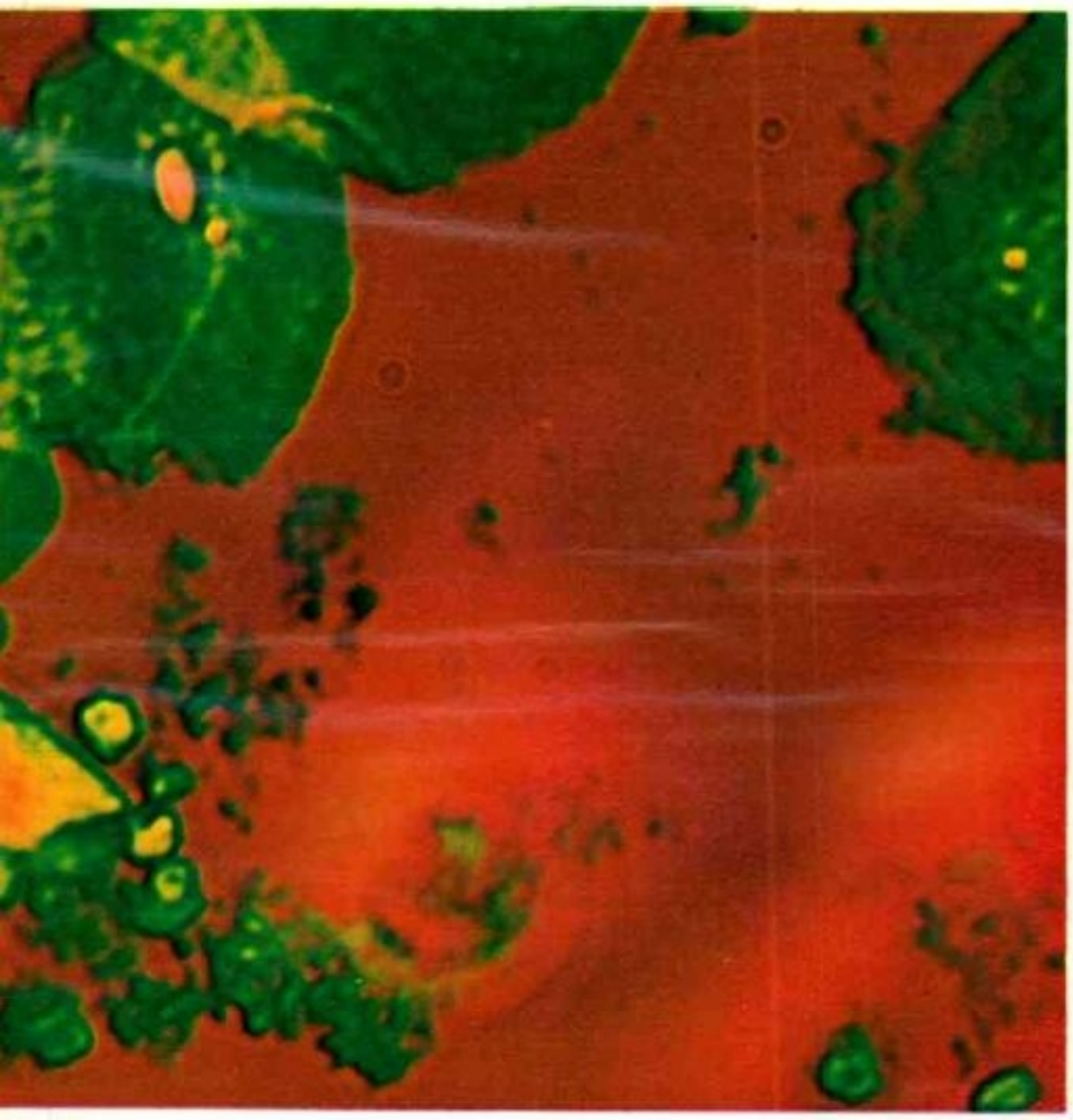


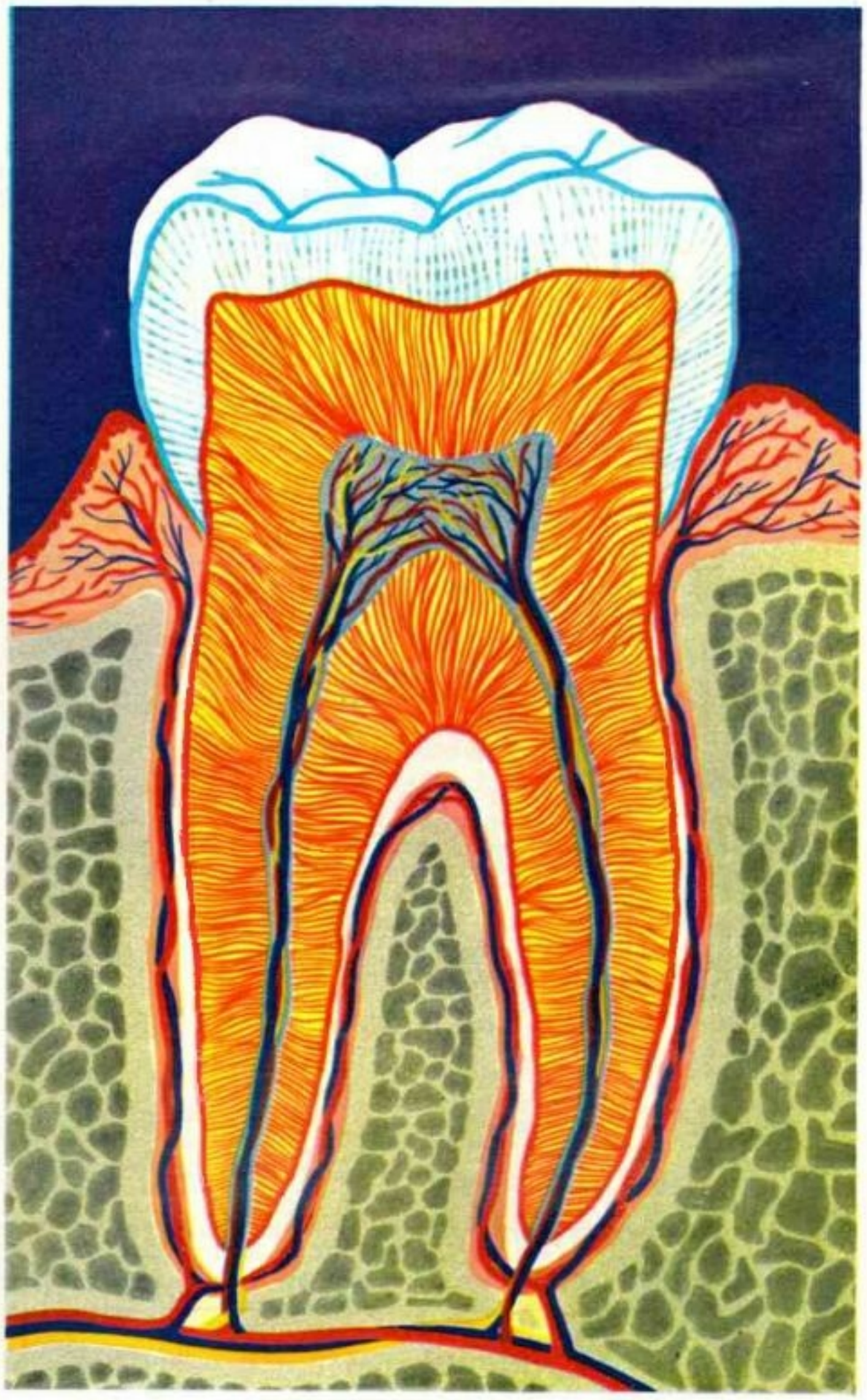


Estas fotos foram obtidas através do fotomicroscópio de polarização diferencial do Departamento de Patologia da Faculdade de Odontologia de Piracicaba. Os materiais fotografados não levam nenhum corante; as côres são obtidas por interferência de ondas luminosas. A primeira foto do alto, à esquerda, marca a formação da bôca num feto de três meses e meio. O tecido escuro, no centro, vai ser a língua; contornando-a, aparecem as estruturas que vão formar o osso maxilar e a gengiva. Os quatro sinais que têm formato de sino, na parte de cima e na de baixo da língua, são germes dentais. O do alto, à direita, é o germe mais desenvolvido. A foto do meio, no alto, é uma dentina cariada. A parte em que seus canalículos estão íntegros ainda não foi atacada. Na foto da direita, no alto, o germe de um pré-molar numa criança de um mês. Em côr rosa é a papila de formação da dentina; em azul, a dentina já formada; em vermelho, o esmalte. Embaixo, à esquerda, início de uma cárie no esmalte. A dentina está perfeita. A outra foto mostra componentes da flora bucal. A parte em vermelho é simplesmente o fundo da fotografia; em verde, grande, células descamadas (dos tecidos moles da cavidade bucal), com seus núcleos em amarelo. O pontilhado, ainda em verde, são colônias de bactérias.









No desenho, em corte, tôdas as estruturas do dente. O branco d exterior é o esmalte, uma verdadeira pedra, com 96% de elemen tos minerais. Em amarelo, com estrias vermelhas, a dentina, ond perto de 40% são matéria orgânica. Pelos canalículos (em ver melho) da dentina se infiltram filamentos nervosos. No interio do dente, a polpa formada 100% com vasos (venosos, arteriais talvez linfáticos) e nervos, que lhe chegam de vasos maiores n tecido ósseo. O branco que aparece envolvendo o dente, no interior é o cimento; em rosa, a membrana periodôntica, que se trans forma em gengiva quando chega ao exterior; em cinzento, o osso.

Só tem mêdo de dentista quem está 100 anos atrasado

Também por êste método, ninguém tem sentido dor nenhuma.

Mas nem sempre foi por causa do condicionamento psíquico que as pessoas procuravam evitar o dentista. Era que doía mesmo. A anestesia só começou a ser usada com segurança neste século. O **trépano a pedal,** precursor do motor, foi descoberto em 1871; antes, a preparação das cavidades era feita com saca-rolhas, arcos de pua e estiletes. Os árabes, para extrações, usavam ferro incandescente. Só em 1826 é que se descobriu que o boticão devia fisgar o dente não pela coroa, mas sim pela base da raiz. Até então, quebrava-se o dente e o que sobrava era removido de maneira brutal. Luís XIV, o Rei Sol, foi martirizado a vida tôda por dor de dente. Quando tomou coragem e resolveu extrair todos, caiu na mão de um barbeiro, mais barbeiro que dentista, que lhe arrancou um pedaço do maxilar, de tal forma que sua majestade, quando ia tomar vinho, respingava pelo nariz.

A maior descoberta do século

Duas condições básicas aliviaram completamente o tratamento dentário nos dias de hoje: os métodos modernos de anestesiar; e a descoberta do motor de alta rotação.

Quando a injeção de anestesia é aplicada, o tecido já está prèviamente massageado com uma pasta à base de cocaína e não se sente nem a picada. A agulha não ofende tecido algum.

O motor a turbina, maior avanço da Odontologia nos últimos 100 anos, eliminou o calor e a vibração. Enquanto o outro, a roldana e polias, dava 25 mil rotações por minuto, o atual, sem nada disso, alcança 300 mil rotações, e prepara o dente sem que o dentista faça fôrça. Para operar com o motor antigo — que ainda é útil para certas atividades — o dentista empregava sôbre o dente um quilo de pressão; com o nôvo, só emprega 30 gramas. O que ainda está incomodando um bocado no motor de alta rotação é o zumbido. Mas a Dabi e a Atlante, firmas brasileiras que fabricam equipamentos dentários, inclusive para exportação, já estão estudando a forma de produzir aparelhos de turbina com colchão de ar em vez de rolamentos, o que eliminará aquêle ruído irritante do motor.

— Em matéria de dentista — diz o dr. Adelino Lourenço — só sofre hoje quem não o procura.

Atualmente, o dentista cuidadoso pode restaurar um dente mesmo depois que a cárie já tenha ido longe demais. Para tanto — e tratando-se de dente do fundo — pode usar ouro ou amálgama de prata, materiais de grande resistência e fáceis de trabalhar, embora antiestéticos; sendo dente da frente, usará cimento de silicato, uma resina especial ou porcelana, não tão resistentes mas de ótima apresentação. Se o dente fica prêto ou quebra um pedaço, pode ser recapado com coroa de porcelana. Em último caso, quando do dente só resta a raiz, há o velho pivô, inventado em 1723 e até hoje muito usado.

Se falta um ou mais dentes, entra em cena a prótese de substituição. Sua importância, hoje, é cada vez maior: funciona até nos casos de cirurgia plástica para correção dos defeitos da face.

Há três tipos básicos de prótese de substituição: a prótese parcial fixa (ponte fixa), quando a área é pequena e houve pouca perda de tecido ósseo; a prótese parcial removível (ponte móvel), quando há necessidade de uma **cela** para compensar a falta de tecido ósseo; e a prótese total (dentadura imediata) se não fôr possível nenhuma das duas.

Em qualquer dos três casos, o que se busca não é só substituir o dente, mas também manter seus tecidos de suporte.

A dentadura implantada vem sendo feita por alguns dentistas brasileiros. Trata-se de fixação de um suporte de metal cirúrgico diretamente no osso, por dentro da gengiva, com quatro pilares voltados para o exterior. Sôbre êsses pilares coloca-se, depois, uma prótese móvel, com os dentes. Sua maior vantagem: fica mais na bôca que no bôlso, mastiga melhor e resolve bem o problema estético. A dentadura implantada depende da saúde do candidato e exige, depois, muitos cuidados higiênicos. A maioria dos dentistas não a aprova, achando que há ainda sérios problemas a resolver. Por enquanto só a admitem, quando total, para a arcada inferior.

O transplante de dentes de uma pessoa para outra até agora não deu certo e as pesquisas estão em ponto morto. O reimplante — isto é, a recolocação na mesma pessoa de um dente inteiro que se perdeu em acidente ou que foi extraído por necessidade de tratamento — vem sendo praticado com mais freqüência mas, mesmo assim, os resultados não têm sido indiscutíveis. O que se experimenta hoje com algum êxito é **plantar,** em algum local escolhido da arcada, o germe do dente do siso. Êle irrompe geralmente depois dos 18 anos, mas desde os 8 seu germe está presente no osso, perfeitamente identificável com uma radiografia. Como normalmente não vai prestar para nada, o dentista pode extrair seu germe e **plantá-lo** onde falta um dente — geralmente no lugar do molar dos seis anos. Quando tudo corre bem, o germe se acomoda no novo ninho e continua a desenvolver-se, até que nasce, cobrindo importante falha da arcada.

O prof. Campos Vidal, da Faculdade de Odontologia de Piracicaba, estudando a mulher grávida, quer chegar a uma conclusão sensacional na Odontologia.

É sabido que a mulher, durante a gestação, produz um hormônio, a relaxina, que, agindo sôbre os ossos da bacia, torna-os plásticos, moles. É por isso que o bebê passa através de um osso — a sínfise pubiana — de diâmetro menor que o diâmetro de sua cabeça. E tanto êsse osso como suas fibras são constituídas de uma proteína, o colágeno, que é o mesmo material que forma a dentina e os ossos maxilares.

Quem começa cedo não sofre na sala de espera: o dentista é um amigo e o mêdo não existe.

O prof. Vidal espera encontrar a síntese da relaxina, que, injetada nos ossos onde estão os dentes, torne-os da mesma forma plásticos, e então o dentista poderá, como se estivesse trabalhando um molde em cêra, acertar o espaço e a situação de cada dente, alinhando-os na posição certa. Assim, se resolverão com a mão todos os problemas da articulação dentária, que são hoje a preocupação maior da Odontologia.

Melhor mesmo é prevenir

O dente é assunto de saúde pública, afirma a Organização Mundial de Saúde. E tanto a OMS como as organizações odontológicas recomendam que o melhor a fazer é evitar a manifestação das doenças que destroem os dentes da humanidade. Quatro preceitos são levantados: 1) em dente limpo não há cárie e dificilmente haverá doenças periodontais; 2) povo bem nutrido, sem abusar de açúcar, tem melhores dentes; 3) a fluoretação das águas de beber é necessária; 4) mas o certo mesmo é ir ao dentista com freqüência.

Para a limpeza do dente, não se descobriu ainda coisa melhor que a escôva, aliada ao fio dental. A pasta de dentes, se fôr gostosa, não faz mal a ninguém. Deve-se usar a escôva tôda vez que se come alguma coisa, sempre friccionando-se verticalmente.

A nutrição adequada garante, desde mesmo antes de nascer, a boa constituição dentária. E quanto mais se mastigar para comer, melhor para os dentes e para o aparelho digestivo.

A fluoretação das águas de consumo é obrigatória nos Estados Unidos e em vários países da Europa, da Ásia e da América do Sul. Em alguns Estados do Brasil, com liderança do Rio Grande do Sul, ela já é aplicada. Um projeto na Câmara Federal deverá fazê-la obrigatória para o país inteiro. A presença de flúor na água de consumo, na proporção de uma parte por milhão, reduz de 60 a 65% a incidência de cárie nas crianças em idade escolar. Essa porcentagem foi registrada na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil.

A situação dentária em nosso país, segundo o prof. Alfredo Reis Viegas, perito em Odontologia da Organização Mundial de Saúde, é calamitosa. Considerando-se só a população em idade escolar, onde 94% das crianças têm em média seis dentes para tratar, haveria entre nós mais de 81 milhões de dentes doentes (considera-se em idade escolar primária 17% da população brasileira). Todos os dentistas existentes no país, cerca de 30 mil, precisariam trabalhar seis meses, em dia de oito horas, sem respeitar sábado nem domingo, para consertar só êsses dentes, sem atender a nenhum outro cliente. E quando terminassem, as crianças já teriam outro tanto de dentes cariados. Só uma medida preventiva de alcance amplo, como a fluoretação das águas, pode, a curto prazo, evitar a continuação dêsse quadro.

Mas a proteção real do dente só se consegue mesmo é com a visita periódica e regular ao dentista. Estudo feito pela OMS revelou que quem procura o dentista só de seis meses a um ano, quando aparece no consultório, está com 2,2 dentes para restaurar e 1,2 para extrair; quem vai de um ano a um ano e meio, tem três para restaurar e 1,8 para extrair; quem vai de um ano a dois, tem 4,3 para restaurar e 2,4 para extrair; quem vai só de três a quatro anos, tem 3,7 ainda restauráveis e quase cinco para arrancar. E quem deixa passar mais do que isso, transforma-se num sério candidato a ter, à noite, o seu sorriso guardado dentro de um copo. FIM

Esta é Célia

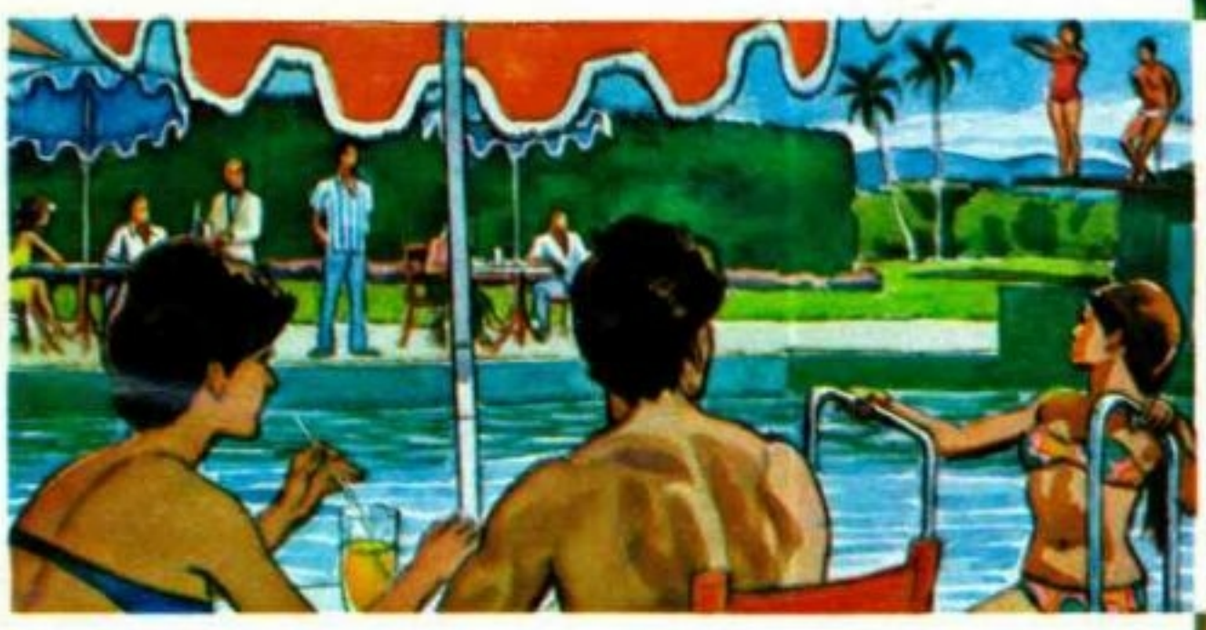
Estuda no 2.º ano clássico. É uma garota moderna. Mas, por causa de uma dor de cabeça, quase não foi à festa do clube com a turma.

Veja a turma

Esta é a turma

Todo o pessoal gosta muito de música. Semanalmente há uma festa bárbara no clube.

Veja o clube



Este é o clube

Aqui, o pessoal se diverte a valer. Mas o bom mesmo é a festa do fim de semana.

Veja a festa

A festa é assim

Música. Música. Música. Garotas bonitas. Rapazes simpáticos. E muita bossa. Quase que Célia ia perdendo tudo isso por causa de uma dor de cabeça.

Veja quem não deixou

Este é **Melhoral**®

Nas gripes, resfriados e sempre...

Melhoral é que entende de dor de cabeça

ME - 1/67

Êste é um retrato inédito e quase inacreditável de um dos maiores gênios do cinema: Charlie Chaplin. Depois de 40 anos de silêncio, Lita Grey — sua segunda mulher — fala do homem que a desposou quando ela ainda era uma jovem de 16 anos. Nessa época, Lita Grey acabava de fazer o papel principal numa das obras-primas de Chaplin, Em Busca do Ouro. *E convivia com celebridades como Greta Garbo, Douglas Fairbanks, Mary Pickford, Tom Mix. Chaplin saía de seu divórcio com a primeira mulher, Mildred Harrys, que também desposara aos 16 anos. Hoje, já recuperada de uma longa fase de alcoolismo que quase a levou ao suicídio, com mais de 50 anos de idade, Lita Grey deixa de lado o* gênio *e conta tudo sôbre o outro Charlie Chaplin. Neste depoimento a Oriana Fallaci, ela procura destruir o mito, dizendo:*

"MEU CHAPLIN É UM MONSTRO"

Oriana Fallaci — Sôbre Charlie Chaplin foram escritos não sei quantos livros, quantos milhões de palavras. Há mais de meio século que o mundo fala dêle. Com 77 anos e ainda é notícia. As novas gerações o conhecem tanto quanto as velhas. Mesmo assim, ainda há mistérios que ninguém tem coragem de descobrir. Vamos experimentar, senhora Chaplin, desafiando o perigo de que êle possa se zangar?

Lita Grey — Êle se zangar? É possível. Se a opinião alheia continua a irritá-lo como na minha época, vai ficar louco de raiva. O que êle deseja mesmo é ser considerado um grande homem, um herói sem pecado. Se êle tiver mudado, pensará: "Você fêz muito bem Lita. Eu a admiro por ter dito a verdade." Mas não acredito que Charlie tenha mudado. Vejo as entrevistas e as fotografias nos jornais. É o mesmo olhar, os mesmos gestos, os mesmos defeitos. Jamais confessa os próprios erros, nunca pede desculpas às pessoas que maltratou. E são muitas. Sôbre sua vida comigo, em sua autobiografia, êle só diz isto: "Durante a filmagem de **Em Busca do Ouro,** casei-me pela segunda vez. Evitarei qualquer detalhe, pois temos dois filhos grandes que quero muito bem. Fomos marido e mulher por dois anos. Procuramos realizar algo, mas sem sucesso. Tudo acabou com muita amargura para mim." Nada mais. Nem mencionou meu nome. Não, Charlie não mudará nunca. Quando rapaz, construiu um muro alto entre si e os outros, e atrás dêle continua o mesmo menino humilhado, espantado, infeliz... Um dos homens mais infelizes do mundo. O mais infeliz que conheci.

O.F. — É esta a primeira coisa que Chaplin lhe fêz lembrar?

L.G. — Não. O mais importante em Charlie é a sensualidade. Ele a persegue cada instante de sua vida, fora do trabalho. Eu disse sensualidade, não sexualidade. Charlie é um grande amante: sempre disposto, incansável. Um olhar, um perfume, um pedaço de veludo — qualquer detalhe assim era suficiente para excitá-lo. Não consegue amar uma mulher em circunstâncias normais: êle necessita de situações complicadas, ou absurdas. Tinha a mania de amar as mulheres dentro do automóvel. Mandou colocar cortinas nas janelas, e quando elas estavam fechadas, todo mundo sabia o que estava acontecendo. E nem se preocupava com o chofer, que guiava sua cama ambulante por tôda Hollywood. Também gostava de mulheres zangadas. Quantas vêzes brigou comigo só para amar-me enquanto o detestava.

Lita Grey, ex-atriz e segunda mulher de Charlie Chaplin.

Eu tinha 16 anos naquele tempo, de nada sabia. E isto explica porque Charlie sempre gostou de mocinhas: com elas podia ser o regente de sua própria sensualidade. Em Charlie, a sensualidade segue o mesmo caminho da invenção: cria uma mulher pela qual se interessa, como se criasse um filme.

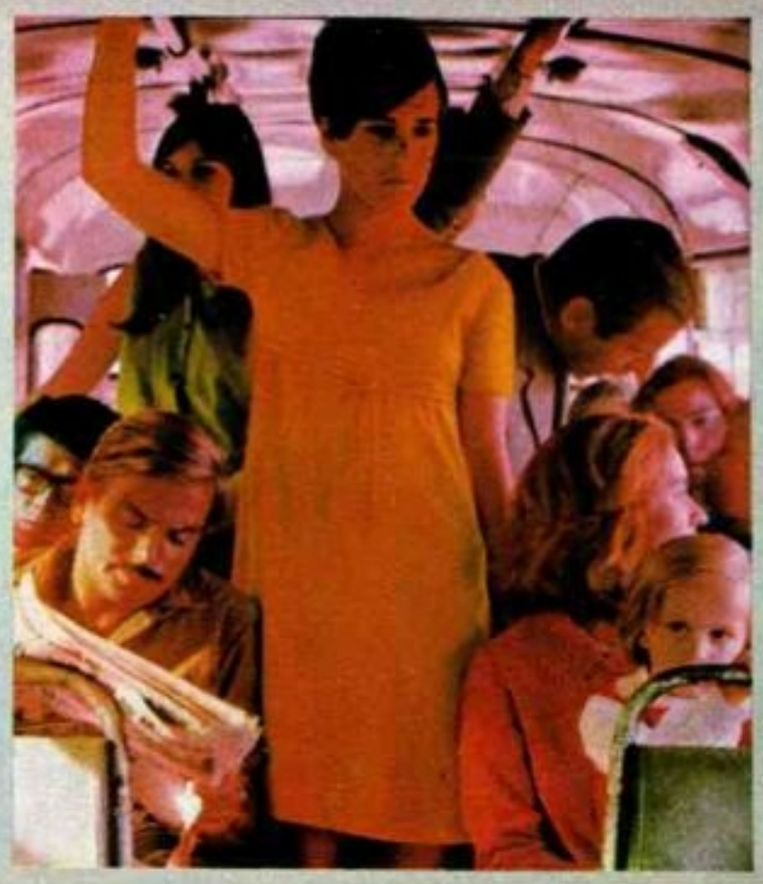
O.F. — Mas teve também mulheres maduras, Pola Negri, Marion Davies.

L.G. — Elas nunca foram importantes, e foram poucas. Êle gostava daquelas que podia conquistar lentamente. Sempre dizia: "A mais bela forma da vida humana é uma môça muito jovem, pronta para desabrochar. Mas eu não sou o senhor Novembro que quer destruir a senhorita Maio. Sou o senhor Novembro que quer construir a senhorita Maio."

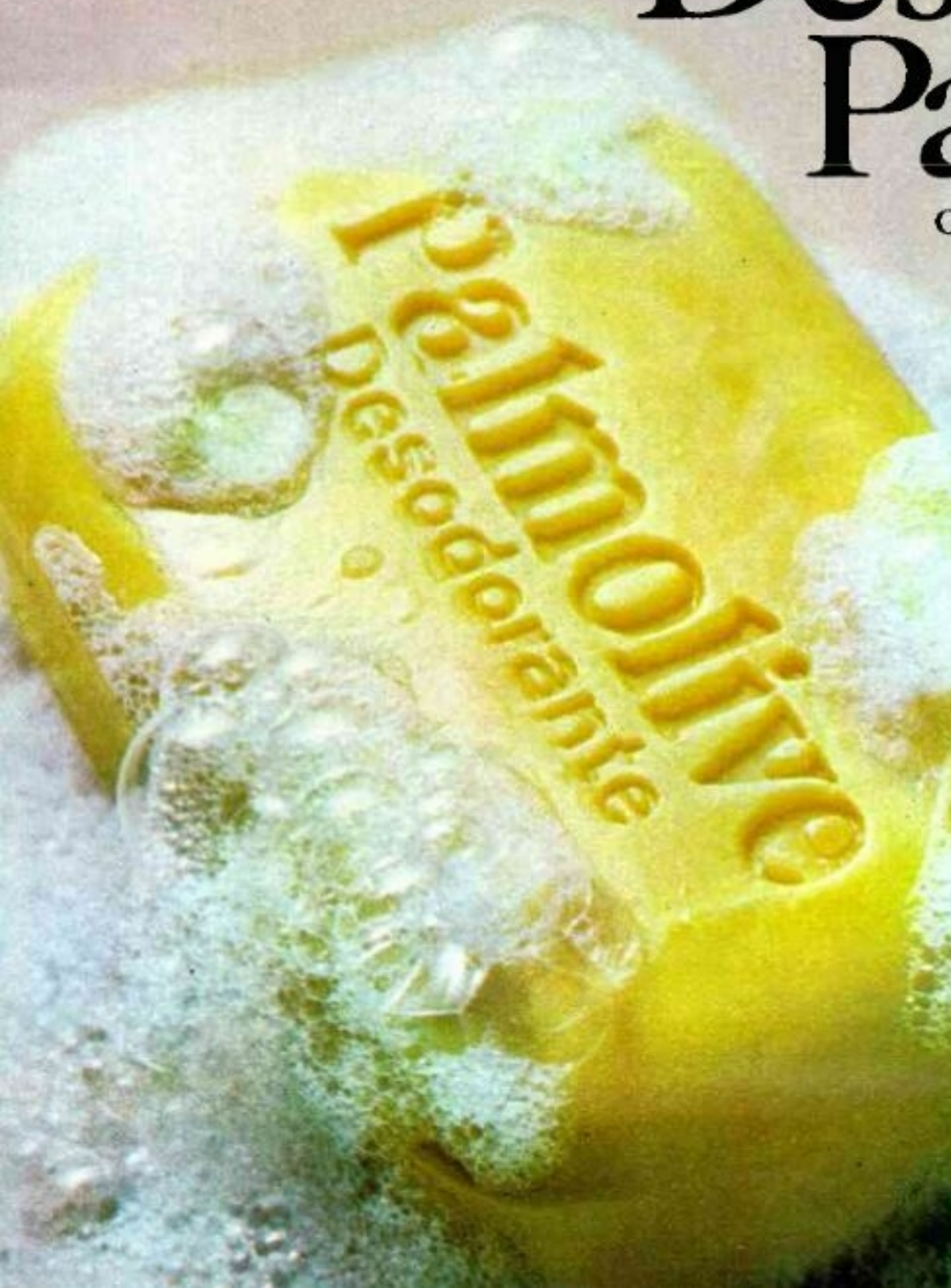
E quanta paciência tinha enquanto esperava. Comigo, esperou quase três anos. Eu estava com 12 anos quando notou minha presença no estúdio. E 14 quando começou a me levar a tôdas as partes em companhia de sua noiva — segundo a opinião pública — a bilionária Thelma Morgan Converse.

SEGUE

Meu Deus do céu, quando será que alguém vai fazer um desodorante para o corpo inteiro?



Já fizemos: Nôvo Sabonete Desodorante Palmolive.



O odor da transpiração não é nada agradável para quem está ao seu lado... Por isso, V. precisa proteger todo o corpo com o Nôvo Sabonete Palmolive Dourado.

Palmolive Dourado não é um sabonete comum.

Êle contém DEX-77, elemento bacteriostático que elimina completamente o odor da transpiração.

Além disso, Palmolive Dourado tem deliciosa fragrância de lavanda francesa.

Use Palmolive Dourado.

Proteção total com a

Linha Desodorante Palmolive.

Use o Desodorante Palmolive com DEX-77 - concentrado, nas axilas, onde V. transpira mais. E o Talco Desodorante Palmolive para prolongar a sensação refrescante do banho.

"Êle se achava um cômico de meia-tigela"

CHAPLIN
CONTINUAÇÃO

Éramos vistos, os três, por tôda Hollywood, até o dia em que Thelma caiu em si e descobriu as intenções de Charlie. Eu o rejeitava, mas êle não perdia as esperanças, dizendo: "Quando chegar o momento certo, no lugar certo, então nos amaremos." Falava assim, como se dissesse: "Agora vou amarrar os sapatos." Eu tinha 16 anos quando êle conseguiu seduzir-me num banho turco.

O.F. — Que idéia estranha. Um banho turco.

L.G. — Charlie é mesmo assim. O mundo conhece a arte e o gênio de Chaplin, mas não conhece o homem Chaplin. Seduzir uma jovem num banho turco agradava seu gôsto pela comédia e pelo melodrama. Era engraçado e trágico ao mesmo tempo. Trabalhou meses para levar-me naquela tarde à sua casa e mostrar-me seu banho turco. Sugeriu que o experimentasse e abaixou a alavanca que iria encher o quarto de vapor. Foi tão estúpida, nem imaginava que êle entraria também.

A primeira tentativa, para dizer a verdade, fôra bastante banal: tinha arrumado tudo para que eu o encontrasse acamado por um resfriado. Estava lendo um livro sôbre Napoleão e Josefina. Tinha o complexo de Napoleão e com êsse truque seduziu muitas jovens. Dizia assim:

— Josefina era uma belíssima mulher e você se parece muito com ela. Quero fazer um filme sôbre Napoleão. Eu serei Napoleão e você Josefina.

Disse isto a mim, disse também para Merna Kennedy, minha amiga de infância. Ela própria veio me contar. Foi o fim do nosso casamento. Merna sempre fôra como uma irmã para mim. Eu a tinha recomendado a Charlie para que a lançasse no cinema. Às vêzes me perguntava se Charlie tinha perdido a mania de Napoleão e Josefina. Mas há dois ou três anos, abrindo um jornal, leio isto: "Charlie Chaplin pretende fazer um filme sôbre Napoleão e já encontrou quem desempenhará o papel de Josefina." Reagi gritando: "Ainda? Não é possível!"

O.F. — Mas acho que daquela vez, realmente, êle quisesse utilizar uma Josefina em seu filme e nada mais. Parece ser muito feliz com sua mulher atual, Oona, e também muito fiel.

L.G. — Bem, na sua idade! Parece-me difícil que com quase 80 anos queira ainda seduzir jovenzinhas nos banhos turcos. A imagem do herói sem pecado ficaria destruída definitivamente. Mas creio que, ao lado de Oona, Charlie tenha achado a estabilidade emotiva que tanto procurava. Meus filhos, quando vão visitá-lo na Suíça, voltam dizendo que Oona é uma mulher extraordinária, uma santa, e Charlie é seu deus. Suponho que, com Oona, Charlie tenha aprendido o que é gratidão. Mas levou muito tempo para sabê-lo: comigo, com sua primeira mulher, com a terceira, êle o ignorou sempre. Não renunciava a nenhuma mulher que lhe agradasse e a verdade é que nenhuma resistia. Pelo que eu sei, a única que não sucumbiu foi Greta Garbo. A sueca atraía Charlie! Nunca me esquecerei daquele jantar na casa de Marion Davies: êle não fazia outra coisa senão olhar para ela, procurando chamar-lhe a atenção. Eu enloquecia de ciúmes. Mas ela nem olhava para Charlie, como também nem se preocupava com John Gilbert, seu amante, que a fitava humildemente, sofrendo com o desprêzo. Pois bem, a não ser Greta, Charlie conquistou tôdas. Porém é necessário compreendê-lo. Como todos os homens fracos, inseguros, amedrontados, Charlie precisava ter muitas mulheres. E enganá-las. Era sua maneira de sentir-se viril e amado. A idéia de que não fôsse amado o torturava: achava-se feio, por causa da sua baixa estatura, seus pés pequenos, suas mãos pequenas. Não tinha razão, pois não era feio. Tinha os mais belos olhos que já vi: grandes, profundos, de uma côr violeta que mudava para o azul ou o cinzento ou o verde. Eu lhe perdoava qualquer coisa quando o olhava nos olhos. Também tinha o corpo esbelto, bem proporcionado, e eu nem reparava na sua estatura. Mas como explicar-lhe isto? Sòmente em alguns momentos de alegria parecia estar contente consigo mesmo. Então, tirava a roupa até a cintura, plantava-se em frente do espelho e exclamava:

— Preço-me com o deus Pã. Você não acha?

Oona, ex-atriz, quinta e atual mulher de Charlie Chaplin.

Para Lita, êle via perigo em tudo

O.F. — A senhora empregou as palavras fraco, inseguro, amedrontado. Por quê?

L.G. — Por tudo. Pelo público, pela imprensa, pelas mulheres, pela preocupação de perder a fama e a riqueza. Vivia como um animal envolvido por mil perigos, tremia por qualquer bobagem. Nunca consegui compreender por quê. Êle se referia muito à sua infância pobre. Parecia-me uma justificativa fácil demais, pois muitos homens nascem pobres. Eu preferia acreditar que seu mêdo viesse da insegurança, pois Charlie não só pensava que não era amado, mas também achava que seu trabalho não era tão perfeito como os outros julgavam. Êle se lamentava:

— Eu não passo de um cômico de meia-tigela um fulano que procura fazer rir. E êles me tratam como se eu fôsse o rei da Inglaterra.

Por isso, sòmente amando mocinhas êle recuperava a confiança em si próprio. Confessava-me:

— Não tenho mêdo de você. Com você me sinto tranqüilo.

Aí estava sua timidez. E se Charlie é muitas vêzes agressivo, é por causa disso. Muitos tímidos são assim.

O.F. — Do mêdo pode nascer a coragem. Muitos tímidos são corajosos. Acha que Charlie Chaplin seja assim?

L.G. — Fisicamente, não. Nunca o vi bater em ninguém ou enfrentar o inimigo abertamente. Moralmente, também não. Quando fiquei grávida, não queria casar-se comigo. Pediu que eu praticasse o abôrto, mas não teve coragem de manter sua posição: enfrentar o escândalo, a prisão ou o desastre. Casou-se obrigado. E quando a criança nasceu, não teve coragem de admitir que nascera cedo demais. Escondeu-me durante dois meses, numa casa longe de Hollywood, e pagou 25.000 dólares, uma soma enorme então, para que o médico falsificasse a certidão de nascimento. Charlie Jr. nasceu em 5 de maio de 1925, mas na certidão de nascimento consta que nasceu em 28 de junho de 1925. Charlie não tem a coragem de opor outras regras, às regras de uma sociedade que êle despreza.

SEGUE

Quem pensa que duratex não é madeira, está muito enganado.

Duratex é mais que madeira.

É pura madeira.
Sem veios e nodosidades.
É madeira homogênea:
em qualquer ponto de
uma chapa Duratex —
e em qualquer direção —
estão as mesmas qualidades.
A mesma flexibilidade.
A mesma resistência.
A mesma maciez.
Porque Duratex é madeira aperfeiçoada.
Madeira sem os imprevistos da madeira.

e quem mais entende de duratex é a

DURATEX

CHAPLIN CONTINUAÇÃO

"Não ama ninguém"

Quando se encontra em situações difíceis, não levanta a cabeça orgulhosamente: procura um compromisso. Quando minha mãe nos surpreendeu em seu quarto, êle se apressou, confuso, em assegurar-lhe:

— Lillian, não se preocupe. Há vários meses que penso em desposá-la. Amo Lillita. Amo-a profundamente...

O.F. — Talvez a amasse realmente.

L.G. — É o que eu pensei 20 anos depois, quando êle me disse: "Amei só duas mulheres em minha vida. Você e a mulher com que estou casado atualmente: Oona."

Falando, Charlie emprega muito as palavras amor e amar. Mas é incapaz de amar, a tal ponto que nem ama a si próprio. Vive apaixonado por si mesmo, mas não se quer bem. A mesma coisa acontece com as mulheres. Apaixona-se por elas, deixa-as grávidas, mas não as ama. Nem ama os próprios filhos. Quando nascem, nem sabe o que fazer com êles. Veste-os, naturalmente. Alimenta-os, faz-se fotografar com êles, mas não os ama de verdade. É só ver como se comporta com os filhos que teve com Oona, sobretudo com Michael. Abandona-os no momento em que mais necessitam dêle. E só os aceita de volta se ajoelharem diante dêle. É por esta mesma razão que Charlie não tem amigos. Nunca os teve. Nunca os quis. É simplesmente impossível ser amigo dêle: Charlie não consegue estabelecer relações humanas. Para êle as pessoas são apenas instrumentos da sua fantasia, do seu gênio — objetos focalizados pelas câmeras, nunca criaturas.

O.F. — Falando de Chaplin, a senhora repete sempre a palavra mêdo. A senhora também tem mêdo dêle?

L.G. — Agora não tenho mais. Porém não consegui livrar-me completamente dêle: ainda uso seu sobrenome e o usarei sempre. Mas êle me fêz tanto mal. Minha amizade com Charlie começou no mêdo. Eu tinha seis anos quando o vi pela primeira vez. Sorriu para mim e eu gritei de susto. Talvez seja porque seu sorriso nunca é suave. Os dentes têm algo de macabro. Mas não falo de um temor físico, e sim mental, impalpável, maquiavélico. Êle alimentava meu mêdo como se faz com uma criança, dizendo-lhe todo dia: se você não fôr boazinha, chamarei o bicho-papão. Ficando ao seu lado, a gente tem a sensação de ser continuamente punida, de cair na escuridão sem fim. Talvez por ser êle um homem tão misterioso e impenetrável.

O.F. — Mas a senhora deve ter visto alguma coisa boa nêle, já que o amou. O que lhe agradava nêle?

L.G. — Tudo. Seus olhos, sua fama, seu perfume, seu gênio, seu erotismo constante, até o mêdo que êle me inspirava. Há nêle algo de diabólico que ao mesmo tempo repele e atrai. Mais ou menos a mesma sensação que sentimos quando debruçamos na janela de um arranha-céu. A sensação de perigo junto com a sensação de proteção: sim, eu procurava um pai nêle, como fizeram Oona e Mildred Harris. Não se esqueça de que eu era uma menina sem experiência, e levei muito tempo para compreender sua crueldade. Mental, nunca física. Mas muitas vêzes preferiria ter sido esbofeteada a suportar sua crueldade espiritual. Imagine o que foi nossa viagem de núpcias: num certo instante êle sugeriu que eu me jogasse do trem. Hoje, acredito que Charlie não queria que eu fizesse isso, simplesmente se divertia em fazer sofrer uma espôsa de 16 anos, já grávida. E a primeira noite que passei em sua casa, como sua mulher legítima? Quando voltou do trabalho, eu corri para êle e perguntei:

— Você quer alguma coisa?

— Sim, uma pistola — disse, retirando-se para o quarto.

Eu corri atrás, pedindo:

— Por favor, deixe-me dormir aqui.

— Feche a porta quando sair — respondeu friamente.

E a chantagem que me fêz para que eu não insistisse em pedir divórcio? Êle não queria o divórcio, pois temia outro escândalo como acontecera com Mildred Harris.

— Se você mover a ação, contarei para todo mundo que falsificou a certidão de nascimento do primeiro filho.

Disse-lhe que quem falsificara a certidão fôra êle mesmo.

SEGUE

QUE TIPO DE JOVEM VOCÊ É?

VIRE A PÁGINA PARA SABER O TIPO DE CALÇA ADEQUADO A SUA PERSONALIDADE

INOVADOR
"Na crista da onda" com Topeka

ESPORTIVO
Topeka é a "jogada"

CONQUISTADOR
É "fogo" com Topeka

JOVEM GUARDA
Topeka é "barra"

para todos os tipos de jovem a calça é

...bem, para quase todos, pois se você fôr Topeka

ANTIQUADO
não recomendamos Topeka a não ser que você queira se atualizar.

- Cintura baixa na frente
- Corte justo e afunilado
- Ziper na vista
- Botão de pressão
- Etiquêta de couro legítimo

Topeka®

mais uma boa confecção **ALPARGATAS**

CHAPLIN CONTINUAÇÃO

"É um homem triste"

— Você não conseguirá provar isso, Lita. Ninguém acreditará em você — respondeu êle.

E acrescentou que achava muito mais inteligente de minha parte continuar a ser sua mulher, mesmo sendo infeliz. Porque, se eu o deixasse, êle iria perseguir-me pela vida inteira e me arruinaria perante a sociedade

O.F. — Êste é o retrato de um monstro, senhora Chaplin. A senhora não acha que o ódio e a amargura a levaram a exagerar as coisas?

L.G. — O ódio desapareceu com o amor, há muitos anos. E a amargura deixou lugar para uma grande lucidez: ficou comprovado, e não se trata de uma opinião minha apenas, que Charlie sempre trouxe desgraça para as pessoas que o amaram. A primeira mulher, Mildred Harris, que também se casara com 16 anos por estar esperando uma criança, morreu aos 32 por causa do álcool. Conheci-a em Londres, pouco antes de morrer. Estava acabada. Joan Barry, a môça que moveu processo contra Charlie por reconhecimento de paternidade, perdeu a cabeça e, ainda hoje, vive num hospital psiquiátrico. Eu também bebi bastante, tive um esgotamento nervoso que durou seis anos e quase cheguei ao suicídio. Em meus delírios só falava de Charlie, nas alucinações via seus filmes projetados no teto. Edna Purviance, a atriz de quase todos os seus primeiros filmes, a mulher para quem êle voltava depois de cada casamento ou depois de cada amante, tornou-se alcóolatra também e morreu logo. Merna Kennedy morreu aos 35 anos de um ataque cardíaco. Segundo algumas pessoas, ela teria se matado. Com exceção das mulheres fatais, como Pola Negri, e as santas, como Oona O'Neill, a única que conseguiu salvar-se foi Paulette Goddard, sua terceira mulher. Paulette tinha pouco mais de 20 anos, era inteligente, sofisticada e soube enfrentá-lo por alguns anos. Mesmo assim, nos últimos tempos vivia chorando e pediu o divórcio para não enlouquecer. O mesmo acontece com os filhos. Charlie Jr. é um homem que, aos 46 anos, não conseguiu encontrar a si próprio. Durante tôda a adolescência passou por uma infinidade de crises nervosas, impressionado pelo pai e pelo nome que tinha. Quis ser ator, mas não teve sorte. A América odiava Charlie e nenhum produtor desejava outro Chaplin. Enfim, tudo o que é tocado por Charlie acaba um dia ou outro em desastre. E ainda não é nada: o pior é que êle continua em nós como uma marca feita a ferro, para sempre.

O.F. — Senhora Chaplin, é uma honra ser escolhida por um gênio, mas é bastante incômodo. No entanto, deve haver uma coisa certa em tanta tragédia: não pode existir tédio na vida com Chaplin.

L.G. — Que está dizendo? Charlie é o homem mais maçante que já conheci. Pode parecer mentira, mas é só quando trabalha que tem senso de humor. Na vida corrente, nunca nota as situações divertidas: vê apenas a tragédia, o melodrama. É um homem triste. Êsse homem, especializado em fazer rir os outros, não sabe rir. Pior ainda: está sempre calado. As pessoas me dizem: "Lita, como é que você se lembra das palavras exatas de Charlie?" É claro: êle falava tão pouco que quando soltava uma frase era um acontecimento. Na verdade, Charlie não sabe traduzir o que sente ou experimenta. Quando quer dizer alguma coisa, precisa recorrer à pantomina, às caretas Como os primitivos ou as crianças. E Charlie é um primitivo: vive mais de instintos que de pensamentos, de emoção mais que de lógica. Tinha inveja do ator John Barrymore, só porque, além de ser belo e altíssimo, era um falador. Minhas relações com Charlie baseavam-se no sexo, e se eu tivesse procurado algum estímulo intelectual, não o teria encontrado, a não ser em seus filmes. Lembro-me da noite em que Einstein veio jantar em casa. Até a sobremesa, Charlie não soube o que dizer: procurou fazer perguntas científicas, mas não entendia o que Einstein dizia. A conversa melhorou quando falaram de música. Embora também não entenda disso, Charlie é um grande musicista.

SEGUE

Eis as 7 proezas que distinguem o nôvo
TISSOT Seastar 7 Seven MILITAR

1 Revolucionário mecanismo de "Calibre Único Tissot", sôbre o qual é montado o dispositivo de corda automática ou o calendário - ou ambos.

2 É a "vedete" da famosa linha Tissot *Militar*... com tradição de precisão e robustez adquiridas nas mais duras provas da última guerra mundial.

3 É um relógio realmente original e luxuoso - repare o mostrador e ponteiros... são de luxo.

4 Caixa de uma só peça; daí resulta um relógio mais fino, mais elegante e, sobretudo, mais sólido.

5 Devido à sua caixa - de uma só peça - tem maior impermeabilidade, pela eliminação da tampa do fundo das caixas impermeáveis comuns.

6 Preços bem vantajosos para relógios de tão alta qualidade. Conheça-os... você ficará admirado. Ficará convencido.

7 Serviço mundial de vendas e manutenção; entre as melhores relojoarias de sua cidade, certamente você encontrará os mais representativos modelos Tissot... entre os quais o nôvo Tissot *Seastar Seven Militar*.

Tissot *Seastar Seven Militar* ao seu dispor em 2 modelos: o convencional, de corda automática e o *Visodate* que, além de automático, tem calendário que marca o dia do mês.

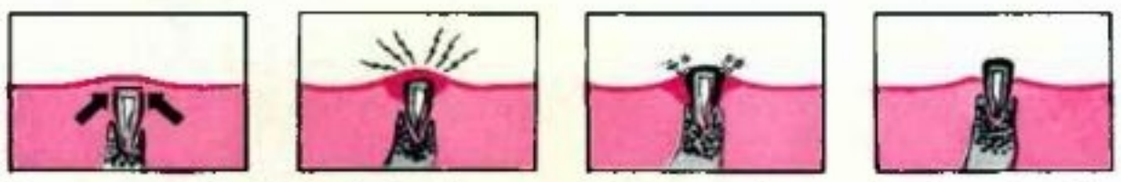
T
TISSOT
Seastar 7 Seven
MILITAR

3.518

Assistência Técnica Tissot: São Paulo: Av. Paulista, 352 - 15º • Rio de Janeiro: Av. Rio Branco, 99 - 7.º • Pôrto Alegre: R. Andradas, 1.629 - 1.º, ou por todos os Concessionários Autorizados Tissot.

Tostão furado no bercinho adianta?

NENÊ-DENT na gengiva do bebê adianta. Está mais do que comprovado. Veja porque



Ao nascer, o dentinho força o tecido provocando tensão na gengiva.

Essa tensão deixa a gengiva inflamada e irritada, surgindo a dor.

Rompida a gengiva, os germes penetram, causando infecção.

Nenê-Dent evita a irritação e a infecção. O dentinho nasce sem dor e sem complicações.

Aplique Nenê-Dent, delicadamente, com um pouco de algodão, na gengiva do Nenê.

coldbor

Pergunte às mães que já passaram por esta fase. A ação de Nenê-Dent é que acaba, de vez, com os choros e irritações do bebê quando os dentinhos estão nascendo. E é o fim da irritação da família também. Bebê sorridente outra vez. Mamãe feliz.

CHAPLIN CONTINUAÇÃO

"Não tem cultura"

O.F. — É também um homem bastante inteligente. Não acha?
L.G. — É claro. Êle tem sêde de cultura. Mas não tem cultura. Conseguiu saber o que sabe em livros lidos desordenadamente: é um autodidata confuso. Tinha muitos livros, alguns sôbre sexo, outros mais sérios, difíceis. Êle gostava muito de um que falava de cinco anarquistas que tinham destruído não sei que lugar em Chicago. Na capa, lia-se a palavra **Anarquismo** com gôtas de sangue em cada letra. O título o fascinava. Porque êle também se sentia anarquista: gostava da idéia de mandar tudo pelos ares, embora pessoalmente lhe faltasse coragem até para estourar uma bombinha.

Nunca deu um um tostão a ninguém

O.F. — Charlie Chaplin era realmente comunista?
L.G. — Comunista, êle? Falava como comunista e admirava a revolução russa, isso é verdade. Mas quando os comunistas lhe pediram para contribuir com não sei quanto para não sei que movimento, êle ficou firme e não deu um tostão. Charlie nem sabia o que fôsse comunismo: da política nunca compreendeu nada e nunca teve opiniões precisas. Charlie é um sentimental: até na política reage em têrmos emotivos, nunca intelectuais. Comove-se com os pobres, mas não sabe o que fazer para que êles não morram de fome. Eu disse isto para o ministro da Justiça dos Estados Unidos, quando procuravam demonstrar que êle estava inscrito no partido comunista. E digo mais. Nunca acreditei em seu amor pelos pobres. Nunca o vi dar uma gorjeta generosa, uma esmola, um presente para alguém que estivesse necessitado. Pelo contrário, sempre o vi afastar os pobres ou, pelo menos, evitá-los: como se êles lhe dessem nôjo ou lhe fôssem antipáticos. Charlie fala muito da humanidade, mas não se importa com ela, nem com aquêles que sofrem. Tôdas as suas manifestações de piedade e amor à justiça não passam de palavras, e só. Ou, melhor ainda, pode ser uma fantasia universal, assim como no cinema. É o Carlitos que luta pelos pobres, mas não Charlie Chaplin. Aos pobres Charlie Chaplin nem é capaz de dar um pedaço de pão amanhecido, pois é um avarento inveterado.
O.F. — Mas em geral os avarentos vivem mal, não têm sequer o indispensável. Charlie Chaplin sempre viveu bem, sem renunciar a qualquer comodidade.
L.G. — Mas é claro! Êle é avarento para com os outros, não para consigo próprio. Adora o luxo da mesma maneira que adora o poder. Nessas coisas, êle era avarento. E também nos restaurantes, onde deixava os dez por cento precisos, nunca um centavo a mais, depois de fazer as contas no papel. E também nas festas. Nunca dava uma recepção na própria casa, mas sim no Baltimore Hotel, porque as contas eram pagas pelos estúdios. E era avarento comigo: em todo o tempo em que fui sua mulher, nunca tive um dólar no bôlso. Rico como era, nem sabia quanto tinha no banco, nunca me ofereceu uma jóia. Sòmente pouco antes do divórcio consegui que me comprasse um brilhante, depois de muito suplicar.

Naquela casa nunca fui a dona, a mulher: fui sempre uma hóspede humilhada e recusada. Só à noite Charlie se lembrava de ter-se casado comigo. Eram noites selvagens! Mas, às vêzes, passavam-se meses sem que me tocasse.
O.F. — A senhora nunca falou com êle sôbre aquêles tempos? Nunca procurou saber, mais tarde, por que êle se comportou assim?
L.G. — Sim. Vinte anos depois do divórcio. Êle tinha se casado com Oona e eu me tornara alcóolatra. Os médicos não esperavam mais salvar-me e, de repente, senti uma imensa vontade de revê-lo. No ódio ainda o amava e um senso de culpa me perturbava: eu também não tinha agido bem com êle. Obrigara-o a casar-se comigo e não procurei compreendê-lo, adaptar-me ao seu mundo... E assim telefonei-lhe, e êle me atendeu. Minutos depois, chamava à minha porta. Cumprimentou-me com calor e fingiu não reparar na ruína de mulher que estava à sua frente. Eu tinha 35 anos, mas parecia bem mais velha. Saímos para dar uma volta de carro.

SEGUE

Hong-Kong, encontro entre Oriente e Ocidente... juncos... cosmopolitismo. É o bom gôsto internacionalmente apreciado. O bom gôsto que personaliza o fumante de

minister

FILTRO DE LUXO

CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ

GRANT-R. M. 4

um cigarro
de agrado
internacional

PAREDES DIVISÓRIAS AJAX

DE ALUMÍNIO, MADEIRA, FÓRMICA OU DURAPLAC (EM CÔRES)

Desmontáveis, podem ser reutilizadas indefinidamente. Racionalizam o espaço, isolando o barulho. Decorativas, fáceis de instalar, de manutenção simples e de grande durabilidade.

AJAX

INDÚSTRIA E COMÉRCIO AJAX S.A.

RUA ALBINO BAIRÃO, 178 - TELS. 93-8136 e 93-6169 - SÃO PAULO 6, S.P.
RIO: AV. RIO BRANCO, 185-CJ 2117 - TEL. 42-9897
B. HORIZONTE: R. RIO JANEIRO, 462 - SALA 1405
BRASÍLIA, D.F.: AVENIDA W-3, Ed. ARNALDO VILLARES, s/207-C. P. 1580
P. ALEGRE: R. GEN. CÂMARA, 156 - SALA 1107 - TEL. 43-47

CHAPLIN CONTINUAÇÃO

"Tem mêdo de tudo"

Apesar dos cabelos cinzentos, êle parecia até mais jovem que eu. Durante uns dez minutos dirigiu calado, e nem eu sabia o que dizer. Charlie, enfim, elogiou Charlie Jr. e Sidney:

— Pelo menos fizemos uma coisa bem feita, Lita. Temos dois filhos maravilhosos.

Depois falamos de mim, de minhas esperanças perdidas. De repente, êle exclamou:

— Lita, talvez isto possa ajudá-la: pense que cada um de nós vive procurando as mesmas coisas que você procura. Amor, amizade, uma identidade com alguém.

— Identidade? Mas você sempre a teve — respondi-lhe.

Charlie sacudiu a cabeça:

— Procurei-a a vida inteira, e se um dia conseguir encontrá-la, será graças a Oona.

Então, quase chorando, perguntei-lhe porque se comportara tão mal comigo, por que não tentara amar-me. E êle me respondeu com estas palavras, que recordo uma por uma, porque era a primeira vez, e a última, que o ouvia falar com sinceridade:

— Eu nem compreendia a mim mesmo, Lita. Compreendia sòmente o mêdo que tinha dos outros, o terror de ser ferido. Estava certo de que ninguém poderia amar-me, porque era um homenzinho com cabeça grande. Não compreendia as mulheres e não tinha confiança nelas. Conquistava-as e tentava amá-las, mas não por muito tempo, porque estava certo de que não podiam amar-me. Êste é o segrêdo do grande Charlie Chaplin. Lita, talvez isto seja um consôlo para você, mas confesso que quando eu me comportava mal, sabendo que a feria, era para proteger-me. Desculpava-me dizendo que o trabalho era minha vida, mas não era a verdade. Simplesmente, eu não queria oferecer-me aos outros. Cometi o mesmo êrro com você, com Mildred, com Paulette. E, se Deus existisse, eu lhe pediria que não me fizesse repetir essas atrocidades com Oona. Não sei se você acredita que eu lamento tudo isso.

O.F. — São palavras importantes, senhora Chaplin. Vale a pena esperar 20 anos para ouvi-las. Como pode lembrá-las sem o perdoar?

L.G. — Um desabafo durante um passeio de carro não consegue anular a dor de uma vida inteira. A única coisa que sinto quando penso naquela tarde, é um sentimento de muita compaixão. Uma imensa piedade. Desde então, êle nunca mais me procurou. Quando vê nossos filhos, sobretudo Sidney, pergunta: "Como está sua mãe?" E então, quer as notícias sejam boas ou más, responde: "Está bem." Charlie não muda, nem mudará. E, assim, será sempre um grande artista, mas nunca um grande homem. Falta-lhe humildade, coragem, grandes sentimentos. É um gênio, sem ser grande homem.

O.F. — Sua resposta é terrível, senhora Chaplin. Mas ainda insisto: entre tanto horror, que é que salva Charlie Chaplin?

L.G. — O homem fantasiado: dirigindo e interpretando Carlitos sentia-se feliz. Carlitos era o seu sonho, era aquêle que êle queria ter sido, sem nunca ter conseguido: bom, digno, divertido, generoso. Às vêzes procurava iludir-se, sobretudo quando buscava a dignidade. Eu o chamava de **Little Fellow,** o Amiguinho. E quando êle não tinha outro argumento para desabafar, gritava:

— Eu sou o Amiguinho. O Amiguinho nunca fala com pessoas que despreza. Não sabem quem é o Amiguinho, não é? É um sujeito que, mesmo sendo obrigado a ajoelhar-se, mesmo reduzido aos pedaços, continua sendo um homem digno e pode olhar de cima os abutres sedentos de dinheiro.

Sim, o Amiguinho é maravilhoso, imortal. Faz rir o mundo inteiro e eu me inclino diante dêle. Mas nada pode salvá-lo. Nem o marido, nem o pai, nem o cidadão.

O.F. — É um julgamento impiedoso, senhora Chaplin.

L.G. — Respondo-lhe o que respondi a Marion Davies no dia em que ameacei revelar, no processo de divórcio, que ela fôra uma das amantes de Charlie, apesar de tê-lo negado. Marion ficou surprêsa e me disse:

— Lita, como é que você se tornou tão dura, tão impiedosa?

Respondi-lhe apenas:

— Eu fui a mulher de Charlie Chaplin. FIM

Ainda há quem insista em afirmar que a porta da Europa é êste ou aquêle país. O que encerra um certo exagêro.

Nós lembramos apenas que, sendo Portugal o país mais ocidental da Europa, é evidente que é lá que ela começa.

Mas não é apenas a posição geográfica privilegiada de Portugal que torna lógico começar a sua próxima viagem à Europa por Lisboa. Além dos laços fraternos que unem brasileiros e portuguêses, Lisboa, que tanto tem a oferecer ao turista, constitui ponto de partida natural para os outros países da Europa, através de suas inúmeras conexões aéreas, rodoviárias e ferroviárias. E se a tôdas essas vantagens acrescentarmos a conveniência e o confôrto que oferecem os vôos bi-semanais* da TAP no superjato Boeing 707-320B — o mais moderno jato comercial do mundo — então V. é bem capaz de concluir que a Europa começa mesmo é no Escritório mais próximo da TAP

E lembre-se: o seu Agente de Viagens tem sempre o plano que mais lhe convém

* quartas-feiras: Rio-Recife-Lisboa
sextas-feiras: Rio-Lisboa

Em "pool" com a Varig

TAP

IATA

RIO • SÃO PAULO
SANTOS
BELO HORIZONTE
PÔRTO ALEGRE
RECIFE
SALVADOR • BELÉM

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES
TÉCNICA ATENÇÃO PONTUALIDADE-A JATO

Êle é capaz até de roubar, quando não há outro meio de conseguir uma peça que considera valiosa. Outras vêzes, pode pagar uma fortuna por um objeto que a maioria das pessoas considera insignificante. Êle é

O COLECIONADOR

Reportagem de Salomão Scliar

Durante a última conferência dos presidentes americanos, em Punta del Este, o serviço de segurança foi severíssimo. Tudo foi estudado para prevenir qualquer episódio menos agradável. Lyndon Johnson, por exemplo, só bebeu água mineral trazida de Washington. Mas, apesar do contrôle exemplar, quando a conferência chegou ao fim, os responsáveis pela organização viram que nem tudo tinha sido perfeito. Haviam desaparecido os seguintes objetos: uma garrafa térmica branca e azul, com as insígnias da Presidência dos Estados Unidos; três canetas de ouro, pertencentes a Eduardo Frei, Raoul Leone e Alfred Stroessner, presidentes do Chile, Venezuela e Paraguai; o suéter bege do secretario de Estado norte-americano, Dean Rusk; e uma pasta vazia do presidente Arosemena, do Equador.

O mistério, porém, seria esclarecido em pouco tempo: quatro agentes do serviço secreto, vasculhando todos os aposentos do luxuoso Hotel San Rafael, descobriram a garrafa, as canetas, o suéter e a pasta. Estavam no apartamento do "señor" Luiz de la Fuente Garcia, um rico peruano chegado a Punta del Este como "assistente do secretário de um **expert** de uma delegação centro-americana".

— Yo no soy un ladron. Yo soy un coleccionista — foi a defesa de Garcia.

E, para convencer os agentes, mostrou um dossiê fotográfico de seus **tesouros**: entre outros, uma caneta que pertenceu a John Kennedy; um chapéu de Churchill; um guarda-chuva de Chamberlain; um livro assinado por Hitler; a sela de um cavalo que foi montado por Giuseppe Garibaldi; e as muletas de Franklin D. Roosevelt.

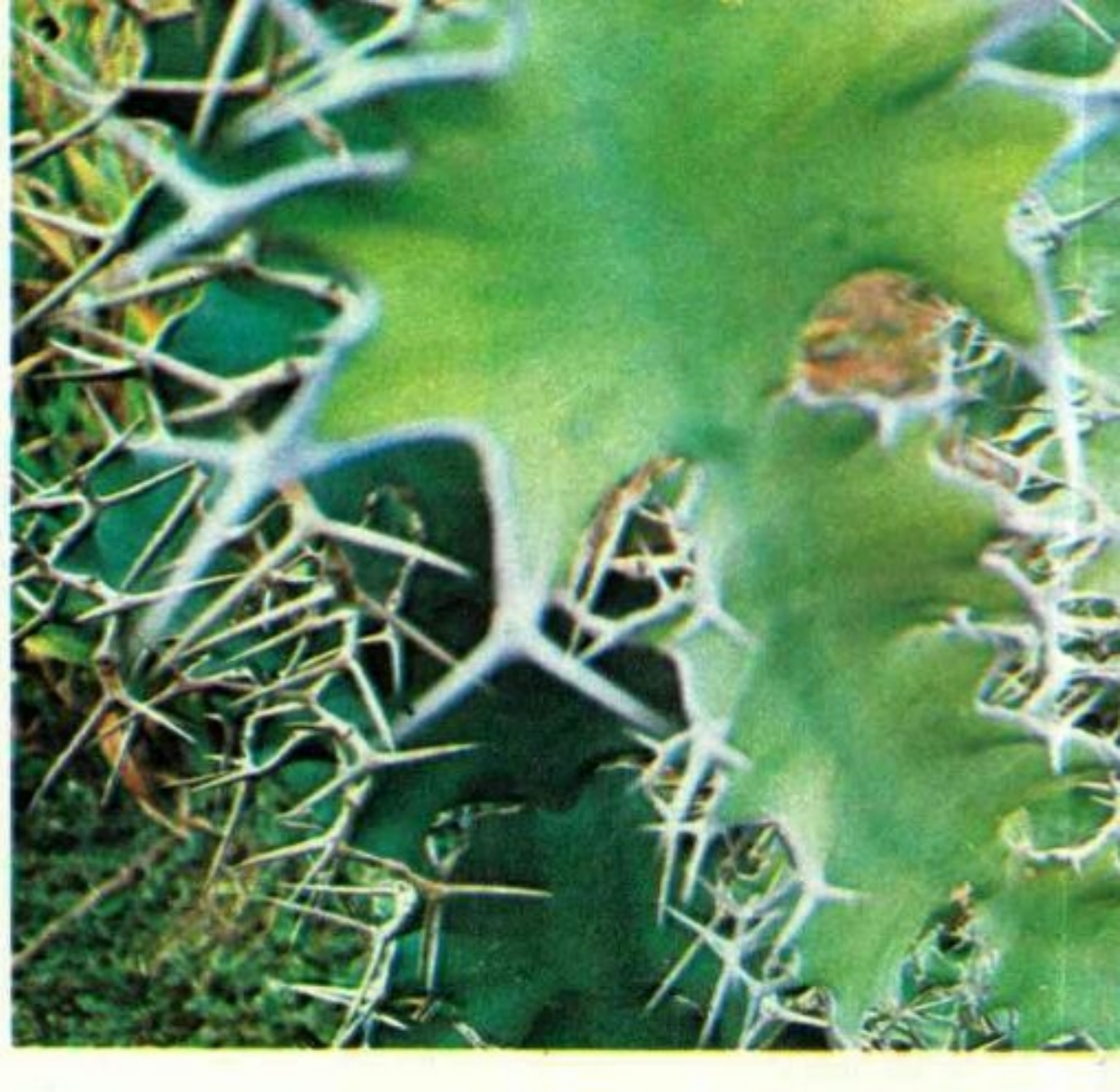
Feita uma rápida investigação, ficou-se sabendo que Garcia é um dos mais famosos colecionadores de "relíquias" políticas de todos os tempos. E que sempre consegue "penetrar" nesta ou naquela reunião de alto nível, para aumentar sua coleção, guardada na casa de campo que possui em Neully, perto de Paris.

Em Punta del Este, a polícia ficou num dilema: devolver as canetas de ouro aos donos, ou deixá-las com o colecionador? O mesmo Garcia, depois de mostrar que eram apenas douradas, conseguiu que se desse o episódio por encerrado.

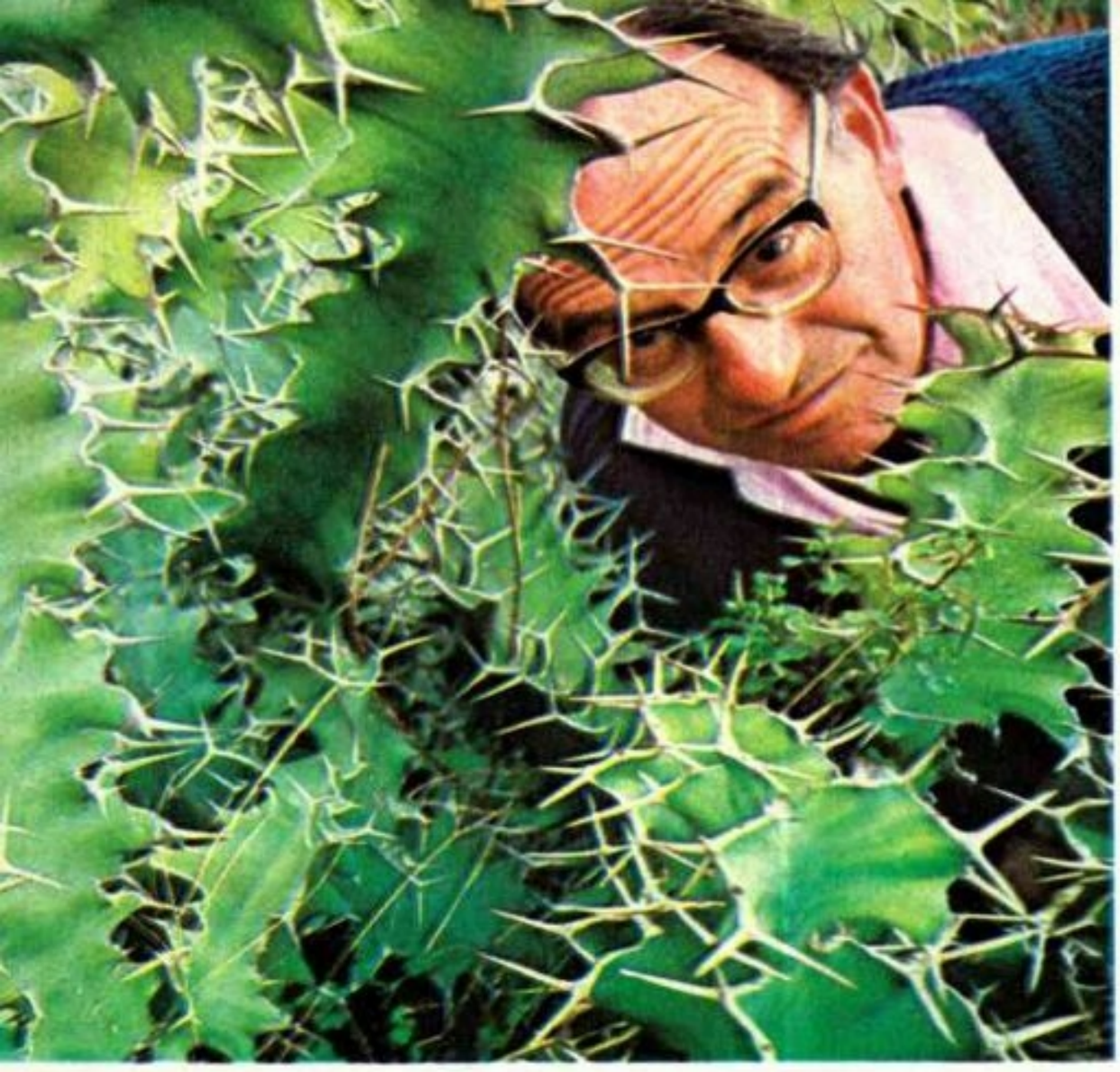
Para alguns psicólogos, o colecionador é um homem que pretende projetar nas **coisas** que guarda com extremo carinho sua profunda e teimosa vontade de resistir à corrida do tempo e da vida. Isto é, a **coleção** representaria a imagem mais pura do instinto de conservação. Essa imagem deve ser fortíssima em muita gente, pois existem no mundo mais de 25 mil lojas que vendem exclusivamente selos e moedas, enquanto se publicam anualmente mais de mil catálogos sôbre o assunto. É a especialização, que hoje se torna obrigatória por várias razões. Uma delas é a falta de espaço — uma coleção de selos de todo o mundo, mais ou menos completa, chega a ocupar um quarto inteiro. Quase ninguém mais fala, também, das antigas bibliotecas particulares com 30 ou 40 mil volumes. E as pinacotecas, as "galerias" de estátuas, ou os parques para a coleção de modelos de trens transformaram-se em privilégio de poucos. Um holandês que colecionava banheiras (era, como êle afirmava, "a história da humanidade através da higiene") um dia resolveu presentear o museu da cidade onde tinha nascido com sua coleção. Eram mais de 800 peças raríssimas, começando das banheiras usadas nos tempos da Renascença, em Florença, até a banheira do aposento de madame Curie. A oferta do holandês foi recusada. A direção do museu respondeu: "É muita coisa; para hospedar as banheiras, teríamos que jogar fora muitos Van Dick e Rembrandt. Preferimos êstes — ocupam menos espaço".

No Brasil o problema do espaço não é tão grave, mas também ninguém ainda pensou em colecionar banheiras. Coleciona-se pinga, plantas, relógios, armas, discos, ex-votos, medalhas, selos, vidros, bengalas, leques, prata, documentos, moedas, borboletas, flâmulas. Entre isso tudo, há peças raras, valiosas, como as que aparecem nas páginas seguintes.

COLECIONADOR CONTINUAÇÃO



História da Civilização através do vidro. Essa a intenção do industrial e comerciante alemão Ernesto Wolf, que está no Brasil há 17 anos. E êle conseguiu: sua coleção é a mais famosa do mundo, tendo já sido exposta na Suíça, na Bienal de São Paulo e no Museu de Arte Moderna, no Rio. As peças da coleção foram compradas em várias partes do mundo, encontrando-se entre elas uma de 1.600 anos antes de Cristo. Tudo está segurado no Loyds, de Londres, e Ernesto Wolf diz não poder calcular o verdadeiro valor da coleção.



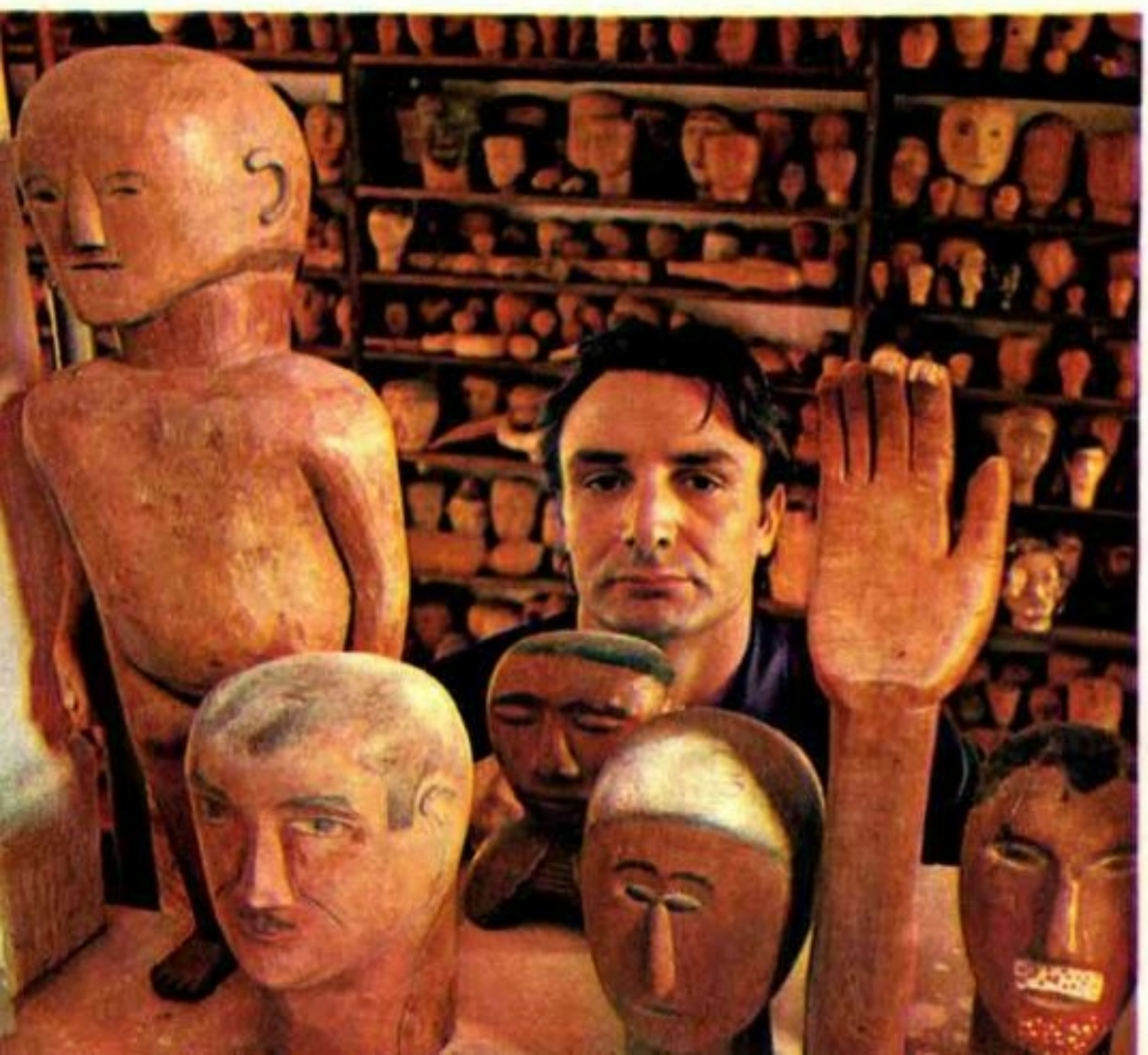
As plantas dão grande equilíbrio mental à gente — diz Walter Levi, pintor e paisagista, que começou a interessar-se por elas quando tinha 15 anos, em 1920. De sua coleção, os exemplares mais raros vieram da África. Para conseguir novos espécimes, Walter Levi mantém intercâmbio constante com várias firmas estrangeiras, que lhe mandam sementes e as publicações especializadas.

A maior emoção que um colecionador de armas pode ter, Sérgio Ferreira da Cunha, um médico de 43 anos, teve numa escavação arqueológica no Peru: encontrou dentro de uma tumba um machado de ouro da civilização incaica. Sérgio diz que já nasceu gostando disso. Em 1934, comprou uma espada de oficial do segundo reinado, por 42 mil réis. Possui mais de cinco mil peças, desde as armas dos homens das cavernas, até as da segunda guerra mundial. Tem também uma biblioteca especializada com três mil volumes.

COLECIONADOR CONTINUAÇÃO

Publicações especializadas do Brasil e do exterior, quando precisam comprovar a existência de alguma espécie de inseto, costumam consultar a coleção Dirings. São milhares de exemplares de tôda a América Latina, muitos dêles descobertos pelo próprio colecionador, Ricardo Diringhofen, comerciante de tecidos de 66 anos, que caçou sua primeira borboleta há meio século. A importância de Diringhofen pode ser medida por êste exemplo: foi êle o principal colaborador quando o Museu Britânico montou sua coleção de insetos.

Desde oito anos de idade, Davi Carneiro — hoje com 63 — sempre coleciona alguma coisa. Minerais, moedas, armas. Agora, sua coleção de objetos históricos, pelo menos na parte de uniformes militares, é mais importante que a do Museu Histórico Nacional. Seu museu particular era aberto a todos, mas recentemente passou um ano fora do país e ao voltar notou que várias peças tinham sido roubadas. Desde então, fechou as portas ao público.



Giuseppe Baccaro, comerciante de obras de arte, viajou por todo o Brasil durante seis anos para montar a mais completa coleção de ex-votos, com quase mil peças. Ex-voto é uma pequena escultura de madeira, representando uma parte do corpo humano, que os doentes curados por milagre oferecem ao santo de sua devoção. Giuseppe já expôs no Museu de Arte Moderna do Rio e exporá em Nova Iorque e Paris sua coleção de pinturas peruanas.

Qualidade

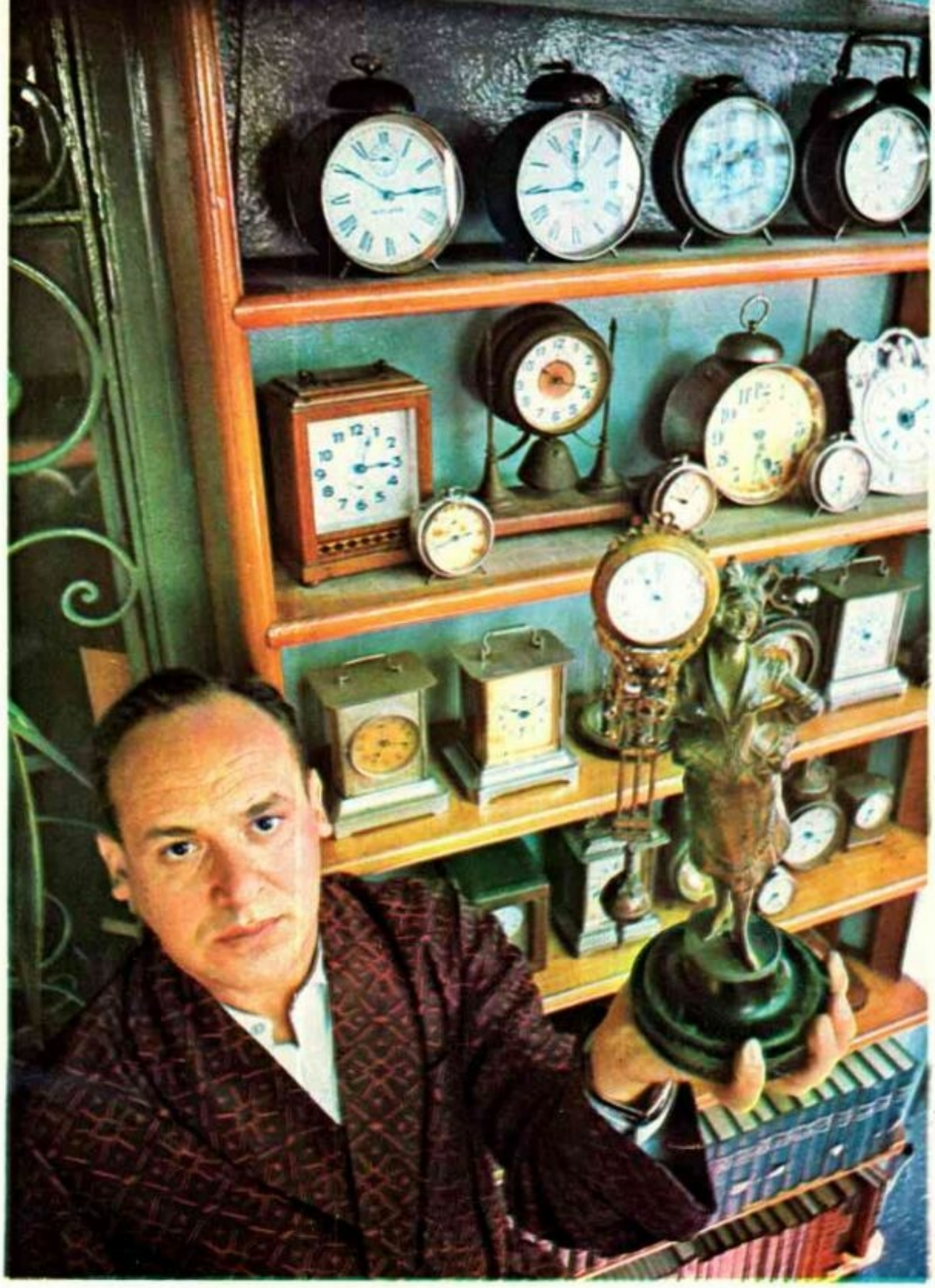
Qualidade

e mais Qualidade

BRASTEMP

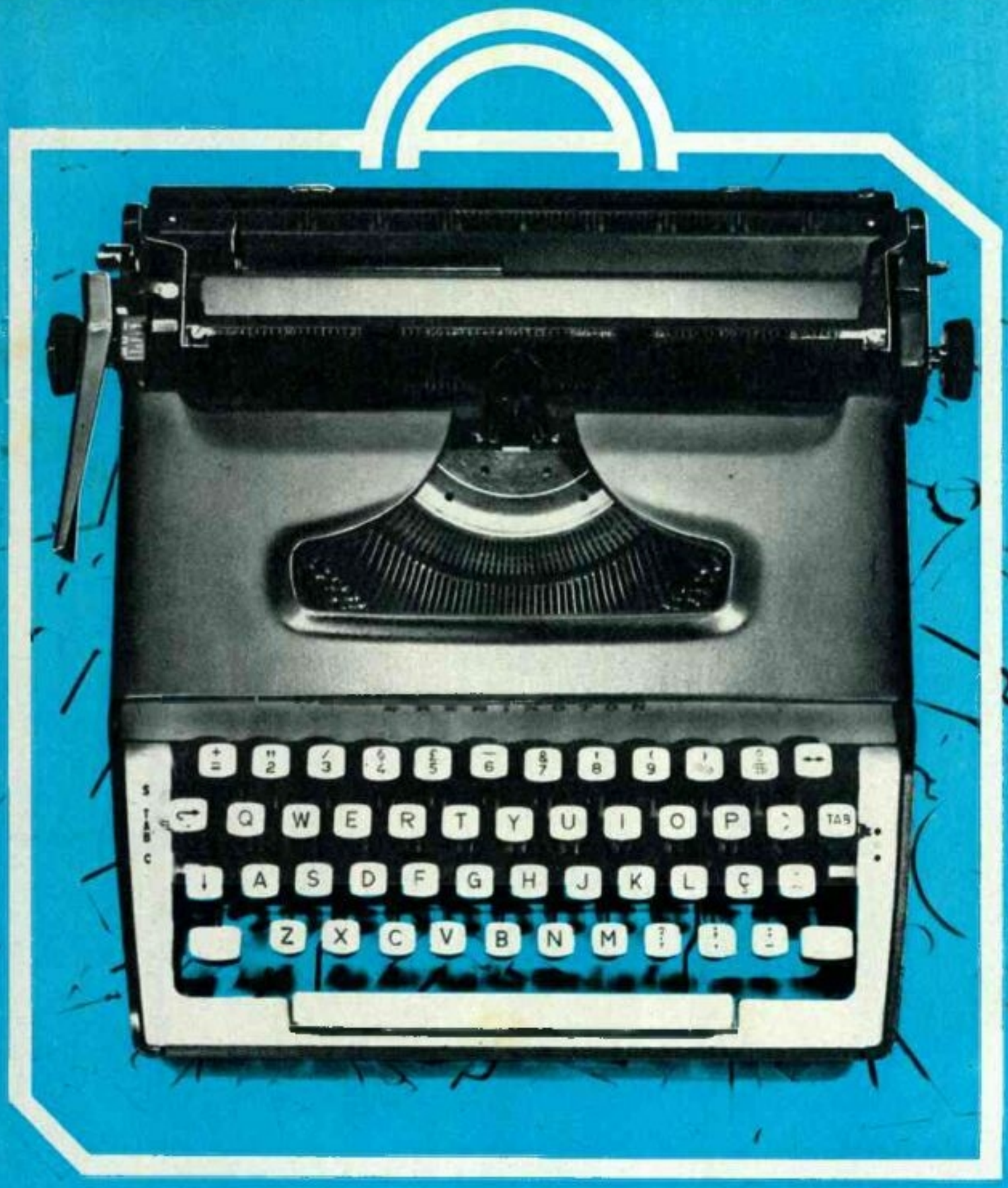
- A chama mais azul é índice de total aproveitamento do gás. É mais quente e não suja as panelas. Isto é conseguido graças ao espalhador de chama de desenho exclusivo.
- O fôrno, amplo, permite assados econômicos e perfeitos, em virtude do termostato que mantém a temperatura conveniente, com menor consumo possivel.
- O isolamento térmico das paredes contribui para a economia do fôrno e impede o aquecimento exterior.
- Visor de vidro na porta do fôrno, permite o acompanhamento do ponto do assado.
- Chapa churrasqueira, no modêlo Imperador, para churrasco, hamburgers, pizzas etc.

fogão Brastemp
-o que há de melhor



Há 20 anos, o advogado Lázaro Monteiro — hoje com 38 anos — comprou o primeiro relógio antigo, num ferro-velho. Agora tem mais de 400, todos funcionando normalmente, inclusive um relógio de coluna, de 200 anos, o mais importante da coleção (vale quatro mil cruzeiros novos). Gosta muito também de um carrilhão que foi do barão de Jundiaí. Atualmente o mercado anda ruim para quem coleciona relógios, muito procurados por decoradores. Mesmo assim, ainda há pouco, sentiu a emoção de comprar um valioso relógio por apenas 45 cruzeiros novos.

Alceu de Campos Pupo, engenheiro de 60 anos, ganhou algumas moedas de um colega de turma, em 1929. Nestes 38 anos, aquelas moedas se multiplicaram e se transformaram numa das maiores coleções do país, conhecida e citada por todos os especialistas. Alceu Pupo tem preferência pelas moedas de prata brasileiras, mas coleciona também medalhas e condecorações do tempo do Império. Em sua opinião, o colecionador não é nenhum usurário, mas sim um estudioso como outro qualquer, que precisa manter-se em permanente contato com outros colecionadores e ler muito, também. Por isso mesmo, ao lado da coleção, mantém uma vasta biblioteca especializada.



NOVA

Remington *Monarch* é a grande na portátil

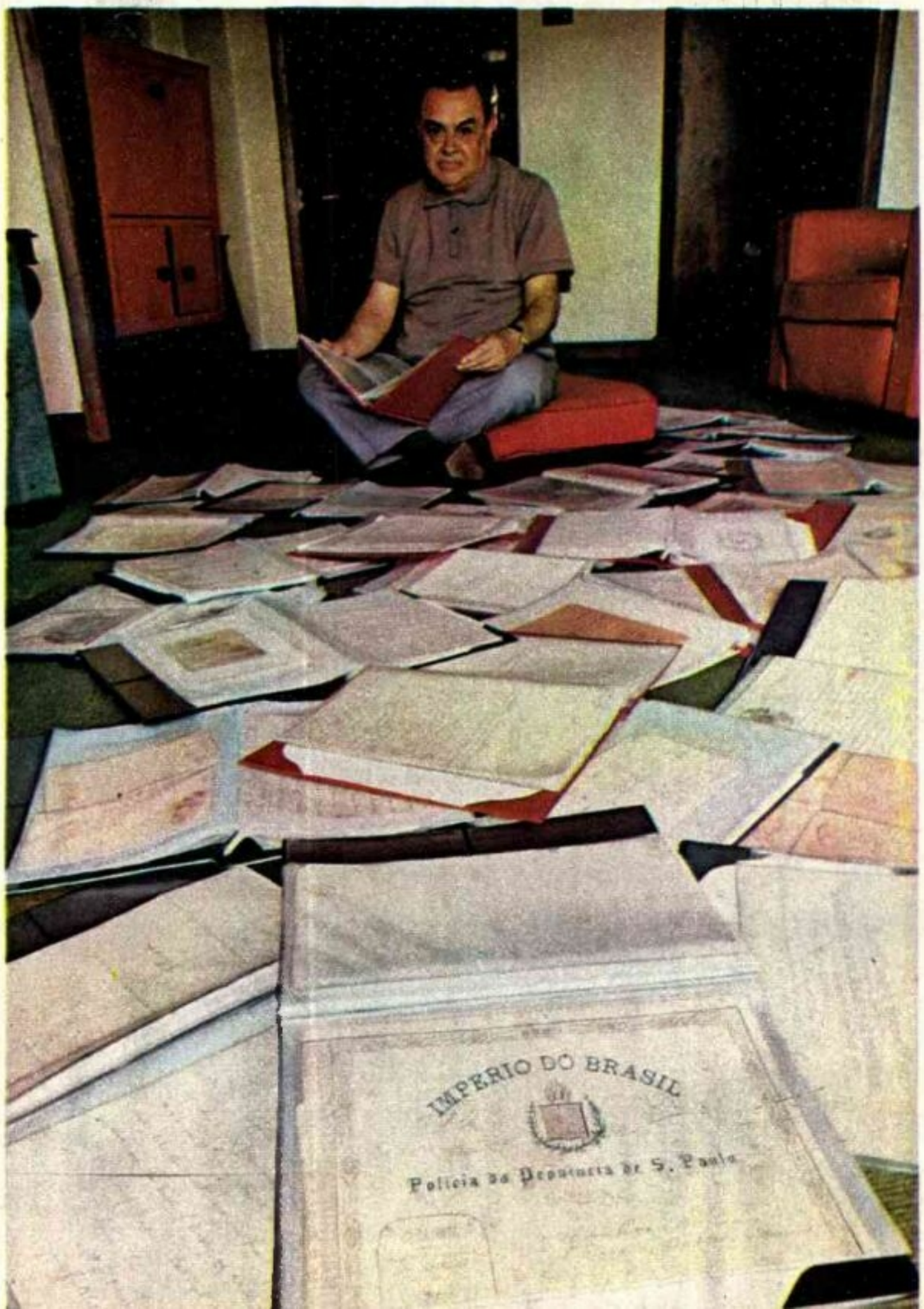
Monarch: Portátil-Profissional

Portátil, pelo tamanho, péso e facilidade com que você a transporta. Profissional, por causa dos recursos: 43 teclas e 86 caracteres, (tipo "paica" ou elite, à sua escolha), tabulador, marginadores visíveis, regulador de pauta com 5 graduações, recuperador automático de pauta, regulador de toque pessoal retôrno automático da fita. Você vê: a Remington Monarch vale por duas. Além do mais, lindíssima. Sua compra de uma Remington Monarch para você e a família é para já. (E já pensou no presente fabuloso que é uma Remington Monarch?)

DIVISÃO DE MÁQUINAS

Remington Rand do Brasil S.A.

Filiais e revendedores nas principais cidades do País.



Na casa da menina Niomar, as revistas apareciam sempre com algumas páginas a menos. Lá no seu cantinho, com uma tesoura, ela ia recortando qualquer reprodução de pintor famoso que aparecesse. Hoje, Niomar Moniz Sodré Bittencourt é diretora-presidenta do **Correio da Manhã,** fundadora do Museu de Arte Moderna e tem em casa uma coleção conhecida no mundo inteiro. Entre os quadros, Picasso, Matisse, Braque, Renoir, Mondrian, Soutine, Sulage. Possui, ainda, peças antigas e esculturas valiosas.

Entre as quatrocentas peças raras de Antônio Melilo, um economista de 61 anos, encontram-se assinaturas de Napoleão Bonaparte, d. Sebastião de Portugal, Catarina III da Rússia, Felipe II da Espanha. É que êle coleciona documentos históricos, cujo valor é até difícil de ser calculado. A fama de seus documentos corre o mundo. A coleção de Melilo — que tem desenhos feitos por d. Pedro II quando era menino — é completada por 600 gravuras **da época.**

Querido, ontem V. estava tão cansado que esqueceu de pôr a calça do pijama.

(Não tem importância: Nycron não amarrota nem perde o vinco.)

NYCRON

um tecido SUDAMTEX

Nem só de objetos de arte vivem os colecionadores. O engenheiro Rubem Cattan, por exemplo, resolveu juntar bengalas. E tem em casa aquela que pertenceu a Rui Barbosa. Mas tem peças curiosas, como a do tempo da lei sêca, com dispositivo para guardar bebida, ou bengala-arma, com um punhal embutido. Rubem Cattan costuma dizer que pela bengala se conhece o caráter do proprietário, sua educação, gôsto, cultura, nível social. Reconhece, porém, que êsse tipo de análise só se pode fazer na Inglaterra, um dos poucos países que ainda hoje mantêm essa tradição.

Quando o comerciante Fábio Bergamini Carluci resolveu montar uma coleção de selos brasileiros, emitidos entre 1920 e 1941, não imaginou o trabalho que teria. Êle foi obrigado a manusear milhões de selos, só para completar uma série chamada **vovó**, que tem 14 mil exemplares. A seleção foi feita através de um exame da côr, papel, filigrana. Mas, por maior que tenha sido o seu trabalho, Fábio Bergamini Carluci ficou felicíssimo. Hoje é homem que faz o que gosta e sua coleção vale 180 milhões de cruzeiros velhos. Êle tem vários selos, franceses e inglêses principalmente, que estão valendo, no mercado internacional, um milhão de cruzeiros velhos cada um.

Uma coleção muito estranha é a do deputado paulista Blota Júnior. Como radialista, antes de se dedicar à política, Blota viajou por muitas cidades. Nessas viagens, êle sempre ganhava presentes. E o que mais lhe davam era pinga, garrafas de pinga. Quando viu sua casa cheia de garrafas de tôdas as partes do Brasil, teve a idéia: fazer uma coleção das mais raras ou de nomes mais engraçados. Isso há 15 anos. Hoje é o nosso maior colecionador de pinga.

Sílvio Washington Moreira Fonseca, um garôto de 18 anos, estudante, começou a juntar flâmulas aos oito anos de idade. Eram da escola, do clube, de um centro acadêmico. Com o tempo, êle foi tomando gôsto pela coisa, até que um dia já trocava flâmulas com colecionadores do mundo todo. Mas não parou por aí. Entusiasmado, Sílvio Moreira Fonseca passou para outro campo — o das caixas de fósforos. Depois, foram as moedas. Sem gastar um tostão, terminou por possuir um amontoado de coisas raras — tem moedas de 600 anos em casa. E não pretende parar.

FIM

O Aero-Willys diz logo quem você é.

Quando você passa no seu Aero-Willys, todo mundo já sabe que ali vai um homem inteligente, dinâmico e bem sucedido.

Por que?

Porque o Aero-Willys sempre foi o carro preferido por homens como você. A imagem está feita.

O Aero-Willys é bonito, tem presença, é sóbrio.

Tem motor de 110 HP, com fôrça para o desempenho que você deseja.

É um carro de confiança, carro para quem tem compromissos e não pode faltar, tem horários para cumprir e não pode atrasar-se.

O Aero-Willys tem espaço e confôrto para seis pessoas.

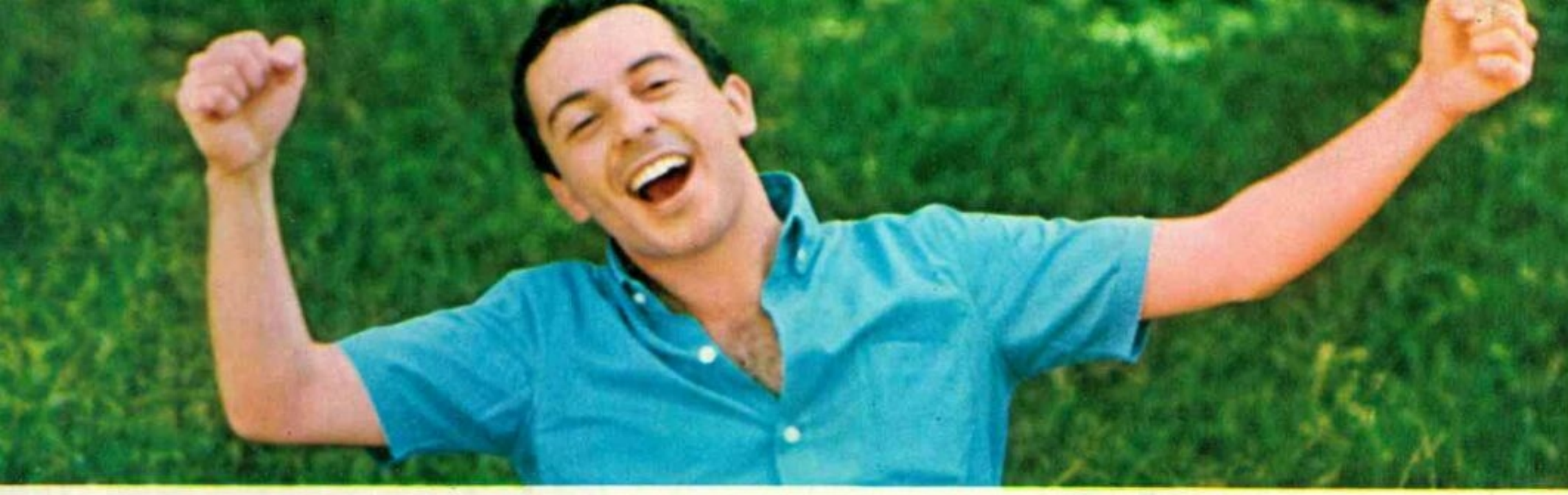
No Aero-Willys 67, você ainda tem: novas lanternas traseiras, painel reestilizado, nôvo estofamento, direção mais suave e obediente.

©Willys-Overland - 67.1150

Aero Willys 67

Produto da Willys-Overland

Fabricante de veículos de alta qualidade.



Fabulosa! Tem farol embutido!

NOVA

Monark

GALÁXIA 67

— com sua Estrêla da Sorte

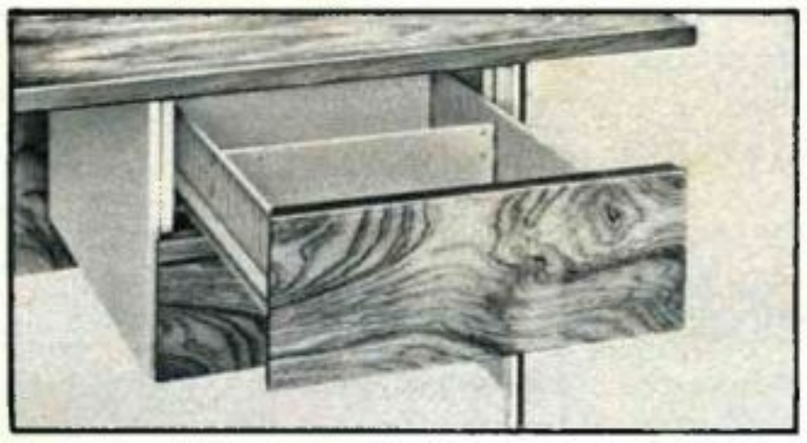
É a mais moderna bicicleta do mundo

A única com farol embutido. Tem a qualidade Monark, famosa em 5 continentes. A resistência do aço temperado. Linhas aerodinâmicas. Deslizar macio. Selim Confôrto Flutuante. Tração Monobloco, forjada numa só peça. Cintilantes côres espaciais: Vermelho Galáxia, Azul Cosmos, Verde Gemini, Verde Espacial. E o exclusivo farol embutido, com foco panavision, que abre caminho dentro da noite. Ainda por cima, Monark tem a Estrêla da Sorte, para ajudar Você a vencer na vida. Nem precisava. Pois todos sabem: sorte de quem tem Monark - a melhor bicicleta do mundo!

COMPRE SUA BICICLETA. MAS, COMPRE LOGO A MELHOR. COMPRE A NOVA MONARK GALÁXIA 67

A resistência do aço e a nobreza do jacarandá...

combinadas...



com exclusividade, nas mesas série 170.000 SECURIT

As únicas com partes internas em aço: funcionamento suave das gavetas (que têm patins de "nylon"), mesmo quando repletas • Tampos, laterais e retaguarda em jacarandá da Bahia, com bordas maciças e superfícies tratadas com resina que as tornam imunes à ação de líquidos • Montantes (pernas) em liga de cromo-alumínio polido, inalterável • Linha completa, em vários tipos e tamanhos • TECNOGERAL S/A. • São Paulo: Rua 24 de Maio, 47 - Tel. 35-5187 • Brasília: Edif. JK, loja 3 - Tel. 2-6180 • Rio: Rua Francisco Serrador, 2, 5.°and. - Tel. 42-6178.

"Sempre haverá dor nas coisas. Mas não é
por saber disso que um homem deve se desesperar.
O homem bom procurará tirar a dor das coisas.
O homem tolo nem mesmo a notará, a não ser em si
próprio. E o homem mau aumentará
a dor nas coisas e a espalhará aonde quer que vá.
Mas cada homem não tem culpa, pois o homem mau
não menos que o homem tolo e o homem bom,
não pediu para vir aqui e não veio sòzinho,
do nada, e sim de muitos mundos e muitas multidões.
Os maus não sabem que são maus,
e são, portanto, inocentes.
O homem mau deve ser perdoado todos os dias.
Deve ser amado porque alguma coisa de cada um de
nós está no pior homem do mundo e
alguma coisa dêle em cada um de nós.
Êle é nosso e nós somos dêle.
Nenhum de nós é separado de qualquer outro.
A prece do camponês
é minha prece, o crime do assassino é meu crime".

— Willian Saroyan,
romancista norte-americano

QUEM SÃO

Texto de
Narciso Kalili

Secretaria da Segurança Pública, Departamento de Investigações, Delegacia Especializada de Homicídios. **Portaria:** "Tendo chegado ao conhecimento desta Especializada, por volta das 10h30 de hoje, 8 de fevereiro de 1960, através de um telefonema do Plantão Pilôto de Santo Amaro, que, na localidade de Parelheiros, uma família tinha sido trucidada e que até o momento o crime estava envôlto em mistério, dou por instaurado o presente inquérito e DETERMINO ao escrivão Edes M. Martins, que compareça em minha companhia ao local . . ." a) J. Sérgio de Castro Pontes, delegado-adjunto de Homicídios.

Eram umas sete horas quando Jacó Paes do Prado saiu de casa. Fazia calor desde cedo naquela segunda-feira de fevereiro, e com isso o velho Jacó sentia ainda mais pesados os seus 76 anos. Caminhando pela rua quase deserta, êle pensava na dureza de seu trabalho, que ainda piorava com aquêle sol.

Antes de seguir para a sua roça de verduras, Jacó passava sempre pelo armazém do filho, Miguel, para ver os netos e tomar o cafèzinho. Entrou na estrada de Jaceguava e olhou para os lados da estrada de Boi-Guaçu, para a esquina. Alguma coisa apertou o coração cansado do velho: o armazém ainda estava fechado (e já passava das sete e meia). Apressou o passo e em poucos minutos estava diante das portas de aço:

— Será que tem alguém doente em casa?

Deu a volta, indo para os fundos. A porta estava entreaberta. Chamou, não veio resposta. Entrou. Atravessou o primeiro depósito, o segundo, passou pelo armazém e chegou até a cozinha. Estava tudo escuro, mas Jacó conseguiu enxergar camisas, calças e roupas de criança espalhadas pelo chão. Antes de entrar no quarto onde dormiam Miguel, a mulher e os quatro filhos, procurou afastar as preocupações chamando bem alto:

— Ei, pessoal! Dormiram demais? Já é tarde!

E entrou no dormitório.

Deu dois passos e parou. A voz ficou prêsa na garganta. Começou a suar enquanto o coração batia violentamente. Fechou os olhos e saiu correndo. Não parou até chegar de volta à sua casa e, ofegante, dizer a seu filho mais môço:

— Ali, na casa do Miguel. Todos mortos. Tem Sangue por todo lado. Meu Deus! É o fim do mundo!

Tomou a água que a nora lhe deu, sentou-se, tremia:

— As crianças, meu Deus! Miguel e a mulher, que crueldade!

O filho mais nôvo de Jacó, sem entender bem o que aconteceu, esperou alguns minutos. Vendo que o pai continuava atordoado, resolveu sair assim mesmo e ir ao Pôsto Policial. O velho alcançou-o:

— Vou com você. É o fim do mundo, meu Deus!

O domingo de Miguel

Miguel levantou-se cedo, junto com as crianças — João, o mais nôvo (três anos), Iracema com cinco, Jacó, de sete anos e Miguelzinho, oito. Sua mulher, Maria Aparecida, começara a preparar o almôço logo cedo: às duas da tarde chegariam o homem do cartório e César. Miguel estava alegre dentro do armazém, pensando nas visitas e no movimento. Aos domingos vendia-se muita cachaça:

— Dia de semana a turma dá de comer ao bicho; no domingo, mata o bicho . . .

Ao meio-dia, chegou José, um lavrador que o ajudava a servir no balcão. Miguel pediu-lhe que ficasse tomando conta, pois já ia almoçar. Tinha que andar depressa, às duas chegariam as visitas.

Seus quatro filhos já estavam na mesa, fazendo algazarra.

Miguel sentou-se e enquanto a mulher ia servindo a comida, êle observava cada uma das crianças. Estava satisfeito com a vida. Depois de algumas cabeçadas — como êle mesmo costumava dizer — firmara o pé.

Terminado o almôço, só êle, a mulher e o filhinho mais nôvo ficaram dentro da casa. As outras três crianças foram brincar na rua. Pouco antes da hora marcada chegaram César e o escrivão do cartório de Parelheiros, Juvenal.

Departamento de Investigações, Delegacia Especializada em Homicídios. Declarações de César Nunes Pereira da Costa Nogueira, branco, português, solteiro, 67 anos de idade, sabendo ler e escrever.

— Quase todos os domingos vou a Jaceguava para comprar terras. Além disso, tenho um sítio que faz divisa com terrenos do pai de Miguel. No domingo, dia sete, como já tínhamos combinado, fui ao armazém de Miguel mais ou menos às duas da tarde para fecharmos um negócio que êle tinha arranjado. Estávamos lá eu, Miguel, o pai dêle o sr. Juvenal Luz, escrivão do Registro Civil de Parelheiros. Depois chegaram as pessoas de quem eu iria comprar o terreno. Miguel recebeu Cr$ 2.000,00 de comissão pelo negócio e antes de sair pedi a êle para entregar Cr$ 7.000,00 que eu devia a um senhor morador ali por perto. Depois de tudo acertado, saímos todos e eu vim para a cidade. Eram cinco horas da tarde.

Às cinco horas, Miguel despediu-se de César, Juvenal e seu pai. Mandara José fechar o armazém às duas, mas o ajudante ficara por ali, brincando com as crianças. Miguel foi sentar-se na varanda e chamou-o:

— O Baianinho é um chato. Quando amarra um fogo quer bater em todo mundo.

José tinha visto Miguel dar uns empurrões em Manuel — o Baianinho — que estava atirando pedras na casa. Tinha visto, também, o Baianinho cair no chão e raspar o rosto.

— Será que êle se machucou, seu Miguel?

— Nada. O Baianinho estava é de fogo. Amanhã não tem mais nada.

Enquanto os dois conversavam, um soldado da Fôrça Pública passou por ali, e logo depois surgiram dois primos de José. Eram 18 horas, José despediu-se de Miguel e foi conversar com os parentes.

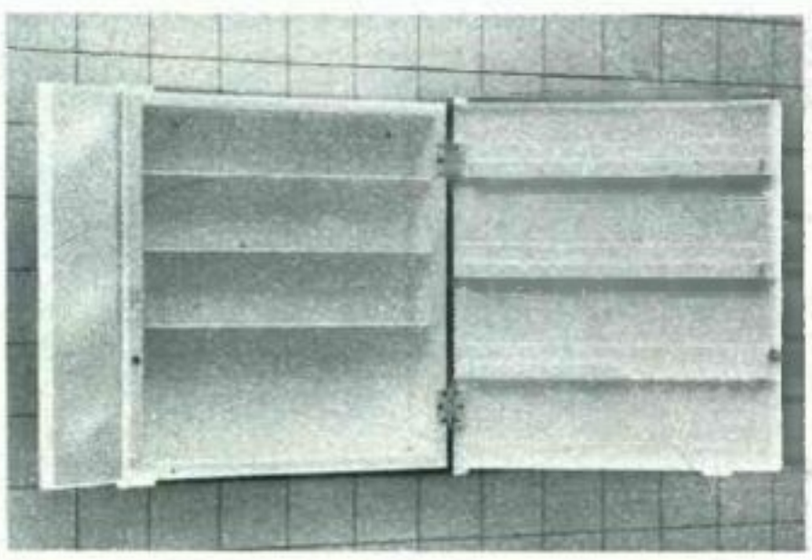
Departamento de Investigações, Delegacia Especializada em Homicídios. Declarações de José Sumyoshi, brasileiro, amarelo, solteiro, lavrador, sabendo ler e escrever:

— No domingo, às 18 horas mais ou menos, estava falando com dois primos meus, depois de me despedir de Miguel, quando apareceu um **desconhecido** dizendo que era investigador de polícia. Perguntou se naquele dia alguém tinha brigado no armazém. Como êle disse que era da Polícia, fui logo contando a briga do Baianinho. Êle então foi falar com o Miguel e depois voltou pedindo para eu mostrar onde morava o tal Baianinho. SEGUE

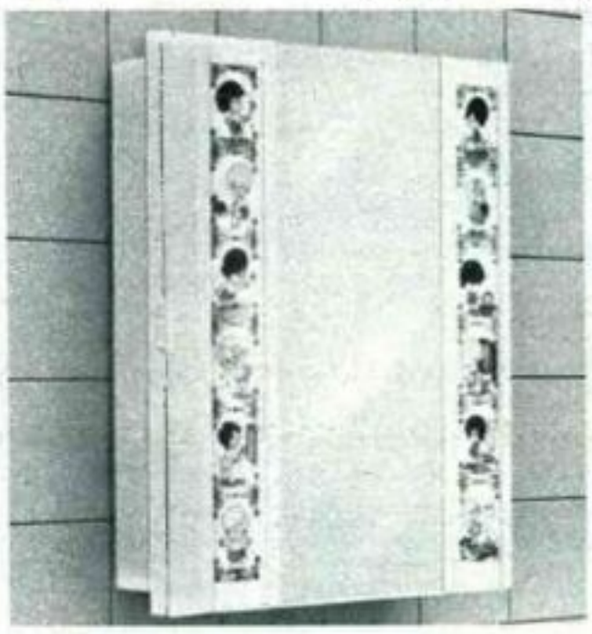
OS CULPADOS?

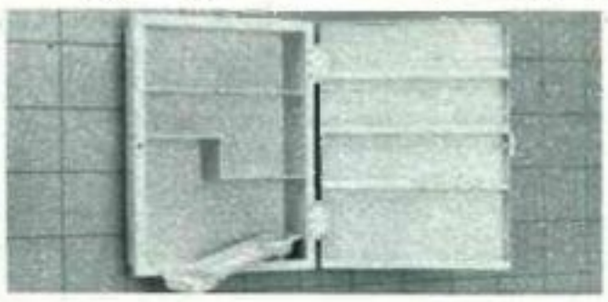
!!!!! Goyana

lança novas utilidades para facilitar e embelezar (ainda mais) a vida em seu lar!

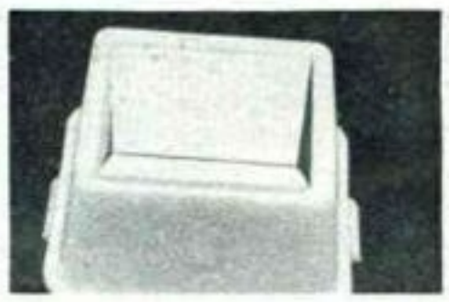


NÔVO ARMÁRIO TRÊS ESPELHOS
Dispensa o uso de espelhos adicionais. Dois espelhos laterais, parcialmente giratórios, reguláveis a um simples toque de dedos, propiciam visão panorâmica. Interior amplo e funcional. Muitas côres à sua escolha.

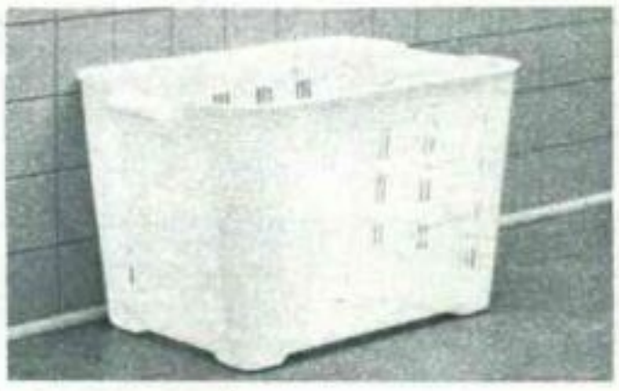




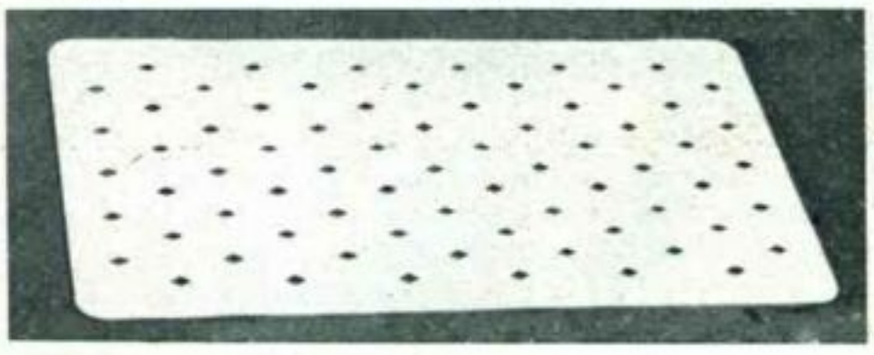
ARMÁRIO INFANTIL DECORADO
(acompanha o crescimento da criança)
Prático sistema exclusivo de afixação à parede permite deslocá-lo mais para cima. Decorado com motivos pedagógicos, sempre renováveis, de modo a manter atualizada a curiosidade da criança. Bandeja individual para copo, creme dental, sabonete.



CÊSTO PARA RESÍDUOS
Apresenta como novidade exclusiva o tampo que se abre e fecha automàticamente sob o pêso do lixo jogado. Leve, higiênico, fàcilmente lavável. Utilíssimo nos lares, escritórios e consultórios. Várias côres à sua escolha.



CÊSTO PARA ROUPA
Para guardar e fàcilmente transportar roupa úmida, sêca, passada. A roupa úmida seca mais ràpidamente: é ventilado. Ultra-resistente, lavável, higiênico. Várias côres.



NÔVO TAPÊTE ADESIVO PARA BANHEIRO (antideslizante)
Com reentrâncias que aderem às superfícies lisas e úmidas. Evita para sempre o perigo de acidentes no banheiro ou no box.

APARADOR
Fácil de instalar (mesmo em parede de côncreto ou azulejo). Em várias côres, combinando com a côr do banheiro (ou do consultório médico-dentário, onde também é muito prático e útil).

Procure conhecer de perto êstes novos lançamentos Goyana na sua loja preferida de artigos domésticos ou sanitários

goyana

GOYANA S.A. — INDÚSTRIAS BRASILEIRAS DE MATÉRIAS PLÁSTICAS — Rua Tito, 215 — São Paulo • Filial: Av. Washington Luís, 95-A — Rio de Janeiro

Por que resolveram matar tôda a família?

CRIME
CONTINUAÇÃO

Me despedi dos primos e fui com o desconhecido até a casa de Pedro Celestino Pires, onde o Baianinho morava.

O domingo de Baianinho

À noite, o Baianinho chegou em casa mais bêbado que de costume. Êle alugava um quarto no sítio de Pedro Celestino Pires. Pedro, que também é da Bahia, ficou com pena do rapaz:

— O que houve? Sua cara está tôda arranhada. Brigou com algum cabra?

O Baianinho enrolou algumas palavras, disse o nome de Miguel, falou num tombo, mas não parou. Foi esbarrando pelas paredes até chegar ao seu quarto. Atirou-se na cama e dormiu.

Pouco depois das 19 horas apareceu José em companhia de um desconhecido *que dizia ser investigador de polícia e tinha ordens de levar o Baianinho para o Distrito de Santo Amaro. Pedro levou o* desconhecido *e José até o quarto do Baianinho. Despertado pelos três, Baianinho abriu os olhos e começou a dizer palavras sem sentido. O* desconhecido *passou a fazer perguntas:*

— O que aconteceu no armazém do Miguel?

O Baianinho não respondia coisa com coisa. Primeiro disse que havia sido agredido, depois que caíra e machucara o rosto. A conversa se estendeu até perto das 21 horas, quando o desconhecido *e José saíram. No meio do caminho para o armazém de Miguel, separaram-se.*

Departamento de Investigações, Delegacia Especializada de Homicídios. Relatório da Equipe C de Investigações:

— Excluímos Baianinho como suspeito, pois êle estava dormindo na hora do crime, procuramos identificar, então, o **desconhecido** que lá estivera. Para tanto, trouxemos as testemunhas que reconheceriam o **desconhecido** que se dizia policial. José Sumyoshi e Pedro Celestino Pires, colocados diante de diversas pessoas, não titubearam em apontar como sendo o falso policial, o **desconhecido**, Gabriel do Espírito Santo.

O domingo de Gabriel

Gabriel levantou-se às 7h30. Meia hora depois estava saindo para os lados da venda de Osvaldo. Ia devolver uma garrafa vazia. Na venda encontrou Francisco que, como êle, trabalhava numa olaria:

— Ô Gabriel, vamos até a feira da Cidade Dutra que eu vou comprar uns pratos. A gente aproveita e dá umas bandas.

— Acho que vou. Preciso comprar uma camiseta e quero passear.

Antes de sair, tomaram uma cachaça que Francisco pagou. Andaram cinco quilômetros, até um lugar chamado Casa Grande, onde existiam dois empórios. Aí Francisco já tinha desistido da feira da Cidade Dutra. Resolveu comprar os pratos ali mesmo. Compraram os pratos, beberam mais uma cachaça e Gabriel saiu; ia ao outro empório.

— Fica por aí, Francisco. Já volto. Vou até a venda do Biapino ver se encontro algum amigo e dar mais umas "bicadas".

Já eram umas dez horas e o sol estava forte. Na porta da venda de Biapino, havia dois homens bem vestidos. Gabriel reconheceu-os:

— Belmiro! Severino! Como vão? Tudo bem? E as mulheres? Que estão fazendo por aqui?

Enquanto falava, Gabriel olhava os velhos conhecidos de alto a baixo. Severino estava sem gravata, como sempre, mas bem vestido. Cabelo cheio, a pele morena. O bigode de Belmiro ficava enorme no rosto branco. Gabriel lembrou:

— Belmiro, você ainda tem aquela mulher pelada tatuada no peito, do lado do coração?

Belmiro abriu a camisa e mostrou a tatuagem. Gabriel admirava seus dois amigos. Êles não eram do "batente" e Severino dizia já ter "puxado cadeia". Gabriel conhecera-os há oito meses. Foi no tempo em que sua mulher trabalhava como empregada doméstica numa casa de Vila Mariana e êle parava na esquina da Lins de Vasconcelos para "matar o bicho". Mesmo depois que a mulher ficou louca e foi internada em Franco da Rocha, Gabriel continuou a se encontrar com os dois. Na última vez tinha sido bom:

— Vocês lembram daquela pescaria na praia Azul? Aquelas mulheres do Brás eram boas mesmo. Vocês têm visto a Baixinha? E a Tuta?

— Sumiram. Mas deixa isso pra lá. Temos um negócio pra você. Vamos tomar uma pinga e enquanto isso a gente conversa.

Entraram os três no bar do Biapino, pediram cachaça e Severino falou:

— Temos um servicinho pra fazer lá pros lados de Parelheiros e vamos precisar de você. Quer encontrar a gente de tarde?

Gabriel topou logo:

— Claro! Vocês sabem onde eu moro? Espero lá. Não vou sair de casa.

Sorridente, Gabriel despediu-se dos dois e voltou ao empório onde deixara Francisco. Tomaram mais uma cachaça e resolveram voltar. Gabriel chegou em casa, comeu e foi tirar um sono. Só acordou às três da tarde. Quando saiu do quarto, seu patrão pediu-lhe que recolhesse os burros que trabalhavam na olaria ao curral. Levou três horas para terminar o serviço. Não acreditava mais que Severino e Belmiro viessem e ficou surprêso quando os dois apareceram na estrada, acima da olaria. Foi quase correndo em direção aos dois. Assim que começaram a conversar, passou um soldado da Fôrça Pública em direção do armazém de Miguel. Belmiro e Severino estremeceram, mas não disseram nada. Convidaram Gabriel para seguir com êles. Pararam perto de uma horta, não muito distante do armazém. Severino tirou do bôlso um cigarro e ofereceu-o a Gabriel:

— Quer dar uma puxada?

Severino deu duas, três tragadas no cigarro de maconha e passou-o para Belmiro, que depois passou a Gabriel. A maconha continuou a rodar até que Belmiro deu o último trago. Gabriel estava meio atordoado quando Severino deu a ordem:

— Você viu êsse guarda que passou agora pouco? É que teve uma briga lá no armazém de Miguel e nós queremos saber se o guarda está ainda por ali. Chega lá, diz que é investigador e vê se descobre alguma coisa. Tá?

O domingo de Miguel

Miguel levantou-se para o ajantarado depois das 19 horas. As crianças comiam sanduíches enquanto Maria Aparecida esquentava o café. Estava todo mundo alegre; era sempre assim quando Miguel ficava feliz (e êle recebera uma boa comissão pela venda do terreno). A única coisa que viera perturbar sua tranqüilidade fôra aquêle investigador de polícia perguntando sôbre os empurrões que dera no Baianinho. Mas o homem ficara satisfeito com sua resposta e Miguel achava que êle não voltaria mais:

— Maria, me dê pão com carne e um pouco de café.

Miguel comeu e às oito e meia já estavam todos dormindo no único dormitório: Maria Aparecida e Miguel na cama de casal; o filho mais velho na cama de solteiro sob a janela; Iracema e Jacó na cama de solteiro encostada na parede, em frente à cama de casal; no berço, do outro lado, João. Maria Aparecida trocara a roupa de tôda a criançada antes que fôssem para a cama.

SEGUE

Os jornais deram grande cobertura ao crime de Parelheiros, em que tôda a família de Miguel Paes do Prado foi assassinada. No final, a imprensa colocou-se ao lado dos três homens presos pela Polícia como matadores, acusando delegados e investigadores de terem arrancado confissões à custa de violências e provas forjadas.

Por que roubaram só cigarro, pinga e óleo?

Era muito caprichosa e trazia a casa e as crianças sempre bem arrumadinhas.

O domingo dos assassinos

Depois de ter falado com o Baianinho — como investigador de polícia — Gabriel voltou para onde estavam Belmiro e Severino. Já eram nove horas da noite. No caminho passou pela frente do armazém de Miguel. Tinha vontade de beber cachaça e embora estivesse tudo escuro e tivesse apenas dois cruzeiros no bôlso, Gabriel berrou:

— Ó de casa! Quero cachaça. Abram a porta que ainda é cedo!

Esperou algum tempo, mas ninguém respondeu. Resolveu então seguir até onde estavam seus dois amigos.

Belmiro e Severino tranqüilizaram-se quando Gabriel deu conta de seu trabalho: o soldado da Fôrça Pública que tinham visto não significava nada, nenhum policial atrapalharia o serviço. Severino virou-se para Gabriel:

— Vamos acabar com o Miguel e a família. Você leva o seu. Tem muita coisa pra gente levar lá de dentro.

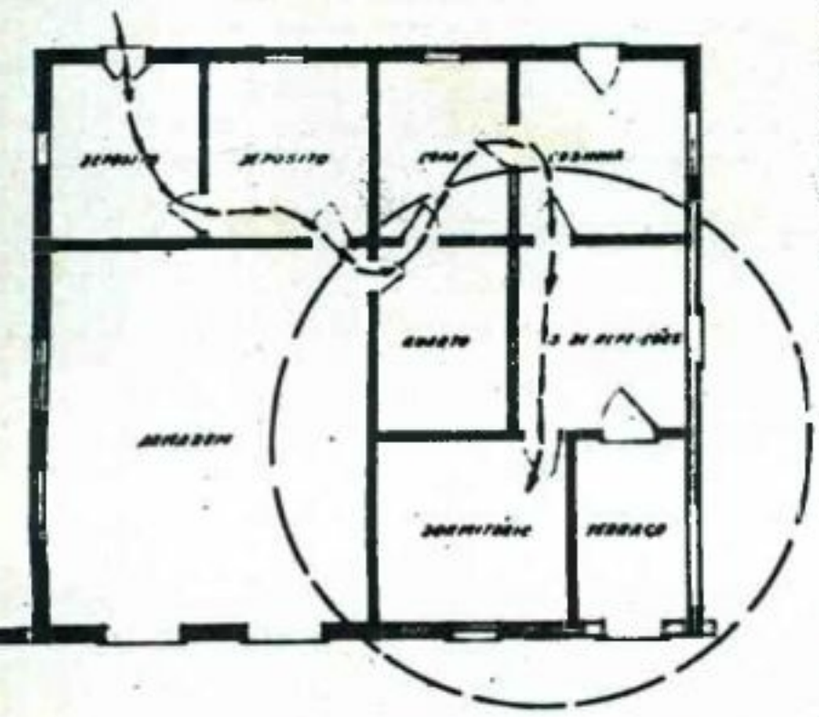
Gabriel pensou em ganhar um bom dinheiro. E, se para isso era necessário matar alguém, então êle precisava de coragem: até chegar ao armazém fumou mais dois cigarros de maconha. Quando iam chegando, Severino tornou a recomendar, exibindo um revólver escuro:

— Se alguém dentro da casa acordar, é pra matar. Não espera, não!

No chão, ao lado da porta dos fundos, Gabriel encontrou uma lima. Tentou forçar a porta por cima, junto ao batente, e depois por baixo. Não conseguindo nada, tentou na junção das duas fôlhas de madeira que formavam a porta. Conseguiu separar as tábuas e descobriu que um sarrafo prendia a porta de fora a fora, no sentido horizontal. Belmiro, com uma faca, conseguiu derrubar o sarrafo e Severino empurrando com os ombros abriu uma das fôlhas da porta. Gabriel foi o último a entrar. Severino levava o revólver e Belmiro a faca. Foi Severino quem falou em voz sussurrada:

— Fique por aí pra observar alguma coisa.

Gabriel viu os dois se afastarem. Quando Severino acendeu a lanterna que trazia no bôlso, uns sacos empilhados apareceram com muita nitidez para Gabriel — na frente dêles, um machado. Gabriel ouviu o barulho de uma porta sendo forçada e logo depois um tiro. Não esperou mais.



Na planta, as setas indicam o caminho seguido pelos assassinos até o quarto.

Guiando-se mais pelo instinto que pela visão, chegou até onde estavam Severino e Belmiro. A lanterna estava apagada, mas havia a luz de uma lamparina colocada sôbre a cadeira. Miguel estava sendo arrastado por Belmiro pelo braço. O homem não dizia nada e Gabriel sòmente viu que êle estava mole antes de golpeá-lo duas vêzes com o machado. As crianças gritavam enquanto Severino segurava a mulher de Miguel pelas costas, envolvendo-lhe o rosto com um pano. Ela se debatia, querendo afastá-los. Belmiro deu-lhe duas facadas.

De repente, da cama de solteiro saiu correndo um vulto. Severino gritou:

— Apanha êle, Gabriel!

Gabriel voltou-se. Miguelzinho, o filho mais velho do dono do armazém, foi atingido por dois golpes. No meio da confusão, Gabriel ainda ouvia gritos. Não conseguiu mais controlar-se: correu para a cama onde estavam as outras duas crianças e passou a golpear às cegas. Quando Gabriel largou o machado no chão, Severino ainda segurava Maria Aparecida pelas costas. Severino, respirando com dificuldade, chamou Belmiro:

— Segura aqui que vou acabar com o resto da família.

Apanhou o machado e dirigiu-se para o berço onde estava João.

Depois abandonou o machado sôbre a cama de solteiro debaixo da janela e apontou o revólver para Maria Aparecida. Ela foi a última a morrer.

Gabriel viu um paletó pendurado na parede e revistou-o: encontrou uma caneta e um lenço listrado, que deixou no mesmo lugar. Enquanto isso, Severino e Belmiro tiravam camisas e calças do guarda-roupa. Em seguida juntaram os corpos e puseram sôbre a cama de casal. Quando saíram do quarto, Gabriel examinava uma eletrola. Severino chamou-o:

— Deixa isso aí. Dá enguiço e não vale quase nada.

Remexeram ainda vários móveis e entraram no armazém. Severino apanhou uma garrafa de cachaça, tomou um gole e passou-a para Belmiro, que também bebeu e ofereceu a Gabriel:

— Vai fazer bem depois de todo êsse trabalho.

Gabriel bebeu bastante. Até que o litro ficasse vazio os três foram passando a bebida um para o outro. Gabriel pegou um maço de cigarros Hollywood e uma caixa de fósforos. Severino e Belmiro arranjaram um saco onde puseram pacotes de cigarros, garrafas de batida de amendoim e latas de óleo. Saíram por onde tinham entrado.

Na estrada, já perto da casa de Gabriel, separaram-se:

— Vou ficar por aqui, se não a turma desconfia.

Foi Severino que respondeu a Gabriel:

— Tá legal. A gente encontra você quinta-feira de manhã.

Quando Gabriel deitou era mais de meia-noite.

A segunda-feira de Gabriel

Gabriel começou a trabalhar cedo. Aí pelas nove horas, Moacir, que morava no cômodo ao lado do seu, apareceu todo excitado:

— Mataram o Miguel e a família inteira.

— Não diga?

Gabriel ficou nervoso. Começou até a tremer quando notou que Moacir o observava. Saiu dali e, de longe, ficou olhando Moacir contar a novidade e convidar cada um para ir até o local do crime. Sòmente Gabriel ficou na olaria. Perto do meio-dia o carro prêto-e-branco entrou na olaria. Dêle saltaram Moacir, um guarda e um investigador de polícia.

— Você que é o Gabriel? — a pergunta era do investigador.

— Sou!

— O que é isso na sua camisa?

— Acho que é sujeira.

— Sujeira ou sangue? Por que está nervoso?

Gabriel não respondeu, começou a tremer e escondeu a cabeça. O guarda segurou-o pelo braço e abriu a porta do carro.

Departamento de Investigações, Delegacia Especializada em Homicídios. Relatório do delegado Sérgio de Castro Pontes:

— Várias pessoas foram apontadas como inimigas de Miguel. Contudo, no decorrer das investigações, foram tôdas eliminadas por apresentar provas e alibis perfeitos. Enquanto estas investigações eram levadas a efeito, policiais desta Especializada, acompanhados de Moacir Antônio Soares, dirigiram-se até o local de trabalho dêste último, onde, segundo o mesmo, havia um indivíduo que se mostrava muito nervoso. Interpelado pelos policiais, descontrolou-se e, como estivesse com uma camisa suja de sangue, foi conduzido a esta Especializada. Diante dos elementos e provas contra si apresentados, espontâneamente Gabriel confessou sua participação na chacina, apontando como seus comparsas Belmiro e Severino.

Departamento de Investigações, Delegacia Especializada em Homicídios. Relatório da Equipe C de Investigações:

— Chegamos à conclusão de que Gabriel estava mentindo em relação à participação de Belmiro e Severino, nomes que, afinal, êle tinha inventado. Em nôvo interrogatório, apontou os nomes verdadeiros de seus companheiros: Evaristo Godói e Ernesto Seixas. E mais um misterioso japonês, que seria o autor intelectual do crime. Diante do exposto, passamos a interrogar Ernesto Seixas — que já estava detido como suspeito — o qual acabou confessando a sua participação na chacina de Parelheiros.

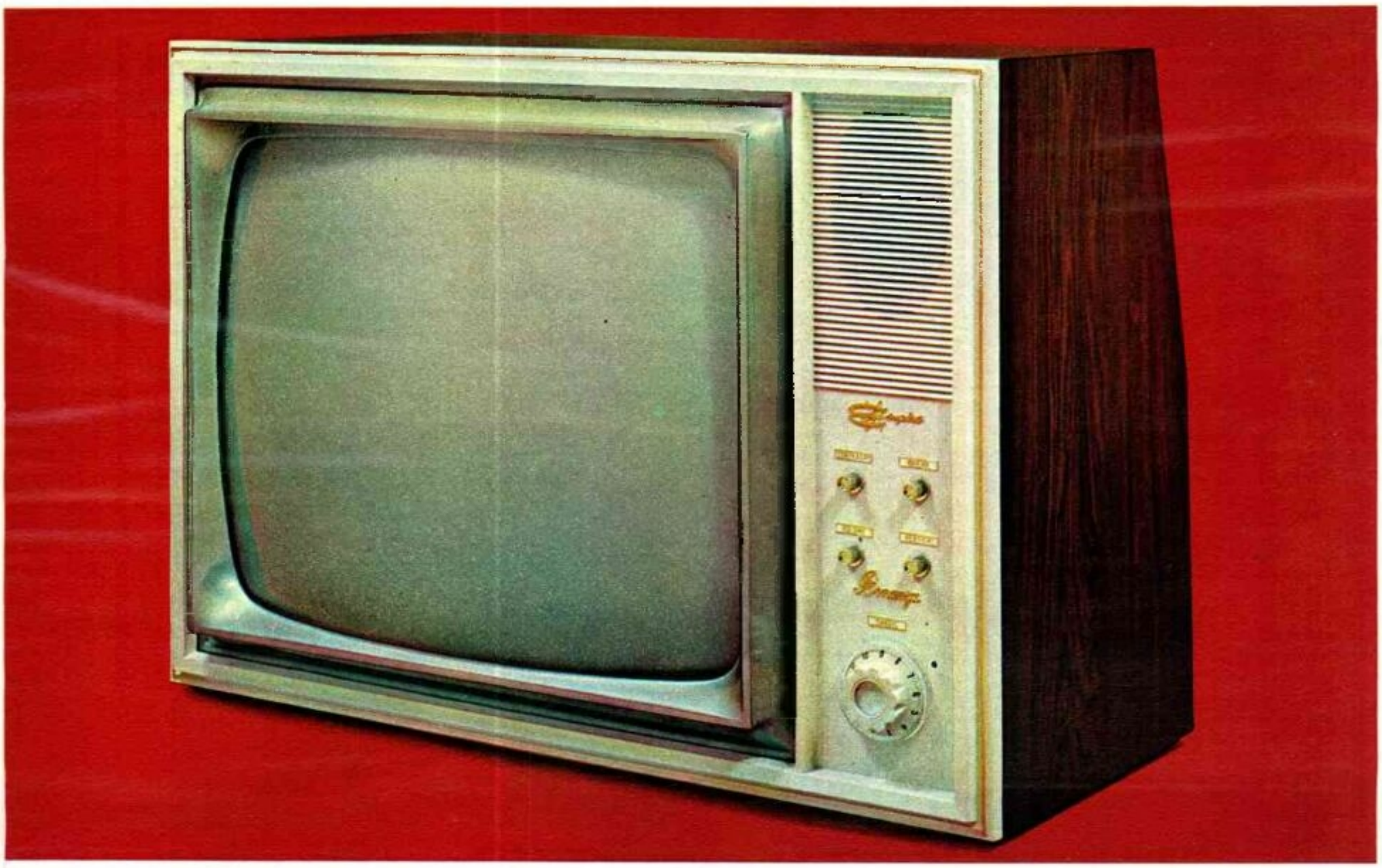
Departamento de Investigações, Delegacia Especializada em Homicídios. Depoimento de Ernesto Seixas, pardo, 30 anos, casado, oleiro, brasileiro, analfabeto:

— Conheci Gabriel há seis anos, em Piraporinha. Trabalhávamos em olaria. Ficamos amigos e descobri que êle era ladrão de galinhas. Depois de quase cinco anos, fui trabalhar em outro canto e perdi Gabriel de vista. Há um mês, arranjei emprêgo na olaria do Natali, na estrada de Jaceguava. Uns dias depois, encontrei Gabriel de nôvo, quando êle veio pedir emprêgo no mesmo lugar. O patrão aceitou e nós dois fomos morar juntos num cômodo que êle deu.

SEGUE

têm muito em comum

ANTONIO STRADIVARI - é o nome de um homem que, embora falecido em 1644, chega até os nossos dias cercado por uma auréola de fama e prestígio graças à sua incomparável arte de fabricação de instrumentos de corda. De caracteristicas inimitáveis, os violinos com a sua assinatura, hoje raridades que valem verdadeiras fortunas, emitem modulações fascinantes, dos mais vibrantes agudos aos majestosos graves. À madeira e ao verniz que empregava já foram atribuidas qualidades misteriosas, segrêdo que o mestre teria levado para o túmulo. Posteriormente, pesquisas comprovaram que tôda a perfeição encontrada nos "Stradivarius" era devida exclusivamente à técnica e ao método de fabricação.



TV-BONANZA EMPIRE - Minuciosas pesquisas pelos mais experimentados tecnicos em eletrônica, tornaram possivel a fabricação de um televisor de caracteristicas inconfundiveis. A parte acústica dêsse maravilhoso televisor proporciona a emissão frontal pura e cristalina de tôda a gama de sons. Imagem perfeita e luminosa com contrastes nitidos. Extrema facilidade na sintonia. Linhas sóbrias e elegantes num móvel sempre em harmonia com qualquer ambiente. A maior qualidade pelo menor preço. O TV-Bonanza não só é um dos mais conhecidos mas também um dos mais vendidos em todo o Pais. Ainda com a assinatura da Empire, são produzidos o "Baby Empire" e a mais completa linha de televisores, rádios e radiofonos.

Empire

excelência em eletrônica

Por que os jornais defenderam os suspeitos?

O Evaristo eu conheci no armazém do Osvaldo onde ia beber cachaça. As coisas do crime começaram nesse mesmo armazém. Sexta-feira antes do crime, fui na venda do Osvaldo e o Evaristo me convidou para um negócio. Disse que era bom e que eu ia ganhar dez mil cruzeiros sem fazer fôrça. Eu aceitei e marcamos encontro para domingo, pelas nove horas da noite, numa horta de tomates da estrada de Jaceguava, perto do armazém do Miguel. Na hora marcada eu fui pro lugar. Logo que fui chegando me disseram qual era o negócio: entrar na casa do Miguel e roubar bebidas e dinheiro. Logo depois Gabriel chegou. Parecia que já sabia de tudo. Aí o japonês disse que se alguém reagisse dentro da casa era pra matar. Aí fomos andando e chegamos na porta do armazém do Miguel umas 11 da noite. Eu apanhei um pedaço de pau no fundo do quintal pra me defender do que viesse. Acho que era um cabo de enxada. Depois que a porta foi aberta, nós todos entramos, o japonês na frente, com um revólver na mão. Aí chegamos a um quarto onde havia uma luzinha acesa e onde dormia muita gente. E ninguém acordou até que o japonês encostou o revólver na cara de Miguel e disparou. Gabriel então entrou como um louco no quarto e, com o machado, matou o Miguelzinho. Depois, mais doido ainda, matou as outras crianças. Era uma confusão dos infernos, mas eu vi quando a mulher de Miguel levou um tiro do Evaristo que tinha apanhado um revólver debaixo do travesseiro. Eu confesso que dei umas pauladas no Miguel e na mulher. Mas não toquei nas crianças.

O dia de Evaristo

O bairro de Parelheiros perdera a tranqüilidade com o crime. Em quase tôdas as casas, olarias ou roças, havia pelo menos uma pessoa que já fôra interrogada por jornalistas ou policiais.

Depois da confissão de Ernesto e de Gabriel, os policiais localizaram o terceiro personagem: Evaristo Godói. Quanto ao japonês, que os três apontavam como o mandante do crime, nenhum dos investigadores acreditava na sua existência.

Prêso e pôsto diante de Gabriel e Ernesto, Evaristo Godói resolveu confessar. E contou a mesma história com os mesmos detalhes. Os investigadores apertaram o cêrco, exigindo maiores informações sôbre o misterioso japonês. Depois de alguns dias de interrogatório, Gabriel não agüentou mais. E confessou:

— É mentira. Não houve nenhum japonês. Quem inventou o negócio foi o Evaristo. Encontrei com êle na quarta-feira, planejamos o crime para domingo, convidamos Ernesto que mora comigo no mesmo quarto e tudo se passou como eu contei antes. Só que não tinha nenhum Belmiro e Severino; estavam comigo Ernesto e Evaristo. Agora chega de me interrogarem. Estou cansado.

Departamento de Investigações, Delegacia Especializada em Homicídios. Auto de Reconhecimento.

Aos vinte e seis dias do mês de fevereiro de mil novecentos e sessenta, compareceu ao Cartório da Delegacia Especializada de Homicídios o indivíduo Hélio dos Santos a quem a autoridade determinou fôssem exibidos os seguintes objetos: uma faca com cabo de metal branco, com enfeites escuros, encontrada no local do crime; uma faca de cabo escuro, medindo 20 centímetros; e um farolete de metal. Pelo reconhecedor foi dito que os objetos pertenciam a Evaristo Godói.

Departamento de Investigações, Delegacia Especializada em Homicídios. Declarações de Eduardo Rocha, branco, brasileiro, casado, 23 anos, pintor, analfabeto:

— Evaristo não se dava com o dono do armazém, o Miguel, porque devia uma conta. Mesmo assim, costumava ficar por lá bebendo e cantando. Êle estava sempre por ali e cobiçava a mulher do Miguel. Êle me dizia sempre que ela tinha um corpo bem feito e bonito.

O domingo de Manuel.

Manuel da Silva, motorista de praça, dirigia seu táxi pela estrada de Parelheiros, no domingo de madrugada. Tivera sorte e levantara um bom dinheiro. Quando chegou ao bairro chamado Casa Grande, quatro quilômetros depois do armazém do Miguel, os faróis iluminaram três vultos que acenavam para o carro. Manuel diminuiu a marcha, mas em seguida acelerou: eram três sujeitos mal-encarados. Gravou, porém, seus tipos: o primeiro era alto, moreno, estava com um chapéu de palha; o outro, mais baixo, branco e de roupa clara; o terceiro, moreno, estatura média, de roupa escura. Mas o rosto êle sòmente viu de dois.

Dez dias depois levou um susto: viu na primeira página de um jornal, a fotografia de três homens, dois dos quais êle vira naquele domingo. Os três homens eram chamados pelo jornal de "monstros de Parelheiros". Depois de pensar um dia inteiro, Manuel resolveu contar a história a um amigo, que era da Delegacia de Homicídios.

O amigo acabou levando Manuel até o delegado. Algumas horas depois, na Casa de Detenção, na frente de uma fileira de homens, êle apontou dois: Gabriel e Ernesto.

Na Justiça

No dia 29 de fevereiro de 1960, um dos escreventes do Palácio da Justiça, em São Paulo, recebia o inquérito policial onde Gabriel, Ernesto e Evaristo eram acusados da morte de Miguel. No dia 8 de março, escoltados por vários soldados, os três acusados compareceram diante do juiz. Gabriel confirmou ter participado do crime. Evaristo negou parte de suas declarações anteriores. Desta vez descreveu sua participação assim:

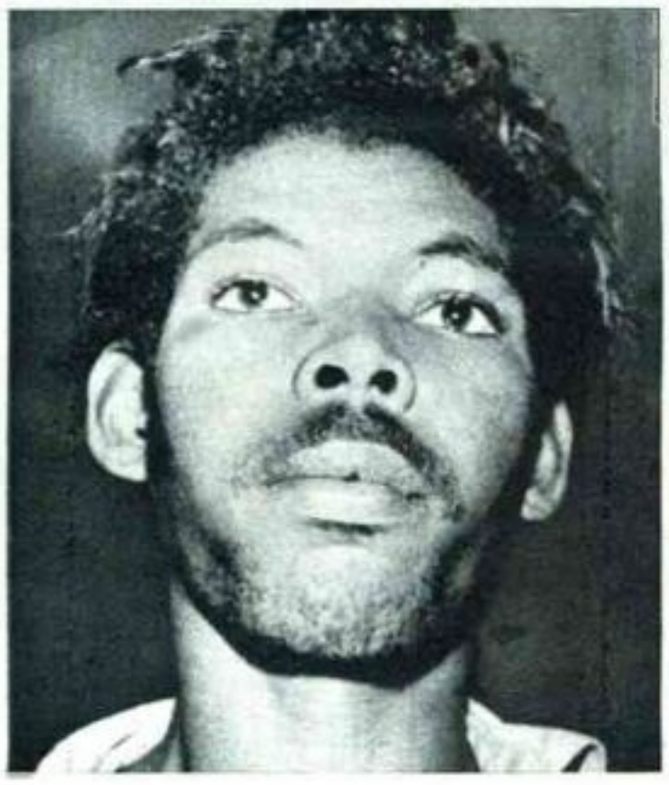
— Eu só entrei na casa quando Miguel e a mulher estavam agonizantes. Aí eu apanhei o revólver que estava debaixo do travesseiro de Miguel e matei os dois a tiros. Foi só o que fiz.

Ernesto falou num arranco, os olhos parados, as mãos nervosas:

— Não tive nada com o crime, doutor. Confessei na Polícia porque os tiras me deram um couro. Apanhei durante muitos dias.

Os advogados dos três acusados (todos dativos, isto é, nomeados para fazer a defesa gratuitamente) viram nessa frase de Ernesto possibilidades de mudar os rumos do processo, e solicitaram "exame de corpo de delito" dos três. Assim, Ernesto, Gabriel e Evaristo passavam de acusados a acusadores. Os laudos do Instituto Médico Legal iam favorecer a defesa. No de Evaristo Godói, os peritos concluíram:

"Verificamos que apresenta: 1) cicatriz ao nível da coxa, na perna direita; 2) três cicatrizes na coxa da perna esquerda; 3) duas cicatrizes no antebraço." SEGUE



Gabriel do Espírito Santo, Evaristo Godói e Ernesto Seixas, estão cumprindo o sétimo dos 30 anos a que foram condenados.

Não tenha dó do sapato Samello.

Ref. 200 Mod. Smoke

Ref. 66 Mod. Spartan

Ref. 67 Mod. Solid

Samello faz sapatos para serem pisados, batidos, castigados.

Êles duram tanto que se não fôssem tão bonitos você ficaria enjoado de usá-los.

Desde o primeiro dia você pode usar os sapatos Samello como se êles fôssem sapatos velhos, daqueles que você não liga muito – êles são feitos para isso.

A única coisa que você deve fazer é engraxá-los de vez em quando.

O que não é pedir muito.

Samello

Por que a Justiça os condenou a trinta anos?

Em Gabriel do Espírito Santo os peritos encontraram duas cicatrizes nos punhos e ainda desvio do nariz, o que provocava sua voz fanhosa.

Na mesma época em que os advogados iniciavam sua ofensiva contra a Polícia, o jornal **O Estado de S. Paulo**, publicava a seguinte notícia:

"Decorridos cinco meses da chacina de Parelheiros, o delegado Wilson José Minervino, da 11.ª Delegacia, vem de encaminhar à 1.ª Delegacia Auxiliar um volumoso dossiê com as provas que colheu a respeito e que inocentam totalmente Gabriel do Espírito Santo, Ernesto Seixas e Evaristo Godói, para incriminar como autores das seis mortes os membros da quadrilha "Winchester 44", dizimada no dia 1.º de junho, num encontro com policiais.

"É apontado ainda, como principal criminoso, Paulo Marques, vulgo Paraíba, por ter êle negociado antes de morrer um revólver que teria sido roubado da casa de Miguel Paes do Prado. Esta informação foi fornecida à Polícia pelo corretor de imóveis Antônio Sardinha Filho, que também entregou à Polícia a arma em referência, de marca "Strong".

"Apreendido o revólver, cuidaram as autoridades de proceder ao seu reconhecimento, o que foi feito sem a menor dúvida, embora José Nicolau de Lima, que trouxe a arma de Mato Grosso para São Paulo, onde a vendeu a Miguel Paes do Prado, não tivesse o número da mesma.

"Êste revólver e mais um rádio portátil, comprado a crédito na Casa Clipper, um cobertor de lã e algumas jóias haviam desaparecido da casa de Miguel e não foram mais encontrados. O cobertor, consoante declarações prestadas por um tintureiro residente em Rudge Ramos, estava em poder de Paulo Marques, que o mandou lavar e alegou que o sangue nêle existente procedia de um ferimento acidental sofrido por um amigo. O revólver, Paulo Marques vendeu pela importância de sete mil cruzeiros, ao corretor Antônio Sardinha Filho, que o entregou à Polícia."

Ao mesmo tempo em que a imprensa desfechava uma campanha contra as autoridades da Delegacia de Homicídios, que haviam investigado o crime de Parelheiros (e elogiava os trabalhos dos policiais da 11.ª Delegacia que apontavam Paraíba como o matador de Miguel e sua família), os três acusados escreviam uma carta ao juiz que presidia o inquérito. Ela foi escrita na Casa de Detenção de São Paulo, no dia 12 de julho de 1960, e dizia:

"Nós, Gabriel Espírito Santo, Evaristo Godói, Ernesto Seixas, declaramos que somos inocentes do chamado crime de Parelheiros, a nós imputado e esclarecemos que:

I — Eu, Gabriel Espírito Santo, fui apanhado pela Polícia no dia 8 de fevereiro último e levado ao DI, na Delegacia de Homicídios, e nesse mesmo dia comecei a apanhar dos investigadores Raul, Milazoto, Rubero, Romani, Macedo, Zelão, Lucas e Cardano, os quais reconhecerei a qualquer momento; me puseram no pau de arara, deram choque elétrico, palmatória, me jogaram num lago, de mãos amarradas, das oito da manhã até as três da tarde, com intervalos de descansos; socos no corpo inteiro até o dia 11 de março, diàriamente; fui ameaçado de que se não confessasse em Juízo, apanharia mais ainda, inclusive de ser arrastado por uma perua pela estrada, por isso que eu confessei. Me davam óleo e sal tôda hora.

2 — Eu, Evaristo Godói, fui apanhado pela Polícia uma semana antes do Carnaval e levado à Delegacia de Homicídios no mesmo dia e lá comecei a apanhar dos investigadores acima citados por Gabriel os quais reconhecerei a qualquer momento; me puseram no pau de arara e o cano do pau de arara deixou marcas pelo corpo, nos braços, nas pernas, que foram reconhecidas no exame de corpo de delito a que me submeti, cujo exame conclui que sofri lesão de natureza leve, positivando as sevícias sofridas na Polícia; me deram choque elétrico, colocando fios na bôca, nos órgãos sexuais, até desmaiar; me arrastaram pelos cabelos, me amarraram no quarto do crime e me deram socos tôda hora; fui ameaçado de que se não confessasse na Polícia penduriam minha mãe e a machucariam; por isso eu confessei. 3 — Eu, Ernesto Seixas, fui apanhado pela Polícia no dia oito e só depois de 15 dias comecei a apanhar no DI; me penduraram no pau de arara, me deram choques no corpo inteiro, socos, pontapés; fui ameaçado de que se em Juízo não confessasse, me surrariam mais ainda; mesmo assim eu neguei o crime. Os mesmos investigadores que bateram no Gabriel e Evaristo, bateram em mim, mesmo depois de ter voltado do Juízo, pois fiquei ainda no DI por uns 15 dias.

Nós esclarecemos que todos êsses espancamentos sofridos foram na presença, em sua maioria, dos delegados dr. Petrarca Ielo e dr. Sérgio Castro Pontes."

No dia 18 de julho, alinhando as declarações dos três acusados, os advogados solicitaram a marcação de nova data para nôvo interrogatório de Gabriel, Ernesto e Evaristo. Ao mesmo tempo, em conseqüência das notícias publicadas pelos jornais sôbre as investigações da 11.ª Delegacia, solicitava ao juiz novas diligências que provariam a inocência dos réus e a culpa de Paraíba. O promotor público, porém, rebateu as pretensões dos advogados de defesa e o juiz aceitou suas razões, afirmando que não poderia tumultuar nem atrasar o processo por simples notícias de investigações policiais. Entretanto, solicitou que fôssem enviados à Justiça todos os documentos relativos às investigações da 11.ª Delegacia. Pediu, ainda, o laudo do Instituto de Polícia Técnica, sôbre o revólver "Strong", que seria de Miguel Paes do Prado e que teria sido encontrado em poder de Paraíba.

Poucos dias depois, chegava o laudo, dizendo a certa altura:

"Sendo o revólver de marca "Strong" de calibre "32" e os projetis encontrados no corpo de Maria Aparecida Eduardo, espôsa de Miguel — quatro de calibre "38" e dois de calibre "320" (garrucha), não há possibilidade de confronto balístico."

Na mesma época, acompanhando os documentos de investigações, chegava ao Palácio da Justiça o relatório do delegado José Minervino, da 11.ª Circunscrição Policial, afirmando ter estabelecido ligação sólida entre o crime de Parelheiros e Paulo Marques, o Paraíba. Dizia o delegado:

"Paulo Marques residiu nas proximidades da casa de Miguel Paes do Prado, em companhia de sua amásia. Era freqüentador do armazém de Miguel, por cuja companheira nutria interêsse amoroso. Além disso, quando houve o choque entre os bandoleiros e a Polícia, em que Paraíba perdeu a vida, na arrecadação dos valôres e objetos encontrados estava um carnê de propriedade de Miguel Paes do Prado, de Modas Exposição Clipper, onde comprou um rádio que depois foi devolvido para consêrto."

O delegado, ao final do relatório, toma posição quanto aos três acusados, afirmando:

— Ao encaminhar tais elementos à V.S. regozijo-me por ter auxiliado a Justiça num dos mais selvagens capítulos da história criminal de São Paulo, fornecendo-lhe dados positivos e materiais da autoria ou co-autoria do famigerado Paraíba no evento que a imprensa denominou de "Chacina de Parelheiros".

Juntados aos autos todos êstes documentos, o juiz Nélson Ferreira Leite chamou os advogados dos três acusados para apresentarem suas alegações finais, pois iria julgar o caso, não aceitando mais nenhuma investigação complementar, ou novos interrogatórios. Os advogados elaboraram uma defesa em que acusavam a Polícia de ter obtido a confissão de Gabriel, Evaristo e Ernesto à custa de torturas. E mais: que o verdadeiro culpado seria Paraíba.

Mas o promotor que funcionava no caso não aceitou nenhum dos argumentos a favor dos acusados. Primeiro referiu-se a Paraíba:

— A arma de Miguel foi disparada no local do crime, contra as vítimas. Mas nenhum dos projetis encontrados no lugar são de calibre "32", o que afasta de vez a identidade da arma. Quanto ao carnê, não é prova absoluta da inocência ou não participação dos acusados. É um elemento isolado, despido de qualquer significado.

De posse de todos os documentos, o juiz Nélson Ferreira Leite preparou-se para julgar. E, no dia 22 de outubro de 1960, deu seu veredicto:

"... Dessa maneira, as conclusões da autoridade policial, procurando estabelecer uma ligação entre Paraíba e os fatos ocorridos em Parelheiros, não encontram ressonância na prova produzida e apenas serviriam para provocar a curiosidade da imprensa em tôrno do caso.

"... Ora, a presunção de veracidade das confissões dos acusados, em abstrato, no caso, é corroborada por circunstâncias que a tornam digna de crédito, em face dos elementos colhidos no processo. É possível que êles tenham sido seviciados na Polícia, mas acontece que suas confissões, com exceção de Ernesto, foram reiteradas em Juízo, onde não sofreram qualquer constrangimento e na presença de seus próprios defensores.

"...Nessa conformidade, considerando o número de vítimas que sucumbiram; tendo-se em consideração que o delito foi praticado à noite, também contra crianças, com emprêgo de arma e com o concurso de mais de duas pessoas, julgo procedente, em parte, a denúncia para condenar, como condeno, Gabriel do Espírito Santo, Ernesto Seixas e Evaristo Godói, a cumprir cada um, a pena de 30 anos de reclusão. Lancem-se os nomes dos réus no rol dos culpados".

Hoje, os três condenados estão cumprindo o sétimo ano de suas penas, na Penitenciária do Estado de São Paulo. Ainda se levantam dúvidas sôbre a culpa dêles. Mas isso não é o mais importante. O mais importante é que em nosso tempo, numa metrópole, homens matem homens com tanta frieza. Diante dêsse e dos outros crimes que acontecem todos os dias, surge a pergunta, até agora sem resposta: quem são os culpados? FIM

© VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A.

Qual é a posição social do dono dêste carro?

É melhor não arriscar nenhum palpite.

V. pode pensar que o dono é um bancário, e depois descobrir que é um banqueiro...

Ou pensar que o dono é um estudante, e depois descobrir que é o próprio reitor da Universidade...

O Volkswagen é assim mesmo.

Êle nada revela sôbre seu dono. Ou melhor, quase nada.

Porque alguns traços de caráter são revelados automàticamente, pelo próprio fato de o dono ter um VW.

Por exemplo, o senso prático.

Quem tem Volkswagen resolve o problema do transporte da maneira mais racional.

E senso de economia.

Quem tem VW, faz economia em cada quilômetro.

E faz economia também na hora de vender, pois o VW é o carro que melhor compensa o dinheiro investido na hora de comprá-lo.

Adivinhar a posição social do dono de um Volkswagen é difícil.

Mas é fácil conhecer alguns traços muito importantes de seu caráter.

V. por acaso tem VW?

Parabéns.

Independentemente da sua posição social.

Encontrando esta etiquêta,
compre com tôda confiança.
Ela garante a qualidade de
uma grande série de artigos.

Eis as capas:

RHODIANYL®

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Standard Propaganda

"-Uso capa Rhodianyl porque ela não deixa passar nem um pinguinho de água. E é leve, leve, protege contra o vento e a chuva sem pesar no corpo."

"-Bonitinha assim, nem precisava ser tão inteligente."

As capas Rhodianyl são resistentes, duráveis e perfeitamente impermeáveis. Use-as, e deixe a chuva cair.

RHODIANYL

ATENÇÃO ÊLES ESTÃO EM AULA

Reportagem de Carlos Azevedo e Norma Freire

Foto de Jorge Butsuem

Três anos: hora de sair para olhar o mundo

ESCOLA
CONTINUAÇÃO

Quarenta e cinco por cento da população brasileira é analfabeta. Tem o país o direito de gastar dinheiro público fazendo jardim de infância quando o seu problema é a alfabetização? Devem os educadores se preocupar com crianças de três a seis anos?

No início dêste século Freud espantava o mundo dizendo que as raízes do comportamento humano eram lançadas nos primeiros anos de vida. Atualmente, psicólogos do mundo inteiro estão convencidos de que a aprendizagem começa logo após o nascimento e que os padrões básicos da personalidades são formados **nos primeiros cinco ou seis anos de vida.**

Psicólogos norte-americanos descobriram que um nenê de três meses é jovem demais para sentar, mas não tão jovem que não possa começar a aprender. Posta diante de um espelho e de vários objetos coloridos a criancinha vai desenvolvendo ràpidamente a coordenação dos movimentos dos olhos e o poder de observação. Isso não significa que qualquer coisa possa ser empurrada como ensinamento à criança. O desejo dos pais de fazer da escola uma fábrica de gênios muito tem prejudicado as crianças. Por isso, os mesmos psicólogos costumam perguntar: "De que nos servirá um menino que sabe ler aos três anos e que seja uma enciclopédia aos dez?" No entanto, êste é o êrro de nossa civilização que menos incomoda. O pior é o outro lado da moeda. Os psicólogos norte-americanos verificaram que as crianças dos bairros pobres e favelas dos EUA tinham coeficiente de inteligência bem menor que o das crianças de classe média. E concluíram que o retardamento era resultado da pobreza — desde a falta de alimentos até à falta de jornais, livros, música, televisão, cinema — cultura, enfim. Verificaram também que, mesmo sendo potencialmente normal, a criança que vive assim fica retardada e não se recupera mais.

Num orfanato de Teerã, capital do Irã, foram encontradas crianças de dois anos que não sabiam sentar e de quatro anos que não sabiam andar. Porque ninguém se tinha dado ao trabalho de ensiná-las.

No Brasil há situações como estas: testes feitos em Belo Horizonte numa escola pública mostraram que os mais pobres eram sempre menos capacitados.

O homem se constrói

Isto significa que a criança não tem um nível de inteligência antecipadamente estabelecido, mas vai desenvolvendo-o conforme as condições e os estímulos que lhe são apresentados. Assim, não é por ser pobre que a criança não se desenvolve, mas porque a pobreza lhe nega as oportunidades para se desenvolver. Portanto, um filho de professor que não receba nenhum cuidado, nem afeto, nem ambiente rico de experiências, também poderá ficar retardado.

Logo após o nascimento, a criança começa a aprender. Com um ano já se desenvolveu espantosamente. Pode até estar falando algumas palavras. Aos dois anos é possível que se expresse falando. Aos três pensa de maneira elementar, faz escolhas. Tudo isso varia muito de criança para criança, mas em geral aos três anos se pode dizer que ela esgotou as experiências no meio familiar. Ela precisa de mais.

A hora da pré-escola

Está na hora de ir para a pré-escola (ou jardim de infância, ou pré-primário). Aos três anos, a criança descobre que é um ser distinto dos outros e decide seus próprios desejos. Toma consciência de si, tem necessidade de se impor, de se sentir valorizada. Para isso a família já não basta. Ela quer disputar com outras crianças de sua idade, quer descobrir coisas novas, quer criar com um material que lhe agrade, quer se sentir agindo sôbre o mundo.

A pré-escola, que não é um prolongamento do lar, mas um nôvo plano de vida, deve servir ao desenvolvimento correto da sociabilidade da criança. Deve servir à valorização dentro dêste mundo, através da competição em igualdade de condições (puxão de cabelo contra puxão de cabelo). Deve possibilitar-lhe vencer situações difíceis através de esfôrço próprio. Deve permitir que a criança, brincando, viva experiências importantes para sua formação e satisfaça sua necessidade de agir.

A pré-escola será tanto mais útil quanto fôr capaz de desenvolver honestamente uma prática de liberdade, através da qual a criança escolhe sua atividade (que pode ser até não fazer nada), treina a percepção, a capacidade de observação da vida em seu redor.

Colocando à disposição da criança, em cada idade, os conhecimentos, as relações, as situações, os materiais convenientes, a pré-escola vai forjando seu amadurecimento. Mas para que tudo isso funcione, a pré-escola tem de ser, essencialmente, uma experiência de liberdade, onde o mêdo não exista.

O resultado dêsse trabalho será a formação de indivíduos capazes de observar, estudar, criticar e renovar a sociedade em que vivem. Por isso, Zenita Guenther, professôra, levantou uma questão:

— Não estaremos começando o trabalho de educação pelo meio, ao iniciá-lo aos sete anos, no curso primário? A época mais rica da vida é pràticamente perdida para a educação. E, muitas vêzes, quando a criança chega à escola, já é tarde demais para aprendizagens.

"Primeiro é primário"

Tanto os Estados Unidos, como os países europeus, inclusive os socialistas, têm planos nacionais de educação pré-escolar destinados à população de três a seis anos. E seus pesquisadores nunca param de procurar novos métodos de ajudar a criança a desenvolver-se integralmente.

No Brasil, o Ministério de Educação e Cultura ainda não se convenceu da importância da pré-escola. A prova disso é que não tem um só departamento destinado a êste setor. O INEP — Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos — participa apenas de uma experiência de pré-primário, a do DAP — Divisão de Aperfeiçoamento do Professor — em Belo Horizonte.

Um funcionário do Ministério da Educação explicou:

— O govêrno federal não trata disso. Tem sido atribuição dos governos estaduais.

Outro afirmou:

— Nós já não agüentamos dar escola nem para a população de sete anos em diante. Não podemos pensar em pré-escola enquanto não dermos ao menos primário para todos.

Realmente, dos nove milhões e meio de crianças de sete a 11 anos que existiam no Brasil em 1964, apenas seis milhões e 200 mil tinham vagas (66,2%). E, dos dois milhões de crianças que tinham sete anos, apenas 995 mil estavam na escola (47,4%). São dados do Censo Escolar. Mas há um dado ainda mais dramático: 45% das crianças que começam o curso primário são reprovadas todo ano, ocupando novamente quase metade das classes do primeiro ano.

A razão das reprovações: baixo nível intelectual para enfrentar o curso, imaturidade.

Levantamentos feitos pelo Departamento do Ensino Pré-Primário de São Paulo, em escolas do Estado, demonstram:

SEGUE

As crianças começam o dia conversando sentadas no chão. A seguir, desenham, pintam, montam quebra-cabeças. Depois do lanche vem a hora do recreio. No Grupo Experimental da Lapa (SP) brincam num balanço feito de pneu.

FOTO DE JORGE BUTSUEM

A casa das bonecas é muito importante. Aí as crianças repetem a vida real, dramatizam e mostram seus problemas para o professor atento. Na foto uma casa de bonecas numa escola de Brasília.

FOTO DE LUÍS HUMBERTO PEREIRA

Ler e escrever é só para quem está maduro

ESCOLA
CONTINUAÇÃO

as crianças que freqüentaram pré-escola tinham nível de aprovação 20% mais alto do que as que não haviam freqüentado.

O único defeito é que estas crianças eram muito poucas: em 1965, dos 10 milhões de crianças de três a seis anos existentes no país, apenas umas 300 mil freqüentavam cêrca de oito mil pré-escolas.

Os dados mostram a necessidade da pré-escola. Também é certo que o país não tem condições de criar logo êsse nível de ensino completo, que deve durar de três a quatro anos. Mas como primeiro passo, o govêrno poderia tornar obrigatório o pré-escolar em todo o país para as crianças de seis anos, como foi proposto em trabalho da psicóloga e educadora Ana Maria Poppovic, da Universidade de São Paulo. As crianças de seis anos, pelo menos, receberiam estímulos para amadurecer, ao mesmo tempo em que seriam observadas pelas professôras. Só as maduras iriam para o primário, acompanhadas das informações sôbre suas deficiências e das medidas propostas para ajudá-las.

Testes de maturidade

Para se conhecer a maturidade das crianças, há os testes ABC, o Metropolitano e o de prontidão para a alfabetização, êste último uma adaptação para o Brasil feita por Ana Maria Poppovic.

Os testes aplicados, em São Paulo e Minas Gerais, principalmente, têm demonstrado que no Brasil, em média, 25% das crianças entre seis e sete anos são imaturas; cêrca de 40% apresentam-se razoàvelmente maduras; e apenas 35% têm tôdas as condições de sucesso numa experiência de alfabetização.

Contudo, o que de mais importante êstes testes demonstram, conforme notou Ana Maria Poppovic, é que não é suficiente a fixação de sete anos como idade para início da alfabetização, tal como está na Constituição. O que deveria se exigir como nível seria **uma idade mental entre seis e sete anos.** Com isso se eliminaria a maior parte das reprovações e os grandes problemas psicológicos causados pelo insucesso no processo de alfabetização.

Um laboratório na Lapa

— Sou o super-homem!

A camisa prêsa no pescoço como se fôsse uma capa e balançando-se num pneu pendurado na árvore por uma corrente, o menino de cinco anos grita alto, brincando no recreio da pré-escola do Grupo Escolar Experimental da Lapa, em São Paulo. Êle é uma das 250 crianças que tiveram a sorte de conseguir vaga nessa escola. É um dos poucos privilegiados matriculados numa pré-escola, dentre uma população de três a seis anos do Estado, que é de cêrca de um milhão e 300 mil crianças.

Como escola pública, o Grupo da Lapa está à vontade para educar com sentido democrático. Sua pré-escola (há também o primário e o ginásio) tem dez classes que recebem crianças de três anos e meio a seis anos e meio, separadas em três graus. As 250 vagas são preenchidas assim: faz-se no mapa do bairro um círculo em tôrno da escola. As crianças que moram na área que ficou dentro do círculo são admitidas. Se ainda houver vagas, um círculo maior será feito em volta do outro, para completá-las.

O resultado é que os alunos espelham a comunidade que há em redor da escola: há filhos desde de trabalhadores braçais até de professôres universitários, passando por militares, comerciantes e operários especializados. Crianças que em sua maioria vêm a pé de casa, as maiores até sòzinhas, pois moram pertinho. Assim, a escola da Lapa está integrada em sua comunidade, e aprofunda a integração, procurando desenvolver os trabalhos em colaboração com os pais. Debates periódicos fazer criar em casa um ambiente que coincida com o ambiente encontrado na escola, que é de tranqüila liberdade.

O currículo é o mundo que as cerca, isto é, tudo que possa interessar às crianças sem fugir às características da comunidade em que vivem. E a alfabetização só começa após os testes de maturidade. Para Teresinha Fram — a diretora do grupo e uma das principais teóricas de um nôvo ensino em São Paulo — a pré-escola deveria ter os melhores professôres. O professor da pré-escola deve ser humanista, "alguém que tenha um pouco de artista, bastante de filosofia e muito de amor, porque o seu trabalho é ensinar a viver".

Para tentar tudo isso, as professôras que trabalham no Grupo da Lapa estudam bastante. Trabalham fora de hora, dão, semanalmente, aulas extras sem remuneração, perdem uma parte de suas férias para estudar, debater, modificar e ampliar o currículo, com base nas experiências vividas em classe. Tudo é anotado. Cada aluno tem uma pasta em que a professôra descreve suas reações e seu desenvolvimento.

As mães participam dos debates e entrevistam-se freqüentemente com as professôras. Do diálogo se pretende que nasça um tratamento único para a criança, tanto na escola como em casa. Assim, nenhuma dessas mães se espanta nem desvaloriza o entusiasmo do filho quando êle lhe pede um pedaço de "Bom-Bril" ou que ajude a achar um besouro: ela sabe que êle está fazendo pesquisa.

Contudo, a experiência da Lapa ainda não cumpriu sua finalidade. Existe como escola experimental, e, enquanto os resultados de seus estudos não forem espalhados para o ensino de todo o Estado, continuará sendo um excelente laboratório, onde os estudantes de faculdades e de escolas normais fazem proveitosos estágios. Mas será só isso: um laboratório.

Particulares sem contrôle

Ninguém sabe quantas pré-escolas há no Estado de São Paulo. Nem mesmo o Departamento de Ensino Pré-Primário. O que se sabe é que são muitas. Na capital, onde maior percentagem de mães tem de trabalhar, há de tudo. Desde "campinhos de concentração", onde as domésticas e as operárias deixam seus filhos amontoados em casarões escuros, até finas casas maternais, que cobram altos preços. Há também os chamados "depósitos de meninos" — jardim de infância onde as crianças ficam só brincando, sob os cuidados de gente de boa vontade, mas despreparadas. E há as boas pré-escolas. Na região dos melhores bairros de São Paulo fica a maior parte delas. Recebem crianças por um preço que varia de NCr$ 660 a NCr$ 800 anuais.

A maioria dessas escola aplica o método Montessori-Lubienska, uma composição do método montessoriano do "aprender fazendo" com a religiosidade de Lubienska, que afirma: "O Espírito é a única realidade; o universo material, como o intelectual, não passa de simples reflexos do universo espiritual."

Originadas da mesma fonte, mas atualmente bastante modificadas, há duas outras experiências em São Paulo: a do Pequeno Príncipe (250 alunos a NCr$ 800 anuais cada) e a do Vera Cruz (160 alunos a NCr$ 550 anuais cada). Estas duas escolas se encaminham para novos campos (estreitando seu diálogo com o Experimental da Lapa, por exemplo). Ambas abandonaram o ponto de vista religioso com que encaravam o ensino, e têm, além de alunos católicos, israelitas, protestantes e ateus. SEGUE

Não interessa o resultado da pintura que esta menina fêz e está pondo para secar, mas apenas que ela a tenha feito. Compondo tintas e pintando encontrou grande prazer e gastou sua agressividade. (Recanto Infantil, Guanabara).

Foto de Nélson Di Rago

A professôra autoritária desapareceu da escola. Agora ela é apenas uma amiga mais velha que está ali para ajudar e brincar junto. No lugar do mêdo surgiu a amizade. (Escola Madre Alix, em São Paulo).

Foto de Jorge Butsuem

SE ÊLE FAZ DE UM LANCE DE XADREZ UMA DEMONSTRAÇÃO DE ESTRATÉGIA. SE SUA PALAVRA É SEMPRE RESPEITADA DENTRO DA EMPRÊSA. SE ÊLE RECONHECE NÍTIDAMENTE O BOUQUET DE UM VINHO GENEROSO. SE ÊLE SE EXTASIA COM UMA SONATA DE HAYDN,

CERTAMENTE ÊLE TEM ESTA EXIGÊNCIA:
ENGLISH LAVENDER ATKINSONS.

VOCÊ PODE ESPERAR MUITO DE UMA CRIAÇÃO ATKINSONS. PORQUE LONDRES É A CIDADE MAIS OUSADA DO SÉCULO XX, E ATKINSONS VEIO DE LÁ.

Lintas

A matéria principal é aprender a viver

ESCOLA
CONTINUAÇÃO

Para as questões a respeito da existência de Deus, a resposta é uma só. Como diz Sílvia Bresser Pereira, diretora do Pequeno Príncipe:

— Há quem acredite, e está bom. Há quem não acredite, e também está bom. Devemos respeitar as opiniões.

A equipe que dirige o Pequeno Príncipe pretende manter apenas a pré-escola, porque não vê vantagens em ter também o primário: "A gente acaba não podendo cuidar direito do pré", dizem.

Já Liliam Mercadante, diretora do Vera Cruz, que também mantém o curso primário, considera que é necessário cuidar até de montar o ginásio. E explica:

— Caminhamos para uma visão global do ensino. Nosso trabalho atualmente sofre um estrangulamento no último ano do primário. No quinto ano somos obrigados a preparar as crianças para o exame de admissão tradicional. Para nós e para as crianças é terrível. Bem já havia dito o educador Joel Martins, que orientou a experiência do Vocacional do Brooklin, aqui em São Paulo:

— Vocês não têm direito de ensinar uma prática de liberdade para estas crianças, se depois elas vão cair no horrível ginásio tradicional.

Muitos pais continuam ainda com a mentalidade de "ganhar um ano" — e fazem pressão para que o filho seja logo alfabetizado. Tanto o Pequeno Príncipe como o Vera Cruz se defendem aplicando os testes de maturidade.

— Isto nos faz perder alguns alunos, pois há pré-escolas alfabetizando a qualquer custo, sem levar a criança em conta — diz uma das diretoras. Mas boa parte dos alunos do Vera Cruz e do Pequeno Príncipe também são alfabetizados antes do primário:

— É porque vêm de um ambiente rico de experiências — música, livros, TV, cinema, viagens — e cedo estão maduras para a alfabetização — explicam.

Algumas outras pré-escolas de São Paulo: Marechal Rondon, Escola do Jóquei Clube, Escola Serelepe, Jardim Escola São Paulo, Lar da Criança (em Santo Amaro, israelita), Escola Jaraguá. E as católicas: do Sion, Madre Alix, Mater Dei, Pueri Domus.

A pré-escola no Rio

Na origem da pré-escola da Guanabara está o Colégio Bennet, protestante, e formador da primeira classe de crianças e das primeiras professôras pré-primárias.

SEGUE

FOTO DE NÉLSON DI RAGO

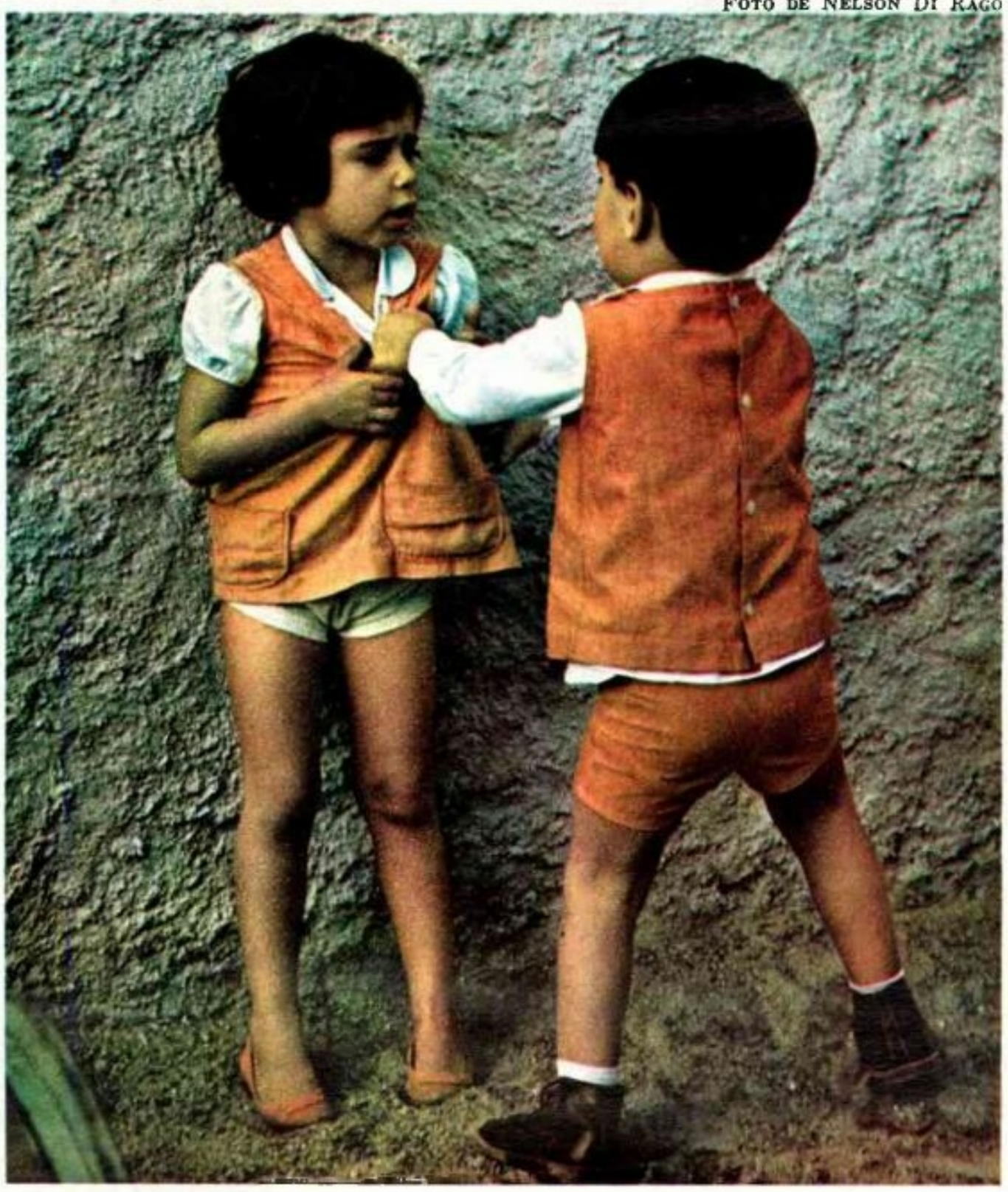


FOTO DE JORGE HUTSUEM

Recortar e colar figuras é treino dos músculos das mãos além de que permite conhecer as figuras geométricas. (Aluno do Colégio Bennet, Guanabara). Embaixo, a agressão. A igualdade de fôrças permite o revide que deixa todos satisfeitos (Pequeno Príncipe, São Paulo).

Crianças livres sabem fazer leis severas

FOTO DE JORGE BUTSUEM

Depois de jogar futebol com os meninos, a menina dá uma gravata num dêles e acabará por atirá-lo ao chão sob as risadas de todos. Numa escola onde se pratica a liberdade, êste comportamento é recebido com naturalidade. (Cena no recreio da Escola Vera Cruz, em São Paulo).

Atualmente o Bennet tem um curso para professôras pré-primárias equivalente ao Normal, que forma pelo menos 20 môças por ano. E continua mantendo sua pré-escola, muito bem instalada, com cêrca de 100 crianças semi-internas. Cada aluno paga NCr$ 1.500 por ano.

Experiência mais importante que a do Bennet, contudo, é a do Instituto de Educação da Tijuca (rua Mariz e Barros), porque, sendo escola pública, tem condições para atender a tôdas as faixas da população. A professôra Heloísa Marinho, ex-aluna do Bennet, construiu com entusiasmo esta experiência de 18 anos, que já formou 550 professôras pré-primárias e educa 300 crianças por ano. Contudo, a professôra Heloísa Marinho não consegue esconder uma frustração: os resultados não a animam, a pré-escola não se espalhou pelo ensino público da Guanabara, como ela esperava. O que ela reivindica — e está em contato com o Departamento Nacional da Criança para ver se consegue — é que o govêrno federal dê pelo menos meios para construção de barracões e fornecimento de merenda a milhares de crianças, que só com o brincar juntas já seriam muito beneficiadas. Reivindica também do govêrno estadual que ao menos respeite suas professôras, rejeitadas pelo ensino público e perdidas na mercantilização de muitas das pré-escolas particulares.

Isso não significa que a professôra Heloísa não se preocupa com a qualidade da pré-escola. Seu livro **Vida e Educação no Jardim da Infância** mostra o que tem ensinado às suas alunas durante todos êstes anos, certamente um dos trabalhos responsáveis pelo bom nível das pré-escolas cariocas.

Há uma grande falta de dados sôbre pré-escolas na Guanabara. O próprio Censo Escolar de 1964 não funcionou aí. O que não impede de se constatar que, apesar de existirem muitas organizações particulares na zona Sul, a imensa maioria das crianças cariocas não tem pré-escolas. No ensino particular, além do Bennet, as experiências mais conhecidas são as do Colégio Jacobina e o Recanto Infantil. E no setor público, além do Instituto de Educação, as melhores são: Gabriela Mistral, na Praia Vermelha, e Escola República Arabe Unida, em Bangu.

As crianças fazem a lei

Recanto Infantil é uma faixa de terra encostada no morro da Gávea. É um colégio caro — NCr$ 1.700 por criança anualmente — onde só conseguem entrar crianças da alta burguesia. Aí se tenta uma experiência de liberdade e de ignorância do mêdo. O Recanto Infantil tem pré-escola e primário e planos de montar o ginásio. O regulamento interno é feito, em assembléia geral, por alunos e professôres, todos com o mesmo direito a voto. Nem por isso o regulamento é frouxo: "Aluno que não entregar o trabalho de casa fica na escola depois da aula." As próprias crianças justificam a lei:

— Nós que fazemos a lição de casa ficamos chateados com êsses caras que nunca fazem.

Um dia, três meninos de cinco anos agarraram uma menininha de sua classe e lhe tiraram a calça. Sem fazer escândalo a professôra deu em seguida uma aula sôbre os órgãos genitais e o mecanismo do parto.

Um menino de quatro anos encontrou um besouro no pátio e o trouxe para a classe. Todo mundo rodeou o bicho para vê-lo espernear. Outro meninozinho pisou em cima do inseto. A criançada se voltou para a diretora, que estava na classe, perguntando: "E agora? O que você vai fazer?" Ela respondeu: "Agora o bicho não se mexe mais." Maria Cunha explica as experiências:

— O importante é ser igual às crianças. Não havendo autoridade não haverá mêdo. E então a escola se tornará um meio social onde a iniciativa parte de todos, crianças e adulto. Assim êles percebem que a gente está no meio dêles, e não por cima dêles.

Em Minas e Brasília, o DAP

O DAP — Divisão de Aperfeiçoamento do Professor, ligada ao Centro Regional de Pesquisas Educacionais de Belo Horizonte — é o centro orientador da experiência pré-escolar em Minas Gerais. A influência do DAP já conseguiu alterar o panorama da educação elementar em Minas, onde existem 210 pré-escolas, e alcança também outros estados (há constantemente um estágio de 160 bolsistas vindos de fora, especialmente da Guanabara e Brasília).

Na sede do DAP estudam 187 crianças de idade pré-escolar, em classes experimentais, que servem ainda de prática para os bolsistas.

Das 30.355 crianças de três a seis anos que Brasília tinha em 1964 (Censo Escolar), sòmente 3.607 freqüentavam pré-escola, em 140 salas de aula, sendo 92 salas de pré-escolas públicas e 48 de particulares.

SEGUE

De fato! WELLAFORM é diferente aos demais cremes para pentear: Tôda qualidade de cabelo se beneficia. Seja fino ou grosso, longo ou curto. É apenas uma questão de quantidade. Uns aplicam pouco, outros um pouco mais. Muito nunca é necessário. Esprema Wellaform entre as palmas das mãos e espalhe levemente no cabelo. Veja como se torna jeitoso e fácil de pentear!

WELLAFORM não endurece os cabelos. Ao contrário, sem engordurar, mantém-os bem penteados o dia inteiro. Wellaform, suave mas agradàvelmente perfumado, assenta bem e com distinção.

WELLA *tem tudo para o cabelo e da melhor qualidade*

Cosmética do cabelo de fama mundial

WELLA

CLÍVIA

A fórmula: colocar amor no lugar do mêdo

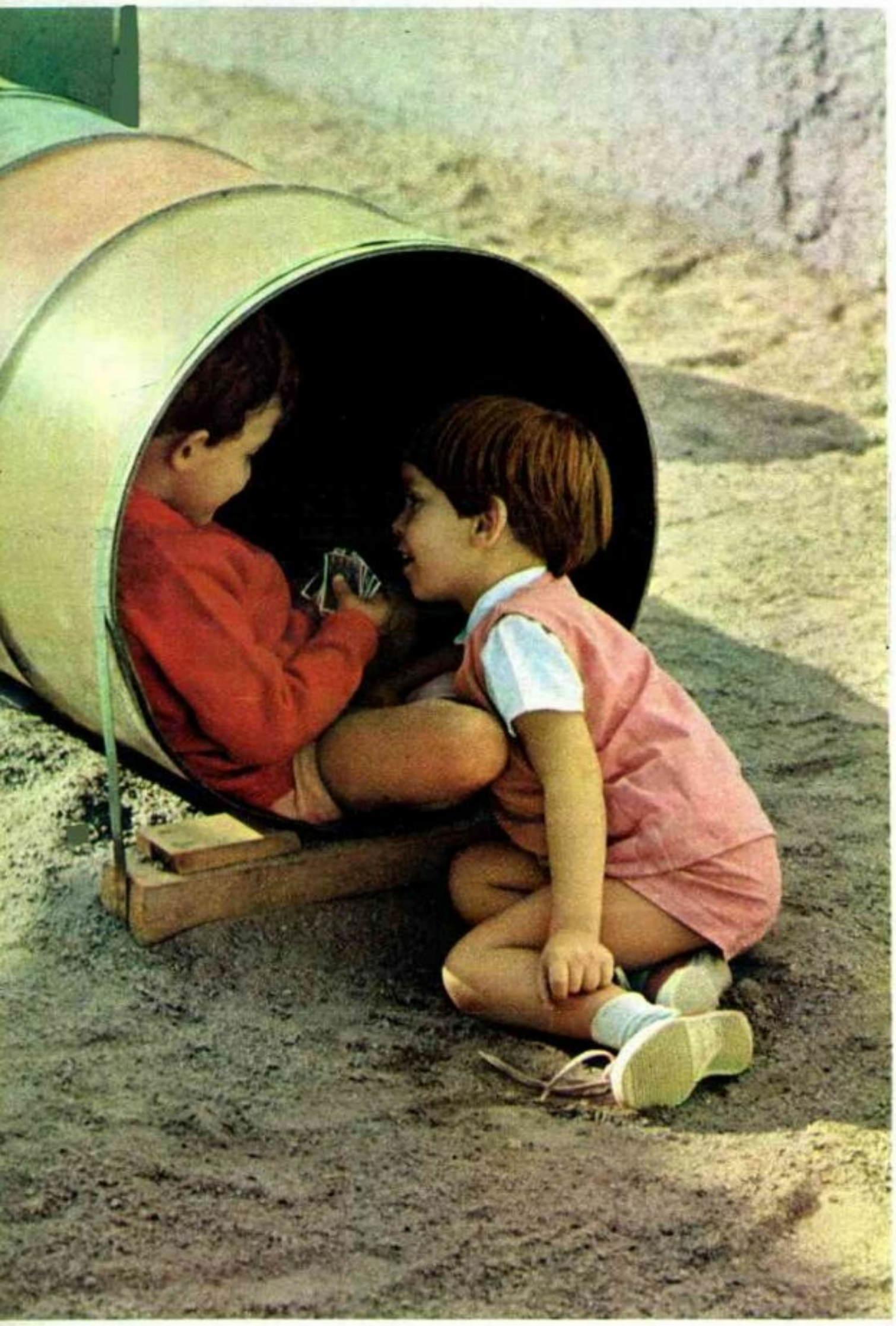


FOTO DE JORGE BUTSUEM

Aqui é fácil dar e receber amor assim como a dor do puxão de cabelo só demora o tempo de ser revidado. Convivendo com outros, meninos e meninas aprendem o que é a vida, matéria principal no currículo da educação moderna. O tambor é caverna, túnel, cavalo, lugar de comunicação. (Pequeno Príncipe, em São Paulo).

O deficit de 26.748 matrículas é grande, mas se concentra nas cidades-satélites, onde há sòmente três salas de pré-escolar. As restantes 89 servem ao plano-pilôto, cuja população é, proporcionalmente, a mais bem atendida do país. É que em Brasília se obedece a um plano elaborado pelo educador Anísio Teixeira, que previa uma pré-escola com quatro salas para cada superquadra.

A Secretaria de Educação do Distrito Federal desenvolve um sistema de trabalho semelhante ao usado no ensino público de Minas Gerais e da Guanabara. A influência maior vem do DAP de Minas. E a orientação obedece à técnica de liberdade com disciplina.

Nas escolas particulares — as principais são católicas, Rosário e Sacre Coeur — o método adotado é o Montessori-Lubienska. Mas no Colégio Rosário, segundo sua diretora, madre Lúcia, "leva-se em conta o temperamento brasileiro, principalmente nas atividades físicas".

Pôrto Alegre experimenta há anos

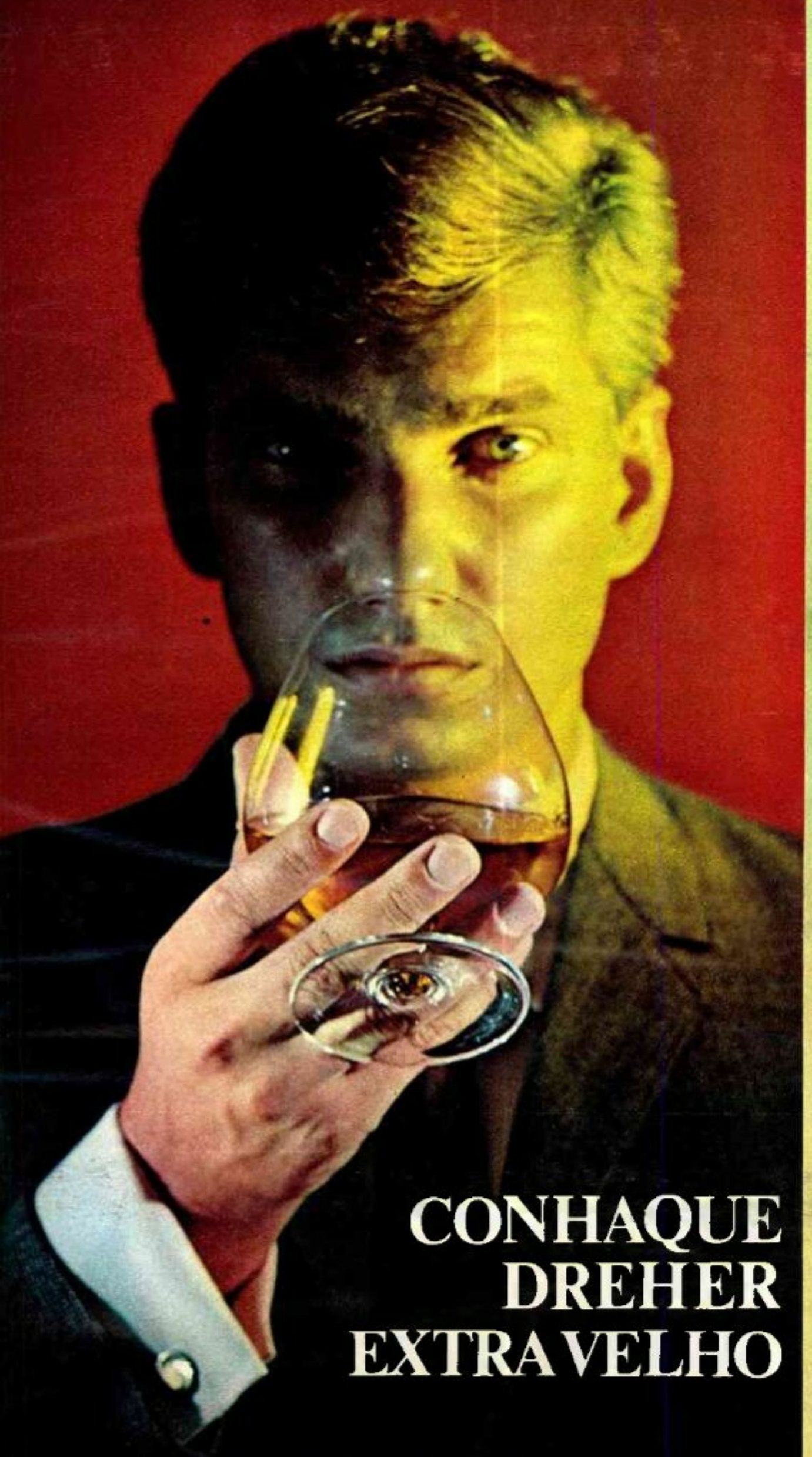
Em 1955 o ginásio vocacional, como existe atualmente em São Paulo, já era experimentado no Rio Grande do Sul. A sua Secretaria de Educação tem longa experiência na renovação do ensino estadual. Não há muitas informações sôbre seu trabalho, mas sabe-se que só em Pôrto Alegre há 15 pré-escolas públicas em funcionamento, e em todo o Estado são criadas anualmente cêrca de 20 novas pré-escolas. O trabalho é dirigido pelo Centro de Pesquisas e Orientação Educacional da Secretaria da Educação. Anualmente são formados 100 novos professôres especializados. Apesar de seu progresso, a pré-escola gaúcha atende sòmente a uma pequena parcela das 600 mil crianças de três a seis anos que se calcula haver no Estado.

Vale gastar com o pré?

Tendo em vista que 45% da população brasileira é analfabeta e que a pré-escola favorece decisivamente o processo de alfabetização, é urgente que o país desenvolva êstes cursos. Começando pelo primário, nossas crianças estão começando sua instrução pelo meio, muitas vêzes com prejuízos irrecuperáveis. E a esta pergunta: o país tem o direito de gastar dinheiro público em jardim de infância? A resposta só pode ser uma: o país tem não apenas o direito, mas também a obrigação.

FIM

V. está certo quando pede Dreher



CONHAQUE DREHER EXTRA VELHO

Envelhecido lentamente, com segredos de elaboração que se transmitem de pai para filho, o Conhaque Dreher é o legítimo "Extra Velho" apreciado pelos mais exigentes conhecedores.

QUEM CONHECE PEDE DREHER

DE PAI PARA FILHO DESDE 1910

o autêntico "Extra Velho"

ITRI

Muitos a receberam com entusiasmo, outros com ceticismo. Mas ninguém pode ignorar a encíclica onde

UM HOMEM PEDE POR TODOS OS POVOS

Texto de Osvaldo Resende Jr.

Apesar de ser um documento pequeno — bem menor, por exemplo, do que a *Mater et Magistra* do Papa João XXIII — a *Populorum Progressio* foi a mais bem cuidada de tôdas; seu preparo durou cêrca de três anos. E, tão logo iniciou seu pontificado, o Papa já começou a organizar um dossiê sôbre o problema do desenvolvimento. Na capa, escreveu uma pequena nota que valia como um programa: "Material de estudo para uma encíclica, sôbre os problemas morais do desenvolvimento. Estudo exigido por uma viagem à Índia, pela atualidade e urgência do problema, pela coerência com as duas encíclicas do Papa João XXIII. Não serão tratados, nem uma lição, nem um artigo erudito: será uma carta... Ela deve, em certo sentido, ser resoluta e enérgica, para orientar firmemente tanto a Igreja, quanto a opinião pública mundial..."

Para auxiliá-lo, o Papa convocou vários estudiosos. Entre êles, um dominicano francês, frei Lebret, fundador do movimento "Economia e Humanismo" e um dos maiores entendidos em assuntos de desenvolvimento. Frei Lebret visitara, com sua equipe de técnicos, dezenas de países subdesenvolvidos, inclusive o Brasil. O resultado de seus estudos, expostos em inúmeros livros valeu-lhe muitas vêzes a desconfiança de certos setores da Igreja e da sociedade. Essa "suspeita" o manteria afastado de Roma até o fim de sua vida (frei Lebret morreu em julho de 1966), não fôsse a intervenção de dom Hélder Câmara, que o levou ao Concílio como seu teólogo pessoal e o fêz chegar até o Papa.

Paulo VI conhecia e admirava a obra do padre Lebret. Quando sua influência foi reconhecida pùblicamente por um alto funcionário do Vaticano, em entrevista à imprensa, muitos observadores concluíram que com isso, Paulo VI quis não apenas prestar uma homenagem a seu colaborador, mas deixar clara também sua total concordância com os pontos de vista do dominicano francês.

O texto sofreu ainda a influência de outros pensadores, como os teólogos Chénu e De Lubac, o filósofo Jacques Maritain, o economista Colin Clark, os bispos Larraim, Errazuriz e o brasileiro Hélder Câmara. Muitos dêles citados na encíclica, o que é novidade: antes da *Populorum Progressio*, nenhuma outra havia citado autores vivos.

O documento passou, ao todo, por sete redações. O prmeiro projeto foi redigido em setembro de 1964. O último, escrito em francês, recebia a aprovação final do Papa no dia 20 de fevereiro dêste ano. Traduzido para o latim — língua dos documentos oficiais da Igreja — restava escolher a ocasião de publicar: a Páscoa.

A encíclica, fundamentalmente, é um apêlo pela paz. Não a ausência de guerra, uma falsa paz baseada no equilíbrio de fôrças, mas a libertação de todos os homens. A grande certeza do Papa é de que não há paz sem justiça e verdade. Numa palavra, paz, verdade e justiça só têm sentido para o homem de hoje se significarem *desenvolvimento*.

Êste desenvolvimento, diz o Papa, precisa ser integral: deve elevar o *homem todo* e *todos os homens*. O "possuir" jamais deve ser procurado como um fim, mas como um meio para a realização do homem, é a passagem de um nível de vida menos humano para um nível de vida mais humano. O desenvolvimento, ainda, ou será de todos ou não será desenvolvimento. Daí a importância de os países ricos não só entregarem aos mais pobres o que têm a mais, como também de manter com êles um relacionamento mais justo, sobretudo nas relações comerciais.

O Papa vai mais longe e formula duas propostas concretas aos estadistas de todo o mundo: a criação de um *fundo mundial* sustentado por uma parte das verbas militares, para auxiliar os países subdesenvolvidos; e o estabelecimento de uma *autoridade mundial* em condições de agir no plano jurídico e político.

O *Osservatore Romano*, no dia da publicação, já previa que a encíclica escandalizaria muita gente. E assim foi. Ao lado de muitos apoios, apareceram ataques, sobretudo o do *Wall Street Journal*, que considerou a *Populorum Progressio* como um "marxismo requentado". Houve as dúvidas do jornal *Le Peuple*, de Bruxelas, diante de uma Igreja que condenava teòricamente o liberalismo, mas que — segundo o jornal — "não podia viver sem êle".

No Brasil, a encíclica foi bem recebida. O presidente Costa e Silva fêz dela a carta de princípios de seu govêrno. Na Câmara dos deputados, foi debatida e inscrita nos anais. Sem contar a "batalha de textos" entre os católicos, cada qual querendo explicar a seu modo o pensamento do Papa.

Diante disso, REALIDADE procurou seis estudiosos brasileiros, promovendo uma espécie de mesa redonda sôbre as implicações que a *Populorum Progressio* possa ter em relação à nossa sociedade. São êles: dom Cândido Padim, professôra Maria Alice Forachi, padre Eugène Charbonneau, dr. Carlos Alberto Levi, professor Luís Mesquita e dr. Teófilo Ribeiro de Andrade. SEGUE

POR QUE os COMPUTADORES BURROUGHS são mais INTELIGENTES

Há vários anos, em todo o mundo, equipes Burroughs de experiência incalculável se especializaram em transmitir aos computadores a sua própria inteligência. E conseguiram isto através de programas prèviamente preparados que, sem ônus para os usuários, integram os computadores Burroughs, dando-lhes a mais elevada "capacidade intelectual". É o extraordinário "software" Burroughs, a inteligência na máquina.

Compiladores Cobol, Algol e Fortran, que transformam essas poderosas linguagens simbólicas em linguagem reconhecível pela máquina: Programas Genéricos de Classificação em Discos ou Fitas Magnéticas: Programa Montador Avançado e o fabuloso Sistema Operacional, que minimiza a extremos a intervenção humana, que possibilita a autoprogramação e o contrôle ótimo das operações de multiprocessamento, são exemplos da extraordinária Programação de Apoio dos computadores Burroughs.

Se as mais eficientes equipes de Programadores e analistas tentassem isoladamente elaborar um "software" — dar alma a um computador — sòmente o custo dessa programação tornaria a tarefa irrealizável. Os Burroughs já trazem essa alma do berço. Basta contratar a máquina.

Burroughs Eletrônica

NA VANGUARDA EM PROCESSAMENTO DE DADOS

Paulo VI: *"Depois do segundo Concílio Ecumênico do Vaticano, uma renovada conscientização das exigências da mensagem evangélica traz à Igreja a obrigação de se pôr ao serviço dos homens, para os ajudar a aprofundar tôdas as dimensões de tão grave problema, para os convencer da urgência de uma ação solidária neste virar decisivo da história da humanidade."*

Pergunta: Está a Igreja, no Brasil de hoje, correspondendo a esta afirmação de Paulo VI?

Cândido Padim (bispo de Lorena, secretário nacional de Educação da CNBB, presidente do Departamento de Educação do CELAM):

Para conhecer a ação de tôda a Igreja, convém distinguir a atuação da hierarquia e a dos leigos.

Os bispos, atendendo ao apêlo de João XXIII, elaboraram um primeiro plano de renovação pastoral, em 1962. Disso resultou o chamado "Plano de Emergência, que pretendia provar algumas experiências. A realização do Concílio Vaticano II e as experiências tentadas obrigaram a uma reformulação do plano, o que resultou na aprovação do "Plano Pastoral de Conjunto", em 1964.

O objetivo do "Plano Pastoral de Conjunto" é aparelhar a Igreja no Brasil para responder aos ensinamentos do Concílio. O plano abrange seis linhas de atuação. Umas, referentes às atividades internas da Igreja para que a formação e a vivência do cristão correspondam mais autênticamente às exigências do Evangelho, sacudindo a poeira cultural de séculos, que se acumulou nos usos da Igreja. Outras, referentes à presença dos cristãos na sociedade do mundo de hoje, para que a mensagem do Cristo possa beneficiar também a construção da cidade terrena, de modo a atingir o congraçamento fraterno de todos os homens, qualquer que seja a sua fé.

Para a aplicação do plano, o Brasil foi dividido em 13 regiões, cada uma com um secretariado regional composto de sacerdotes, religiosos e leigos, sob a supervisão de um tipo. Outros 13 secretariados nacionais, especializados por setores (ação social, opinião pública, educação, liturgia, etc.) completam os quadros da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil).

Quanto ao problema do desenvolvimento nacional, dentro de uma integração latino-americana, realizou-se em janeiro último um seminário de estudos, promovido pelo secretariado de ação social, com a finalidade de refletir sôbre as responsabilidades da Igreja no processo de desenvolvimento, e sua participação em projetos nacionais.

Mais recentemente, com a publicação da encíclica **Populorum Progressio,** a assembléia geral dos bispos, realizada em Aparaceida, aprovou a síntese de um programa que impulsionará a aplicação imediata das recomendações de Paulo VI.

Todo êste plano, porém, não poderá alcançar seus objetivos sem uma consciente e corajosa adesão dos homens. Não seria a Igreja a atuar, se nos limitássemos a algumas iniciativas de bispos e sacerdotes. "O Cristo total é a cabeça e os membros juntamente", na frase de Santo Agostinho. Não basta, porém, que os leigos se encarreguem de executar algumas tarefas. Cabe-lhes também intervir na reflexão que acompanha o planejamento e a elaboração dos programas. Neste ponto é que considero ainda lenta a aplicação do plano de pastoral de conjunto. Não se alcançou a conscientização maciça do povo nas responsabilidades que lhe cabem na renovação pastoral da Igreja.

Essa atuação apostólica dos leigos deveria ser a mais ampla possível, penetrando todos os setores da sociedade, principalmente o econômico, o político, o universitário e o operário.

Paulo VI: *"... a propriedade privada não constitui para ninguém um direito incondicional e absoluto. Ninguém tem direito de reservar para seu uso exclusivo aquilo que é supérfluo, quando a outros falta o necessário. Numa palavra, o direito de propriedade nunca deve exercer-se em detrimento do bem comum segundo a doutrina tradicional dos Padres da Igreja e dos grandes teólogos. Surgindo algum conflito entre os direitos privados adquiridos e as exigências comunitárias primordiais, é ao poder público que pertence resolvê-lo, com a participação ativa das pessoas e dos grupos sociais".*

Pergunta: O ensinamento de Paulo VI sôbre a propriedade representa uma reformulação na doutrina social cristã?

Professor Luís Mesquita (advogado, escritor, comentador das encíclicas sociais):

Não. Para entender bem êsse texto, é preciso ler o que foi dito quanto ao destino universal dos bens. Aí diz a encíclica: se a terra é feita para fornecer a cada um os meios de subsistência e os instrumentos do progresso, **todo homem** tem direito, portanto, de nela encontrar o que lhe é necessário. O atual concílio lembrou: Deus destinou a terra e tudo o que nela existe ao uso de **todos os homens,** e de **todos os povos,** de modo que os bens da criação afluam com eqüidade às mãos de **todos,** segundo a regra da justiça, inseparável da caridade. **Todos os outros direitos, quaisquer que sejam, incluindo os de propriedade e de livre comércio, lhe estão subordinados.**

Eis aí o grande princípio que norteia tôda questão do direito de propriedade: **destinação universal de todos os bens da terra a todos os homens.** Colocado êste princípio, que faz parte da doutrina social da Igreja, e está expresso em todos os seus documentos, vê-se que o ensino de Paulo VI não é uma formulação nova, mas é tão antigo quanto o Cristianismo. No Antigo Testamento, lemos que o Senhor disse a Moisés: "... a terra é minha e vós sois estrangeiros e peregrinos".

A doutrina social da Igreja sôbre a propriedade tem fundamento bíblico. Paulo VI cita também um texto do Nôvo Testamento, e a seguir faz referência aos ensinamentos dos Padres antigos da Igreja e dos seus grandes teólogos.

Foi citado um texto de Santo Ambrósio. Há outros, como dá a entender Paulo VI, semelhantes ou mais fortes ainda. Por exemplo, o de São Basílio: "A terra foi criada para todos, é a herança comum que os irmãos receberam do Pai comum (...) Por que é a propriedade audaciosamente reclamada por um pequeno número?" — De São João Crisóstomo: "Tu possuíste o resultado do roubo, se não és tu mesmo um ladrão." De São Jerônimo; "Tôdas as riquezas têm sua origem na injustiça. SEGUE

"É preciso a adesão dos homens de qualquer fé"

Os papas das encíclicas sociais, antes da Populorum: *Leão XIII, Pio XII e João XXIII.*

Vinho da Colônia é da Colônia porque não "viaja" bem.

Mas é um excelente vinho. Gostoso. Tomado no Sul, então, tem um paladar todo especial. E a VASP com isso? Muita coisa. Nosso negócio é levá-lo para o Sul, tornando sua viagem a mais agradável possível — em todos os detalhes.

A começar pelo avião, pelo serviço típico de bordo, pelos horários, pelas tarifas, pelas coisas boas que Você aproveita quando viaja pela VASP. Mas não é só a bordo que a VASP pensa em Você.

Em terra também. Converse com nosso agente em Pôrto Alegre: além de cuidar de todos os detalhes de sua viagem, êle dará bons conselhos sôbre onde comprar um corote de vinho da Colônia. Compre-o. Traga-o para casa. Assim Você poderá até desmentir êste anúncio, dizendo que vinho da Colônia "viaja" bem . . . viaja VASP.

VIAJE BEM... VIAJE VASP

MEMBRO ASSOCIADO
IATA
QUALIDADE EM TRANSPORTE AÉREO

Se alguém não tivesse perdido, o outro não poderia adquirir (. . .) Todo homem rico é ladrão ou filho de ladrão".

É preciso esclarecer, porém, que êsses Padres da Igreja se dirigiam aos proprietários que não observavam as regras da justiça na aquisição ou uso dos bens; êles não condenavam a propriedade em si mesma. Uma coisa é dizer "a propriedade é roubo" (como dizia Proudhon) e outra "os proprietários são ladrões". Quando esta qualificação foi feita pelos Padres aos proprietários dos primeiros séculos, ela era exata na maioria ou em grande número de casos.

Note-se, ainda, que o ensino da encíclica, apoiado na insistência dos Padres da Igreja visa determinar "qual deve ser a atitude daqueles que possuem em relação aos que estão em necessidade".

Não há dúvida, pois, que o ensinamento de Paulo VI é uma volta à verdadeira e autêntica tradição da Igreja sôbre a propriedade e o uso dos bens terrenos. É uma religação com a doutrina dos Padres dos primeiros séculos do Cristianismo e com o ensino dos grandes teólogos da Igreja entre os quais se sobressai Santo Tomás de Aquino.

Enfim, é de capital importância e afirmação segundo a qual é o **bem comum** o nôvo regulador da propriedade particular. Havendo conflito entre esta e aquêle, cabe ao Estado a solução. Funda-se aí a legitimidade das expropriações para as reformas de base. Entre elas avulta para nós a **reforma agrária,** tão necessária quanto protelada e desfigurada, devido aos entraves do liberalismo, marcadamente expressos pelo poderio econômico dos latifundiários.

Mas a encíclica não é estatizante ou socializante no mau sentido em que ignorantemente a criticam os partidários do liberalismo econômico.

Pode-se ver a prova neste texto mesmo, onde o Papa, após dizer que ao poder público compete resolver os conflitos entre o interêsse particular e o bem comum em questões de propriedade, acrescenta — e isto sim é novidade na matéria — "com a participação ativa das pessoas e dos grupos sociais".

Paulo VI: *"Só a iniciativa privada e o simples jôgo da concorrência não bastam para assegurar o êxito do desenvolvimento. Não é lícito aumentar a riqueza dos ricos e o poder dos fortes, confirmando a miséria dos pobres e tornando maior a escravidão dos oprimidos."*

Pergunta: O êxito do desenvolvimento dos países pobres estaria realmente na dependência de uma rejeição do capitalismo? É procedente a colocação de Paulo VI?

Dr. Carlos Alberto Levi:

Falando não como líder religioso, mas como economista e homem de emprêsa que sou, devo dizer, respeitosa mas francamente, que meu apoio ao Papa não pode ser total no tocante às análises e às proposições sócio-econômicas de sua encíclica. Teria muitos reparos a fazer.

Primeiramente notaria que há passagens na encíclica bastante ambíguas, se isoladas do contexto. Notei, por exemplo, que o número 30, se isolado do número 31, poderia parecer um incentivo à violência e à insurreição. A solução é proposta de modo bastante ambíguo, podendo favorecer sua utilização escusa por pessoas mal intencionadas.

Além disso, há outros conceitos que merecem minhas dúvidas: o Papa parece demonstrar grande desprêzo pelo liberalismo econômico, pelo individualismo, pela livre iniciativa, pela propriedade privada, pelo lucro. E ao contrário, parece pôr ênfase no valor da socialização — no sentido estrito de estatização — almejando intervenções dos poderes públicos de tal maneira que chega a dar impressão de se tratar de uma luta entre a santidade (o Estado) e o diabo (livre iniciativa). Ora, a experiência ensina o contrário: o liberalismo econômico, a iniciativa individual, a lei da concorrência, o lucro "como motor do progresso econômico", a propriedade privada são as bases insubstituíveis para uma vida humana decente, porque representam a liberdade, sem a qual o homem é um escravo. É justamente nos lugares em que a economia é regulada pelo Estado que os homens são escravos. É o estatismo exacerbado que suscita e sustenta as ditaduras, e não a livre iniciativa. É claro que no sistema liberal pode haver abusos. Êstes existem em tudo que é humano. Os abusos devem ser evitados, punidos e abolidos, mas não o **sistema.** Falar de "liberalismo sem freios", por outro lado, não me parece adequado à realidade. Porque em todos os países em que vigora o regime liberal existem freios; a começar pela existência de impostos que, mesmo num país berço do liberalismo como a Inglaterra, pode atingir até 95% dos rendimentos. Sem contar tôda a imensa legislação que tende a controlar a atividade econômica e endereçá-la no sentido social.

Paulo VI: *"Não obstante, sabe-se que a insurreição revolucionária — salvo casos de tirania evidente e prolongada que ofendesse gravemente direitos fundamentais da pessoa humana e prejudicasse o bem comum do país — gera novas injustiças, introduz novos desequilíbrios, provoca novas ruínas. Nunca se pode combater o mal real à custa de uma desgraça maior."*

Pergunta: A ressalva feita pelo Papa para os casos de tirania poderia ser entendida como uma sugestão do Papa ao emprêgo da violência? Como interpretar êste texto?

Padre Eugène Charbonneau:

Ninguém poderia dizer, sem ir contra o próprio texto, que o Papa sugere a violência. Êle não a sugere, mas a recorda, legitima-a contra tôda tirania. Esta se caracteriza pela opressão e a violência; uma situação é tirânica desde que os homens são oprimidos sem merecer, ou mantidos, contra sua vontade, neste estado. A opressão existe tôdas as vêzes que, de um modo ou de outro, o homem é privado de sua verdadeira liberdade, o que se produz quando uma ditadura — sob qualquer forma que apresente — se impõe. Se a tirania se caracteriza pela opressão, e esta nasce da ditadura, reconhecer a existência da segunda é afirmar a existência da primeira. Numa palavra, tôda ditadura em sua essência é tirânica. Ora, Paulo VI denuncia, a propósito do "imperialismo internacional do dinheiro" o estado de **ditadura,** portanto de **tirania,** que êle cria. Estamos conseqüentemente em estado de opressão, portanto de tirania.

SEGUE

"Não apóio o aspecto econômico da mensagem"

Padre Lebret

AGORA EM BELO HORIZONTE

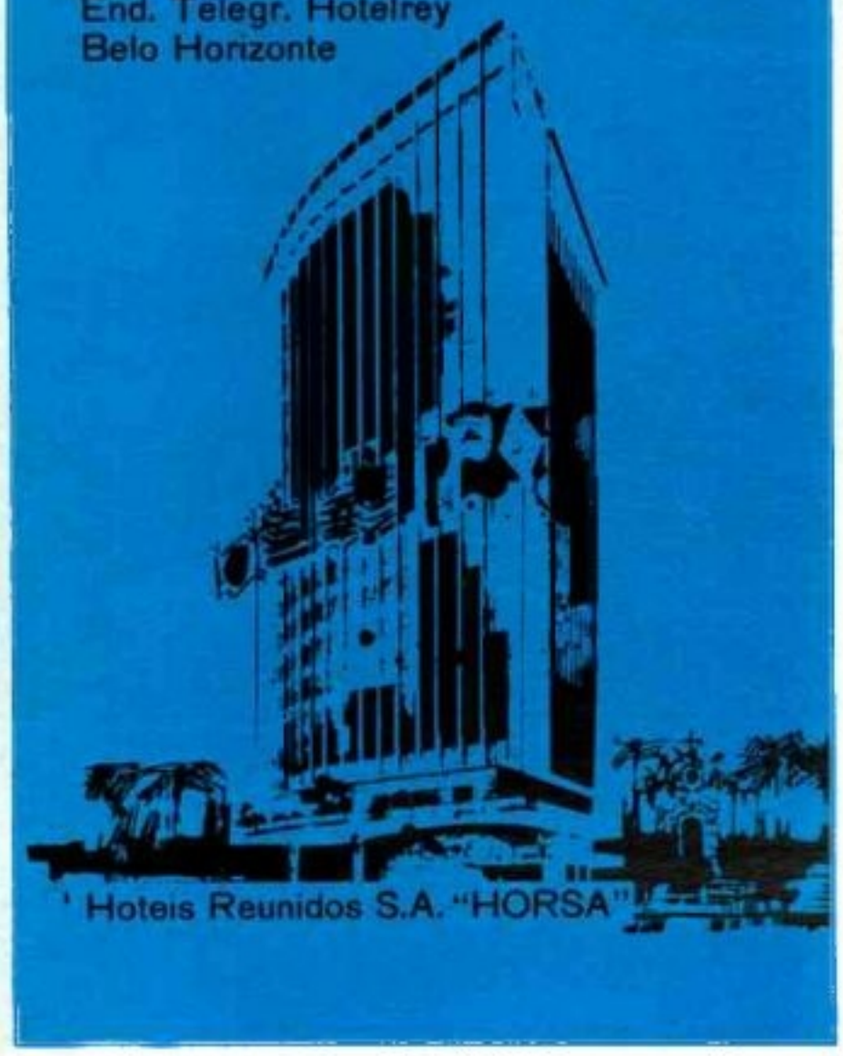
HOTEL DEL REY

270 apartamentos finamente decorados no coração da capital mineira. Presentes todos os requisitos exigidos por um hotel da mais alta classe internacional.

Faça sua reserva na agência de viagens de sua preferência, ou num dos hotéis da rêde "HORSA":
Hotel Nacional Brasília
Hotel Excelsior Copacabana Rio
Hotel Jaraguá São Paulo
Hotel Excelsior São Paulo
Hotel Marabá São Paulo
Hotel Excelsior Grão Pará

HOTEL DEL REY

Praça Afonso Arinos, 60
Telefone: 4-7564
End. Telegr. Hotelrey
Belo Horizonte



Hoteis Reunidos S.A. "HORSA"

"O Papa não sugere, mas legitima a violência"

O fato é incontestável e esta afirmação se não é expressa verbalmente está claramente subentendida em todo o texto. Resta ver se esta tirania é evidente: a descrição da situação de desequilíbrio, de dominação, de neocolonialismo, de **imperialismo** e **ditadura** econômica tal como foi traçada nas encíclicas anteriores e nesta, não dá margem a dúvida. A tirania econômica é evidente. Ela também se **prolonga?** Quem ousaria negá-lo, desde que ela dura três séculos? O momento é, portanto, mais dramático do que se poderia crer. Existe, em escala internacional como no interior das nações subdesenvolvidas, uma incontestável situação de tirania evidente e prolongada. Ora, ela legitima a violência assim como a revolução; êste é o ensinamento da mais clássica teologia moral, e o Papa o recorda de maneira velada mas real. Por conseguinte, o que falta para justificar a revolução violenta contra esta opressão secular? Muito pouco, e é sem dúvida o que explica em parte o tom patético da mensagem que o Santo Padre lança aqui. Falta apenas uma coisa. É que ainda não foi estabelecido que todos os outros recursos tenham sido tentados. Relembremos a propósito as quatro condições que os moralistas colocam para justificar o uso da violência:

1) É preciso que o poder contra o qual nos insurgimos seja manifestamente injusto, isto é, seja reconhecido como tal por um número suficiente de cidadãos criteriosos.

2) Os interêsses a proteger devem ser de considerável importância.

3) As possibilidades de êxito devem ser pesadas e consideradas pelo menos como sèriamente prováveis.

4) Todos os meios pacíficos precisam ter sido esgotados, impondo-se a revolução apenas como **último recurso.**

Os itens 1 e 2 não são passíveis de discussão, como acabamos de lembrar à luz mesma da encíclica. O item 3, se se responde, a partir de um estudo da história contemporânea, está fora de dúvida: grande número de países subdesenvolvidos se encontra no momento de empreender uma revolução eficaz e bem sucedida. Não faltam exemplos, a inquietude que assalta todos os governos da América Latina o prova sobejamente.

Resta o item 4. É o único a que se pode responder afirmativamente. Pode-se crer ainda que é possível chegar a promover o equilíbrio econômico-social por processos pacíficos. Êstes ainda não foram experimentados e é a razão pela qual Paulo VI pressiona os homens e os governos a empregá-los, porque se não o conseguirmos...

Paulo VI: *"Pode-se mesmo afirmar que o crescimento econômico depende, em primeiro lugar, do progresso social. Por isso a educação da base é o primeiro objetivo de um plano de desenvolvimento. A fome de instrução não é menos deprimente que a fome de alimentos: um analfabeto é um espírito subalimentado".*

Pergunta: É correta a colocação do problema? Como deve ser entendida esta prioridade da educação?

Professôra Maria Alice Forachi (socióloga):

Não há dúvida sôbre a importância fundamental da educação no desenvolvimento. É através dela que se objetiva a dimensão humana dêsse processo. Mas esta colocação levanta problemas complicados e dúvidas sérias. Em primeiro lugar, privilegiar a fórmula educacional com mais eficácia para superação do subdesenvolvimento, não implicaria em colocar em plano secundário outros recursos igualmente importantes como, por exemplo, os políticos? Ou por outras palavras: Até que ponto a ênfase dada aos expedientes puramente educacionais não poderia ser usada para desviar ou impedir a manipulação de outros expedientes? Enfim: até que ponto a educação pode ser tomada como variável determinante?

Em segundo lugar: a fórmula educacional se presta a variadas manipulações ideológicas ou mesmo demagógicas. Não é raro um nôvo govêrno pronunciar-se a favor de reformas educacionais ou mesmo afirmar a meta educacional como a tônica de sua administração. No limite, portanto, ela pode encobrir tudo ou nada, sendo meramente um pretexto ou uma fórmula vaga e abstrata. Creio, até, que se possa falar numa **ideologia de valorização da educação,** típica das camadas em ascensão, preocupadas em ascender e ganhar sua posição ante o **statu quo.**

Paulo VI: *"... não é admissível que cidadãos com grandes rendimentos, provenientes da atividade e dos recursos nacionais, transfiram uma parte considerável para o estrangeiro, com proveito apenas pessoal, sem se importarem do mal evidente que com isso causam à pátria."*

Pergunta: Isso acontece no Brasil? Como? Por quê?

Dr. Teófilo Ribeiro de Andrade (secretário de Negócios Internos e Jurídicos da Prefeitura de São Paulo):

Com efeito, de que adianta os ricos ficarem mais ricos, se vão aplicar seu dinheiro lá fora? A aplicação de capitais nacionais fora do país processou-se intensamente antes da Revolução de 64, e continuou a processar-se depois dela. O **porquê** é o desejo de maiores, melhores e mais tranqüilos lucros, e sobretudo a ânsia de possuir moeda estável. O **como** é o sistema de livre câmbio, de remessa de lucros sem restrições, do super e do subfaturamento. É todo um sistema de defesa do capital (não da pessoa humana, que nêle é sacrificada), que o superpõe aos interêsses da comunidade. Felizmente, há poucos dias, o nôvo govêrno passou a exigir pelo menos a identificação das pessoas que operam no chamado "mercado manual" (troca de moedas nas casas de câmbio). Esta medida — simplíssima em si — se adotada antes poderia ter reduzido a especulação com dólares, quando a moeda se desvalorizou, no lançamento do cruzeiro nôvo. FIM

Tudo o que podemos prometer é que Saigon envolverá você numa insinuante fragrância.

O resto é com você.

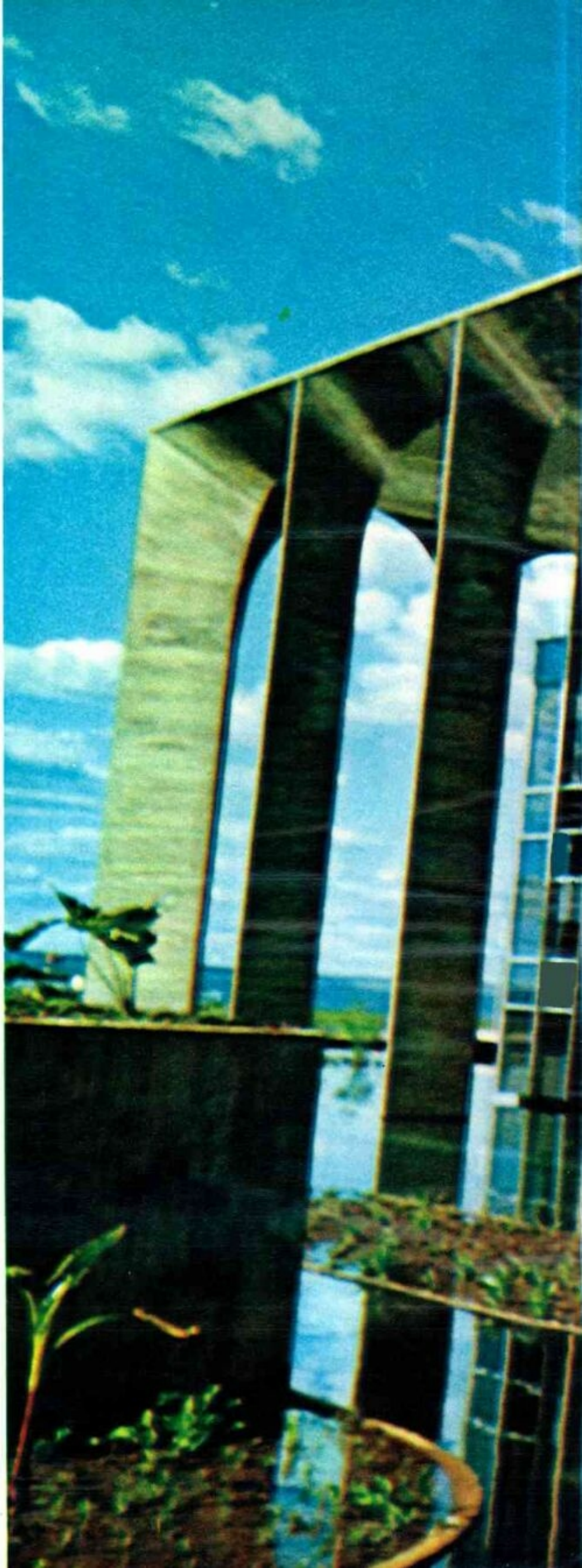
VOCÊ PODE ESPERAR MUITO DE UMA CRIAÇÃO ATKINSONS.
PORQUE LONDRES É A CIDADE MAIS OUSADA DO SÉCULO XX,
E ATKINSONS VEIO DE LÁ.

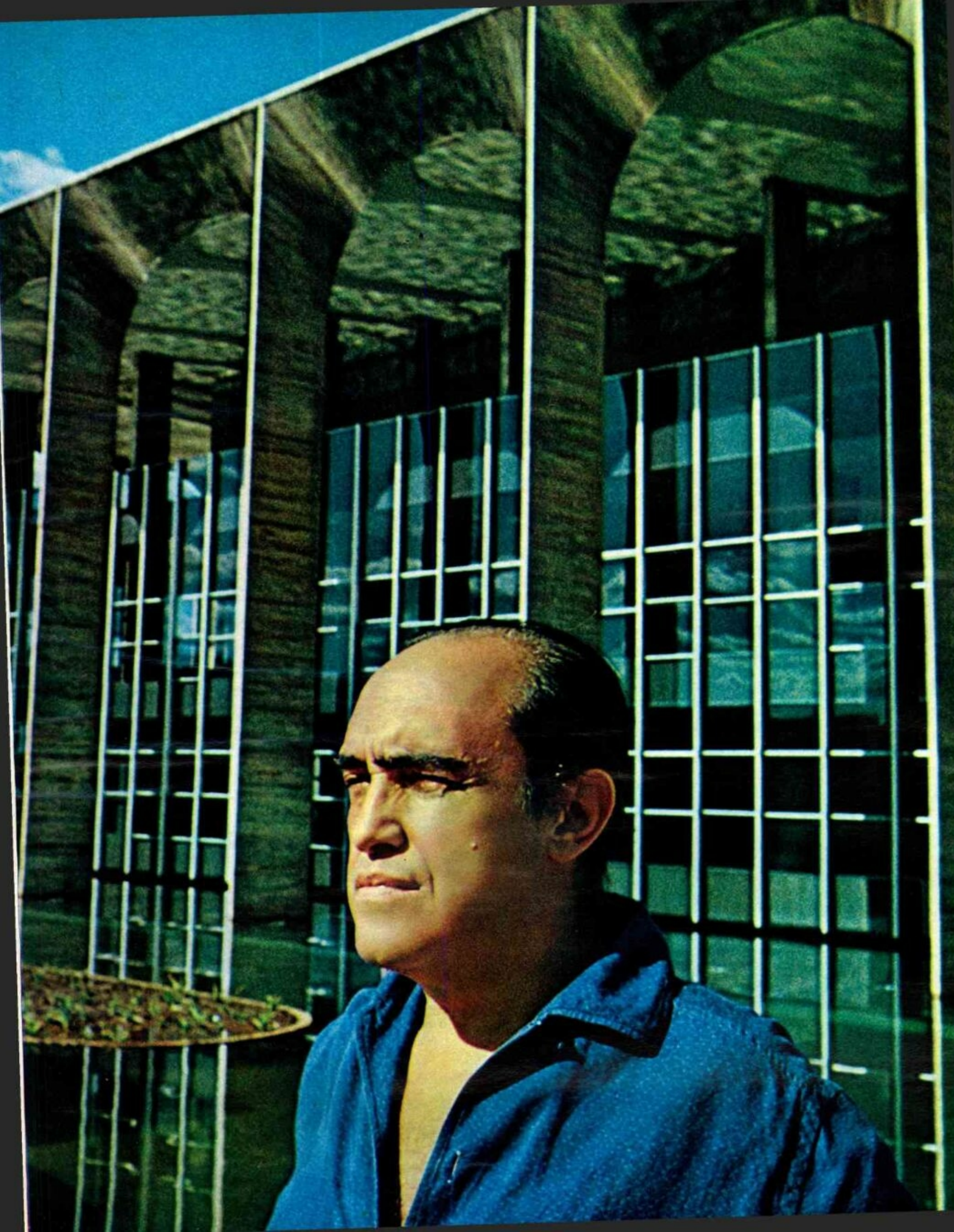
Lintas

Um homem comum, que gosta
de se misturar com a multidão
e detesta publicidade, é o arquiteto
brasileiro mais conhecido
no mundo inteiro.
Êle já plantou palácios na floresta
e cidades no deserto, já
projetou sede de Partido Comunista
e Convento Dominicano.
No entanto, famoso
e citado como um dos maiores
artistas de nosso tempo, êle
é humilde e sem mistérios como

UM OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO

Texto de Luiz Fernando Mercadante
Fotos de Luigi Mamprim





Queria ser o maior jogador do futebol brasileiro

NIEMEYER
CONTINUAÇÃO

Êle é simples como um pedreiro e sólido como um mestre de obras. Vive num mundo fantástico, de curvas ousadas, superfícies recortadas, colunas flutuantes, arcos, abóbadas, fachadas inclinadas, formas estranhas. Em sua vida há os amigos, os netos, um cavaquinho desafinado, livros, automóveis velozes, suspensórios por baixo da camisa esporte. Pensa intensamente em ideais de amor, paz, justiça social, honestidade, generosidade, alegria de viver. Êle é Oscar Niemeyer, o arquiteto.

— O melhor escultor brasileiro — assegura o crítico de arte Mário Pedrosa.

— O lírico da arquitetura — exclama o poeta Vinícius de Moraes.

— Um grande poeta — afirma o arquiteto Marcos Vasconcellos.

— O maior artista brasileiro — escreve o romancista Jorge Amado.

Escultor, lírico, poeta, artista, Oscar Niemeyer Soares Filho, 59 anos, casado, pai de uma filha, avô de cinco netos, carioca do bairro das Laranjeiras, cidadão do mundo, é um operário em construção.

Quando garôto, tinha um sonho: queria ser o maior jogador de futebol do Brasil. Não passou do juvenil do Fluminense. Meia-direita frustrado, aprendeu a se expressar através da arquitetura e se transformou num dos maiores arquitetos do mundo.

Realizado e insatisfeito, tira desta contradição fôrças para sonhar:

— Se é permitido sonhar, direi que gostaria de projetar uma cidade diferente, baseada na justiça e na solidariedade. Uma cidade de homens livres e iguais, como o futuro sugere.

"Fui criado com missa em casa"

Neto de um ministro do Supremo e filho de um dono de gráfica, Oscar cresceu em segurança, freqüentando os bons colégios do Rio.

— Fui criado com missa em casa — lembra. Naquele tempo, ministro do Supremo era figurão.

Terminado o primário, no Liceu Francês, foi estudar no Colégio Santo Antônio Maria Zacarias, dos padres barnabitas. Nem a missa familiar, nem o colégio de padres lhe deram fé. Hoje, Oscar projeta igrejas com ternura:

— Mas não acredito em nada, nada, nada.

Menino, com seus dois irmãos, passava horas batendo bola, rua acima e rua abaixo, na ladeira da rua Ribeiro de Almeida, que hoje se chama assim em homenagem a seu avô, e que naquele tempo tinha outro nome. Os três tinham afastado as barras da grade da casa para ir jogar futebol nos horários proibidos. Um dia, os pais os surpreenderam escapando. Oscar chamou a si tôda a culpa:

— Fui eu que abri a passagem, sòzinho.

Não era bem verdade, mas êle mostrava muita coragem.

Oscar, se dividia entre a bola de futebol e cadernos de desenho até que foi estudar arquitetura num tempo em que todo mundo ia ser advogado.

— O desenho atraía-me — diz êle. Foi o desenho que me levou à Escola de Arquitetura.

"Êste rapaz tem cara de malandro"

Bom aluno no primário, mau no ginásio, regular na faculdade. Detestava e ainda detesta livros técnicos. Foi môço alegre, namorador, brincalhão.

Ainda estudante, levaram-no a Lúcio Costa, então um jovem arquiteto. Oscar queria trabalhar com êle. Conseguiu. Dizem que após o primeiro encontro, Lúcio comentou:

— Êsse rapaz tem cara de malandro. Mas, enfim, vamos ver no que vai dar.

Deu no que deu e os dois são, hoje, grandes amigos. Trabalharam juntos várias vêzes. Brasília, foi uma.

Oscar tinha aspirações que conserva até hoje:

— Criar cidades, desenhar edifícios, levar a todos, sem distinção de classe, o confôrto, a beleza e o bem-estar que a boa arquitetura oferece.

Se Lúcio Costa foi seu mestre, seu líder foi Le Corbusier, arquiteto suíço que viveu na França, teórico da construção em vidro e aço, introdutor de novos materiais um inventor dentro da arquitetura. Oscar se entusiasmava com o espírito de luta e o idealismo de Le Corbusier; seu desprêzo pela crítica e seu interêsse exclusivo pela inovação.

Le Corbusier morreu no ano passado. Em seu entêrro, André Malraux, ministro de Cultura da França, pronunciando a oração fúnebre citou apenas dois nomes: Lúcio Costa e Oscar Niemeyer.

"O que espanta é a falta de mistério"

Lúcio e Oscar têm muitas coisas em comum: uma é a aversão de ambos à publicidade; outra é que não enriqueceram; a terceira: cerca-os o mito da incomunicabilidade pessoal. De Lúcio chegam a dizer:

— Quando sai à rua, tapa o bigode com a mão para não ser reconhecido.

E de Oscar:

— Êle pisa de leve para não chamar a atenção. Não se tira uma palavra do homem.

Lúcio Costa, realmente, é fechado. Mas Oscar Niemeyer é um falso tímido. Tem ar ingênuo, sorriso indefeso e o espírito desarmado. Sua aparente timidez, porém, se dilui na sua enorme simplicidade. Quase aos 60 anos, conserva o ar de garôto arteiro.

Ítalo Campofiorito, também arquiteto e velho companheiro de Brasília, desvenda-o com uma frase:

— O que espanta no Oscar é a sua falta de mistério.

Um homem sem mistérios, que diz um palavrão atrás do outro, conta anedotas e vara noites tocando **Amélia** no seu cavaquinho. Dizem que êle só sabe tocar **Amélia** e mais duas músicas e que êsse pobre repertório é "assassinado" em seu instrumento.

Mas Vinícius de Moraes o justifica:

— Oscar faz melodias de concreto.

"Quando bela, arquitetura é arte"

Um pequeno prédio para uma instituição de caridade, no Rio, foi seu primeiro trabalho. Ainda não se formara, mas já era ousado. O projeto custou-lhe as primeiras incompreensões. Quando percebeu que iam desfigurar a obra, arrumou dinheiro e custeou a fachada tal qual planejara.

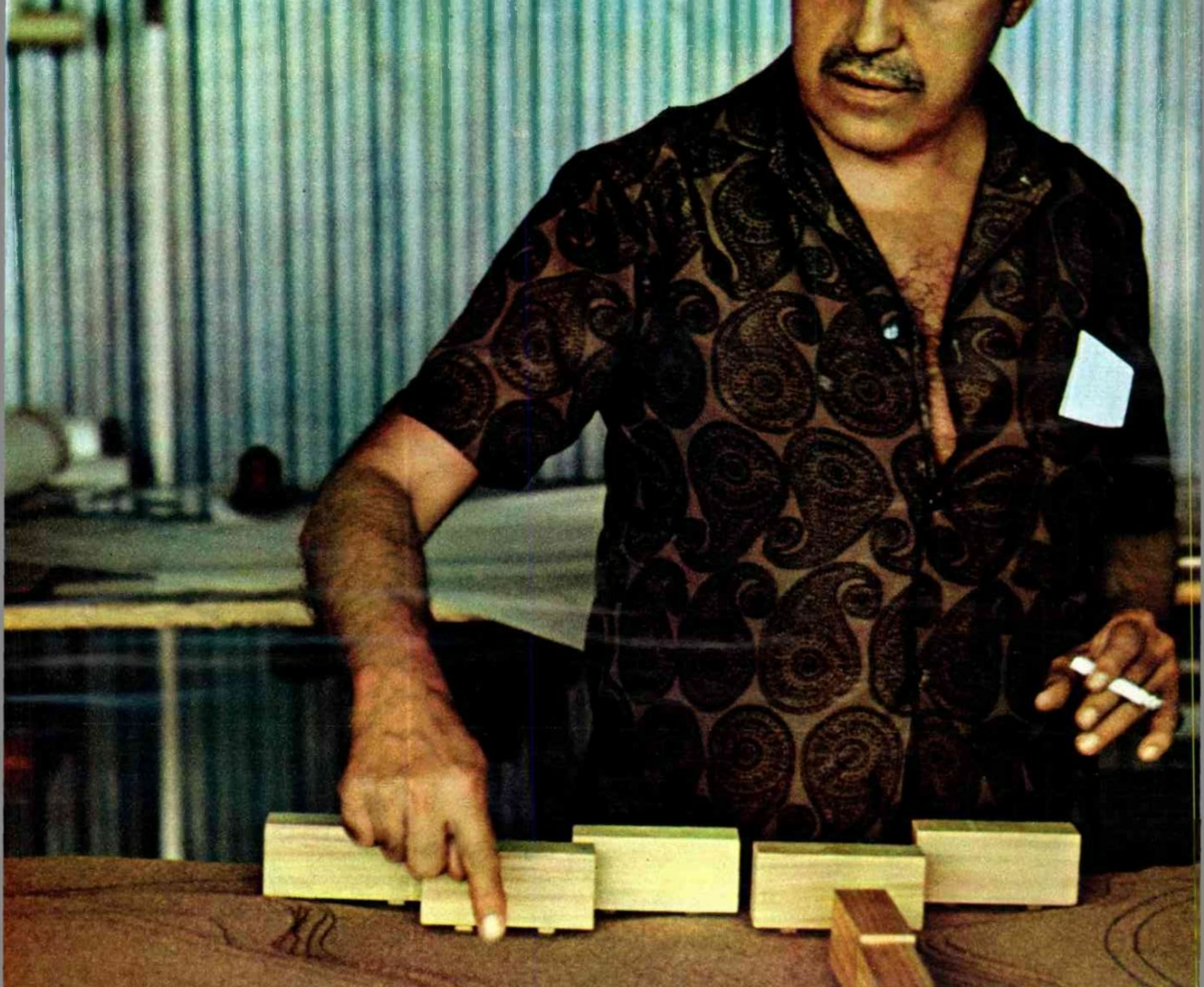
Era 1934, ano da sua formatura. Oscar, então, já havia definido para si a palavra arquitetura:

— É a arte de construir. Fazer abrigos para o homem, dar confôrto e ambiente adequado às suas atividades: eis a sua função específica. Se atinge nível superior, se é bela e criadora, a arquitetura passa a constituir obra de arte.

Trinta e três anos depois, quando o Brasil forma apenas cêrca de 300 arquitetos por ano, que não se integram devidamente na vida e no desenvolvimento nacionais — e êle sabe que a classe sofre com o desemprêgo e a inatividade — Oscar reclama um lugar para êsses homens.

— O Brasil é imenso e nêle tudo ainda está por construir. Nossa meta urgente é ocupá-lo e levar o progresso às áreas abandonadas.

SEGUE



Informações para quem pensa que TERGAL é muito caro:

Há artigos Tergal confortáveis e agasalhantes para o inverno, e leves e refrescantes para o verão.

De acôrdo com o processo que são fabricados, com a sua mistura, êles guardam os aspectos e as qualidades da lã, do linho, da sêda, do tropical, do shantung, do algodão, do rami – sem nenhuma das suas desvantagens.

São artigos leves ou pesados, lisos ou estampados, que só recebem a etiquêta de garantia se atenderem a tôdas as exigências dos nossos Laboratórios de Qualidade e se provarem ter um resistência quase inacreditável ao uso.

É por isso que os artigos Tergal agüentam ser lavados umas 50 vêzes e, mesmo depois disso, ainda permanecem com aparência muito melhor do que qualquer artigo comum completamente nôvo. E podem ser usados, massacrados, que voltam ràpidamente ao natural, recuperando o caimento impecável.

Artigos assim são quase perfeitos. É claro que precisam custar um pouco mais do que os artigos comuns.

O que não quer dizer que os artigos Tergal sejam caros. Êles custam o preço justo.

Até o professor que ensinou o Tio Patinhas compreende isso.

A etiquêta é esta:

ndard Propaganda

Um jovem chamado Juscelino ia lançar a sua arte

NIEMEYER
CONTINUAÇÃO

Essa tarefa, que compreende estradas, pontes, barragens, cidades, exige a participação do arquiteto. A êle caberá organizar os planos regionais, projetar cidades e povoados, estabelecer, conforme as condições de cada zona, a arquitetura pioneira que o momento reclama.

Ao lado da simplicidade espontânea, Oscar deixa transparecer a solidez dos homens que sabem o que querem. Suas mãos ajudam sempre as frases com gestos seguros. Os dedos desenham figuras no ar enquanto fala: se cruzam e se descruzam, e no momento seguinte colam-se à cintura, numa atitude característica.

"Você faz
o projeto para amanhã?"

Dois anos depois de formado, Oscar integrou a equipe que projetou o Ministério de Educação, no Rio, grupo chefiado por Lúcio Costa, a quem substituiu em 1939. Ainda nesse ano, com Lúcio e Paul Sidener, projetou o pavilhão brasileiro na Feira Internacional de Nova Iorque.

Mas a primeira grande oportunidade veio em 1940, quando o seu amigo Rodrigo Mello Franco de Andrade, homem que dedicou a vida ao patrimônio histórico e artístico do Brasil, apresentou o jovem arquiteto ao jovem médico que era o prefeito de Belo Horizonte.

Prefeito e arquiteto conversaram. Aquêle tinha sonhos; êste, as formas.

— Você seria capaz de fazer o projeto até amanhã? — perguntou o prefeito.

A luz do apartamento de Oscar, no Grande Hotel, varou acesa a noite tôda. Na manhã seguinte, entre feliz e surpreendido, e prefeito recebia o esbôço das obras: a Igreja de São Francisco, o Hotel da Pampulha, o restaurante, a casa de baile, o cassino o Iate Clube — conjunto que tornou dois nomes definitivamente conhecidos: o de Oscar e o do prefeito de Belo Horizonte: Juscelino Kubitschek.

"Tem as montanhas
do Rio dentro dos olhos"

O brasileiro que esfregava as mãos tremendo de frio, numa esquina da Quinta Avenida naquela tarde de fevereiro de 1947, aguardava com impaciência um homem 20 anos mais velho que êle, seu líder paternal. Oscar esperava Le Corbusier, ambos chegados havia pouco a Nova Iorque, os dois convidados para integrar a comissão de dez arquitetos que elaboraria o projeto da sede das Nações Unidas.

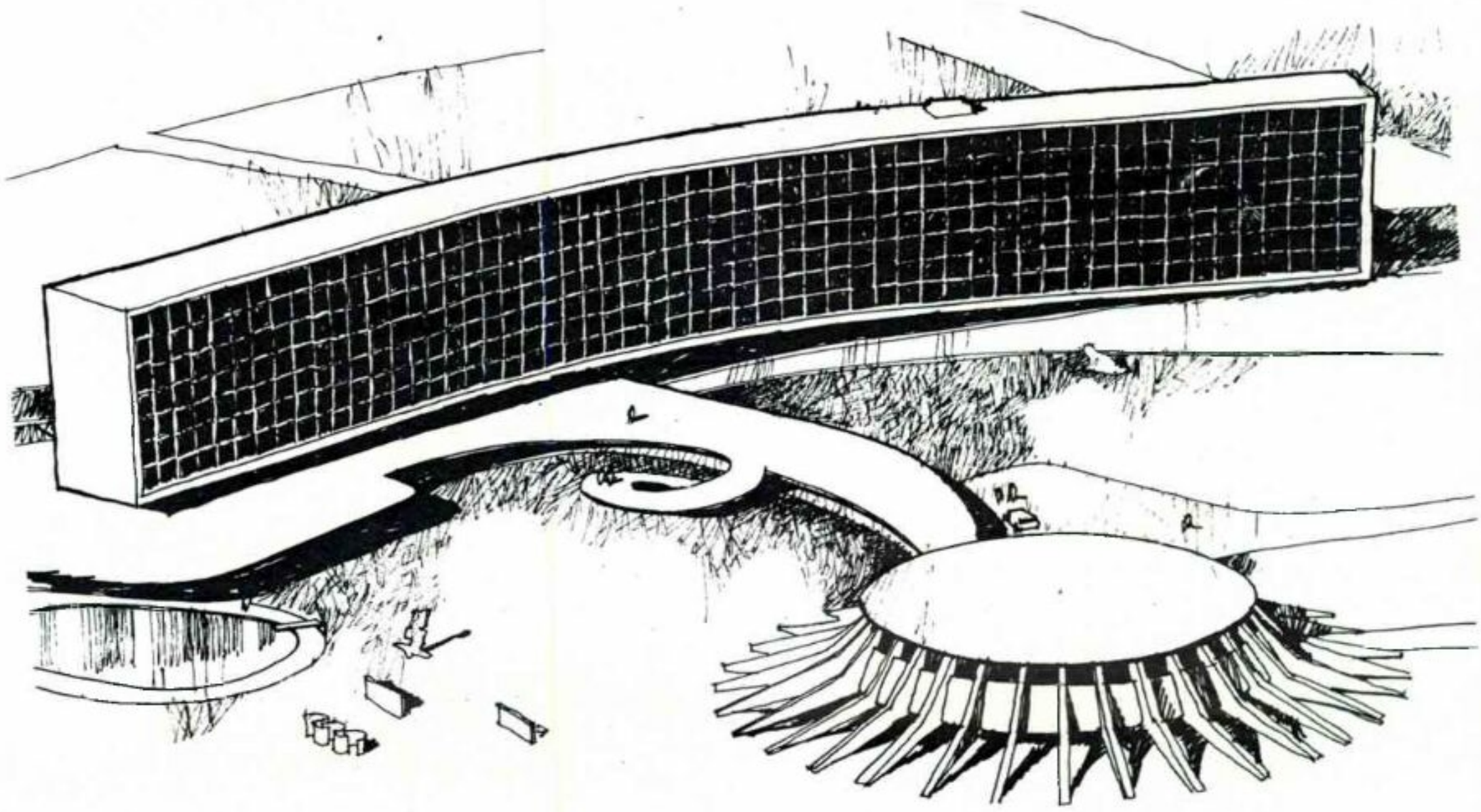
Diante do brasileiro friorento, Le Corbusier teve um só gesto: tirou seu casaco e colocou-o sôbre os ombros de Oscar, dizendo:

— Sinto-me um pouco como São Francisco.

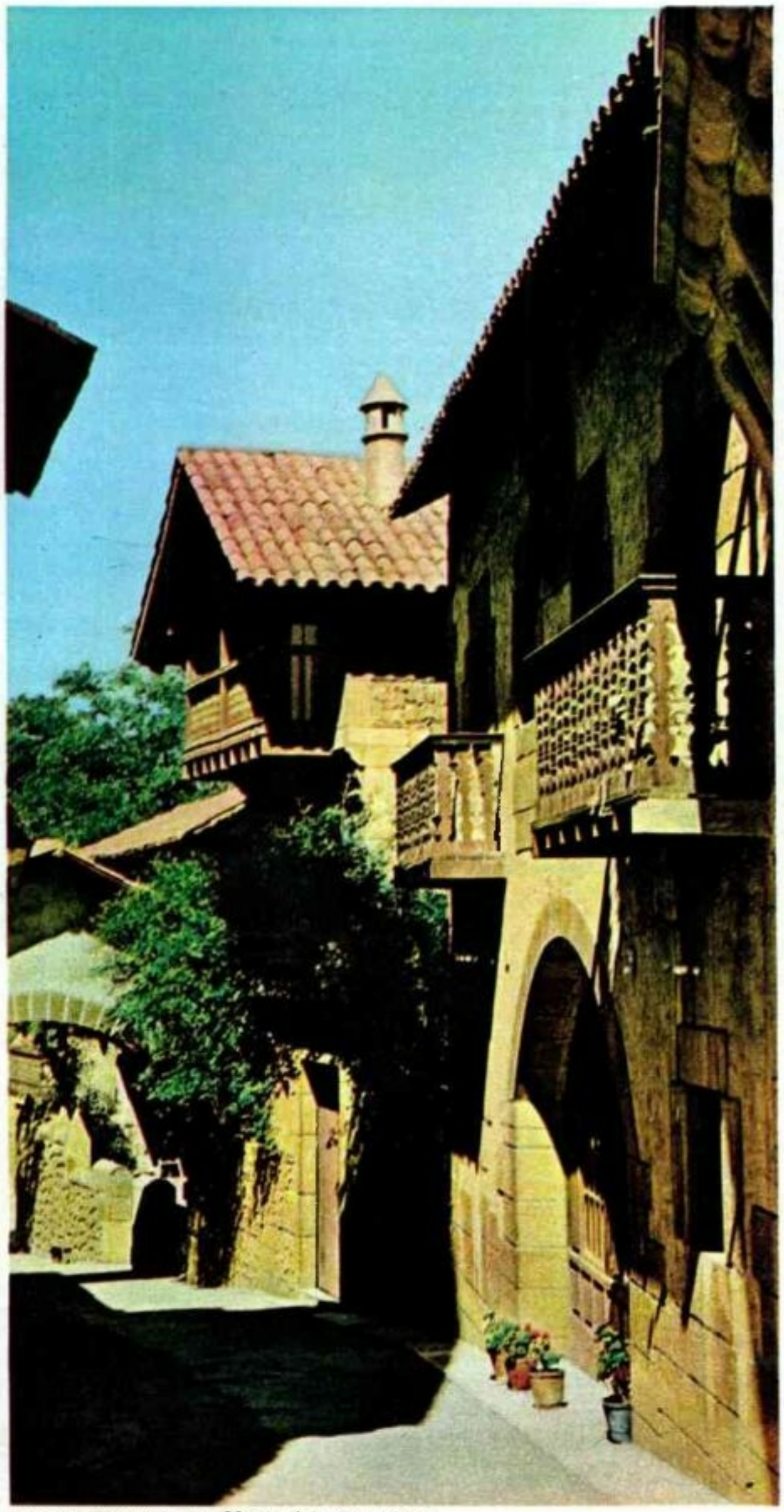
Cada um dos dez arquitetos deveria apresentar um projeto pessoal. Oscar resistiu. Achava que a elaboração deveria ser entregue a Le Corbusier. Pressionado, porém, por Harrison, o arquiteto norte-americano que presidia a comissão, e pelo próprio Le Corbusier, em apenas três dias formulou seu projeto. Foi escolhido. Em seguida, atendendo a ponderações de Le Corbusier, introduziu algumas modificações. Ambos chegaram a elaborar em conjunto um projeto único, que deveria ter sido definitivo mas que viram, afinal, ser lamentàvelmente alterado.

Durante sua permanência em Nova Iorque, Oscar ficou muito amigo de Corbusier: almoçavam juntos, trabalhavam juntos, discutiam juntos. Um dia, ao examinar fotografias de outros projetos de Oscar, Le Corbusier sentenciou:

— Você tem as montanhas do Rio dentro dos olhos. SEGUE



Para os portuguêses, Oscar Niemeyer projetou na Ilha da Madeira, êste enorme cassino, uma de suas últimas obras.



Pueblo Español, em Montjuich, Barcelona

Park Avenue, em Nova York

Com uma passagem da Pan Am à Europa você ganha um pequeno extra: Nova York!

A Europa é um sonho realizado. E quando fôr para lá, você pode realizar outro sonho: parar em Nova York.

Voe direto do Rio. Também podemos levá-lo de São Paulo, Brasília e Belém.

Quando tiver provado o melhor de Nova York, continue para a Europa. De Nova York nossos Jatos podem levá-lo a 27 cidades européias. Faça o que experimentados viajantes fazem. Veja tudo com a *mesma* passagem. Se está pensando na Espanha, por exemplo, sonhe mais. Por menos de 48 dólares* sôbre o preço de uma viagem comum de ida e volta do Brasil a Barcelona, nós o levamos a Lisboa, Madrid, Paris, Londres e... claro, Nova York!

Seu Agente de Viagens pode ajudá-lo a planejar. Chame-o. Ou a nós. Depois, voe sabendo que escolheu o melhor: a linha aérea de maior experiência do mundo. É uma ótima sensação.

Rio de Janeiro: Avenida Presidente Wilson, 165-A — São Paulo: Rua São Luís, 29 — Escritórios também em: Brasília, Belém, Belo Horizonte, Recife, Pôrto Alegre.

* Classe Econômica

A Linha Aérea de Maior Experiência do Mundo

Primeira na América Latina... Primeira sôbre o Atlântico...
Primeira sôbre o Pacífico... Primeira ao redor do mundo!

73.191

Ganha 650 cruzeiros por mês e mora numa vila popular

NIEMEYER
CONTINUAÇÃO

Faz o barroco com o concreto armado, mas o faz muito bem.

No mesmo ano de 1947, em que Oscar integrava a equipe que projetaria a ONU, o govêrno brasileiro cancelava o seu contrato, para o projeto do Centro Técnico de São José dos Campos, que êle obtivera através de concurso. A ideologia do autor fôra a razão do cancelamento: divulgou-se amplamente na época uma fotografia em que êle aparecia vendendo o jornal **Imprensa Popular,** órgão do Partido Comunista.

Vinte anos passados, pairam ameaças sôbre seu projeto para o aeroporto de Brasília. Alegação dos adversários: não é linear, nem extensível. Resposta de Oscar:

— Um aeroporto moderno não deve ser linear, nem extensível no rigor da palavra. Deve, sim, ser multiplicável, desdobrável em diversas estações de passageiros.

"Não sou o construtor de Brasília"

Antes da manhã de sol em que o presidente Juscelino Kubitschek foi buscá-lo para ser o arquiteto de Brasília, Oscar já tinha feito dezenas de projetos importantes. Entre êles o Museu de Arte Moderna de Caracaras e o conjunto do Ibirapuera, em São Paulo.

Desde o dia em que o presidente o apanhou no portão de casa, na Estrada da Gávea, passou a viver Brasília tanto quanto Juscelino.

Num pequeno livro que escreveu sôbre sua experiência em Brasília, Oscar afirma que lembra, "com admiração, do entusiasmo com que Juscelino Kubitschek conduziu o empreendimento durante três anos, lutando contra a oposição mais obstinada".

Juscelino, por sua vez, já declarou em mais de uma ocasião:

— Ao empreender a mais arrojada obra de urbanismo e arquitetura de nossa história, não vacilei um só instante em incumbir Oscar Niemeyer dos projetos dos edifícios públicos e a supervisão da parte arquitetônica da nova Capital.

Oscar vive em Brasília até hoje. É membro do Conselho de Arquitetura e Urbanismo da cidade, trabalha em uma sala acanhada na sobreloja do edifício do DASP e ganha agora NCr$ 650,00 por mês. Construiu para a filha uma casa desconcertantemente colonial e mora numa casa de um conjunto de casas populares.

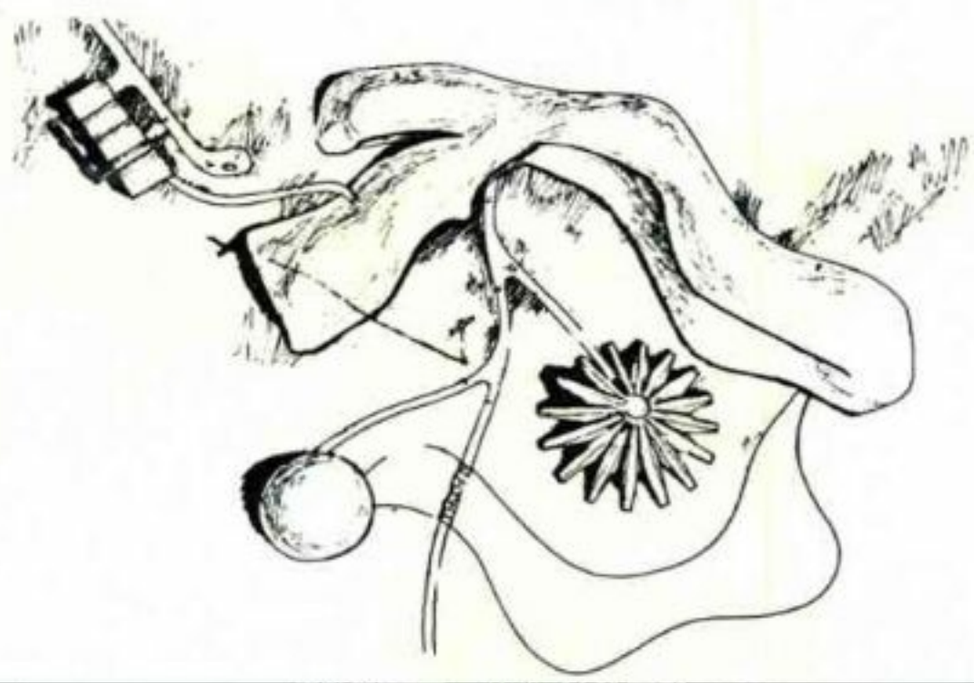
Foi dos primeiros a pisar o lugar escolhido para erguer a cidade e quando se viu obrigado a mudar-se para lá sentiu-se um desbravador. Fêz parte da comissão que escolheu o plano de Lúcio Costa, o urbanista de Brasília.

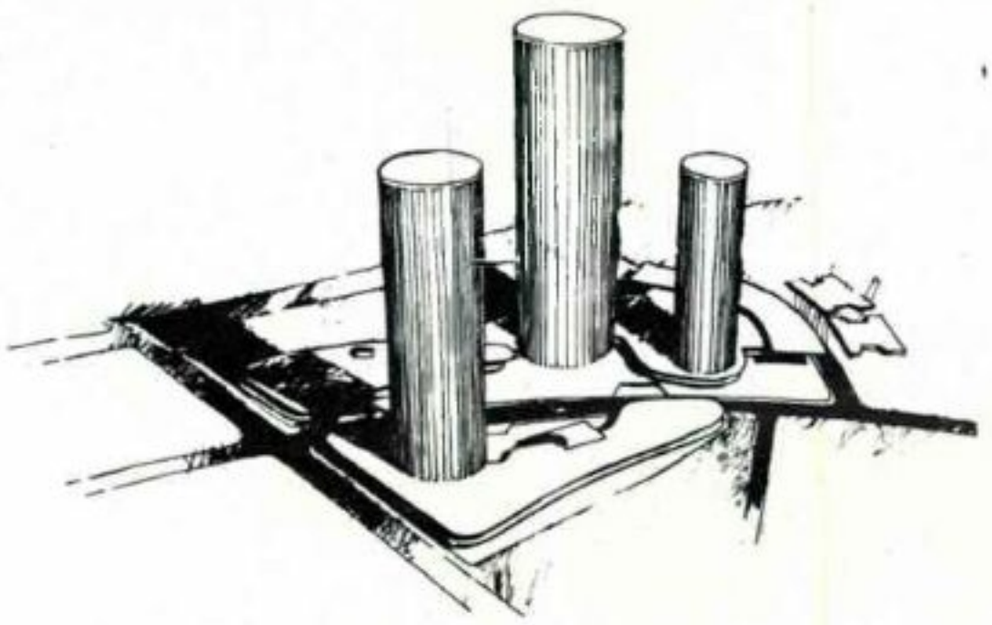
Em Paris, há dois anos, quando percorria a exposição retrospectiva de sua obra, realizada no Museu de Arte Decorativa do Louvre, surpreendeu-se com um cartaz que dizia: Oscar Niemeyer, o arquiteto de Brasília. Imediatamente, pegou a caneta e escreveu sôbre uma fotografia gigantesca da praça dos Três Poderes:

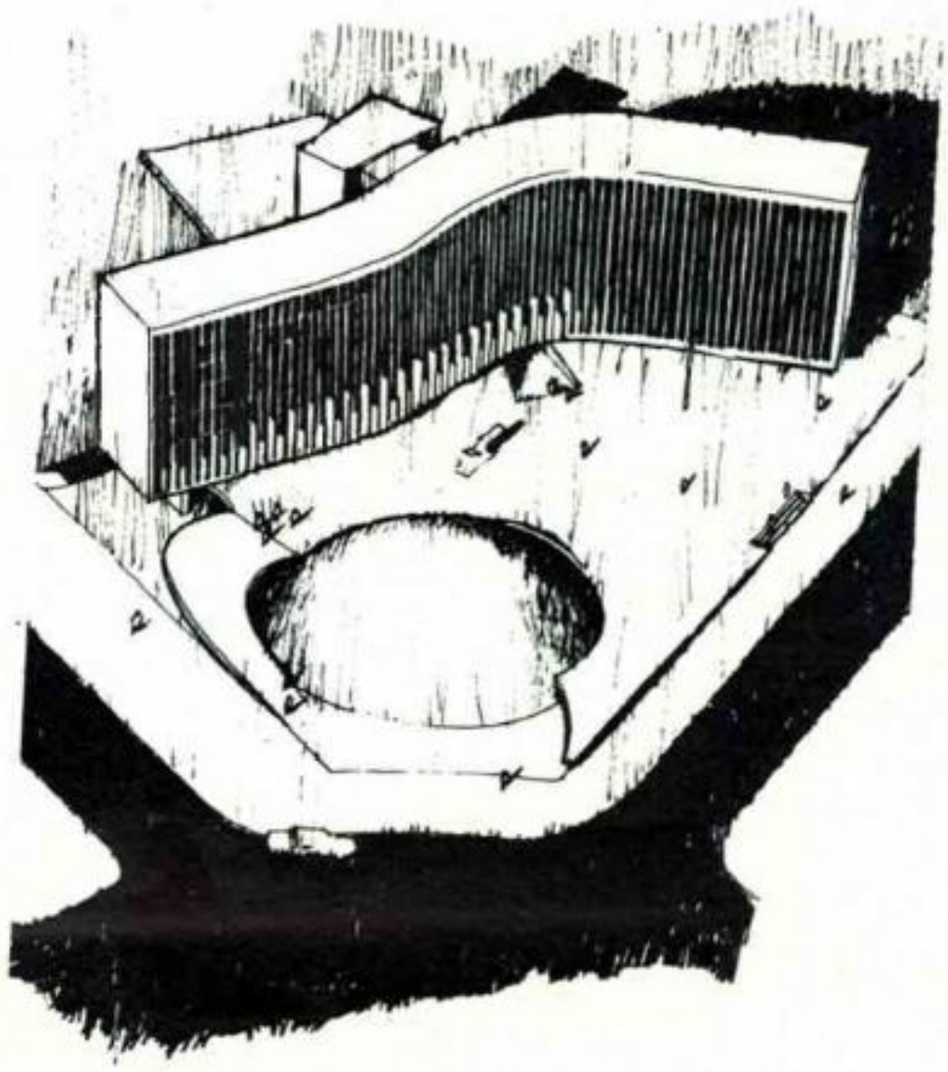
— Não me importa dizerem que sou o arquiteto de Brasília, se ao mesmo tempo disserem que Lúcio Costa é o seu urbanista. A êle coube a tarefa principal: projetou a cidade, as ruas, as praças, os volumes e espaços livres. Minha colaboração foi mais modesta, apenas os palácios governamentais. Não sou o construtor de Brasília. Construíram-na o entusiasmo de Juscelino Kubitschek, a perseverança de Israel Pinheiro e milhares de operários, que, anônimos, por ela se sacrificaram mais que todos nós.

Ao atravessar de automóvel a Brasília de hoje, Oscar não se esquece dos primeiros tempos, da rêde de dormir armada entre duas mangueiras e, depois, de sua primeira casa cujo mobiliário não ia além de uma cama, um caixote, um armário, mais o sofá, a mesa e quatro cadeiras.

SEGUE







Acima, convento dominicano (França); abaixo, conjunto residencial e comercial (Israel); ao lado, sede do PC francês.

Em 12 de junho de 1951 fizemos a primeira revolução. Agora começamos a segunda.

Ultima Hora
- um nôvo jornal!

Quando completamos 16 anos, saímos com outra Ultima Hora: um jornal inteiramente nôvo, com nova redação, nôvo aspecto gráfico, nova mentalidade. Renovamos agora a mesma revolução que provocamos, ao nascer, na imprensa brasileira. De nôvo na vanguarda do jornalismo moderno, conservamos sòmente o que havia de melhor na velha Ultima Hora: o título e a coragem.

Construiu Brasília pensando em forma, sonho e poesia

NIEMEYER
CONTINUAÇÃO

Aos poucos, a cidade de Lúcio Costa foi saindo de suas mãos. Hoje está tão grande que acontecem coisas assim: uma noite, em que o esperavam com uma festinha em casa de amigos, teve que telefonar:

— Aqui é o Oscar. Estou procurando sua casa há meia hora. Como é que a gente faz para chegar aí?

"Poeta: está é a praça dos Três Poderes"

Já vão longe os tempos em que, com os companheiros, tomava à noite o caminho da cidade livre, onde no Olga's Bar — misto de boate de interior e **saloon** de **far-west** — se podia assistir a um baile carregado de álcool e fumaça e, vez por outra, uma briga valente e inesperada.

Em Brasília, realizou sua maior obra: a praça dos Três Poderes. As lendas que correm para lhe realçar a pretensa timidez ou secura contam que, no centro da praça, quando a mostrava ao poeta cubano Nicolas Guillen, pronunciou esta apresentação simplória:

— Poeta, esta é a praça dos Três Poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário.

Mas o Osar de carne e osso é diferente do Oscar da lenda. E diante do Palácio dos Arcos, sua recente obra em conclusão, apontando para a praça dos Três Poderes êle fala com desenvoltura, sublinhando cada frase com um gesto:

— Brasília não pode ser encarada apenas sob o ponto de vista urbanístico e arquitetônico. Sua função principal, que atingiu plenamente, foi levar o progresso e a civilização às regiões em abandono. Hoje, graças à nova Capital, o Brasil é conhecido aqui e no estrangeiro. No estrangeiro pelo que ela representa como cidade moderna. Aqui, pelas estradas que criou, permitindo-nos conhecer melhor o Brasil.

Na criação dos palácios, êle se preocupou também com a atmosfera que as construções dariam à cidade:

— Não a pretendia fria e técnica, com a pureza clássica, dura, já esperada das linhas retas. Desejava vê-la, ao contrário, cheia de formas, sonho e poesia. Formas novas, que surpreendessem pela leveza e liberdade de criação. Formas que não pesassem no chão, como uma imposição técnica, mas que mantivessem os palácios como que suspensos, leves e brancos, nas noites sem fim do Planalto.

Oscar Niemeyer fugiu das festas da inauguração de Brasília, mas foi visto, mais de uma vez, misturado com o povo, como que descobrindo a cidade que ajudara a criar. Depois, foi-se mantendo em Brasília, com o pequeno ordenado da Prefeitura, curvado à prancheta, de onde, um a um, foram saindo os projetos do Palácio dos Arcos, Estádio Nacional, Ministério da Justiça, Touring Clube, Universidade.

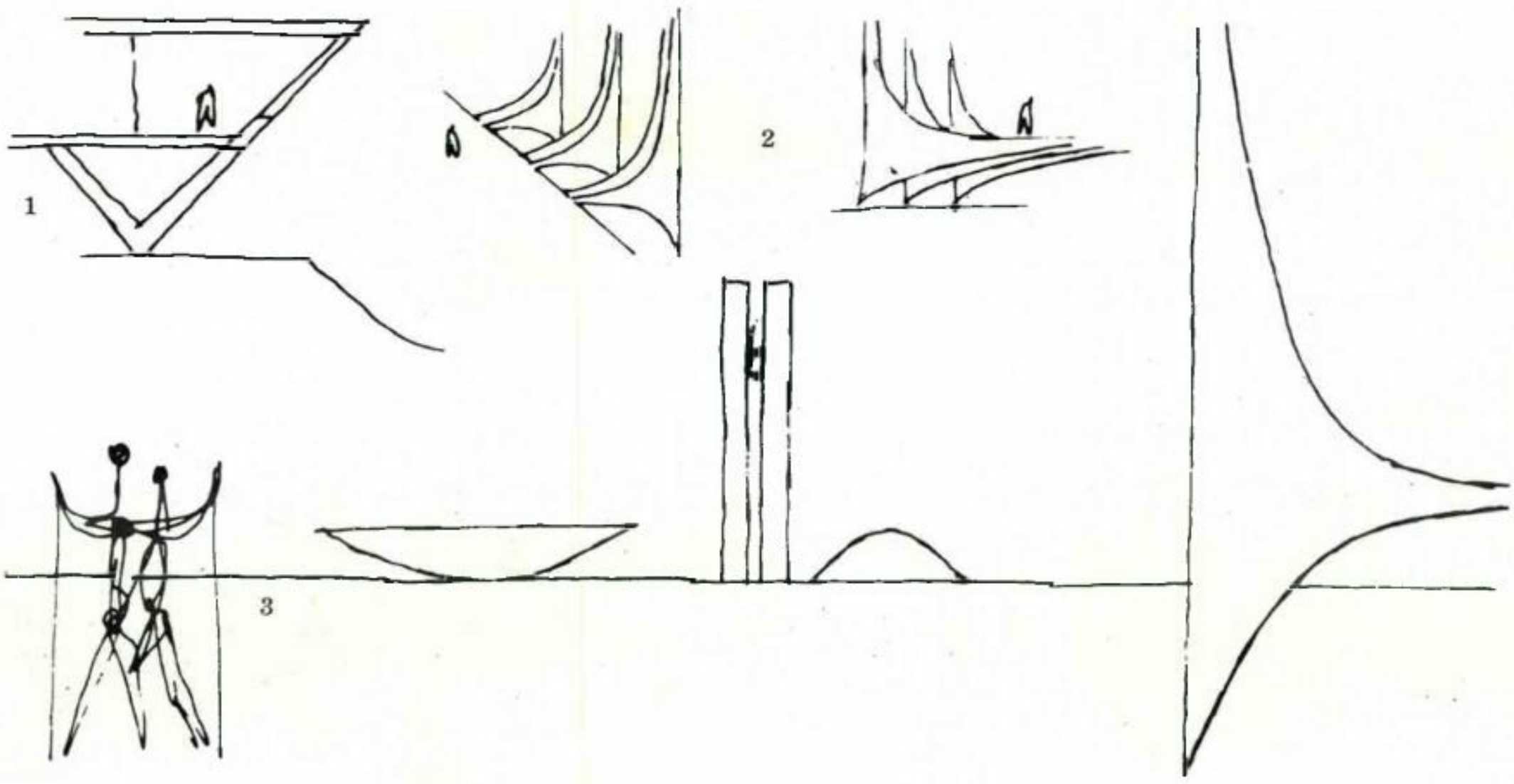
Tanto quanto a cidade, a Universidade o apaixonou. Projetou os edifícios principais e, em seguida, dirigiu como coordenador a Escola de Arquitetura. Alí, pela primeira vez na história da universidade brasileira, se implantou o Instituto Central de Ciências, dando unidade e eficiência aos laboratórios. Há saudade e amargura na sua voz, quando lembra a Universidade de Brasília:

— Foi uma grande experiência: a criação dos institutos básicos, o professor contratado, levando ao aluno apoio e assistência — um exemplo para o nosso ensino.

E depois, se queixando, ao lembrar a crise por que passou a Universidade:

— Revoltava-nos tanta inconsciência, num país onde falta o cientista, o técnico e o professor; revoltava-nos, sobretudo, ver a juventude desprezada. Nunca voltaria para a Universidade sem os 200 companheiros que comigo a deixaram e que hoje, espalhados pelo mundo, levam a outros jovens a palavra que nossos estudantes reclamam.

SEGUE



1) Com as fachadas inclinadas, Niemeyer criou grandes áreas descobertas e cheias de sol. 2) Niemeyer diz que as colunas recurvadas, acabando em pontas, dão leveza às obras, que parecem apenas tocar o solo. 3) "Na concepção dêsses palácios — diz Niemeyer — preocupou-me também a atmosfera que dariam à praça dos Três Poderes. Não a queria fria e técnica, com a pureza clássica, dura, já esperada das linhas retas. Desejava vê-la plena de formas, sonho e poesia."

...precisamos arranjar as laranjas, o abacaxi, o morango, suco de cereja, limão e uma folhinha de hortelã. Depois, junta-se...

Olha, pra ficar mais fácil, está aqui o Drops Misto DULCORA. Tem todos êsses sabores - e só dá o trabalho de abrir! Tá?

Reclam

DULCORA MISTO

um produto de qualidade dulcora - a delícia que o paladar adora

chocolate DULCORA s. a.

Não olha do alto de suas obras: tem mêdo

Deixando a Universidade de Brasília, Oscar voltou a correr mundo. Até 1962, fôra apenas aos Estados Unidos, para o trabalho do edifício da ONU, à Venezuela, onde projetou o Museu de Caracas, e à Alemanha, para projetar o bloco habitacional de Berlim.

"Se fôsse avião estaríamos todos perdidos"

A partir de 1962, assistido por dois companheiros — o alemão Hans Muller e o francês Guy Dimanche — correu vários países e criou diversos outros projetos. Muller veio para o Brasil há dez anos e, desde então, trabalha com Oscar, que o considera o auxiliar mais eficiente. Dimanche chegou ao Brasil num barco a vela, aqui viveu durante 15 anos e retornou à França, onde Oscar o reencontrou e integrou na sua equipe.

O mêdo de avião marca tôdas as viagens de Oscar. É um mêdo sem origem conhecida, inexplicável. Oscar não sobe sequer em elevador de obra, não olha em terraço de edifício, nem se debruça em janela alta. Mêdo de velocidade não tem: possui um Saab 57, um Alfa Romeo 58 e fama de pé pesado no acelerador. Nos tempos de Brasília, teria avião à sua disposição se quisesse. Não queria. Por causa disso, descobriu muitos caminhos para a Capital em construção, antes que as estradas de verdade fôssem abertas.

Já sofreu vários acidentes de automóvel. Dois graves. Num dêles, jogado fora do automóvel, ergueu-se, ferido, e dando de cara com os companheiros de viagem, todos machucados, explodiu:

— Se fôsse avião nós estaríamos todos perdidos. Não tinha sobrado ninguém.

"Num "kibutz" senti o embrião da cidade exemplar"

Um plano de urbanização do Algarve e um cassino na Ilha da Madeira, em Portugal; a urbanização em Grasse, a sede do Partido Comunista Francês e o Centro Internacional dos Padres Dominicanos, na França; a Exposição Internacional de Tripoli, no Líbano; a Universidade de Haifa, uma cidade no deserto de Negev; os conjuntos urbanos Nordia e Panorama e um conjunto habitacional na Cesarea, em Israel; eis seus últimos principais trabalhos no exterior.

De Israel, guarda as melhores recordações:

— Lá, visitei um **kibutz** e nêle senti o embrião da cidade exemplar. Ali o dinheiro perde o sentido odioso, transformando-se num simples objeto de troca. E os homens, sem distinção de classe, aproximam-se para os problemas comuns, revezando-se nas tarefas mais diversas que o **kibutz** oferece.

Como será a cidade ideal, para êsse que já projetou e trabalhou na construção de muitas? Oscar tem a resposta pronta:

— Uma cidade, deve ser humana e igual para todos, refletindo a técnica mais apurada, preparada para a ciência que a tudo domina e modifica. Vejo-a em altura, com grandes tôrres a se perderem nas nuvens. Aí, ficam as habitações; embaixo, os locais de trabalho, educação e cultura. Terá população fixa e pequena. Entre as habitações ficarão os locais de recreio e descanso. Ao longo do eixo que as disciplina, as zonas de indústria e pesquisa, os campos de cultura, os aeroportos e as plataformas espaciais.

Oscar fala dêsses sonhos com a convição dos que acreditam.

"Isto aqui é uma desordem só"

O telefone no seu estúdio de Copacabana, quando êle está no Rio, toca repetidamente. Oscar termina cada frase antes de ir atender.

SEGUE

URUGUAI

ARGENTINA

POR PREÇOS BEM MENORES * E COM 10 MÊSES PARA PAGAR

Procure, hoje mesmo, o seu agente de viagens e informe-se sôbre as tarifas da PLUNA. V. ficará agradavelmente surpreendido em saber como é simples e barato viajar para o Uruguai ou a Argentina.

*** TARIFA TURBO-HÉLICE**

PLUNA

primeras líneas uruguayas de navegación aérea

Rio: Av. Rio Branco, 156 - g/ 616
Tel.; 42-5793

São Paulo: Praça da República, 199
Tel.: 35-4348

gb publicidade

Antes de cada encontro

Arme-se com Royal Regiment
austera e nova
fragrância de Max Factor,
vigorosa e refrescante.
Loção Após Barba e Colônia.

Royal Regiment
de Max Factor

© 1981 MAX FACTOR & CO. TODOS OS DIREITOS RESERVADOS PELA CONVENÇÃO INTERNACIONAL DE DIREITOS AUTORAIS

Procure pela àrvorezinha

Você a encontrará nas capas das revistas Claudia, Manequim, Capricho, Ilusão, Noturno, Contigo, Grandes Romances, Supernovelas, Realidade, Quatro Rodas, Transporte Moderno, Máquinas e Metais, Química e Derivados, Zé Carioca, Pato Donald, Mickey, Almanaque Tio Patinhas, e Intervalo

Revistas que você lê com prazer. Revistas que você pode levar para casa. Revistas que educam, entretêm; revistas feitas pensando-se em você. EDITÔRA ABRIL

O Oscar de verdade não é o da anedota

— É o embaixador do Chile — avisa José, misto de recepcionista, secretário e telefonista.

— Um telegrama de Miami.

— Daqui a meia hora Portugal estará na linha.

E Oscar responde a todos. A camisa esporte não tem alguns botões, as calças são as mesmas desde segunda e já é sexta, o sapato reclama graxa, o relógio frouxo dança no pulso, os óculos de ler estão esquecidos sôbre a mesa. O estúdio, na cobertura de um edifício da avenida Atlântica, é pobre, dividido com fôlhas de zinco, meio desordenado, as paredes rabiscadas.

— Isto aqui é uma desordem só — desculpa-se.

Levantar cedo, varar o dia trabalhando, se enfiar pela noite curvado sôbre desenhos, assim é o seu roteiro. Arroz com feijão, nas refeições, seguidos de um charuto é o seu luxo. No correr do dia fuma dois maços de Lincoln. Às vêzes bebe um uísque. Faz tempo que não toca seu cavaquinho e que não se reúne com os amigos: Vinícius, Di Cavalcanti, Joaquim Cardoso (seu calculador de estruturas), Noel Nutels (médico indianista).

"A vida é mais importante que a arquitetura"

Êste homem sem ambição material, que nos últimos quatro anos ganhou mais de 100 mil dólares por ano, mas foi incapaz de guardar um vintém, que já fêz 52 projetos sem apresentar conta, que se confessa pobre e que precisa trabalhar para viver, gosta de ler e lê muito: Sartre, Kamus, Kafka, Jorge Amado.

— Agora estou lendo Vieira. É o padre Antônio Vieira.

Os estudantes de arquitetura que vêm procurá-lo, olham-no com admiração. Sua obra personalíssima o transforma num exemplo para os novos. Da mesma forma que o arquiteto espanhol Antônio Gaudi, precursor da obra de Le Corbusier, é difícil enquadrar Oscar Niemeyer dentro de escolas, tendências ou estilos. E é Gaudi que êle cita numa mensagem aos jovens:

— Se a arquitetura o atrai, siga-a com a liberdade e a pureza de Gaudi e, como êle, faça o que sua fantasia sugerir. Não se preocupe com os críticos. Lembre-se que não são os arquitetos de talento que exercem a crítica de arquitetura, embora por vêzes ela os envolva, limitando e vulgarizando seus trabalhos. Seja modesto, não tenha receio de errar e a liberdade de concepção estará com você. Ao iniciar um projeto, estude com atenção os problemas que traz, sua finalidade e características. Isso fixará o caminho a seguir e as liberdades ou limitações que a obra exige. Não se apresse: deixe seu subconsciente trabalhar um pouco por você. E, finalmente, lembre-se que um arquiteto é um homem como todos os outros; que a vida é muito mais importante que a arquitetura; e que dela e dos seus problemas você deve participar.

O Oscar destas frases é diferente do Oscar da anedota, aquêle Oscar imprevisível de quem se contam histórias como esta: tendo ido acompanhar um grupo de espôsas de personalidades importantes da República numa visita a Brasília, uma das mulheres, velhinha e faladeira, fêz a seguinte observação:

— O senhor não acha êste palácio muito branco?

— Acho, minha senhora — respondeu o arquiteto.

— O senhor não acha que Brasília é tão clara que o branco dessas colunas fere a vista? — insistiu a velhinha.

— Acho, sim, minha senhora.

— O senhor não acha, então, que deveria ter feito essas colunas mais escuras? Digamos, cinzentas?

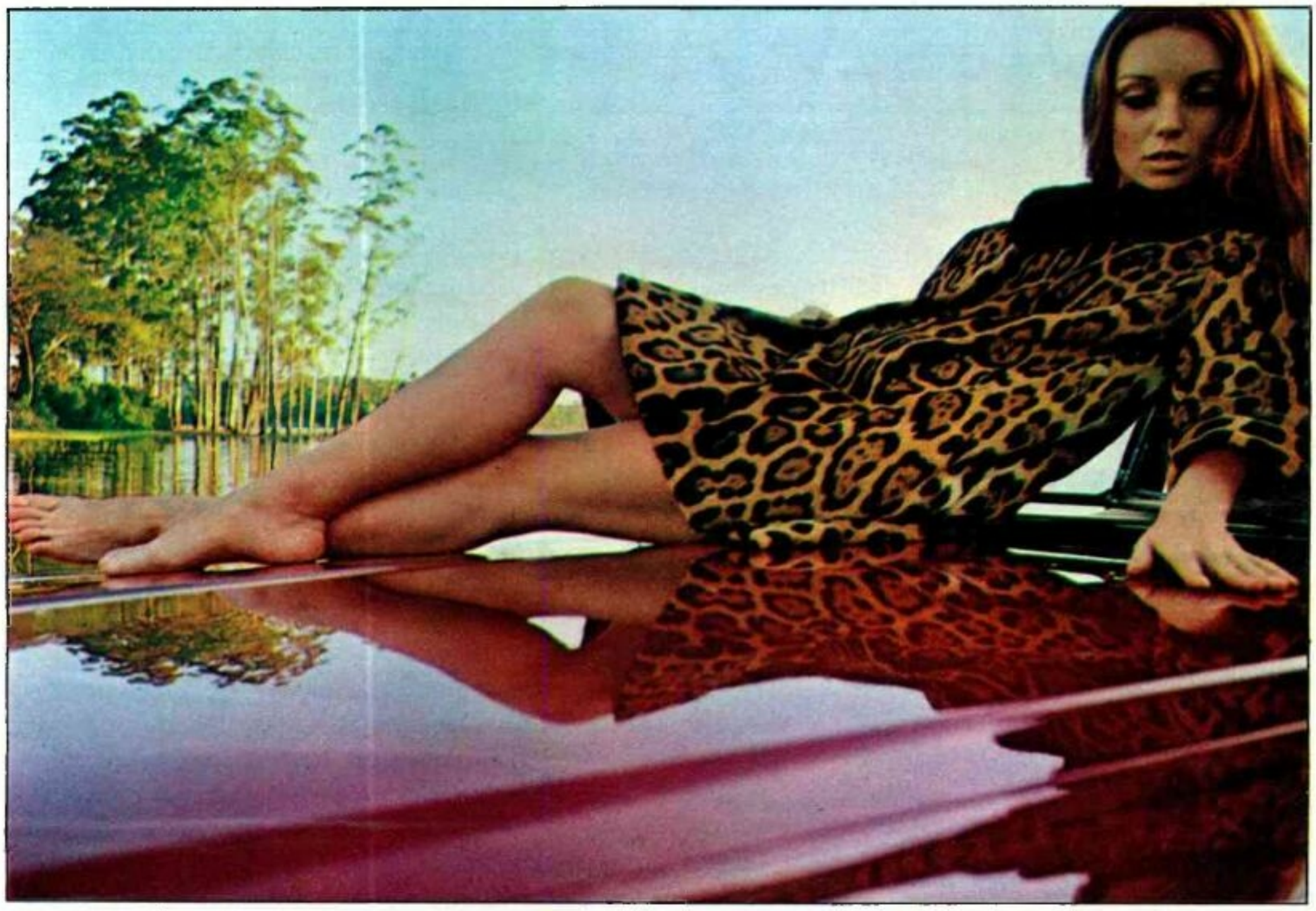
—Acho, minha senhora.

— Então — retorquiu vitoriosa a velhinha — por que o senhor as fêz brancas?

E Oscar:

— Só pra chatear, minha senhora.

FIM



SE VOCÊ NÃO GOSTAR DE QUATRO RODAS DE JULHO, SÓ LHE RESTAM DOIS CAMINHOS:

OCULISTA PSICANALISTA

DEVEMOS FABRICAR BOMBA ATÔMICA?

SIM Porque a tecnologia necessária à fabricação de uma bomba atômica é a mesma que se utiliza para fins pacíficos, objetivando o desenvolvimento. Impõe-se, neste setor, uma política nacionalista. Para nós, que lutamos por um mundo melhor, não há outra alternativa: é impossível o humanismo sem desenvolvimento; o desenvolvimento sem tecnologia; e jamais teremos tecnologia própria sem uma política nacionalista. Não podemos esperar favores nem depender da tecnologia alheia, e ficar sujeitos ao contrôle de outros povos e outros interêsses. Num mundo dividido em nações, renunciaremos a essa categoria e aceitaremos a condição de senzala, se não tivermos uma definida consciência nacional. Temos como poucos as condições para sermos uma grande potência. Não nos faltam técnicos de valor, principalmente no setor nuclear, e dispomos de reservas apreciáveis de minerais atômicos. Poderemos, pois, atingir tranqüilamente o progresso que a ciência moderna promete aos povos capazes e corajosos. Livremo-nos dos complexos coloniais e de inferioridade e seremos uma das maiores nações do mundo. Para isso urge libertarmo-nos da subserviência de alguns e da ignorância de muitos. Só não seremos o que todos sonham se não quisermos ou não soubermos. Não vemos razão para que os povos que ainda não possuem armas atômicas — por iniciativa da Rússia e dos Estados Unidos, que já as têm — assumam compromisso de não construí-las, quando os outros não desistem de continuar a fabricá-las. É a tentativa de paralisar a nossa procura de desenvolvimento. Estamos na civilização atômica. Se perdermos a corrida, renunciaremos, definitivamente, às nossas possibilidades de plena realização. Somos pacifistas mas não abrimos mão de estudos e manipulações científicas que se entrelaçam, quer para fins bélicos ou pacíficos. No mundo atual, para o país ser respeitado, e estar seguro, não pode ter um simples depósito de armas obsoletas. Devemos lutar também para têrmos armamento atualizado, obtido com tecnologia própria; não se compreende segurança nacional com dependência estrangeira nesse setor. E segurança nacional com armas clássicas não passa, hoje, de simples passatempo de crianças grandes. Não nos convém abandonar nenhuma linha, nenhum caminho que nos conduza ao progresso que queremos deixar aos descendentes da nossa geração.

Ivete Vargas
DEPUTADA FEDERAL
(MDB, S. PAULO)

NÃO A bomba atômica não é um elemento efetivo de segurança nacional. Seu emprêgo como argumento dissuasório, ainda que discutível, só vale no plano das duas grandes potências nucleares, que não são grandes porque têm a bomba atômica, mas têm a bomba atômica porque são grandes. Nas mãos de potências menores, a bomba atômica perde muito dêsse sentido e representa mais um risco de guerra do que uma garantia de paz. Sua presença no arsenal de países mal organizados e, portanto, sem a infra-estrutura não só militar, como civil, que dá o sentido pleno da segurança nacional, é uma tentação perigosa de querer compensar o desequilíbrio efetivo por uma ação de surprêsa. A bomba atômica adquire nesse caso um sentido de intenção ofensiva. Não vejo como qualquer razão de segurança nacional poderia levar o Brasil de hoje a uma aventura cara e ao mesmo tempo inútil. A bomba atômica também não é condição necessária para o desenvolvimento nuclear de um país. Apesar de certas pessoas — que deviam demonstrar menos ignorância e mais senso — terem afirmado que o Brasil só entrará na era atômica quando fabricar a bomba, um país pode e deve realizar seu desenvolvimento no sentido de tirar da energia nuclear os inúmeros benefícios que ela pode proporcionar, sem se empolgar pelo prestígio ilusório e perigoso de sua capacidade de fazer mal. Trabalhando para utilizar ao máximo a energia nuclear em atividades pacíficas, conseguiremos com maior economia e segurança atingir o estágio de desenvolvimento que nos permitirá, se a tanto formos obrigados, construir a bomba atômica. Nessa ocasião, o problema não será mais o desenvolvimento científico, técnico e econômico, mas simplesmente de ordem moral. E é nesse plano que está a decisão futura. Atualmente falta muita coisa ao Brasil, além da bomba atômica. Muita coisa mais simples, mais útil e menos perigosa, que nos pode ser proporcionada pela energia nuclear. E creio que, mercê de Deus, lhe falta principalmente o desejo de acrescentar aos tormentos da humanidade mais uma fonte de inquietação e desesperança.

Almirante Otacílio Cunha
PRESIDENTE DO CENTRO BRASILEIRO DE PESQUISAS FÍSICAS

Resposta à pergunta do leitor Milton Guarnieri — Recife — Pernambuco

O único em saquinhos

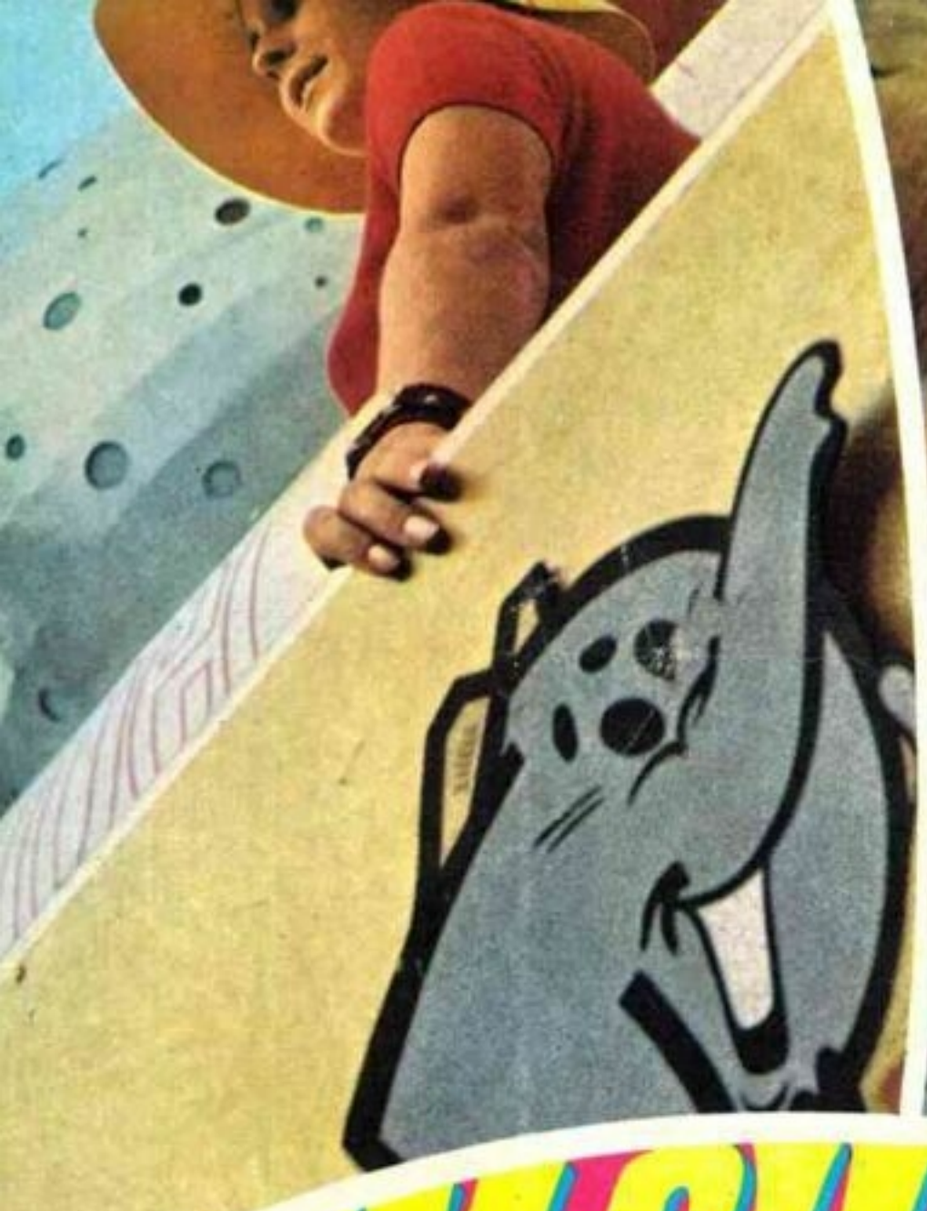
A medida certa
na forma
que convém

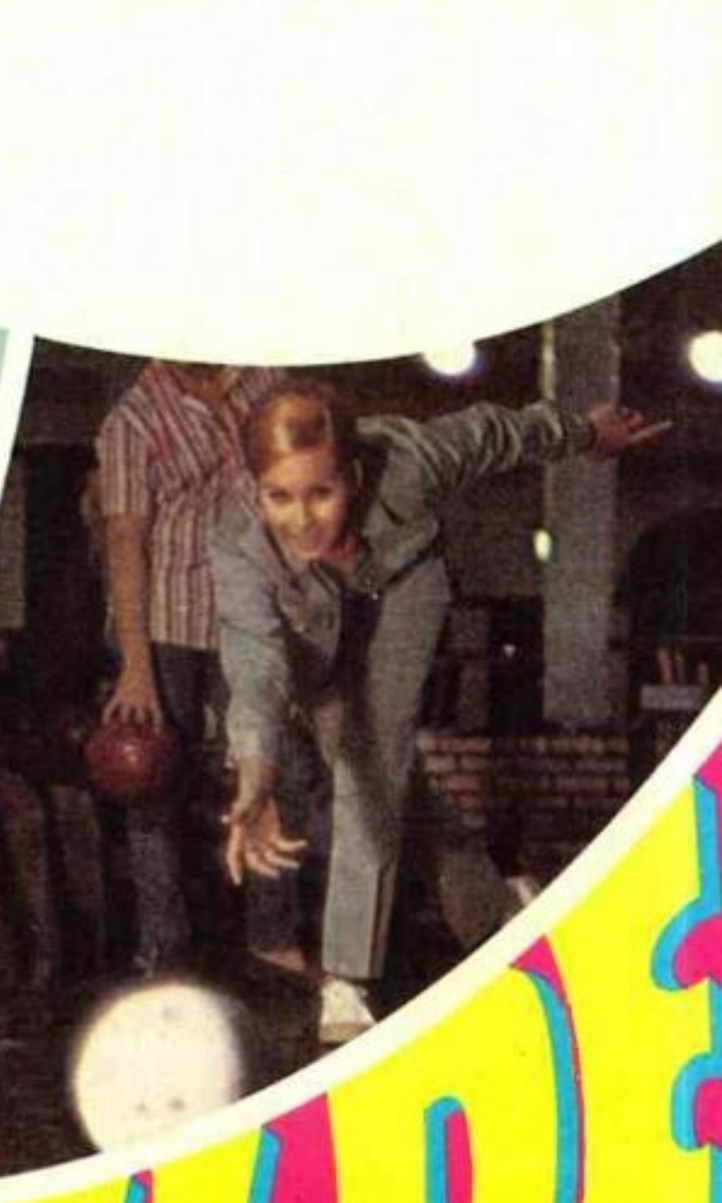
Chá Tender Leaf

EMBALAGENS COM 12, 48 OU 100 SAQUINHOS

Mais um produto de qualidade F R Fleischmann-Royal

7.654





JOVEM SUPER VAI DE SHELL

QUADRADO NÃO TEM VEZ, TURMA! JOVEM SUPER NA DIREÇÃO. UM LUGAR TRANQUILO, LONGE DE TUDO. KART É BÁRBARO. O SINAL ABRIU. AMANHÃ ÀS SETE HORAS NA FACULDADE. ME DÁ ÊSSE ELEFANTINHO? É MEU AMIGO. NO PÔSTO SHELL. AS COISAS COMEÇAM A ACONTECER. I.C.A. NA GASOLINA PÕE JUVENTUDE SUPER NO CARRO! O MOTOR VAI DE SHELL SUPER: BARRA LIMPA. ALGO MAIS.

ovem Super vê
uper Heróis Shell!
lma brasa sôlta, de 2.ª à 6.ª feira
Na TV Bandeirantes (SP), TV Rio (GB),
V Belo Horizonte e TV Alvorada (Brasília)